



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: POLÍTICAS EDUCACIONAIS



LUCAS VIEIRA DE LIMA SILVA

EMPODERAMENTO DE AFRO-BRASILEIROS NO FUTEBOL: o Projeto Atleta Cidadão do Futuro como espaço de inclusão social

João Pessoa/PB
2013

LUCAS VIEIRA DE LIMA SILVA

**EMPODERAMENTO DE AFRO-BRASILEIROS NO
FUTEBOL: o Projeto Atleta Cidadão do Futuro como
espaço de inclusão social**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação, do Curso de Educação da Universidade Federal da Paraíba – PPGE/CE/UFPB, vinculada à linha de pesquisa Políticas Educacionais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wilson Honorato Aragão

João Pessoa/PB
2013

S586e *Silva, Lucas Vieira de Lima.*

Empoderamento de afro-brasileiros no futebol: o Projeto Atleta Cidadão do Futuro como espaço de inclusão social / Lucas Vieira de Lima Silva.- João Pessoa, 2013.

320f. : il.

Orientador: Wilson Honorato Aragão

Tese (Doutorado) – UFBP/CE

LUCAS VIEIRA DE LIMA SILVA

EMPODERAMENTO DE AFRO-BRASILEIROS NO FUTEBOL: o Projeto Atleta Cidadão do Futuro como espaço de inclusão social

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação, do Curso de Educação da Universidade Federal da Paraíba – PPGE/CE/UFPB, vinculada à linha de pesquisa Políticas Educacionais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em: 24/07/2013

Conceito: Aprovado

BANCA EXAMINADORA

Dr. Wilson Honorato Aragão
Orientador – PPGE/UFPB

Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha
Examinador externo PPGF/UFPB

Dr. Lusival Antônio Barcellos
Examinador externo PPG-CR/UFPB

Dra. Mirian de Albuquerque Aquino
Examinadora interna PPGE/UFPB

Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues
Examinadora interna PPGE/UFPB

Orientador: Prof. Dr. Wilson Honorato Aragão

Ao meu pai, José Maia (*in memoriam*), que, com sua simplicidade e carinho, nunca deixou de acreditar no amor, como religião, e no perdão, como ingrediente indispensável à convivência humana, ensinamentos que trago indelevelmente em minha vida; e à minha mãe, Eurídice, por toda a dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus que, com sua grandeza e amor, fez com que eu trilhasse, de forma consciente e com muita perspicácia, esse árduo caminho;

Aos meus tios e segundos pais, *Fifico* e *Celina*, amores verdadeiros de minha vida, que se mostraram sempre sensíveis a esse momento de construção da tese. Devo muito a vocês por esse momento;

Agradeço, de coração, aos meus irmãos Tarcísio Vieira, Paulo Sérgio, Stelamaris, Regina Lúcia, Dilermando, Verônica, Germano e Jerônimo, por terem me dado força e sempre terem acreditado em mim;

Aos meus queridos sobrinhos, Renato, Adriele, André Luiz, Gustavo, Chrystian, Stéphanie, Maria Clara, Carlos Germano, Germana, Camila, Maria Raquel, Tiago, Túlio e Tarcísio Segundo, pelo carinho e admiração que sempre demonstraram por mim;

Ao meu orientador, grande e perspicaz Professor Dr. Wilson Honorato Aragão, pela convivência durante as orientações, sobretudo pela paciência e pela confiança depositada em mim, no cumprimento de meus deveres doutorais;

Meus sinceros agradecimentos aos membros da Banca Examinadora, Professores (as) Janine Rodrigues, Iraquitan Caminha, Lusival Barcellos e Mirian Aquino, pelas valiosas e imprescindíveis contribuições durante e depois da qualificação. Meus sinceros agradecimentos;

Aos meus amigos Carlos Alberto, Antônio Vicente, Berilo Barroso e Fábio Cavalcante, por todo o incentivo antes, durante e, certamente, depois de completada essa jornada. Não tenho dúvidas de que comemoraremos muito essa nossa conquista;

A Natelson (Nenen), Wilson Graciano, Lauro, Rubens, Sávia, Paulo Fernando, Lúgia, Baden, Déborah Timóteo, Dalva Timóteo e tantos outros amigos e amigas que poderiam ser aqui citados, agradeço sinceramente;

A todos os colegas da turma 30 do Doutorado e aos professores do PPGE/UFPB, pelos momentos de leitura, debates, aprendizados e descontração nas aulas, compartilhados durante a formação;

Ao coordenador do Projeto Atleta Cidadão do Futuro, Luizinho Bola Cheia, aos seus colaboradores e atletas, sobretudo pela forma como me receberam e me trataram, permitindo que eu pudesse realizar a pesquisa de campo de maneira satisfatória;

À Universidade Regional do Cariri (URCA) e a todos os meus colegas dessa IES, pela compreensão e pelo reconhecimento que tiveram ao consentir minha liberação para o Doutorado, meus mais verdadeiros agradecimentos.

A esperança não é um instinto, mas uma força de sobrevivência superior, quer dizer, é como uma capacidade de elevar a vida para um patamar que seja melhor. A expressão evidente sempre vale: ‘A esperança é a incapacidade de se desesperar’. Portanto, resistir ou esperar contra toda expectativa, contra toda esperança.

(BETTO; CORTELLA, 2012, p.105).

RESUMO

O presente trabalho de tese trata sobre o empoderamento no futebol como um espaço que deve contribuir para a inclusão social de sujeitos afro-brasileiros das camadas pobres, participantes de *escolinhas* destinadas à formação de atletas no estado da Paraíba. O interesse pelo tema surgiu tanto em função de nossa relação pessoal com o futebol quanto por nossa formação acadêmica (inicial e continuada). Durante esse período, fizemos uma série de leituras e estudos que, mais adiante, despertariam nosso interesse pelo tema. Essa trajetória embrionária nos inquietou ainda mais e desencadeou todo um *processo de estranhamento* sobre o motivo da significativa presença de afro-brasileiros praticando esse esporte. Assim, surgiu-nos um primeiro questionamento: quais são as razões que levam esse segmento da população brasileira a perseverar no futebol, mesmo, contraditoriamente, vivenciando todo um contexto de discriminação, preconceito e racismo? Com essas incursões preliminares, sentimo-nos instigados a analisar como esse esporte, através do Projeto Atleta Cidadão do Futuro (PACF), contribui para o empoderamento de afro-brasileiros pobres e excluídos de Campina Grande-PB, conduzindo-os à inclusão social. Como base teórico-conceitual, selecionamos as noções de empoderamento e de inclusão social, articuladas à *História Vista de Baixo*, por entendermos que os sujeitos investigados, mergulhados num brutal processo de exclusão e pobreza, são, eles mesmos, os únicos capazes de contar a história da qual fazem parte. Desse modo, relacionamos esse referencial com a realidade dos entrevistados, destacando suas formas de pensar e de agir diante das atividades que realizam como meio de superação das adversidades sociais e econômicas. De abordagem qualitativa, a pesquisa compreendeu as suas dimensões bibliográfica, documental e de campo. Os instrumentos utilizados para a obtenção das informações foram o questionário sociodemográfico e a entrevista semiestruturada, aplicados diretamente no campo da pesquisa, tanto aos atletas em *processo de empoderamento* (os que estão se formando pelo PACF) quanto os *empoderados* (os que se formaram pelo PACF). Para tanto, tomamos como base documentos, arquivos, as falas de professores, colaboradores e, principalmente, os depoimentos dos atletas, sujeitos centrais de nossa pesquisa. De forma complementar, fizemos observações, filmagens e fotografias dos espaços e dos sujeitos, suas ações e seus comportamentos, o que nos ajudou nas descrições e nas análises subsequentes. Os resultados obtidos na investigação em tela mostraram que o futebol, através do PACF, ao *retirar* crianças e jovens das *ruas* e possibilitar que se tornem atletas/cidadãos, permite que tenham sonhos e esperanças por uma *vida* melhor. Portanto, não é somente um espaço de empoderamento, mas também de inclusão social para eles e seus familiares.

Palavras-chave: Empoderamento. Inclusão e exclusão social. Afro-brasileiros no futebol. História vista de baixo.

ABSTRACT

This thesis talks about the empowerment in soccer as a place that should contribute to the social inclusion of Afro-Brazilian people in poor social groups, participants of *soccer schools* designed to the formation of athletes in the state of Paraíba. The interest on this theme appeared because of our personal relation with the soccer but also from our academic formation (from the beginning and going on). Through that period, we made several readings and studies that aroused our interest for this theme. This embryonic trajectory disturbed us even more in a point of making us initiate an whole process of *estrangement* from the *reason* of the amount of Afro-Brazilian people practicing this sport. As soon, a first question emerged: which reasons take this part of the Brazilian population to persist and insist in soccer, even though, in a contradictory way, living in a context of discrimination, prejudice and racism? From these first incursions we feel touched to analyze how this sport, through the Projeto Atleta Cidadão do Futuro (PACF), contribute to the empowerment of poor and excluded Afro-Brazilian people from Campina Grande-PB, taking them to the social inclusion. As a basis theorist-conceptual, we selected the notions of empowerment and social inclusion, articulated to the *Story Viewed From Below*, because we understand that the investigated people, submerged in a brutal process of social exclusion and poverty, are, themselves, the only ones capable of telling the story they are part of. Therefore, we list their ways of thinking and acting in front of the activities they do as a way of overcoming the social and economic problems. Coming from a qualitative approach, this research consisted to its bibliographic, documental and on field dimensions. The instruments utilized to obtain the information were the sociodemographic questionnaire and the semi structured interview applied directly in the research field to the athletes in process of *empowerment* (those being formed by PACF) and also applied to the *empowered* ones (The ones already formed by PACF). For that, we started with documents, archives and the talks of teachers, collaborators and, mainly, the athletes, the core people of our research. As a complementary way we did observations, video recordings and pictures from the places and people, as their actions and behavior, helping us in the descriptions and analysis. The results we had through this investigation showed us that the soccer, through PACF, coming of *taking off* kids and young people from the *streets*, enabling them to become athletes/citizens, give them the creation of dreams and hope for a *better* life, making, after all, not only an space of empowerment but also, an space inside the social inclusion to them and their families.

Key-Words: Empowerment. Social inclusion and social exclusion. Afro-brazillians in soccer. The Story viewed from below.

RESUMEN

El presente trabajo trata acerca del empoderamiento en el fútbol como espacio que debe contribuir para la inclusión social de personas afro-brasileños de las camadas menos favorecidas, que juegan en pequeñas escuelas, destinada a la formación de deportistas del estado de Paraíba. El interés por la temática surgió por diversas razones, dentre ellas, nuestra relación personal con el fútbol y por nuestra formación académica (inicial y continuada). Durante esse período hicimos lecturas y estudios que después despertarían nuestro interés por el tema en debate. Essa trajetória embrionaria hemos dejado curiosos, desarrollando todo *un proceso de extrañamiento del porquê* de la expresiva presencia de afro-brasileños practicando esse deporte. Así, apareció una nueva duda:¿ cuales son las razones que hacen esse segmento de La población brasileña a permanecerem em el fútbol, mismo con La presencia del fuerte e considerable racismo ¿ Por médio de essas percepciones procuramos por medio del Proyecto atleta ciudadano del futuro (PACF), contribuí para el empoderamiento de afro-brasileños, pobres y excluidos de Campina Grande - PB los dirigiendo a la inclusión social, articuladas a la História vista de Baixo. Essas personas que hacen parte del brutal proceso de exclusión, son los mismos capaces de relatar la historia en La cual hacen parte. Con esa lógica relacionamos esse referencial con la realidad de los entrevistados, destacando sus formas de pensar y actuar frente las actividades que realizan con fin de superar sus adversidades sociales y económicas. No que se refiere a la abordagen cualitativa. La pesquisa há comprendido SUS dimensiones bibliográfica, documental y de campo. Las herramientas utilizadas para obtención de las informaciones fueron una serie de quesitos sociodemografico y la entrevista semiestructurada aplicados directo em el campo de pesquisa, tanto para los deportistas, em proceso de de empoderamiento (los que están em formación como el cuanto aquellos empoderados (los que se formaron pelo PACF). Con esto, tomamos como base, documentos, archivos y relatos de profesores y ayudantes y los depoimentos de los deportistas, sujetos centrales de nuestra pesquisa. Para complementarmos hicimos películas y figuras de los espacios de los sujetos y de sus acciones y comportamientos que ayudaron a la analise posterior. Los resultados obtidos a partir de la investigación nos relató que el fútbol por medio del PACF, al sacar niños y jóvenes de las calles posibilitó la oportunidad de ser ciudadanos, promoviendo la creación de sueños de los cambiar a ser actores de su propia historia, constituyendo no sólo un espacio de empoderamiento, pero también de inclusión social para sus familiares.

Palabras-clave: Empoderamiento. Inclusión y exclusión social. Afro-brasileños en el fútbol. História vista por bajo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	O Campo e seu entorno	146
Figura 2	<i>Torres gêmeas</i> , uma das partes de seu entorno	146
Figura 3	Estado do terreno de treino I	147
Figura 4	Estado do terreno de treino II	147
Figura 5	Conversa antes do treino I	148
Figura 6	Conversa antes do treino II	148
Figura 7	Treino com bola: coletivo	148
Figura 8	Treino de goleiro com bola	148
Figura 9	Cartaz: participação em competições pelo Nordeste	149
Figura 10	Atletas conversando antes do treino com bola	150

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGAP-PB – ASSOCIAÇÃO DE GARANTIA AO ATLETA PROFISSIONAL DA PARAÍBA

ANPAE – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO

CBF – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

CCBS – CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

CCS – CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

CE – CENTRO DE EDUCAÇÃO

CEFET-PB – CENTRO DE ENSINO FEDERAL E TECNOLÓGICO DA PARAÍBA

CNE – CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CT – CENTRO DE TREINAMENTO

ECA – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

e-GEINCOS – GRUPO DE ESTUDOS INTEGRANDO COMPETÊNCIAS,
CONSTRUINDO SABERES E FORMANDO CIENTISTAS

EMEC – ESTRELA DO MAR ESPORTE CLUBE

EPENN – ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE

EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

FENAPAF – FEDERAÇÃO NACIONAL DE ATLETAS PROFISSIONAIS DE FUTEBOL

FIFA – FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION

IES – INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR

IFPB – INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA

LDB – LEI DE DIRETRIZES E BASES

MEC – MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

ONG – ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL

ONGs – ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

PACF – PROJETO ATLETA CIDADÃO DO FUTURO

PPGE – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PPG-CR – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

PPP – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

PROLICEN – PROGRAMA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

PSG – PARIS SAINT-GERMAIN

SAFEPB – SINDICATO DOS ATLETAS DE FUTEBOL DO ESTADO DA PARAÍBA

SENAI – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL

SEPPIR – SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL
DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

STF – SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

UERJ – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

UFC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

UFPB – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

UnB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

UNED-ETFPB – UNIDADE DE ENSINO DESCENTRALIZADA DA ESCOLA TÉCNICA
FEDERAL DA PARAÍBA

UNIR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

URCA – UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI

USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Sumário

1 INTRODUÇÃO	16
2 O NORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO	32
3 HISTÓRIA VISTA DE BAIXO, EMPODERAMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.....	55
3.1 REVISITANDO A HISTÓRIA VISTA DE BAIXO	55
3.2 REVISITANDO A HISTÓRIA DOS AFRO-BRASILEIROS	64
3.3 SITUANDO HISTORICAMENTE O EMPODERAMENTO	76
3.4 O CONCEITO DE EMPODERAMENTO	79
3.5 A QUESTÃO SEMÂNTICA E NÍVEIS DE EMPODERAMENTO	82
3.6 COMPONENTES DO EMPODERAMENTO	87
3.7 EMPODERAMENTO E A NOÇÃO DE PODER	88
3.8 PODER COMO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO E OS SUJEITOS DO EMPODERAMENTO	93
3.9 O CONCEITO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL	98
3.9.1 Afinal, o que é inclusão social?	103
4 O PROJETO ATLETA CIDADÃO DO FUTURO (PACF)	109
4.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O CAMPO DA PESQUISA	109
4.2 POLÍTICA DE FORMAÇÃO DE ATLETA	115
4.3 PACF: VERIFICANDO O DOCUMENTO	118
4.4 CARACTERIZANDO OS SUJEITOS DO PACF	131
4.4.1 Os atletas	133
4.4.2 Coordenador e colaboradores	141
4.5 O ESPAÇO, A ROTINA E AS ATIVIDADES DA FORMAÇÃO DO ATLETA/CIDADÃO	143
5 EMPODERAMENTO COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL DE AFRO-BRASILEIROS	152
5.1 OS SUJEITOS EM PROCESSO DE EMPODERAMENTO	152
5.1.1 Influência do agente formador	152
5.1.2 Futebol, estudo e trabalho	155
5.1.3 O PACF como espaço de transformação	156
5.1.4 Compreensão da realidade	159
5.2 OS SUJEITOS EMPODERADOS	170
5.2.1 Formação e professor formador	171
5.2.2 O contrato	175
5.2.3 Aprendizagens e relacionamentos	177
5.2.4 O futuro	181
5.3 EMPODERANDOS E EMPODERADOS: SINTETIZANDO AS FALAS.....	185
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS	207
ANEXOS	118
ANEXO A – FOTOS DE ATLETAS QUE PASSARAM PELO PACF.....	219

ANEXO B – SUJEITO EMPODERADO DO PACF ANTES DO EMPODERAMENTO ..	227
ANEXO C – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF	228
ANEXO D – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF	229
ANEXO E – SUJEITO EMPODERADO VISITANDO O PACF	230
ANEXO F – SUJEITO EMPODERADO DO PACF ANTES DO EMPODERAMENTO...	231
ANEXO G – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF	232
ANEXO H – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF	233
ANEXO I – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF ATUANDO NA SELEÇÃO BRASILEIRA.....	234
ANEXO J – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF ATUANDO NA SELEÇÃO BRASILEIRA, NA FINAL DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES 2013	235
ANEXO L – PROJETO DO PACF	236
APÊNDICES	251
APÊNDICE A – SUJEITOS DO PACF EM PROCESSO DE EMPODERAMENTO	252
APÊNDICE B – UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR EM DIA DE ENTREVISTA	253
APÊNDICE C – UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR EM DIA DE ENTREVISTA	254
APÊNDICE D – UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR EM DIA DE ENTREVISTA	255
APÊNDICE E – PAI DE UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR EM DIA DE ENTREVISTA	256
APÊNDICE F – UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR EM DIA DE ENTREVISTA	257
APÊNDICE G – MÃE DE UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR EM DIA DE ENTREVISTA	258
APÊNDICE H – PAI DE UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR EM DIA DE ENTREVISTA	259
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	260
APÊNDICE J – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	262
APÊNDICE L – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS SUJEITOS EM PROCESSO DE EMPODERAMENTO.....	263
APÊNDICE M – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS SUJEITOS EMPODERADOS	264
APÊNDICE N – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DOS SUJEITOS EM PROCESSO DE EMPODERAMENTO.....	265
APÊNDICE O – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DOS SUJEITOS EMPODERADOS	303

1 INTRODUÇÃO

Levando-se em consideração que esta tese, o *Empoderamento de afro-brasileiros no futebol: o Projeto Atleta Cidadão do Futuro como espaço de inclusão social*, foi desenvolvida no Curso de Pós-graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Políticas Educacionais e o fato de ter sido desenvolvida fora do contexto escolar, julgamos oportuno, antes de tudo, deixar evidente que a educação se manifesta em qualquer lugar da vida social (BRANDÃO, 2006).

De fato, entendemos a extensão das noções de educação, pedagogia e currículo para além dos muros da escola, que não são privativos dela. Acreditamos que nós nos educamos em todos os espaços e tempos da vida por onde circulamos no interior de uma cultura. De uma forma ou de outra, em diferentes espaços da vida social, estamos sempre nos educando, uma vez que ninguém escapa da educação (BRASIL, 1996), que se amplia para além da formação escolarizada, razão por que devemos concebê-la e entendê-la como fenômeno que ocorre nos mais distintos ambientes sociais. Nossas incursões nos deram prova de o quanto nos instruímos, aprendemos e nos educamos em tempos e espaços, por exemplo, como o esporte. De fato, nas práticas esportivas, como no futebol, no currículo e nas pedagogias, reproduzem-se os valores inerentes ao contexto social do qual essas modalidade esportivas fazem parte. Assim, fica-nos evidente que a educação extrapola os muros da escola, instituição cujo papel principal é de formar os estudantes que dela usufruem, sobretudo em se tratando de acesso a conhecimentos historicamente sistematizados e acumulados pela sociedade que cria e recria (SIMSOM, 2001).

Apoiados nas compreensões aqui apresentadas, partimos para os passos da caminhada que nos conduziram ao desenvolvimento deste estudo em espaços onde a educação se materializa através do esporte como meio de empoderamento e de inclusão social de afro-brasileiros.

Nossas inquietações em investigar o empoderamento de afro-brasileiros no esporte, particularmente no futebol, um espaço possível de inclusão social em *escolinhas*¹ especializadas para esse fim, são frutos de nossa trajetória de vida pessoal e profissional. Assim, as experiências e as vivências cotidianas ajudam-nos a fazer nossas escolhas de forma que o pessoal se relacione de maneira extremamente engajada e direta com nossas opções profissionais. Essas últimas, por sua vez, passam, também, a interferir naquela primeira,

¹ Nome dado a programas e espaços destinados ao desenvolvimento da iniciação esportiva.

notadamente quando somos capazes de desenvolver experiências de nossas vivências ou quando tomamos por base o nosso cotidiano para agir no (e pelo) mundo da pesquisa científica.

Isso quer dizer que nossas escolhas por fazer pesquisa sobre empoderamento de sujeitos afro-brasileiros no futebol, como um espaço potencial de inclusão social, não ocorreram aleatoriamente e/ou a partir de uma posição neutra. Pelo contrário, advém de um contexto social que nos trouxe até aqui e nos fez acreditar na importância de realizarmos esse estudo no campo da Educação, particularmente, na linha de políticas educacionais sob um olhar acadêmico, com pretensões, minimamente, capazes de suscitar uma profícua discussão reflexiva sobre o tema das relações étnico-raciais no espaço esportivo representativo para compreendermos as manifestações desse campo como resultado da vida social ou parte dela.

Nesse sentido, nosso interesse pela realização da pesquisa em tela assenta-se na combinação de seis momentos distintos, resultados de nossas vivências e experiências e que estão relacionados entre si, a saber: 1) *a identidade como atleta e desportista*²; 2) *formação acadêmica inicial e continuada*; 3) *experiências no Magistério*; 4) *lançamento do primeiro livro*; 5) *participações nos eventos como reforço às intenções pela temática*; e 6) *participação como aluno especial na Disciplina Tópicos Especiais em Políticas Educacionais*.

Esse caminhar nos conduz, por conseguinte, a optar por uma base teórica capaz de analisar o fenômeno proposto, sobretudo, sob o olhar das pessoas mais comuns e desconhecidas encontradas nesses espaços/tempos daquelas modalidades esportivas. Nesse caso, estamos nos apoiando em autores como Sharpe (1992), Hobsbawm (1998) e Thompson (2010), que, partindo dos conhecimentos da *história vista de baixo*, ou da *história de baixo para cima*, dão-nos os elementos necessários para empreendermos este estudo.

O primeiro momento refere-se a nossa *identidade como atleta e desportista*, em que destacamos nossa incursão como um todo. De fato, desde nossa infância até os dias atuais, o futebol esteve sempre presente em nossa vida, certamente muito mais por uma questão cultural do que por qualquer outro motivo que possamos destacar aqui. Além das *peladas*³ que praticávamos nas ruas e em terrenos baldios, desde a mais tenra idade, costumávamos

² Para aprofundar mais este item, ver também SILVA, Lucas Vieira de Lima, na introdução do livro *Torcedores e Torcidas: um estudo sociológico do futebol*. João Pessoa: Sal da Terra, 2007.

³ “Práticas informais organizadas pelos próprios participantes sem, necessariamente, seguir as regras e regulamentos determinados pela federação ou órgão regulador do esporte” (MARQUES; SAMULSKY, 2009, p. 103).

ouvir, através do rádio de pilha⁴, jogos do campeonato paraibano de futebol e, bem depois, por volta dos anos 1980, passávamos a assistir, através do aparelho de TV, as partidas dos campeonatos carioca e brasileiro, que eram, talvez, as únicas opções disponíveis veiculadas nesse meio midiático.

De fato, todos os domingos, no terraço ou na sala, acompanhávamos as pelepas futebolísticas. Com doze para treze anos, começamos a frequentar o estádio de futebol a convite de um vizinho que, quase todos os domingos, ia aos jogos com o pai. Além disso, por volta dos treze anos de idade, fomos convidados por um amigo para fazer parte, como atleta, do Estrela do Mar Esporte Clube (EMEC), um clube amador filiado à Federação Paraibana de Futebol, do Bairro de Jaguaribe, onde vivemos até os trinta anos de idade. Nesse mesmo período, estreamos no campeonato paraibano infantil, no ano de 1983, após a Copa do Mundo de 1982 da Espanha.

Dessa época em diante, disputamos todas as categorias de idade estabelecidas no futebol, ou seja, desde o infantil, passando pelo juvenil e juniores até chegarmos à categoria amadora da modalidade⁵. É bem verdade que quase chegamos a nos profissionalizar, principalmente quando fomos convidados por colegas que já haviam atingido o nível de profissionalização e até mesmo depois de nosso ingresso no ensino superior, quando passamos a fazer parte da Seleção Universitária (essa questão será tratada mais adiante nesta mesma parte do estudo).

Tempos depois, após o término do segundo grau (atual ensino médio), fomos convidados por um primo⁶, jogador do Santos de Tereré⁷, de João Pessoa. Na ocasião, passamos um tempo treinando – aproximadamente dois meses no turno da noite – mas, por interferência familiar e por optar pelos estudos, resolvemos não continuar apostando na carreira futebolística, porém nos mantivemos ativos praticando o esporte, em seu caráter amador, até o presente momento, na categoria *máster* ou veterano.

No período em que passamos a fazer parte, como aluno, do Curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), não deixamos de nos envolver no futebol nem de praticá-lo. A prova disso é de que participamos como atleta, durante três

⁴ Tratava-se de um costume de meu pai ouvir e acompanhar pelo rádio os jogos do campeonato paraibano, sobretudo do Botafogo Futebol Clube de João Pessoa.

⁵ Essa última categoria em que o indivíduo passa dos 18 anos de idade, e quando não se profissionaliza, fica participando de competições nesse nível amador de futebol.

⁶ Como jogador profissional, disputou o Campeonato Paraibano de Futebol por algumas temporadas e encerrou sua carreira por volta dos 23 anos por motivos pessoais.

⁷ Esse era o apelido ou sobrenome do fundador desse time de futebol da capital paraibana.

anos, da Seleção Universitária⁸. Nesse mesmo período, outras oportunidades surgiram para que nos profissionalizássemos, entretanto, mais uma vez, não atendemos ao convite por achar que nossa formação, naquele momento, seria mais importante, e comprometê-la, interrompendo-a, não fazia parte dos nossos planos.

Aproximadamente seis meses depois de ter concluído a formação inicial, no ano de 1995, partimos para a formação continuada, começando pela Especialização em Pesquisa em Educação Física, com habilitação em Ciências do Esporte, cursada nos anos de 1996 e 1997. Ao concluí-la, fomos convidados para trabalhar (estagiar) como assistente técnico da Seleção Universitária de Futebol da UFPB⁹. Atuamos nessa função não mais do que um mês, uma vez que tínhamos sido aprovados no concurso para professor de Educação Física da Unidade Descentralizada de Cajazeiras (UNED-ETFPB), depois, Centro de Ensino Federal e Tecnológico da Paraíba (CEFET-PB), e, atualmente, Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Tivemos que abrir mão dos trabalhos como assistente técnico daquela seleção, para assumir o cargo de professor substituto do IFPB. Além das aulas de Educação Física, passamos a atuar, também, como professor/treinador das *escolinhas* de futebol de campo daquela Unidade de Ensino.

O *segundo momento* diz respeito à *formação acadêmica inicial e continuada*, que compreende nossas experiências na Licenciatura, de 1991 a 1995, no Curso de Especialização, em 1996 e 1997, e no Mestrado em Sociologia, durante os períodos letivos de 1999.2 a 2002.1. No Curso de Licenciatura em Educação Física e na Especialização em Pesquisa em Educação Física – habilitação em Ciências do Esporte – deparamo-nos com algumas disciplinas, especialmente no campo pedagógico e da Sociologia do Esporte, bem como Aprofundamento em Sociologia do Esporte, as quais faziam uma abordagem sobre a importância e a influência que os esportes exercem no processo de mobilização, integração e educação entre os povos de diferentes nações, sobretudo em momentos e períodos de competições internacionais como, por exemplo, jogos olímpicos e copas do mundo de futebol.

Essas disciplinas despertaram-nos o interesse, num primeiro momento, por uma formação mais ampla nas Ciências Sociais e, recentemente, no campo da Educação,

⁸ Nessa fase de nossa vida universitária, foram ventiladas possibilidades para que fizéssemos intercâmbio com os Estados Unidos para estudar e jogar futebol por lá, mas a proposta feita por nosso professor de futebol não fora concretizada. Na época, enfrentávamos uma fase muito difícil para conseguir ajuda do governo federal, até mesmo para garantir a realização dos Jogos Universitários Brasileiros.

⁹ O convite foi feito pelo Professor Eugênio Pacceli, do Curso de Educação Física da UFPB, que, na época, era o treinador da Seleção Universitária de Futebol da Paraíba.

particularmente, na linha de políticas educacionais, uma vez que nossa formação inicial foi toda assentada nos conhecimentos da pedagogia¹⁰.

De fato, ter vivenciado disciplinas associadas aos conhecimentos das Ciências Sociais e da Pedagogia, tanto na Graduação quanto na Especialização, despertou-nos o interesse de desenvolver trabalhos numa perspectiva interdisciplinar que associasse diferentes áreas do conhecimento no contexto de um projeto comum. A ideia seria de relacioná-las através de uma abordagem dialógica e horizontalizada, especialmente no sentido de romper as fronteiras linguísticas, ou, pelo menos, de minimizar as existentes entre Educação Física, Ciências Sociais e Educação, na tentativa de promover uma *transcodificação linguística* entre as áreas envolvidas.

Assim, os trabalhos que realizamos em sala de aula, durante essa formação inicial, e a própria monografia de conclusão do Curso de Especialização, em 1997, revelaram essas nossas inquietações e curiosidades conduzindo-nos a realização de mais uma formação continuada, o Mestrado em Sociologia, realizado entre agosto de 1999 e fevereiro de 2002, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com a dissertação intitulada *Relações de Sociabilidade entre Torcedores do Ceará Sporting Club* (SILVA, 2002). Esse foi mais um importante passo para ampliarmos nossas possibilidades de desenvolver pesquisas no campo da Educação, associando-a, especialmente, aos conhecimentos adquiridos nas ciências sociais.

Há que se ressaltar que olhar o esporte sob o ponto de vista sociológico contribuiu para que pudéssemos percebê-lo, também, como algo que poderia ser discutido e ampliado ainda mais no nível de doutoramento em educação, por acreditar na educação como algo que ocorre em todos os momentos e lugares de nossas vidas, inclusive em espaços de formação e revelação de talentos para o futebol. Então, foi na linha de políticas educacionais, especificamente no campo das relações étnico-raciais, que nos preocupamos em perceber o empoderamento de afro-brasileiros no futebol como espaço viável à inclusão social desses sujeitos.

No período de formação continuada, ou melhor, durante o Mestrado em Sociologia, passamos a manter contato mais intenso com uma interessante literatura relativa à questão

¹⁰ Nossa participação como bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PROLICEN), entre os anos de 1994 e 1995, permitiu-nos ampliar os conhecimentos no campo da Pedagogia, sobretudo em se tratando da temática da interdisciplinaridade, quando, na oportunidade, realizamos experiências relacionando as áreas de Educação, Educação Física e Ciências em escolas públicas, com alunos da 5ª a 8ª séries do ensino fundamental (hoje 6º ao 9º ano). Essa nossa vivência contribuiu para que escrevêssemos duas monografias, uma em Licenciatura e outra na Especialização, relacionadas à temática interdisciplinar. Consideramos essa caminhada como sendo uma das mais importantes para decidirmos pelo doutoramento em educação.

racial, tanto no contexto social maior quanto no esporte, em particular. Na Disciplina Pensamento Social Brasileiro, por exemplo, procuramos examinar a presença da noção de raça na construção do pensamento social brasileiro desde a Segunda metade do Século XIX e sua repercussão em obras que se tornaram referências sobre a identidade nacional. Nela, passamos a estudar conteúdos como a ideia de raça, no Ocidente e no Brasil, e a questão de raça em Gilberto Freyre e Euclides da Cunha. Esse momento, a nosso ver, foi de extrema importância para construirmos as bases e pesquisar sobre o tema das relações étnico-raciais no esporte, especialmente no futebol.

Para esse fim, foram necessárias leituras e discussões de capítulos de livros baseadas em autores e suas respectivas obras, a saber: Hannah Arendt (1989), *Origens do Totalitarismo*; Michael Banton (1977), *A Ideia de Raça*; Stephan Gould, (1995), *a Falsa Medida do Homem*; Claude Levi-Strauss (1978), *Antropologia Estrutural* dois; Lília Moritz Schwarcz (1993), *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*; Arthur Ramos (1943), *Introdução à Antropologia Brasileira*; Nina Rodrigues (1938), *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*; Roquete-Pinto (1978), *Ensaio de Antropologia Brasileira*; Euclides da Cunha, *Os Sertões (Parte II)* (1984); e Gilberto Freyre (1933), *Casa Grande & Senzala*.

De maneira mais específica, ou seja, no campo do esporte, principalmente no período de construção e delimitação do fenômeno estudado para compor a dissertação, realizamos leituras significativas sobre a participação do negro no futebol, embora, depois, tenhamos concentrado nossa análise em torno das relações de sociabilidade entre torcedores desse campo, e não, especificamente, sobre as questões étnico-raciais. Mesmo assim, dessas leituras, destacaríamos quatro trabalhos que também serviram como subsídios para enxergarmos aquilo que, posteriormente, seria nosso campo temático de estudo na Educação, isto é, o empoderamento de afro-brasileiros no futebol que ensejam a inclusão social.

O primeiro deles diz respeito às leituras do clássico livro de Rosenfeld (1993), intitulado *Negro, Macumba e Futebol*, que traz discussões reveladoras da situação das pessoas de cor no Brasil, destacando, em âmbito geral, as atitudes da população branca e das pessoas de cor em nosso país, tomando como referência os dados do Censo de 1940 em diante.

Esse ensaio, além de trazer esclarecimentos conceituais sobre a macumba, pontuando a origem e a autenticidade do Candomblé baiano, o mundo das divindades afro-baianas, os locais de culto, a hierarquia, a festa e a função do Candomblé, apresenta, na parte seguinte, uma discussão sobre o futebol no Brasil. O autor percebe esse esporte como a porta de acesso

à cultura brasileira e procura entendê-lo, em linhas gerais, como um espaço de ascensão do negro discriminado e excluído da sociedade.

O segundo trabalho consultado foi o artigo de José Sérgio Leite Lopes (1994) - *A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro*, publicado pela Revista da Universidade de São Paulo (USP) – Dossiê Futebol, em junho-julho de 1994. Nele, o autor, tomando como referência o estudo dos escritos e da biografia de Mário Filho (1994), numa das partes de seu estudo, fala sobre as diferentes trajetórias dos grandes jogadores negros na transição do futebol amador para o profissional, mostrando que ali estaria se configurando um *estilo brasileiro* de se jogar futebol. O percurso construído pelos jogadores negros Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto, segundo esse autor, revela-se como sendo o processo desencadeador dessa fase de transição.

Já o terceiro trabalho explorado é artigo publicado na Revista Ciência Hoje (divulgadora de trabalhos científicos da sociedade brasileira para o progresso da ciência / volume 24 nº 139 / junho de 1998). Também de autoria de Lopes (1998), tem como título: *Futebol mestiço: história de sucesso e contradições*. O texto apresenta, fundamentalmente, uma retrospectiva histórica da chegada desse esporte ao Brasil no final do Século XIX, trazido de colégios europeus por sujeitos jovens da elite nacional. Entretanto, como afirma o próprio autor, paradoxalmente, foi a entrada das classes populares nesse esporte “[...] que impulsionou a passagem de seu amadorismo ao profissionalismo, além do estilo brasileiro de jogar, popularmente conhecido como futebol-arte” (LOPES, 1998, p. 19).

Nesse trabalho, Lopes assinala que, depois das derrotas nas Copas do Mundo de 1950 e 1954, o uso de teorias racistas antecedentes serviu como pretexto para censurar esse futebol *mestiço*. Assim, aos jogadores negros foi atribuído um suposto desequilíbrio emocional, principalmente para os jogos decisivos. A inversão desses estigmas vai ocorrer a partir da primeira conquista da Copa do Mundo em 1958, e as vitórias de 1962 e 1970 reforçaram ainda mais as tentativas de reverter o quadro de discriminação, permitindo um aumento da fama do futebol brasileiro no mundo, cujas personalidades principais são jogadores afro-brasileiros.

O quarto e último material explorado envolveu três artigos publicados na Revista Pesquisa de Campo do Núcleo de Sociologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Em sua edição nº. 1, *Brasil: futebol tetracampeão do mundo*, fizemos leituras relativas ao ensaio *O Salvador da Pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994*, de autoria de Simoni Lahud Guedes (1995). Nesse

trabalho, discutem-se, fundamentalmente, as representações sociais construídas sobre a nação e o povo brasileiro a partir do futebol.

Na edição n. 2, *Futebol e Cultura Brasileira*, tratamos de estudar a *História Social dos Negros no Futebol Brasileiro*, de Cesar C. Gordon Jr. (1995). Nesse trabalho, o autor empenha-se em contribuir com o debate sobre a discriminação racial no Brasil e, ao mesmo tempo, tentar tratar a história dos negros no futebol brasileiro em seu sentido sociológico. Também analisa a presença do negro no futebol nacional, tencionando refletir sobre “[...] as representações sociais dos negros e mulatos, e sobre as múltiplas formas de racismo dentro dessa esfera cultural de extrema significação na sociedade brasileira que é o futebol.” (GORDON JR., 1995, p. 71).

Nas edições agregadas n.ºs. 3 e 4, *Futebol: síntese da vida brasileira* (1996), debruçamo-nos no artigo *Eu já fui preto e sei o que é isso - história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo*, de autoria de Gordon Jr. (1996). Trata-se da continuação das discussões iniciadas por esse autor naquele primeiro ensaio publicado na edição n.º 2 da revista em pauta.

Dando continuidade às descrições da trajetória que nos trouxe até aqui, inauguramos o *terceiro momento*, que tem a ver com nossas *experiências no Magistério*. Depois de dois anos como docente do ensino fundamental e do médio ingressamos, em 1998, como professor do quadro permanente, no Departamento de Saúde, do Centro de Ciências da Saúde (CCS), atualmente Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), da Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato - Ceará. Na ocasião, ministramos a Disciplina Curricular de Educação Física, na modalidade Futebol de Campo¹¹, ofertada ao alunado da referida IES como forma de educar *para e pelo lazer*.

Nessa época, ainda não existia o Curso de Licenciatura em Educação Física, que foi criado, depois de inúmeras lutas travadas nos Conselhos superiores de nossa instituição, em abril de 2003¹². Lecionar por quatro semestres a Disciplina Esporte I (Futebol e Futsal), na qual trabalhamos conteúdos de cunho pedagógico e metodológico e sempre tivemos o compromisso político de discutir aspectos sociais, históricos e culturais do futebol como um

¹¹ Tratava-se da Disciplina Educação Física Curricular I e II, destinada ao alunado da URCA, a ser praticada para fins de lazer, e não, competitivo.

¹² Participamos, em fins de 1998, como um dos idealizadores e membro da comissão do Projeto de Implantação do Curso de Licenciatura em Educação Física da URCA. Tratava-se da constituição de uma equipe multidisciplinar, composta por uma médica, um pedagogo e um grupo de professores de Educação Física, pertencentes ao quadro efetivo dessa IES. Porém, no decorrer dos cinco anos, a equipe foi se desfazendo, e apenas alguns dos professores conseguiram continuar até o fim na elaboração da versão final do Projeto Político-pedagógico – PPP – que foi internamente tramitado e, em seguida, encaminhado para a Secretaria Estadual de Educação do Ceará para avaliação e posterior reconhecimento do curso no ano de 2010.

todo, sem deixar de contemplar, por exemplo, discussões e reflexões sobre gênero e a presença de jogadores negros no referido esporte, dando-nos pistas de que algo mais poderia ser feito num curso superior, além de nos preocuparmos apenas com o ensino de conhecimentos didático-pedagógicos sem uma contribuição mais contextualizada da realidade brasileira em que se insere esse tão popular esporte.

O *quarto momento* refere-se ao *lançamento do primeiro livro*. Cinco anos após o término do Mestrado e já ampliando as leituras do esporte, numa perspectiva das políticas educacionais, particularmente discutindo-o como meio de inclusão e combate à pobreza e à exclusão social, fomos incentivados a revisar e a atualizar nossa dissertação para publicar nosso livro, no sentido de socializar nossos estudos para além dos muros da Academia. Assim, no ano de 2007, lançamos o livro *Torcedores e torcidas: um estudo sociológico do futebol* (SILVA, 2007).

Neste trabalho, fizemos uma análise das relações de sociabilidade de torcedores de futebol de diferentes gerações. Para tanto, tomamos de empréstimo o conceito de cultura de Geertz (1989, p. 12), que afirma que “[...] o homem é um animal amarrado à teia de significados que ele mesmo teceu [...]”. Aqui o autor assume a cultura como sendo essas teias e sua análise. Para tanto, apoia-se na perspectiva de uma ciência interpretativa em busca do significado, em oposição a uma ciência experimental à procura de leis.

Em nossos estudos, constatamos que o homem, amarrado a esse enredo de significados que ele mesmo construiu, cria para si um mundo de valores simbólicos que direciona a sua forma de ser, agir e sentir na relação com os outros ou com o grupo do qual faz parte. Nesse caso, tomamos o futebol como um espaço expressivo para compreender as relações de sociabilidade (conflitantes ou não) construídas no universo do futebol, que são significativas, para podermos entender e interpretar a sociedade (ou parte dela) a partir de manifestações aparentemente específicas de um campo (o futebol), porém, aos olhos do pesquisador social, são representativos para a realização de investigações no campo das ciências sociais (SILVA, 2007).

Nesse sentido, o livro foi mais uma das experiências que nos fizeram acreditar nas relações de sociabilidade estabelecidas no futebol para brancos e afro-brasileiros pobres, que, em meio a uma série de preconceitos, discriminação e racismo, acreditam nesse esporte como um espaço de empoderamento viável e extremamente fértil para a conquista da inclusão social.

O *quinto momento* - as *participações nos eventos como reforço para as intenções pela temática* - foi inaugurado com leituras que nos fizeram acreditar na possibilidade de trabalhar

a temática das relações étnico-raciais, associando, sobretudo, os conhecimentos, as experiências e as vivências anteriores, pessoais e acadêmicas com as atuais.

Dessas explorações mais recentes, poderíamos destacar como as mais marcantes: *Superando o Racismo na Escola* (MUNANGA, 2005); as que tratam das ações afirmativas, com ênfase nas leituras de Renato Santos e Fátima Lobato (2003) e Petronilha e Silva e Valter Silvério (2003); a Lei n. 10.639/2003, que trata da *inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira* (BRASIL, 2003); e, por último, a Lei 11.645/2008 – *Diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena*, que atualiza a lei anterior (BRASIL, 2008).

Em função desse quinto momento, empenhamo-nos em realizar o sexto e último momento de nossa trajetória, ou seja, nossa *participação como aluno especial na Disciplina Tópicos Especiais em Políticas Educacionais*, ofertada no segundo semestre de 2009. Nesse período, fizemos uma densa incursão em uma série de textos de livros que tratam de temas relacionados à exclusão, à diversidade, ao preconceito, à discriminação, ao racismo e a ações afirmativas de combate às desigualdades sociais, de gênero e étnico-raciais.

Dos textos explorados lidos e debatidos nessa fase como aluno especial, destacamos os seguintes: *O desafio da diversidade* (GOMES; SILVA, 2006); *Exclusão social: a pessoa com deficiência na luta por políticas públicas* (RICHARDSON, 2009); *Exclusão e deficiência: primeiras aproximações* (SANTIAGO, 2009); *Marcas de baton: como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo* (BETTO, 2006); *Que “negro” é esse na cultura negra?* (HALL, 2006); *Homossexualismo: a exclusão através do preconceito* (SOUSA, 2009); *Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa das cotas* (MUNANGA, 2003).

As leituras desse material, os debates e os seminários realizados a partir dessas fontes bibliográficas se constituíram de suma importância para criarmos uma base capaz de ampliar ainda mais nosso interesse em realizar pesquisas a respeito do tema sobre as relações étnico-raciais, cujo campo de investigação é o futebol como espaço de empoderamento de afro-brasileiros, na perspectiva da inclusão social.

Assim, tomando como norte esse conjunto de experiências e vivências pessoais e profissionais, em que o esporte sempre tem se revelado uma constante em nossas vidas, e motivados em cursar o Doutorado em Educação, sobretudo fazendo opção pela Linha de Pesquisa em Políticas Educacionais, resolvemos, desde outubro de 2006, investir nos estudos em torno da temática que pudessem associar a discussão do futebol à questão das relações

étnico-raciais, no campo das práticas políticas dos sujeitos comuns e desconhecidos da história que fazem dessa modalidade esportiva um espaço/tempo de inclusão social como forma de superar a pobreza e a exclusão.

De fato, essas investidas foram se corporificando por meio de nossa participação e apresentação (comunicação oral) de trabalhos sobre essa questão em eventos, congressos, colóquios, entre outros encontros importantes em âmbito local, nacional e internacional¹³. Em todos eles, tivemos o cuidado e o zelo de socializar trabalhos sobre as questões das relações étnico-raciais, ora relacionados ao contexto da escola, ora ao espaço da educação não formal, todos eles no âmbito da prática esportiva como um espaço de empoderamento e de inclusão social, uma vez que esses dois fenômenos, a nosso ver, são significativamente representativos quando pretendemos olhar para o futebol como um espaço em que afro-brasileiros, conscientemente ou não, movimentam-se, individual ou coletivamente, no sentido de superar a difícil situação de desvantagem social, econômica, política, cultural, histórica e racial em que vivem.

Indubitavelmente, nossas investidas nesses eventos foram decisivas para direcionarmos nossas leituras em torno da temática do futebol como espaço de empoderamento e inclusão social de pessoas comuns e desconhecidas da sociedade, sobretudo afro-brasileiros pobres, advindos das camadas inferiores da sociedade paraibana que buscam esse esporte como possibilidade de uma vida melhor.

Assim, esses sujeitos, não encontrando as chances de poderem exercer sua cidadania plena como forma de se sentirem pessoas efetivamente inseridas na sociedade, buscam no futebol alternativas para saírem do mundo da marginalidade da qual são vítimas. Mas aí poderíamos levantar a seguinte questão: como afro-brasileiros pobres irão fazer para alcançar o futebol profissional e, se possível, o sucesso por meio desse esporte? Se nos referimos à estatística, nem todo mundo tem talento para o futebol, mas os jovens afro-brasileiros que buscam essa ascensão sabem ou têm alguma noção de que são sempre os mais excluídos e discriminados de nossa sociedade tanto pela cor da pele quanto pelas condições econômicas que vivem. Porém, só o fato de aqueles sujeitos saírem da periferia e passarem a fazer parte de projetos de formação de atletas sem fins lucrativos, já lhes permite *sonhar* (MARQUES; SAMULSKY, 2009), *desejar* e *acreditar* na *esperança* de um dia conseguirem alcançar o

¹³ Refiro-me, por exemplo, à participação e à comunicação oral em eventos: e-GEINCOS; Seminário Regional de Política e Administração da Educação e do Nordeste e Encontro Estadual de Política e Administração da Educação/PB (ANPAE); Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN), Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares, entre outros nos quais tivemos o privilégio de socializar as produções em torno das questões relativas às relações étnico-raciais, levando-nos a aprender muito mais do que ensinar.

profissionalismo no futebol. Assim, as próprias dificuldades e obstáculos que enfrentam talvez sirvam como princípio desencadeador para superar as adversidades, transformando-as em permanentes conquistas por menores que sejam. Nesse contexto, buscamos, através desta pesquisa, responder à seguinte questão central de nossa investigação: **Como o futebol contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à possível inclusão social?**

Nossa tese reside no fato de que a inclusão social de afro-brasileiros, sujeitos comuns e desconhecidos, oriundos das classes menos favorecidas de nossa sociedade, que buscam participar do Projeto Atleta Cidadão do Futuro (PACF) como espaço de formação e revelação de talentos esportivos, cumpre com a finalidade precípua de, através do empoderamento, superar a vida difícil, a situação de pobreza e exclusão social em que se encontram.

Com base no problema aqui formulado, o estudo buscou analisar de que forma o futebol contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, através do PACF desenvolvido na cidade de Campina Grande-PB, visando formar atletas para essa modalidade esportiva e, ao mesmo tempo, como esse programa formador, também considerado espaço de inclusão social, constitui-se como uma resposta desses sujeitos ao processo de pobreza e de exclusão que historicamente enfrentam no Brasil.

Visando desenvolver e alcançar esse objetivo geral, propusemos os seguintes objetivos específicos: a) verificar os conceitos de empoderamento e inclusão e exclusão social e o da *história vista de baixo*, relacionando-os ao objeto de estudo em tela; b) apresentar os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, detalhando cada passo por nós realizado para a obtenção das informações necessárias ao processo de análise; c) caracterizar o campo de investigação a partir dos sujeitos, de suas rotinas e das ações e atividades que desenvolvem no PACF para o alcance da inclusão social; d) analisar o Projeto Atleta Cidadão do Futuro, a fim de perceber como está proposto o processo de empoderamento de afro-brasileiros através do futebol e como ele se materializa para levar esses sujeitos, comuns e desconhecidos, ao alcance de sua inclusão social; e e) mostrar que, após a análise e a discussão dos dados da pesquisa, o PACF se constitui, de fato, um espaço/tempo que contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, levando-os ao processo de inclusão social.

Assim, nossa tese é a de que o PACF, desenvolvido na cidade de Campina Grande-PB, voltado para a formação de atletas de futebol, é um espaço privilegiado de empoderamento e, conseqüentemente, de inclusão social de sujeitos oriundos das classes menos favorecidas de nossa sociedade, que buscam participar desse programa de formação e

revelação de talentos esportivos com a finalidade precípua de superar a vida difícil e incômoda de pobreza e exclusão social em que estão mergulhados.

Subjetivamente, algumas questões sempre foram o norte da pesquisa:

Qual o entendimento de atletas afro-brasileiros sobre o futebol como espaço de empoderamento e inclusão social?

O Futebol, através do PACF, contribui para o empoderamento de afro-brasileiros conduzindo-os à inclusão social, ao combate à pobreza e à exclusão?

O que leva os sujeitos afro-brasileiros a buscarem o futebol como profissão?

Se o futebol se constitui numa possibilidade de empoderamento e inclusão social, por que o processo de discriminação e de racismo ainda persiste nos estádios de futebol entre torcedores e atletas e entre eles fora e dentro de campo?

A presente tese, embora dividida para fins meramente didáticos – e, portanto, suas partes constituem a unidade/totalidade do trabalho – está sistematizada em cinco capítulos descritos a seguir:

No capítulo I, *O Norte Teórico-metodológico*, descrevemos os procedimentos e os caminhos metodológicos adotados para a realização da pesquisa sobre o empoderamento de afro-brasileiros no futebol materializado no PACF, com vistas à inclusão social. Também descrevemos o método de pesquisa adotado para a análise da pesquisa, os procedimentos realizados durante o processo investigativo, os instrumentos e as técnicas de pesquisa selecionados e o esquema de análise da investigação.

Em seu aspecto metodológico, tratamos da materialização de uma pesquisa dos tipos bibliográfica, documental e de campo, com abordagem qualitativa (SEVERINO, 2007), uma vez que se caracteriza como “[...] a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados [...]” (RICHARDSON et al., 1999, p. 90), cuja preocupação central do investigador é de buscar a explicação dos fenômenos a partir das subjetividades dos investigados.

No capítulo II, *A História Vista de Baixo, o empoderamento e a inclusão social*, tratamos de apresentar a fundamentação teórico-conceitual de nossa investigação articulada entre si. Para isso, tomamos como referencial teórico a *história vista de baixo* (THOMPSON, 2010); (SHARPE, 1992), ou *história das pessoas comuns* (HOBBSAWM, 1998), articulada às noções de empoderamento e inclusão social, por entender que os sujeitos do PACF (*em processo de empoderamento*) são pessoas simples e desconhecidas, que contribuem com seus depoimentos para contar a história da qual fazem parte e participar dela.

O empoderamento pode ser concebido de diferentes maneiras, dependendo da realidade de quem dele se apropria, sobretudo em se tratando de sua posição e interesses políticos e ideológicos. Entretanto, para que não perca sua consistência e propositura no contexto da realidade da América Latina, em geral, e da brasileira, em particular, segue seu fio condutor, que é o de fazer com que os sujeitos, individual ou coletivamente, apoiados ou não pelo Estado, reinventem caminhos de superação das desconfortáveis condições de pobreza e exclusão nas quais estão inseridos.

Sobre o conceito de inclusão e, por conseguinte, exclusão social, referendamo-nos em autores como Richardson (2009), Sawaia (2009), Wanderley (2009), Sposati (2006), Lopes (2006), Pochmann (2003), além de outros que realizam importante e profícua discussão sobre esse termo de forma dialética, entendendo-o no contexto da sociedade capitalista. O termo inclusão social, segundo Borges (2012, p. 1), diz respeito a

[...] uma atitude política diante das desigualdades e injustiças sociais, voltada para a instituição de espaços de comunicação, realização e participação na sociedade de pessoas, grupos e comunidades que, em função de circunstâncias históricas, são privadas dos seus direitos impedidos de se realizarem como cidadãos.

A partir desses dois conceitos (empoderamento e inclusão social), articulados com a noção de *história vista de baixo*, tivemos o propósito de procurar descobrir, nas opiniões e nas ações dos sujeitos comuns do campo investigado, elementos constitutivos ou representativos de empoderamento com vistas ao alcance da inclusão social. Sua compreensão serviu-nos, ainda, para percebermos melhor como ocorrem ou se desenvolvem os processos de empoderamento e inclusão social no PACF, responsável pela formação e pela revelação de talentos para o futebol.

Os sujeitos participantes desse programa são compreendidos aqui como agentes históricos, que foram privados pela história oficial de expor e contar suas versões sobre os fatos e os fenômenos da realidade, como personagens vivos e concretos de seu tempo e lugar. Trata-se de pessoas que também vivem e fazem a história e, por esse motivo, precisam não apenas ser ouvidos, mas considerados em suas falas e percepções sobre as coisas do mundo a partir de seu cotidiano de pobreza e exclusão.

Nesse sentido, procuramos saber dos próprios sujeitos participantes do PACF o que pensam e entendem sobre o futebol em suas vidas, por que estão frequentando esse projeto, quais foram os motivos que os levaram a buscá-lo, qual o sentido e o significado que

representam em suas vidas, entre outras questões relativas ao futebol concebido como fenômeno de inclusão social.

No capítulo III, *O Projeto Atleta Cidadão do Futuro (PACF)*, examinamos esse programa como um todo. Para tanto, realizamos aproximações preliminares sobre o campo de investigação; voltamo-nos para perceber sua política de formação e revelação de atletas; descrevemos e analisamos o documento propositivo do PACF; caracterizamos seus sujeitos, ou seja, verificamos, por meio da aplicação de questionário, suas condições sociais, políticas e econômicas e, por fim, descrevemos o espaço, a rotina e as atividades desenvolvidas para a formação do atleta/cidadão.

As análises realizadas nesse capítulo III tomou como referência as discussões em torno da articulação das noções de empoderamento, inclusão social e da *história vista de baixo*, constituindo-se, nesse caso, a base epistemológica e teórico-conceitual de nosso estudo.

No capítulo IV, apresentamos os resultados verificados ao longo da pesquisa, através da entrevista semiestruturada com os atletas do PACF, bem como as análises baseadas no referencial teórico-conceitual, conforme apresentamos no capítulo II desta investigação.

O instrumental teórico-metodológico utilizado nesta pesquisa considerou, avaliou e analisou as opiniões e as ações dos atletas do PACF sobre como o futebol contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, permitindo-lhes, por conseguinte, a possível inclusão social capaz de propiciar-lhes momentos e possibilidades para poderem superar a pobreza e a exclusão social.

Os documentos, as observações e as entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa foram discutidos, interpretados e analisados por meio do referencial teórico-conceitual proposto. A partir disso, e avaliando a realidade, as falas e os comportamentos dos sujeitos investigados, passamos a desvendar as manifestações de empoderamento existentes no PACF, cujo espaço de inclusão social de afro-brasileiros é o futebol.

Para sustentar a análise, pautamo-nos na teoria da *história vista de baixo e nos conceitos de empoderamento e inclusão social* articulados, sobretudo, no que diz respeito aos seus aspectos, implicações e contextos, visando delimitar mais apropriadamente os termos com o fenômeno de estudo desta investigação que trata do empoderamento de afro-brasileiros no futebol, tendo o PACF como espaço/tempo destinado à formação de atletas para essa modalidade.

No capítulo V, apresentamos as considerações finais sobre a pesquisa, observando os caminhos percorridos, a confirmação das afirmações anteriores e a verificação do atendimento dos objetivos propostos para esta pesquisa - analisar o empoderamento de afro-brasileiros no

futebol, tomando como referência o PACF, destinado a formar e a revelar atletas da cidade de Campina Grande-PB.

2 O NORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo, tivemos como objetivo descrever a base teórico-metodológica de nossa pesquisa. Para tanto, buscamos detalhar todos os passos realizados ao longo da investigação, desde as primeiras caminhadas, em busca de contatos e informações preliminares, visando a uma construção mais sólida do objeto de estudo. Depois, partimos para as incursões no campo a ser explorado, até chegarmos à obtenção, à organização, à interpretação e à análise das informações, culminando na conclusão do relatório final propriamente dito.

Antes, porém, de tratar das questões teórico-metodológicas, justificamos o *porquê* da escolha do PACF como *locus* de investigação de nosso estudo. A escolha considerou a importância social que esse projeto vem desenvolvendo na formação de atletas e o seu comprometimento em trabalhar com jovens carentes dos bairros pobres de Campina Grande-PB.

Nossa preocupação em investigar esse projeto decorreu de questões centrais que julgamos relevantes para tal escolha, sobretudo por corroborarem nossa temática de estudo. Primeiro, trata-se de um trabalho pioneiro, voluntário e sem fins lucrativos, realizado por seu coordenador e idealizador há 34 anos. Desde sua fundação, em 1979, já profissionalizou mais de 1000¹⁴ (ver anexo A) atletas jovens advindos, majoritariamente, da periferia de Campina Grande-PB¹⁵. Alguns deles, inclusive, passaram a ser reconhecidos nacional e internacionalmente em clubes da Europa e por suas convocações para a Seleção Brasileira de Futebol.

Uma segunda questão que nos motivou a nos interessarmos por esse projeto como campo de pesquisa foi em relação à sua política de formação de atletas, que apresenta uma preocupação constatável com a educação formal de seus participantes, que devem estar matriculados no ensino regular e com a formação/capacitação para o mercado de trabalho ao oferecer-lhes, por exemplo, curso introdutório de computação através de parcerias consolidadas pelo coordenador do PACF¹⁶ com instituições mistas e privadas locais.

¹⁴ Essas informações foram obtidas através do coordenador do PACF e confirmadas em pôster com as fotos e os respectivos nomes de uma série de atletas profissionais do passado e do presente.

¹⁵ Uma série de documentos, como fotografias e livros sobre o envolvimento do idealizador do PACF, apontam para a veracidade das informações relativas ao número de sujeitos já formados para o futebol profissional ao longo de trinta e quatro anos dedicados a esse tipo de trabalho.

¹⁶ Essas informações podem ser encontradas na proposta escrita do PACF e se faz presente, também, na fala do coordenador, quando reúne os atletas para as preleções, sempre realizadas antes de iniciar os treinos físicos e técnicos do dia.

A terceira questão diz respeito ao fato de que muitos de seus atletas, tanto os já formados quanto aqueles em processo de formação, são afro-brasileiros de origem pobre, desconhecidos e comuns da periferia de Campina Grande, constituindo sujeitos de interesse de nossa pesquisa que, excluídos das possibilidades de ascender social e economicamente em outros espaços do meio social, veem no PACF o sonho, a esperança e a oportunidade de mudar e melhorar suas vidas e a de seus familiares através do futebol.

O quarto e último mote refere-se ao fato de o projeto suscitar a realização de atividades efetivamente capazes de contribuir com o processo de emancipação dos sujeitos através do futebol. Uma delas é a promoção de viagens para os atletas pelo Nordeste, com o objetivo de participarem de competições, constituindo-se, também, atividades preparatórias para a profissionalização nesse esporte (ver anexo L). Tais eventos propiciam visibilidade aos jovens momentos para serem aproveitados e contratados por algum time ou equipe da região¹⁷, ou até mesmo clubes de outras regiões brasileiras.

Portanto, através desses destaques apresentados, compreendemos que o PACF de Campina Grande-PB foi o espaço que mais nos chamou a atenção para o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo dentre aqueles espaços destinados à formação e revelação de talentos para o futebol. Nele, a nosso ver, há indícios de preocupações não apenas na formação e revelação de talentos esportivos, mas, também, para a emancipação humana de seus participantes, extrapolando, portanto, os trabalhos meramente específicos do campo futebolístico. Isso nos fez acreditar que ali existe um espaço que contribui para o afro-brasileiro empoderar-se no futebol e, através desse empoderamento, alcançarem a inclusão social, para que possam mudar de vida, ou seja, sair de uma situação de extrema pobreza para uma reconhecidamente mais cidadã, não que noutros espaços essas preocupações com a formação humana não estejam, de uma forma ou de outra, presentes. Mas aqui, nesse programa, o próprio título já nos confere uma preocupação com a formação cidadã destinada a indivíduos jovens socialmente menos favorecidos daquele município paraibano (ver anexo L).

Chegamos até esse campo de investigação buscando, inicialmente, informações sobre *escolinhas*¹⁸ de futebol desenvolvidas neste estado, especialmente em João Pessoa e em Campina Grande. Dentre as mais relevantes e conhecidas, o PACF seria a de maior destaque e, por isso, de maior repercussão no cenário estadual e no nordestino, principalmente por

¹⁷ Os cartazes, trazidos para o local de treino, eram sempre apresentados aos atletas e, na ocasião, discutia-se sobre as possibilidades de conseguirem recursos (transporte, hospedagem, alimentação...) para participar desses eventos, uma vez que se trata de competições realizadas em outros estados do Nordeste.

¹⁸ Nome dado aos espaços destinados à formação e revelação de talentos esportivos.

conta de seus mais de trinta anos de existência e pela tradição em formar e revelar jovens da periferia de Campina Grande-PB, levando-os a alcançar projeções de nível nacional e internacional, como já foi possível acontecer com alguns dos sujeitos que por ali passaram (ver anexo A).

Em função disso, procuramos, no ano de 2010, logo depois de nosso ingresso no Doutorado em Educação da UFPB, manter contatos com o idealizador desse projeto. Por ser professor dessa IES, Campus de Bananeiras, sabíamos que esse professor, aqui ou acolá, apareceria com certa frequência no Campus I, João Pessoa. Tendo conseguido seus números de telefones, passamos a manter contatos periódicos no sentido de apresentar nossos propósitos de pesquisa e, principalmente, buscar informações sobre seu trabalho e pensar como melhor formular o objeto de estudo da pesquisa após conversas preliminares sobre aquele projeto.

Nesse e nos anos de 2011 e 2012, tivemos a intenção de acessar documentos e de manter contatos mais detidos com o coordenador do PACF. Nesses momentos, concentramo-nos numa fase diagnóstica, notadamente na busca de informações, tencionando nos familiarizar com o projeto de formação de atletas para o futebol que iríamos em breve explorar através da pesquisa de campo.

Os primeiros documentos apresentados por esse professor (coordenador e idealizador do PACF), tanto os pessoais quanto aqueles sobre o *lócus* de investigação, dizem respeito a um conjunto de fotografias de jogadores conhecidos, nacional e internacionalmente, que foram formados naquele espaço, além de nos apropriarmos de uma série de livros de sua autoria, publicados a respeito dos seus anos de envolvimento no universo do futebol, notadamente na condição de atleta profissional no passado, e, atualmente, como jornalista, professor universitário, sobretudo formador de jogadores de futebol no estado da Paraíba. Trata-se de publicações que trazem relatos e fotos de muitos dos atletas que já se formaram e se profissionalizaram. Alguns deles encontram-se ainda em atividade, e outros encerraram suas carreiras futebolísticas. Como podemos perceber, suas produções literárias têm relação direta com o mundo do futebol e com o trabalho que desenvolve no PACF.

Após essas primeiras aproximações e entendendo nossas intenções de pesquisa, o coordenador do PACF, durante nossas visitas ao campo de investigação,¹⁹ foi, aos poucos, disponibilizando uma série de outros documentos relativos ao projeto, que nos permitiram construir uma visão mais apurada sobre os trabalhos realizados naquele tempo e lugar de

¹⁹ Todas as atividades da pesquisa de campo foi devidamente autorizada através de documento específico para esse fim, assinado pelo coordenador do PACF.

formação de atletas, bem como o comprometido envolvimento desse professor com os trabalhos na formação de atletas. Poderíamos dizer que, nesse momento da pesquisa, estávamos constituindo um relevante banco de dados para, posteriormente, refletir sobre os pormenores de nossa incursão destinada a investigar como o PACF contribui, através do futebol, para o processo de empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à inclusão social.

Vale salientar, ainda, que as diferentes formas de acompanhar o PACF foram relevantes para compreendermos, realmente, sua importância como espaço oportuno à realização de um estudo sobre o empoderamento de afro-brasileiros no futebol como espaço de inclusão social. Assim, o acompanhamento de algumas reportagens nas TVs locais, as leituras de matérias jornalísticas – por meio de mídia escrita e eletrônica – relativas ao projeto e às publicações de livros feitas pelo coordenador e idealizador do projeto, retratando, sobretudo, seu apaixonado envolvimento com o campo do futebol e seu comprometimento com o projeto, deram-nos indícios de que estávamos, de fato, na pista certa. Além de tudo isso, os vários encontros e conversas, mostrando-nos os resultados de seu trabalho como formador e revelador de talentos para o futebol, ajudaram-nos mais ainda a escolher esse espaço como *locus* de investigação²⁰.

A partir desses primeiros encontros, partimos para uma reconsideração de nosso objeto de estudo, o qual, naquele momento, necessitava de melhor delimitação. Essa reconsideração nos permitiu fazer um recorte mais coerente sobre que tipo de pesquisa realizar, quais métodos, técnicas e procedimentos utilizar na análise das informações coletadas durante a fase de campo, levando em conta, sobretudo, a realidade embrionariamente constatada naquele espaço.

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa (SEVERINO, 2007) foi, portanto, iniciada a partir da obtenção de informações e contatos preliminares com o coordenador e idealizador do PACF. Trata-se de uma série de informações que nos conduziram a formular o objeto de estudo e realizar a pesquisa propriamente dita. Portanto, essa aproximação inicial permitiu-nos mergulhar no campo de investigação – bem mais atento e *preparado* – para vasculhar manifestações relativas ao futebol como espaço de empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à inclusão social, tomando o PACF, desenvolvido na cidade de Campina Grande-PB, como *locus* da referida pesquisa.

²⁰ Existem várias matérias extraídas dos canais de TVs locais disponíveis no <http://www.youtube.com/> sobre o PACF, através de depoimentos de jogadores e ex-jogadores que passaram por esse projeto.

Nesse sentido, passamos a entender o PACF de forma mais efetiva, como algo que vem se destacando na formação e na revelação de jogadores nessa modalidade esportiva. Buscamos conhecer em profundidade suas particularidades e como vem se desenvolvendo o processo de empoderamento e de inclusão social dos sujeitos pobres da periferia dessa cidade por meio desse programa.

Dos tipos de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo, buscamos compreender, através de arquivos, registros e, principalmente, a partir das falas e das ações dos entrevistados do PACF como ocorre ou como se constrói o processo de empoderamento que conduz seus participantes ao alcance da inclusão social.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se materializa através do registro disponível. Decorre de pesquisas anteriores, na verificação de documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizada através de dados ou de categorias já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados, os textos passam a se constituir fontes dos temas a serem investigados. Assim, o pesquisador pode trabalhar a partir dos subsídios dos autores dos estudos analíticos dos textos selecionados (SEVERINO, 2007).

Nesse tipo de pesquisa, fizemos leituras e fichamentos de textos, livros e artigos selecionados e retirados de sites especializados que tratam, fundamentalmente, das noções da *história vista de baixo* ou *história das pessoas comuns*, de empoderamento e de inclusão social. Os exaustivos procedimentos de ler e fichar os textos selecionados permitiu-nos a construção de um conjunto de textos constitutivos da tese para referendar e embasar, teórica, conceitual e metodologicamente, nossa investigação como um todo.

Após a realização da pesquisa bibliográfica, partimos para a pesquisa documental, que, por sua vez se refere a uma “[...] fonte de documentos no sentido amplo, ou seja, não só documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais” (SEVERINO, 2007, p. 122). Esse tipo de pesquisa incidiu, principalmente, na leitura, na descrição e na análise atentas, cuidadosas e minuciosas dos documentos (cópia do planejamento geral, fotografias, cartazes etc.) (ver anexos A e L) do PACF, cedido pelo seu coordenador, responsável pelo desenvolvimento das atividades para a formação e a revelação de atletas para o futebol profissional. De posse desses documentos do PACF, matéria-prima constitutiva de nossa investigação, realizamos as explorações e o tratamento analítico do que pretendemos estudar. Por fim, realizamos a pesquisa de campo, mantendo uma postura de estranhamento para garantir o distanciamento da situação investigada “[...] para tentar apreender os modos de pensar, sentir, agir, os

valores, as crenças, os costumes, as práticas e produções culturais [...]” (ANDRÉ, 2005, p. 26) dos atletas participantes desse projeto.

Nosso insistente esforço de estranhamento foi de grande importância para mantermos um olhar crítico-reflexivo sobre o fenômeno apreciado, despindo-nos de valores, códigos, sentidos e significados de ordem pessoal, os quais, muitas vezes, distorcem aquilo que precisamos fielmente analisar conforme o apresentado e encontrado na realidade do *lócus* em estudo. Nesse tipo de pesquisa, “[...] o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados [...]” (SEVERINO, 2007, p. 123), portanto, não deve haver intervenção nem manuseio por parte do pesquisador. Trata-se de pesquisa que abrange desde levantamentos mais descritivos até estudos mais analíticos, como bem nos alerta esse mesmo autor.

No primeiro dia de acompanhamento dos trabalhos do PACF, fomos apresentados pelo coordenador a todo o grupo de atletas que ali se encontravam. Aproveitamos a oportunidade para falar dos objetivos de nossa presença nesse local, detalhando sobre o que iríamos fazer e qual seria nossa conduta naquele lugar, principalmente no que diz respeito às abordagens de pesquisa com os sujeitos investigados. Com o passar do tempo, à medida que aumentava o número de visitas, íamos nos familiarizando com os atletas através de conversas informais. Alguns, geralmente os mais experientes e/ou os mais comunicativos, aproximavam-se para conversar sobre futebol, suas vidas de dificuldades e problemas do cotidiano.

Nessas aproximações com os atletas, trocávamos ideias sobre treinamento, exercícios e procedimentos para recuperar contusões oriundas do jogo, entre outras inúmeras questões relacionadas ao mundo do futebol, uma vez que, de uma maneira ou de outra, dispomos de certo nível de conhecimento em função de nossa formação inicial em Educação Física, bem como sobre nosso envolvimento com esse esporte ao longo de nossas experiências pessoais e profissionais no campo do futebol.

A pesquisa de campo realizou-se em dois momentos. O primeiro ocorreu através de visitas periódicas ao *lócus* de investigação para acompanharmos os trabalhos do PACF e, por conseguinte, observar e entrevistar seus atletas. No segundo, dirigíamos-nos para os locais onde estivessem os atletas profissionais que já fizeram parte desse mesmo projeto e, hoje, alcançaram a fama nacional e internacional jogando no exterior e passando pela Seleção Brasileira de futebol.

As visitas no PACF ocorriam semanalmente, todas às sextas-feiras, no período da tarde, entre os meses de setembro e dezembro de 2012, e durante o mês de janeiro de 2013, totalizando cinco meses de pesquisa de campo. No nosso entendimento, tratou-se de um tempo suficiente para conhecer bem mais aquele espaço de formação e revelação de atletas e obter as informações necessárias e imprescindíveis aos propósitos de nossa pesquisa sobre o futebol como espaço de empoderamento, que conduz os afro-brasileiros à inclusão social, mediados pelo PACF.

Nesse tipo de pesquisa, efetuamos observações e algumas anotações em um tipo de diário de campo para registrar (quando necessário) as falas e as ações manifestadas pelos sujeitos pesquisados. Nesse caso, estávamos preocupados em encontrar pistas e indícios que explicassem, interpretassem e analisassem o fenômeno investigado.

Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por um total de trinta e oito pessoas²¹, distribuídas entre trinta e quatro atletas, dois professores e dois colaboradores do PACF. Do número total de atletas, um deles saía há pouco tempo para o futebol internacional, e três deles já são reconhecidos nacional e internacionalmente, inclusive, esses três últimos, com passagens pela Seleção Brasileira de Futebol. Os outros trinta ainda estão participando do projeto e apresentam idades que variam entre quinze a vinte e seis anos, porém, a maior parte dos sujeitos concentra-se na faixa etária dos dezesseis anos, como foi possível identificar na aplicação do questionário sociodemográfico (ver apêndices A, B, C e F).

Curiosamente, nesse universo de trinta atletas do PACF, não encontramos ninguém do sexo feminino treinando futebol naquele espaço de formação. A proposta desse programa não faz nenhuma referência ao futebol feminino. Segundo seu coordenador, a ideia sempre foi de trabalhar com crianças e adolescentes do sexo masculino, haja vista suas experiências terem sido voltadas para o trabalho com sujeitos desse sexo e por entender que futebol diz respeito a um esporte masculino.

Aqueles outros quatro sujeitos, ou melhor, os responsáveis pelo andamento e pela organização dos trabalhos no PACF, estão assim representados: um professor/coordenador do projeto, responsável direto pelo programa (professor e idealizador do PACF); um professor/preparador físico, incumbido de cuidar do condicionamento físico dos atletas; um colaborador/auxiliar técnico e responsável por cuidar do material de treino, destinado, também, a ajudar na organização técnica e tática do time (em períodos de competição) e dos trabalhos de formação e revelação de talentos para o futebol juntamente com o técnico; e um

²¹ A qualidade e a relevância das informações foram atingidas a partir desse número de informações.

colaborador/preparador de goleiros, designado para preparar e formar goleiros para o futebol profissional (discorreremos mais detalhadamente sobre esses sujeitos no capítulo III, que trata das descrições e das análises do PACF propriamente dito).

Em se tratando de pesquisa qualitativa, o número de sujeitos que compuseram o quadro das entrevistas foi determinado posteriormente. Nesse caso, percebemos que a qualidade das informações obtidas em cada depoimento, seu grau de profundidade, recorrência e divergências dessas informações sobre o tema investigado começaram a surgir antes mesmo das entrevistas realizadas com onze sujeitos, todos integrantes do grupo, considerados por nós como indivíduos *em processo de empoderamento*, e com os quatro pertencentes ao grupo dos *empoderados*, ou seja, aqueles já profissionalizados e que, um dia, fizeram parte do PACF.

Dos trinta atletas do PACF, onze (*em processo de empoderamento*), representando um recorte do universo de jogadores desse programa, foram suficientes para disponibilizar as informações necessárias aos propósitos da pesquisa, por isso não foi preciso continuar com os procedimentos das entrevistas. Já os sujeitos *empoderados* selecionados para a pesquisa foram aqueles que mais se destacaram no futebol nacional e internacional, exceto um deles, saiu do PACF recentemente, mas foi escolhido pelo fato de ter saído diretamente para o futebol internacional sem antes passar pelo futebol nacional. Ou seja, os quinze entrevistados (os onze do projeto e os quatro profissionais que vêm atuando no futebol nacional e internacional) foram suficientes para atender aos objetivos e aos interesses da investigação, uma vez que mais entrevistas, certamente, não forneceriam informações ou pistas que pudessem indicar novas perspectivas para a investigação em curso.

À proporção que fomos alcançando satisfatoriamente os depoimentos, levantamos e organizamos os dados atinentes ao objeto da investigação, e dependendo do volume e da qualidade deles, o material de análise foi se tornando cada vez mais consistente e denso e não foi mais necessário continuarmos com os trabalhos de entrevistas a fim de desvendar como o processo de empoderamento é revelado nas falas dos atletas pesquisados, conduzindo-os à inclusão social.

Nesse caso, dos trinta atletas participantes do projeto, conseguimos entrevistar mais de 30% (trinta por cento) do total de atletas, ou seja, o correspondente a, mais ou menos, 33% (trinta e três por cento) do efetivo, que estão divididos entre os que ainda não se profissionalizaram e os que já são jogadores profissionais (não mais do que três atletas). Alguns desses últimos retornaram aos treinos por estarem sem contratos nos clubes e através de convite formalizado pelo coordenador do projeto para participarem das competições

amadoras de base a serem realizadas em Campina Grande-PB e em outros estados do Nordeste e como forma de, com suas experiências, poderem contribuir para o desenvolvimento dos demais atletas em fase de preparação e de aprendizado.

Coletamos, portanto, informações por meio de leituras de documentos relativos ao *lôcus* da pesquisa, conversas permanentes com o idealizador e coordenador do projeto, observações durante todas as visitas ao campo de pesquisa, filmagens dos sujeitos e do ambiente de treino, registros fotográficos e audiovisuais, aplicação de questionário sociodemográfico (ver apêndice J) e, principalmente, através da entrevista semiestruturada aplicada por meio de roteiro de perguntas (ver apêndice L), tomando o gravador para registrar as falas dos atletas selecionados para as entrevistas.

Para compreender bem mais o campo de investigação relacionado ao nosso objeto de estudo, julgamos oportuno fazer registros fotográficos e fílmicos das pessoas e dos espaços com o uso do celular para gravar as falas dos entrevistados. Assim, a máquina fotográfica, a câmera de filmar e o gravador do celular se constituíram recursos e instrumentos indispensáveis para registrarmos os espaços da pesquisa, as falas e as ações dos sujeitos investigados, porquanto facilitaram os procedimentos de descrição e análise das informações relativas à investigação.

Um mês depois de já termos nos familiarizados com o campo de investigação, explicamos, detalhadamente, duas semanas antes, aos participantes do PACF, sobre a aplicação do questionário sociodemográfico, o que seria esse instrumento e qual o objetivo de sua aplicação. Na data acordada, das 14 às 16 horas, aplicamos, pouco a pouco, esse questionário a vinte e um atletas participantes do projeto e quatro sujeitos, diretamente responsáveis pelos trabalhos de formação dos jogadores para identificar o perfil dos sujeitos ali investigados.

Esse instrumento de obtenção das informações foi aplicado aos 21 dos 22 atletas que foram treinar, naquele dia acordado, para a realização dos trabalhos relativos para esse fim. Um deixou de preencher o questionário porque chegou tarde e foi direto para o treino e não se dispôs a respondê-lo depois. Apesar de o PACF, naquele período, contar com 30 atletas, a média de frequência por dia de treino variava em torno de 22 a 25 jovens. Nesse sentido, o questionário sociodemográfico, sistematizado por um conjunto de perguntas fechadas, objetivou compor e conhecer o perfil dos participantes do PACF, atendendo, satisfatoriamente, às descrições com as informações obtidas por esse recurso de pesquisa.

O questionário é um conjunto de questões, metodicamente articuladas, que

[...] se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas (SEVERINO, 2007, p. 125).

Esse instrumento foi composto por dezessete questões fechadas que predefinimos, uma vez que nossa intenção, nesse primeiro momento da pesquisa de campo, seria apenas de levantar questões para caracterizar e traçar o perfil dos sujeitos pesquisados.

As perguntas corresponderam às seguintes variáveis: *bairro onde mora, idade, grau de escolaridade, cor da pele, cidade/estado onde nasceu, ocupação atual e anterior, domicílio, renda pessoal e familiar, situação conjugal, número de filhos, com quantas pessoas mora, há quanto tempo participa do projeto como atleta, se gosta ou não do ambiente de treino e das atividades realizadas e se compreende o futebol como espaço de inclusão social.*

Durante a aplicação desse instrumento, acompanhamos todo o processo de realização, visando esclarecer todas as dúvidas surgidas e orientá-los no preenchimento completo e satisfatório das perguntas para que as informações pudessem, de fato, ajudar na caracterização e na composição do perfil daqueles sujeitos investigados. À medida que os atletas iam chegando, fornecíamos o questionário, uma caneta e uma prancheta, uma vez que eles não dispunham de algum outro tipo de apoio para realizar o procedimento de respostas ou o preenchimento completo do instrumento de coleta das informações. Aos poucos, de dois em dois, ou de três em três atletas, íamos acompanhando, passo a passo, o processo de resposta das questões solicitadas. Quando alguns concluíam essa tarefa, solicitávamos que pudessem contribuir com os colegas que se encontravam com mais dificuldades para preencher o questionário. Aliás, vale lembrar, apesar de muitos desses entrevistados estarem cursando o ensino fundamental e o médio, a maioria tinha muitas dificuldades de compreender o que se pedia para responder. Por esse motivo, foi muito importante nosso permanente e insistente acompanhamento nessa fase de obtenção das informações.

Nem todas as variáveis do questionário sociodemográfico foram contempladas para a construção da caracterização, porém, as questões escolhidas (a maioria) foram suficientes para atender aos propósitos dessa sistematização, como veremos, mais adiante, na descrição do perfil dos atletas do PACF.

Após a etapa de coleta e conferência das informações, passamos para a descrição do perfil propriamente dito, inicialmente, dos atletas, e depois, dos demais envolvidos no

projeto, respeitando a sequência adotada sobre o que foi perguntado nesse recurso de coleta das informações. Agrupamos as respostas dos entrevistados, questão por questão, e fomos traçando o perfil sociodemográfico do grupo de atletas do PACF. Dessa maneira, conseguimos registrar as condições sociais, econômicas e culturais dos informantes e constatamos que a maioria era composta de jovens afro-brasileiros, de baixa renda, com uma média de nível de escolaridade bastante oscilante entre eles, quase todos de bairros periféricos da cidade de Campina Grande-PB.

Além da aplicação desse instrumento, descrevemos o campo de investigação, atentando para suas características e condições objetivas e materiais para a realização dos trabalhos de formação e revelação dos atletas daquele projeto, porque, antes de aplicar a entrevista, necessitávamos de mais um pouco de tempo para pensar na elaboração do primeiro roteiro de entrevista, tomando como referência os objetivos da pesquisa, que eram alterados constantemente, visando deixá-los o mais claro possível e, a partir deles, finalizar em caráter definitivo as questões constituintes desse instrumento.

Esse instrumento de pesquisa, segundo Severino (2007), destina-se a coletar informações sobre determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados, que se constitui como uma interação entre eles e o pesquisador. A entrevista é bastante utilizada nas Ciências Humanas e visa, sobretudo, “[...] apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam” (SEVERINO, 2007, p. 124) sobre eles mesmos e sobre o mundo no qual se encontram inseridos.

No nosso caso, em particular, recontando a *história vista de baixo*, a entrevista foi fundamental para reconstruir suas histórias contadas por eles mesmos. A entrevista semiestruturada de nossa pesquisa teve como característica questionamentos básicos que se apoiaram nas teorias e nas hipóteses do empoderamento de afro-brasileiros através do futebol, conduzindo-os ao processo de inclusão social, insistentemente arquitetados pelos próprios desempoderados. A entrevista semiestruturada, na compreensão de Triviños (1987, p. 152), “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”. Além disso, mantém a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta das informações (TRIVIÑOS, 1987).

Assim, tomando como base essa consciência, nossas dúvidas iniciais em relação a esse roteiro de perguntas da entrevista semiestruturada eram: o que perguntar e por onde começar, considerando que tínhamos de formular dois roteiros, tendo em vista termos que aplicar as entrevistas a dois grupos diferentes: aquilo que elegemos como grupo de *sujeitos empoderados* e o grupo de *sujeitos em processo de empoderamento*.

Continuamos um pouco mais com as observações e as leituras dos objetivos da pesquisa para elaborar as perguntas constitutivas dos dois roteiros de entrevista: um, para os *sujeitos empoderados* (ver apêndice M), e outro, para os sujeitos *em processo de empoderamento* (ver apêndice L) ou os atuais participantes do PACF. Convém lembrar que as observações foram de extrema importância para termos uma ideia geral e mais aproximada da realidade daqueles jovens atletas, as relações estabelecidas entre eles e o coordenador e o espaço de que dispunham para treinar.

Depois de certo tempo, visitando e observando o *lócus* de investigação, mais precisamente no mês de dezembro de 2012, já mais amadurecidos sobre o que realmente precisávamos indagar junto aos atletas, formulamos, à luz dos objetivos da pesquisa, os dois roteiros de pergunta para proceder às entrevistas.

Elaboramos uma série de perguntas, principais e secundárias, que atendessem aos objetivos da pesquisa e fornecessem elementos que nos levassem a saber como os sujeitos se empoderaram através do futebol. Os roteiros apresentam formulações coincidentes até a quarta questão. Depois disso, sofreram modificações, porque estávamos nos dirigindo a dois grupos de sujeitos que viviam situações e posições sociais, políticas, culturais e econômicas distintas entre si. Assim, se, de um lado, o grupo de sujeitos *em processo de empoderamento* estava vivenciando um momento de perspectiva e projeção de melhoria das condições de vida para o futuro, de outro, o grupo dos *empoderados* já vivia a situação futura *almejada* por aqueles sujeitos do primeiro grupo.

De fato, essa configuração permitiu-nos deduzir que, em alguns momentos da entrevista, as questões se distinguiram entre os grupos pesquisados, devido as suas especificidades contextuais. Para os sujeitos do PACF, ou seja, *em processo de empoderamento*, as questões, principais e secundárias versaram sobre *em que os pais trabalham; sua origem familiar; como começou o interesse pelo futebol; quando e onde deu início a esse esporte; tempo de permanência no projeto; como chegou a fazer parte do projeto; o que já ouviu falar sobre ele nas ruas, na imprensa local, etc.; se teve algum ídolo para se inspirar; se acredita no futebol como um projeto de vida; grau de escolaridade e por que; se já participou de curso promovido pelo projeto; o que o projeto pode proporcionar de bom até o momento; se já se sentiu excluído e discriminado por algum motivo no projeto e fora dele; se um dia se tornar um jogador famoso, o que fará por si, pela família e pela sociedade que julgue importante; perspectivas e planos pessoais atuais; o que pode ser feito para que o projeto possa melhorar; e qual o significado do PACF para a sua vida.*

Já em relação ao grupo dos *sujeitos empoderados*, as quatro primeiras questões, repetimos, foram as mesmas em relação ao primeiro grupo investigado, e outras dessas, algumas pelo meio do roteiro, também se repetiram para os dois grupos. Porém, o que mudou mesmo foi o tempo verbal dessas perguntas concernentes aos dois roteiros. Assim, para o grupo dos *sujeitos em processo de empoderamento*, as perguntas foram formuladas no presente, e para os *sujeitos empoderados*, elas ficaram no passado, haja vista, como já dissemos antes, tratar-se de grupos vivendo situações e contextos totalmente distintos. Por exemplo, os pais dos *empoderados* não realizam mais as mesmas profissões exercidas no passado, certamente porque não precisariam mais delas para sobreviver e sustentar-se, já que, agora, podem contar com a ajuda do filho *empoderado*. E os pais dos *sujeitos em processo de empoderamento* encontram-se, no momento, trabalhando ou desempregados e, por isso, formulamos as questões no presente, perguntando, por exemplo, a ocupação atual de seus pais.

Além de essas quatro primeiras questões terem sido colocadas para o grupo de *empoderados*, outras indagações foram estas: *se na infância era ou não levado por alguém a praticar futebol ou ia szinho; sobre o início do futebol na sua vida, ou melhor, se teve algum ídolo para se inspirar; momento em que o futebol passou a fazer parte como um projeto de vida; grau de escolaridade; as aprendizagens proporcionadas pelo futebol capazes de superar a ausência da escola; se o futebol trouxe respeito, além da notoriedade; se já se sentiram discriminado por algum motivo no mundo do futebol; o que pretende fazer por si, pela família e pela sociedade que julgue importante; se mantém os vínculos de amizades do passado; planos quando encerrar a carreira de jogador; o que pode ser feito pelo projeto do qual já fez parte.*

Como podemos perceber, há questões iguais ou muito parecidas nos dois roteiros, mas, como se trata de grupos diferentes, vivendo situações e momentos também diferentes, algumas questões precisavam atender às peculiaridades de cada grupo entrevistado. Nos dois roteiros, houve questões de ordem apenas informativa e outras de caráter narrativo, de maneira que essas últimas foram as mais importantes para a realização da análise sobre o futebol como espaço de empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à inclusão social. Já as perguntas de cunho informativo foram agrupadas e descritas em conjunto, aproveitando-as, principalmente, para o capítulo mais destinado a descrever e analisar o PACF como um todo. Depois desse procedimento - coligar as respostas de cunho informativo – requisitamo-las para a construção do perfil dos sujeitos de nossa pesquisa.

Nossos trabalhos de entrevista foram iniciados em meados de dezembro. Durante os contatos que realizamos com os sujeitos da pesquisa, fomos, na maioria das vezes, bem recebidos e não houve nenhum incidente ou clima de animosidade que pudesse comprometer a boa realização dos trabalhos, de tal sorte que puderam fluir tranquilamente. Antes de iniciar as entrevistas, deixávamos claro que se tratava de perguntas formuladas, qual era o objetivo de nossa intervenção e o que, de fato, queríamos com aquilo. Depois de tudo apresentado e devidamente esclarecido, pedíamos permissão para começar a gravar a fala, explicando que a identidade dos informantes participantes do PACF seria preservada, tendo em vista ser mais importante para a pesquisa o conteúdo da fala gravada, e não, a exposição de seu nome associado ao que tinha dito no decorrer de seu depoimento.

A forma inicial de proceder com uma conversa esclarecedora sobre a entrevista contribuiu sobremaneira para que o entrevistado ficasse mais à vontade para conceder reservadamente seu depoimento sobre suas experiências, vivências e percepções sobre a importância do futebol e do PACF em sua vida, no sentido de saber como o empoderamento aparece em suas narrativas e como contribui para que alcancem a inclusão social através do futebol.

Todas as entrevistas dos atletas do PACF foram realizadas no próprio campo de pesquisa, ou seja, no campo de futebol, um lugar descampado, onde treinam semanalmente. Nesse espaço, escolhíamos sempre um lugar mais distante dos demais atletas para que as entrevistas fluíssem conforme nossas expectativas. Com esses cuidados, dispúnhamos de mais concentração, tanto sobre o que íamos perguntar quanto sobre o que o entrevistado deveria responder diante das perguntas lançadas.

No geral, a maioria das entrevistas com esse primeiro grupo aconteceu de maneira tranquila e aceitável. Apenas em duas das onze, houve alguns problemas, porém não suficientes para prejudicar o andamento da atividade. O primeiro deles ocorreu por conta de uma entrevista que não estava sendo gravada, uma vez que, por descuido de nossa parte, desligamos, involuntariamente, a *função gravar* do celular. Por isso, tivemos que refazer todas as perguntas para o mesmo entrevistado, ficando-nos a impressão de que aquela primeira entrevista (a não gravada) ficou bem melhor em relação à atual, mas refazê-la seria necessário. Segundo, a falta de concentração de um dos informantes, pois, pelo fato de ter sido entrevistado justamente no momento do jogo-treino, de vez em quando, demonstrava ansiedade para jogar, desviava sua atenção e não entendia o que havia sido perguntado.

Nesse caso, reformulávamos a questão e, ao mesmo tempo, criávamos mecanismos que atraíssem mais a atenção do entrevistado nas questões perguntadas. Dizíamos que sua

concentração, naquele momento, seria muito importante, semelhante à de uma situação de jogo, quando sua atenção deveria ser decisiva para o sucesso da equipe. Entendendo prontamente nossa mensagem, o entrevistado passou a deter-se no que perguntávamos e concluiu sua entrevista satisfatoriamente aos propósitos da pesquisa. Situações dessa natureza surgiram porque muitas das entrevistas foram realmente realizadas no momento em que os outros colegas estavam jogando e, por isso, já se previa, poderia deixar o atleta ansioso para treinar, podendo, portanto, desviar sua atenção e, conseqüentemente, deixar de responder o que lhe estava sendo solicitado.

Percebemos que as entrevistas efetuadas no próprio campo de pesquisa requerem muita cautela e sensibilidade para sabermos o momento de aplicá-las, pois, geralmente, há situações adversas que interferem diretamente no bom desempenho do informante, como aqueles exemplos mencionados. Entretanto, no geral, ao tomar as devidas precauções sobre esses e outros imprevistos prováveis de acontecer, podemos asseverar que os trabalhos de entrevistas transcorreram de forma promissora atendendo aos interesses de nossa pesquisa como um todo.

Interessante lembrar que, depois de ter entrevistado seis atletas do PACF, no mês de dezembro de 2012, tivemos que interromper esses trabalhos para encontrar o grupo dos atletas *empoderados*, ou seja, os já profissionalizados e famosos. Essa mudança de estratégia ocorreu em virtude de, justamente nesse mês, eles estarem de férias e, por isso, retornam as suas cidades natais para rever seus familiares e amigos. Diante disso, aproveitamos o ensejo para entrevistá-los, pois não podíamos perder a chance de nos aproximar de nossos sujeitos (*empoderados*) da pesquisa, notadamente porque moram fora do Brasil, e o número de dias que ficam por aqui é muito curto, sem falar que são extremamente assediados por familiares, amigos, fãs e imprensa, tornando mais difícil ainda nossa aproximação.

Depois de, mais uma vez, revisar o roteiro de entrevista destinado a esse grupo de atletas (sujeitos da pesquisa), caímos em campo para nos aproximar deles. Tratava-se de realizar uma missão nada fácil, tendo em vista termos enfrentado três obstáculos durante essa fase da investigação. O primeiro deles por se tratar de pessoas famosas e, por isso, muito assediadas, o que dificultava sobremaneira uma aproximação mais tranquila e objetiva e, portanto, bem mais burocrática para entrevistá-los. O segundo, pelo fato de esses atletas estarem de férias e mais voltados para resolver questões de interesses particulares e familiares e não se disponibilizarem, facilmente, para dedicar parte de seu tempo às entrevistas que havíamos preparado. E o terceiro, talvez um dos mais desagradáveis, por causa de pessoas da família, ou amigos mais próximos a eles, dificultarem consideravelmente

nossa aproximação, mesmo explicando detalhadamente qual seria o propósito de nosso contato. Isto ocorreu frequentemente com quase todos os entrevistados, sobretudo com o último deles.

Sentimos que um dos membros da família de um de nossos entrevistados vinha obstaculizando em muito o contato com o atleta, chegando até a não permitir que falássemos diretamente com ele, através de contatos telefônicos que havíamos realizado. No dia em que fomos entrevistá-lo, ficou evidente que o sujeito a ser pesquisado não tivera, realmente, tomado ciência, com antecedência, de que seria sujeito de nossa investigação e que iria prestar seu depoimento para a pesquisa.

Sabíamos dos desafios que tínhamos pela frente para entrevistar aqueles atletas, tanto pelos motivos já apresentados quanto pelo pouco tempo que iriam passar das férias com os familiares e amigos, já que precisariam, em poucos dias, voltar aos trabalhos nos clubes em que jogam no exterior.

Nesse contexto todo de dificuldades, sobretudo em se tratando de que necessitaríamos entrevistar pessoas famosas, aprendemos que os *ingredientes* insistência, paciência, persistência, perseverança, espera, capacidade de articulação, entre outras questões dessa ordem, são de fundamental importância para o pesquisador chegar até esses sujeitos e alcançar os objetivos pretendidos da pesquisa. Do contrário, não haveria as mínimas chances de conseguirmos abordar e entrevistar nossos sujeitos da investigação.

Depois de uma intensa maratona, que durou do dia quinze de dezembro de 2012 até o sete de janeiro de 2013, conseguimos, com perspicácia e foco nos propósitos, entrevistar os atletas famosos que também, um dia, moraram na periferia, foram pobres e excluídos e pertenceram ao PACF, sobretudo durante sua infância e adolescência. Desses quatro atletas, três estão atuando no futebol internacional da Europa, e o outro, que já atuou em equipes desse mesmo continente, principalmente no futebol da Alemanha, por sete anos, encontra-se, atualmente, em fim de carreira, atuando em clube do Brasil. Vale lembrar, ainda, que, desses, três já foram convocados para a Seleção Brasileira; um deles continua sendo convocado, como foi recentemente, para participar da Copa das Confederações em junho deste ano de 2013 e, talvez, até mesmo, com grandes chances de fazer parte do selecionado de que irá participar da Copa do Mundo de 2014 no Brasil.

As entrevistas com esse grupo de atletas foram realizadas em contextos e situações bem distintos. O primeiro deles, o mais novo, dezoito anos – que foi entrevistado dia 28 de dezembro de 2012, num Shopping da cidade de Campina Grande-PB – saiu recentemente para o futebol da Turquia, principalmente com a ajuda de seu irmão, que também joga nesse

país. O entrevistado viajou conosco, em nosso automóvel, para a cidade da Borborema, a fim de visitar o PACF, do qual fizera parte, e rever os amigos, e nós, por conta das observações nesse campo de investigação. Na oportunidade, fizemos as duas coisas: os trabalhos de campo e a entrevista com o atleta *recentemente empoderado*.

O segundo - trinta e quatro anos - depois de termos mantido contato por mais de uma semana com a família (principalmente com sua mãe), foi entrevistado no dia 31 de dezembro de 2012, em sua casa (na praia), em plena festa de família e amigos, também em Cabedelo-PB. Apesar dos ruídos dos convidados, das músicas que tocavam em volume relativamente elevado e do vento forte da brisa do mar, que interferiam na captação da gravação do celular e, conseqüentemente, no bom andamento dos trabalhos, notadamente comprometendo o áudio da gravação, conseguimos realizar as entrevistas. Fomos bem recebidos pelo atleta, que compreendeu a importância de nossa presença, e reservou-nos um lugar no terraço de casa, afastando-nos um pouco mais dos convidados e dos familiares, para efetuarmos os trabalhos com mais calma.

Vale lembrar que, uma semana antes desse momento, já havíamos tentando efetuar contato com esse segundo sujeito investigado. Ao saber que ele estaria na cidade de Araçagi-PB, na casa da sogra com a família, fomos comunicados por um de nossos irmãos, que também reside nesse município, de que o referido atleta lá se encontrava. De posse dessa informação, adquirida numa tarde de domingo, viajamos bem cedo, no dia seguinte, para aquela cidade, na tentativa de fazer nosso primeiro contato e, por conseguinte, a primeira entrevista com o grupo de atletas empoderados. Mas, ao chegar lá, por volta das nove horas da manhã, conseguimos ir até a residência da sogra do atleta e fomos informados de que ele já havia viajado para sua casa em Cabedelo - PB. Assim, voltamos para João Pessoa fazer um novo contato, na tentativa de entrevistá-lo. Isso aconteceu na data citada anteriormente, permitindo-nos o encontro e, conseqüentemente, a consolidação do objetivo pretendido: indagar nosso segundo *sujeito empoderado* da pesquisa.

O terceiro atleta foi entrevistado no dia seis de janeiro de 2013, num campo de várzea da periferia de Campina Grande. Descobrimos a casa do pai do jogador e fomos até lá dias antes, mas, depois de insistir, durante muito tempo, batendo palmas e tocando a campainha da residência, percebemos que parecia não haver ninguém para nos atender ou, de fato, havia pessoas naquele lugar, mas talvez não estivessem interessados em nos receber. Um dia depois, conseguimos, através do coordenador do PACF, o número do celular de seu progenitor e passamos a fazer contatos constantes, de certa forma, insistentes, até

conseguirmos agendar a entrevista no dia estabelecido, no período da manhã, naquele referido campo de várzea da periferia dessa cidade.

Com a colaboração do coordenador do PACF, chegamos até o campo de futebol de várzea, onde havíamos marcado com o pai do jogador o tão esperado contato. Depois de, aproximadamente, meia hora, chegou, em seu carro importado, com um grupo de amigos, quem tanto esperávamos para indagar. Fomos apresentados ao atleta e passamos um tempo conversando descontraidamente com ele, momento que aproveitamos para explicar o que pretendíamos dele. Logo em seguida, iniciamos os trabalhos, que ocorreram de forma tranquila e satisfatória, apesar do sol forte e dos ruídos em torno daquele espaço tomado por um bom número de pessoas (majoritariamente do sexo masculino) que, ouvindo música de um som ali instalado e ingerindo bebida alcoólica (alguns), assistiam ao jogo de ex-jogadores (veteranos) que praticavam seu lazer em plena temperatura relativamente elevada de uma manhã de domingo.

Esse terceiro entrevistado, além de ter cedido suas informações para a nossa pesquisa, compareceu, naquele dia, tanto para prestigiar o pai jogar futebol (que também fora jogador de times paraibanos no passado) quanto, logo depois, para jogar na partida principal, após a partida preliminar, como se diz na linguagem do mundo do futebol. Apesar da fama conquistada, o entrevistado parecia uma pessoa humilde, tranquila e muito bem entrosada com as pessoas e os colegas daquele local.

Depois de realizar mais uma entrevista (a terceira), retornamos a João Pessoa para, no dia seguinte, viajar, mais uma vez, de volta a Campina Grande-PB, visando realizar mais uma entrevista que julgávamos a mais difícil de ser feita, se comparada com as demais. Isso porque se tratava de tentar entrevistar o jogador de mais evidência do estado da Paraíba na atualidade, principalmente pelo fato de vir se destacando – pelas boas performances – no cenário do futebol mundial e de ser constantemente convocado para atuar na Seleção Brasileira.

No dia sete de janeiro de 2013, já tendo mantido contatos telefônicos anteriores, saímos bem cedo da capital, em direção à Rainha da Borborema, para a quarta e última entrevista, uma vez que os resultados das informações prestadas pelos informantes anteriores já se mostravam favoráveis aos propósitos da análise da pesquisa.

Naquela cidade, chegamos por volta das oito horas da manhã e seguimos direto para a *Escolinha de futebol H12*, idealizada pelo próprio atleta entrevistado. Lá, fomos atendidos por um de seus cunhados e mais dois responsáveis pelos trabalhos daquele espaço. Depois de sermos apresentados a esses sujeitos, o cunhado do jogador disse-nos que deveríamos voltar

apenas no período da tarde, por volta das quinze horas, uma vez que haveria um momento de fotos, autógrafos, entrevistas com as TVs locais e outras atividades com a presença do tão esperado atleta por todos os presentes, principalmente pelas crianças e por nós, que estávamos ansiosos para concretizar a última entrevista com um dos atletas pertencentes ao grupo dos *sujeitos empoderados*.

De posse dessas informações, ficamos na cidade até chegar a hora marcada e, então, voltar para a *Escolinha H12* e tentar cumprir nossa *espinhosa* missão: a de entrevistar o jogador paraibano mais famoso na atualidade. Não sairíamos de lá até que conseguíssemos cumprir com nosso objetivo. Nossa maior preocupação, naquele momento, seria saber se iríamos ou não conseguir a entrevista, considerando, sobretudo, aquele contexto festivo com a presença de muitas pessoas ávidas de chegar perto de seu ídolo e, ainda, o desafio de sermos ouvidos e compreendidos por ele sobre nosso propósito nesse local. Encontrávamos, naquele momento, numa situação de plena expectativa e ansiedade, devido à situação de grande movimentação e de assédio. Até pensamos que não conseguiríamos manter contato com esse sujeito da pesquisa, haja vista um considerável número de pessoas estarem, naquele momento, disputando sua atenção.

Depois da chegada do tão esperado atleta pelas mais de duzentas ou até trezentas pessoas que ali se encontravam, tivemos que esperar um pouco mais para falar com ele sobre nossas intenções naquele momento. Assim que conseguimos nos aproximar dele para tirar uma foto, explicamos, de forma bastante objetiva e pericial, o que queríamos dele e solicitamos que nos disponibilizasse um pouco de seu tempo para responder às nossas perguntas, haja vista ser muito difícil outra aproximação dessa magnitude.

Ficamos na *marcação cerrada* até que fomos atendidos pelo atleta. Na ocasião, solicitamos que fizéssemos a entrevista isoladamente, uma vez que, explicamos, tratava-se de um trabalho acadêmico-científico e aquele tipo de perguntas necessitaria de concentração e tranquilidade tanto para o pesquisador quanto para o entrevistado. Nossa mensagem foi prontamente entendida e acatada de forma que, após alguns minutos, reservarmos-nos no escritório da *Escolinha H12* e, enfim, realizamos a tão esperada entrevista.

Depois de muita espera, paciência e *jogo de cintura* para *driblar* as adversidades encontradas naquele dia, por se tratar de um momento em que esse sujeito teria de dar atenção a todos os presentes (e isso realmente aconteceu), e além de sua participação em outros eventos naquele mesmo dia, conseguimos, finalmente, alcançar nossos objetivos. A espera foi cansativa, mas, no final, teve um sabor de vitória, como aquelas que só vêm no último minuto do segundo tempo de uma partida de futebol. Tivemos, portanto, quatro

momentos e contextos bem distintos para entrevistar os atletas *empoderados*. Foi realmente um trabalho de fôlego, perseverança e persistência, de momentos que nos trouxeram aprendizado e maturidade para enfrentar as dificuldades e perceber que o trabalho do investigador é uma tarefa difícil e árdua, mas não impossível de ser realizada, sobretudo quando acreditamos nas possibilidades de realizar as tarefas e da importância que elas representam na ampliação e no enriquecimento da pesquisa de abordagem qualitativa.

Após esse intenso processo de busca aos jogadores *empoderados*, perseguindo e palmilhando cada pista que pudesse nos levar até esses sujeitos e indagá-los, voltamos, na mesma semana, ao campo de investigação do PACF para continuar com as entrevistas que havíamos interrompido (por uma justa, necessária e importante causa) com os atletas desse projeto. Aquela experiência anterior fortaleceu-nos e serviu, inclusive, para revermos o roteiro de entrevista e sua aplicação ao grupo em *processo de empoderamento*, ou seja, os atletas do PACF. Diante disso, refizemos o roteiro anterior, reelaboramos as questões, desconsideramos as entrevistas que já havíamos feito antes e as reaplicamos a partir das modificações atuais. Vale lembrar que tudo isso foi explicado para aqueles seis primeiros entrevistados, que compreenderam a necessidade das modificações, uma vez que objetivou extrair mais e melhores informações relativas ao processo de empoderamento vivenciado pelos participantes do PACF.

Durante o mês de janeiro, continuamos com os agendamentos de entrevistas com esse grupo de atletas até que o número de participantes, prestando suas informações, fosse suficiente para, em seguida, constituir a amostra necessária ao atendimento das questões e dos objetivos da pesquisa. A realização das entrevistas, no geral, da maneira como estabelecemos nossos contatos com os entrevistados e eles conosco, podemos afirmar, ocorreu de forma tranquila e sem imprevistos mais significativos que pudessem comprometer os trabalhos, ajudando-nos para o bom desempenho dos depoimentos.

Quando sentíamos que poderia ocorrer algum problema, procurávamos sempre cuidar para que tudo desse certo ou pudesse fluir dentro das melhores condições possíveis, explicando e detalhando, novamente, ou sempre que necessário, a importância do trabalho e da participação dos sujeitos naquele processo de perguntas e respostas, solicitando que ficassem bem à vontade e falassem realmente tudo o que poderiam expressar diante de cada questão colocada. Essa postura respeitosa com os sujeitos da pesquisa permitiu, a nosso ver, que fôssemos bem recebidos pelos entrevistados, favorecendo um interessante grau de respeito e disponibilidade para a concessão dos depoimentos. Verificamos, ainda, que a postura adotada pelos depoentes, durante a coleta das informações, foi de tranquilidade,

atenção e apreço sobre nosso trabalho. Tudo isso nos deu muita confiança para procedermos aos trabalhos de entrevistas e de observações.

Nossa postura diante das perguntas e, principalmente, das respostas dos entrevistados foi de tranquilidade, serenidade e capacidade de ouvir, de forma a não interferir ou atrapalhar as (nas) respostas, aceitando-as ou reprovando-as. Assim, tivemos o cuidado de não induzir as respostas que gravávamos da fala de cada sujeito, através de gestos e atitudes, por exemplo, de balançar a cabeça com ar de aprovação ou desaprovação sobre o que diziam.

Estávamos certos de realizar uma pesquisa científica, e não, prestes a produzir uma matéria de teor midiático que, muitas das vezes, funciona com o propósito de induzir o entrevistado aos interesses do repórter e da TV da qual faz parte. A análise do material foi dividida em três estações principais. Para operacionalizar a interpretação dos dados, elaboramos o seguinte esquema de ações:

Primeiro momento: ordenação dos dados, iniciando pela transcrição das gravações realizadas através do celular *Samsung S6102B Galaxy*; leituras do material, depois de transcrito, e organização dos relatos, das fotografias e dos dados da observação; transcrição de todas as entrevistas gravadas em celular, momento em que acessamos, pela primeira vez, as falas dos sujeitos em questão e passamos a identificar alguns aspectos mais genéricos sobre o empoderamento ali contidos; seleção de uma série de fotografias feitas durante nossas visitas ao *lócus* da pesquisa; anotações no diário de campo para facilitar o processo de análise; disposição de um plano geral de todo o material; seções de leitura e elaboração de um desenho aproximativo da classificação dos dados.

Segundo momento: leituras exaustivas e repetidas das informações obtidas durante as entrevistas; classificação dessas informações, conseguidas a partir de nossas questões, da fundamentação teórica e dos pressupostos da investigação; e identificação das estruturas de relevância e das categorias empíricas. Esse momento da análise não foi desenvolvido da mesma maneira para os três *corpus* obtidos no trabalho de campo - as entrevistas, as fotografias e as observações através dos apontamentos no diário de campo.

De fato, o *corpus* central da análise foi composto a partir das entrevistas. As fotografias, as observações e os registros por escrito foram complementares e coadjuvantes no processo, no sentido de subsidiar, de alguma forma, as descrições e a análise, com base nos depoimentos dos sujeitos investigados. Assim, trabalhamos fundamentalmente com os conteúdos das entrevistas detalhados a seguir.

Inicialmente, partindo da leitura das entrevistas, identificamos, no conjunto das falas, alguns tópicos que foram agrupados de acordo com a semelhança de significados ou aspectos

que se destacavam, os quais foram recortados e colados em um Mural – X. Em seguida, com base no referencial teórico, nos pressupostos e nos objetivos da investigação, *enxugamos* essa primeira classificação, buscando encontrar as estruturas de relevância, que foram recortadas e coladas em um segundo Mural – Y.

Essas estruturas refletiam o conjunto de relações existentes nas falas dos sujeitos e continham questões relacionadas ao que era destaque para eles próprios: aspectos sobre empoderamento e inclusão social através do futebol, tanto para o grupo de *sujeitos empoderados* quanto para o de *sujeitos em processo de empoderamento*.

Prosseguimos com as leituras verticais desse segundo painel, com o objetivo de apurar a classificação e identificar as categorias empíricas, ou seja, as expressões classificatórias, em torno das quais giram ideias a partir da percepção dos próprios sujeitos. No conjunto das falas dos entrevistados *em processo de empoderamento* e *empoderados*, identificamos as seguintes categorias empíricas:

Grupo 1: *Sujeitos em processo de empoderamento*:

- a) Influência do agente formador;
- b) Futebol, estudo e trabalho;
- c) O PACF como espaço de transformação;
- d) Compreensão da realidade.

Grupo 2: *Sujeitos empoderados*:

- a) Formação e agente formador;
- b) O contrato;
- c) Aprendizagens e relacionamentos;
- d) O futuro.

Percebemos que, para os dois grupos, convergem as noções de empoderamento e de inclusão social, a partir de grupo de sujeitos comuns e desconhecidos e sujeitos que um dia já viveram também no *anonimato*, sem antes poderem expressar suas percepções e entendimentos sobre a história da qual são, ao mesmo tempo, atores e autores dela e, por

esses motivos, seus relatos devem ser levados em conta, registrados e documentados, como buscamos fazer aqui neste trabalho, tomando como referência a *história vista de baixo*. Organizamos um terceiro painel com essas categorias para que, mais uma vez, pudéssemos retornar às entrevistas e recortar delas os fragmentos ou unidades de registro que tivessem relações com essas categorias empíricas. Desse ponto em diante, pudemos, enfim, proceder à leitura transversal e elaborar a interpretação das narrativas dos nossos entrevistados.

Terceiro momento: efetuamos a construção do texto de análise final, através da articulação entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às suas questões com base em seus objetivos. Nessa fase da investigação, preocupamo-nos em organizar a interpretação das informações coletadas nas entrevistas, fotografias e observações de forma que pudéssemos identificar como o futebol, através do PACF, contribui para o empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à inclusão social.

No próximo capítulo deste estudo, trazemos as discussões sobre a noção da *história vista de baixo*, articulada aos conceitos de empoderamento e de inclusão social. Essa articulação, no nosso entendimento, é sobremaneira importante, tendo em vista estarmos tentando compreender e resgatar a história de sujeitos comuns, majoritariamente afro-brasileiros, que, em função dos ditames da história oficial, ficaram impedidos de contar o que sabem sobre seu processo de superação (ou não) da pobreza e exclusão social e que, ainda hoje, são vítimas desses fenômenos.

3 HISTÓRIA VISTA DE BAIXO, EMPODERAMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

Neste capítulo, objetivamos revisitar as noções de *história vista de baixo*, a história do afro-brasileiro e os conceitos de empoderamento e inclusão social e tencionar uma articulação dessa primeira noção aos conceitos explicitados. Isso porque, a nosso ver, os afro-brasileiros, pobres e excluídos, são um contingente de sujeitos comuns da sociedade que buscam, por meio do futebol, formas de superar as adversidades sociais, econômicas e raciais, portanto, devem falar sobre seu processo no futebol, sem que seja preciso que outros - os representantes da *história oficial* (do futebol) - o façam por eles.

Nossa investigação sobre o empoderamento de afro-brasileiros no futebol, como um espaço importante de inclusão social, diz respeito à *história vista de baixo*, proposta por Thompson (2010) e assimilada por Sharpe (1992). Não podemos pensar diferente dessa compreensão, uma vez que estamos buscando, fundamentalmente, as versões de sujeitos comuns – pobres, excluídos e discriminados – autores e atores da própria história, olvidados pelos cânones da *história oficial*, que os impedem de falar por si, e de narrar suas percepções sobre o contexto de seu tempo e lugar.

Sistematizamos esta parte do estudo em momentos distintos. Iniciamos com uma discussão em torno da compreensão sobre a *história vista de baixo*, passando pela história do afro-brasileiro e finalizando com as reflexões sobre a ideia de empoderamento e inclusão social.

3.1 REVISITANDO A HISTÓRIA VISTA DE BAIXO

Além da noção de *história vista de baixo*, outros termos são empregados para designar a compreensão a partir das pessoas simples e desconhecidas da sociedade com a mesma finalidade: *história dos movimentos populares*, *história das pessoas comuns*, *história da gente comum*, *história das massas* e *história de baixo para cima* (HOBBSAWM, 1998).

No decorrer deste texto, essas variáveis reaparecem como palavras sinônimas para designar a noção de história que fundamenta parte da discussão teórica de nossa investigação, uma vez que, embora sejam formuladas por diferentes autores, podemos considerá-las como unívocas entre si. É fato afirmar que a *história das pessoas comuns* tornou-se viável para ser estudada a partir dos registros produzidos no ano de 1789 em diante. Isso foi possível porque,

nesse período, já se dispunha de referências capazes de garantir uma série de fontes de informações sobre os sujeitos das camadas inferiores da sociedade da época.

Sugere-se que Michelet²² tenha sido o pioneiro da *história dos movimentos populares*. A prova disso é de que a grande Revolução Francesa encontra-se no coração de seus registros escritos, constituindo-se o campo representativo desse tipo de história, principalmente como a revitalização do Jacobinismo²³ pelo Socialismo e do Iluminismo²⁴ pelo Marxismo (HOBSBAWM, 1998). Por outro lado, Georges Lefebvre, autor do livro *O Grande Medo*, foi o historiador isolado que antecipou a maior parte dos temas do trabalho contemporâneo. Trata-se de estudioso bastante citado nos trabalhos sobre a *história da gente comum*.

O aflorar da *história de baixo para cima* ocorre em outros países apenas após a Segunda Guerra Mundial. Dá-se por volta dos anos 1950, notadamente quando o Marxismo passou a contribuir plenamente nessa perspectiva, por meio do movimento operário (HOBSBAWM, 1998). Isso porque esses movimentos repercutiram de maneira positiva e propositiva no que diz respeito aos sujeitos. Assim, independentemente das suas condições e posições sociais e econômicas, as pessoas passam a tomar consciência de o quanto poderiam e deveriam participar como agentes concretos da história.

O alcance cronológico da *história vista de baixo* levou a uma busca de outros modelos, além daqueles proporcionados pelo Marxismo tradicional ou pelo velho estilo da história do trabalho. Exclusivamente, a busca de um modelo alternativo, até agora, alcançou muito pouco espaço e força no cenário mundial.

Sem dúvida, muitos dos vários trabalhos produzidos por pesquisadores e escritores, que operam dentro da tradição dos *Annales*²⁵, não apenas aprofundaram nosso conhecimento do passado, como também proporcionaram incríveis reflexões metodológicas, demonstrando o uso inovador que pode ser feito das formas familiares de documentação (cartas, testamentos, registros inquisitoriais, panfletos entre outros arquivos ou registros do gênero) e o modo como novas questões sobre o passado (e o presente) podem ser formuladas (SHARPE, 1992).

Semelhante ao que nos afirma o autor anterior, Lima e Leite (2012, p. 1) entendem que, “a partir do início da década de 1960, o interesse pela temática da cultura popular volta a

²² Filósofo francês do Século XVII-XVIII.

²³ SCHILLING, Voltaire. **MUNDO.** Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/jacobinos5.htm>. Acesso em: 28 abr. 2013.

²⁴ “Esse movimento surgiu na França do Século XVII e defendia o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que dominava a Europa desde a Idade Média”. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historia/iluminismo/>. Acesso em: 28 abr. 2013.

²⁵ Movimento historiográfico surgido na França durante a primeira metade do Século XX. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annales/>. Acesso em: 09 ago. 2013.

se tornar centro de atenção por parte de alguns historiadores dispersos em diferentes instituições acadêmicas”. Um dos exemplos marcantes de como se trabalhar com a história da gente comum é aquela que utiliza como fonte de pesquisa as cartas do soldado William Wheeler escritas para sua esposa sobre a batalha próximo à aldeia de Watterloo. Elas serviram como fonte para entendermos que esse soldado, assim como o Duque de Wlington, também participou desse processo e ajudou a determinar o destino de um continente (SHARPE, 1992).

Thompson, em 1966, publicou um artigo sobre a *história vista de baixo*, o qual passou a fazer parte da linguagem comum dos historiadores não apenas na Inglaterra, mas também em países da Europa e de outros continentes. De acordo com Lara (2001, p. 177), a história vista de baixo “[...] é um balanço engajado da historiografia britânica sobre a história operária. Publicado num suplemento literário em 1966, o texto está longe do senso comum que costuma [...]” simplificar o entendimento da expressão como a inclusão de *novos sujeitos* na análise histórica.

Para a *história vista de baixo*, o que importa e lhe interessa é buscar a voz dos excluídos da história, procurando ou tentando, sobretudo,

[...] resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não (THOMPSON, 2010, p. 13).

Ora, quando Thompson (2010) diz que está tentando resgatar essas pessoas excluídas da história que viveram suas épocas e contextos, está endossando a ideia de que são elas mesmas as mais habilitadas para falar sobre o que viveram. Assim, não serão nem mesmo os líderes trabalhistas ou os militantes dos movimentos populares os mais aptos a contarem suas versões sobre os fatos, mas os sujeitos mais simples e desconhecidos que, mergulhados no seu mais humilde cotidiano, trazem consigo as memórias indeléveis dos fatos históricos de seu contexto histórico-social.

Após os anos 1950, vários estudos sobre a história das pessoas comuns foram surgindo. Um dos tantos e interessantes ensaios nessa perspectiva diz respeito, por exemplo, ao livro *O Queijo e os Vermes*, de Carlo Ginsburg (2006). Publicado em 1976, tem como

objetivo explorar o mundo intelectual e imaterial de um moleiro nascido em 1532, na Itália. O livro, em si, é uma realização notável. Particularmente, seu prefácio apresenta uma profícua discussão dos problemas conceituais e metodológicos da reconstrução da cultura das *classes subalternas*²⁶ no mundo antecedente ao industrial. Esse autor percebe que o fato de uma fonte não ser objetiva não quer dizer que ela seja inútil, uma vez que a subjetividade do documento não se constitui como um empecilho a ser explorado. Assim, diferentemente do que possamos pensar, ele pode contribuir significativamente para interpretarmos os fatos do passado.

Porém, as fontes não falam por si como pensam alguns historiadores. Elas são criteriosa e metodologicamente examinadas a partir do olhar do pesquisador, que leva em conta seus conhecimentos, experiências e vivências no mundo. Tudo isso pode muito bem interagir com a *erudição para ampliar nossa visão do passado*. Ao ampliar essa nossa visão, fortalecemo-nos em nossas convicções sobre um passado a que, de alguma maneira, estamos ligados historicamente. Mas, como sugere Sharpe (1992, p. 59), “[...] a importância da história vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que aqueles podem ser imaginativos e inovadores”. Ela se constitui também um elemento para “[...] reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história” (SHARPE, 1992, p. 59).

A história dos movimentos populares revela-se não apenas como uma forma de percebermos a história numa outra perspectiva, diferentemente daquela corrente tradicional, mas também como uma abordagem de *aura subversiva* e necessariamente criada para corrigir uma distorção arquitetada e produzida ideologicamente pela história oficial: a de não ter considerado em seus escritos o que os sujeitos têm a dizer sobre eles mesmos, suas vidas no passado e o que sabem sobre o contexto onde estiveram/estão inseridos.

A partir daí, a postura a ser tomada pelo historiador social deverá ser totalmente oposta em relação àqueles que seguem a corrente tradicional, uma vez que essa última não considera o sujeito como ator e autor de seu tempo e lugar. Dessa maneira, a *gente comum* deve comporta-se e agir no sentido de entender que seu juízo de valor sobre o fenômeno investigado é pertinente e, portanto, considerá-lo é uma questão imprescindível, sobretudo

²⁶ Termo empregado “[...] para designar a submissão de uma pessoa a outras, mais especificamente no contexto da hierarquia militar. É, no entanto, nos Cadernos do Cárcere que Gramsci amplia largamente o significado desse conceito, demarcando seus nexos dialéticos com o Estado, a sociedade civil, a hegemonia, a ideologia, a cultura e a filosofia da práxis” (SIMONATO, 2009).

certificando-se de que a neutralidade valorativa sobre as coisas não existe, é improcedente e se constitui engodo e falação eficaz apenas para quem a inventou.

Vale salientar também que as pesquisas de *movimentos populares* não ocorrem num curto espaço de tempo. Ao contrário, trata-se de um processo demorado que precisa de tempo suficiente para o alcance de uma elaboração consistente e dedicada, porquanto seus resultados não ocorrem de forma rápida. Ao contrário, o intervalo entre a pesquisa e o resultado é longo e, nem por isso, a investigação deve ser considerada inválida ou vulgar.

A partir daqui, uma questão precisa ser esclarecida, ou seja, a *história vista de baixo* é uma abordagem e um tipo de história. Assim, como abordagem, ela passa a preencher duas funções importantes: uma delas é de servir como um *corretivo* para a história da elite; a outra é que, oferecendo essa abordagem alternativa, a *história das pessoas comuns* possibilitaria a construção de uma síntese mais rica e palpável da compreensão histórica. Com isso, permitiria uma fusão da experiência no cotidiano delas com a temática dos tipos mais tradicionais de história. Ou melhor, qualquer tipo de história se beneficiaria de uma abertura no pensamento da história que a está escrevendo (HOBSEBAWM, 1998).

E em relação ao contexto social maior, o que podemos dizer da *história da gente comum*? Poderia parecer, então, que essa proposição teria maior eficácia situada dentro de um contexto? De fato, como nossos sentimentos nos recordam a expressão *história vista de baixo*, implica que existe algo acima a ser relacionado. Seria, portanto, uma forma de perceber questões maiores – do contexto macrossocial – aparecendo nos meandros das relações microssociais, ou seja, aquelas estabelecidas entre os sujeitos em seu mais simples cotidiano.

Outra questão introduzida pelo tipo de *história vista de baixo* seria a de saber qual seria sua serventia. Ela seria útil para o historiador profissional ampliar seu julgamento, com vistas a permitir um acesso mais amplo à história de um padrão profissional, diferentemente daquele aceito “[...] pelos nobres acadêmicos profissionais e seus alunos” (SHARPE, 1992, p. 55).

Ora, se a história passa a ser contada pelos próprios sujeitos comuns sem, necessariamente, precisar de alguém de *cima para baixo* para contar os fatos por eles, certamente, as versões dos eventos históricos terão outra conotação, indubitavelmente diferenciada e, portanto, desprendida de definições e conteúdos duvidosos, típicos daqueles que passaram a vida registrando a história pelas lentes tendenciosas dos grandes heróis das classes dirigentes.

Assim, vale reforçar que “[...] um aspecto importante da história dos movimentos populares é aquilo que as pessoas comuns se lembram dos grandes acontecimentos, em contraste com aquilo que seus superiores conseguem definir como tendo acontecido” (HOBSBAWM, 1998, p. 222). Essa, a nosso ver, é uma questão fundamental para pensarmos e adotarmos a história vista de baixo como elemento teórico-metodológico para (na) pesquisa social.

De fato, a *história das pessoas comuns* procura compreender e explicar tanto as opiniões quanto as ações dos sujeitos desconhecidos. Nos casos em que as pessoas são iletradas, recorreremos às ações para inferirmos sobre seus pensamentos. Ou seja, na opção da primeira variável pela segunda, ou na escolha simultânea pelas duas possibilidades para se colherem as informações necessárias da investigação, podemos, através da história social, inferir sobre o que pensaram/pensam os sujeitos do passado e do presente em relação a determinado fenômeno vivido por eles mesmos.

E por tratarmos dessas duas questões, qual seria então, na perspectiva da *história vista de baixo*, seus significados? Expliquemos essa questão através de um exemplo. Enquanto enviar uma resolução (uma carta ou correspondência) para uma cidade seria uma ação política, e seu conteúdo (os escritos dessa carta) diz respeito à opinião registrada na correspondência.

As diferenças entre as opiniões dessa resolução são significativas e, em certas situações em que as *exigências* são mais comuns, entender o contexto pesquisado pela ação seria mais significativo. Ou seja, há situações em que as ações são mais frequentes, e buscar as explicações por elas nos dá conta daquilo que queremos compreender em relação ao fenômeno investigado. As fontes mais atraentes “[...] são aquelas que simplesmente registram ações que *devem implicar* certas opiniões. Quase sempre resultam de alguma maneira – qualquer maneira – de formular uma pergunta já na cabeça [...]” (HOBSBAWM, 1998, p. 223) do pesquisador da história dos *movimentos populares*. Ora, ações que não contribuem para chegarmos a um conjunto de opiniões relacionadas ao que estamos tentando descobrir precisam ser descartadas.

Assim, com maior ou menor criatividade, *aquilo que o poeta chamava de anais simples dos pobres*, ou seja, os meros registros de nascimento, casamento e morte, ou a eles associados, é capaz de render significativas e admiráveis quantidades de informações que precisam ser levadas em conta na pesquisa (HOBSBAWM, 1998). Por esse motivo, o que há de mais despercebido ou aparentemente imperceptível nos documentos analisados é que podemos, com a *história da gente comum*, ser capazes de enxergar justamente aquilo que há

de mais importante para captar coisas supostamente descartáveis às nossas pretensões de estudo. Porém, além desses ingredientes, tanto para dar sentido àquilo que os desprovidos de uma *história vista de baixo* pensavam quanto para verificar ou desmentir nossas hipóteses, precisamos de um quadro coerente ou modelo que nos subsidie satisfatoriamente nossas investigações.

Assim, o que precisamos fazer mesmo é “[...] reunir uma variedade de informações em geral fragmentarias: e para fazer isso, precisamos, se me perdoem a expressão, construir nós mesmos o quebra-cabeças [...]” (HOBSBAWM, 1998, p. 224), estabelecendo como essas mesmas informações subsidiais poderiam se adequar aos interesses da investigação da *história vista de baixo* por nós empreendida. O propósito de todo esse esforço reside no fato de tentarmos encontrar as respostas de nossas próprias inquietações e fluir com a relevância palpável e coerente requerida pela investigação sobre *as pessoas comuns*. Nesse caso, o pesquisador deve estar aberto às importantes e diferentes possibilidades e pode perceber o que as fontes podem oferecer de relevante para a realização consistente e racional sobre o que, realmente, metodológica, técnica, política e ideologicamente, pretendemos com essa abordagem ou tipo de história, haja vista o historiador dos *movimentos populares* não poder “[...] ser um positivista antiquado. Deve, de certo modo, saber o que está procurando e, apenas se souber, poderá reconhecer se o que descobriu se encaixa ou não em sua hipótese; e se não se encaixa, tentar conceber outro modelo” (HOBSBAWM, 1998, p. 225).

Por esse motivo, devemos dar conta da construção dos modelos que precisamos para orientar nossos estudos. Entretanto, mais importante ainda do que tudo isso, ou melhor, do que meramente experimentá-los seria mesmo dar conta dos caminhos que possam elucidá-los. Nesse caso, devemos levar em conta nosso conhecimento e experiência sobre o que estamos tratando; ter familiaridade com o objeto real, visando eliminar hipóteses inúteis ou não viáveis; contar com nosso poder intuitivo e imaginativo, associando-os às informações de que dispomos, objetivando, sobretudo, evitar o perigo de anacronismos, o que é muito comum no trabalho do historiador/pesquisador; e, ainda, não abrir mão de nossa capacidade criativa, pois ela nos ajuda a desatar ou desfazer os nós que sempre são comuns nos percursos daqueles que ousam trilhar pelos caminhos instigantes, mas, ao mesmo tempo, ardilosos e minuciosos da *história dos movimentos populares*.

Certamente “[...] precisamos construir ou reconstruir, teoricamente falando, é um sistema de comportamento ou pensamento coerente, de preferência consistente [...]” (HOBSBAWM, 1998, p. 226). O mesmo autor acrescenta que se trata de pôr em prática um verdadeiro “[...] sistema que possa ser, em certos sentidos, inferido uma vez que conheçamos

as premissas, parâmetros e tarefas básicos da situação, mas antes que saibamos muito sobre essa situação” (HOBSBAWM, 1998, p. 226).

A *história vista de baixo* é desconhecida e, pelo fato de nos identificarmos com o desconhecido de sujeitos do passado, isso se constitui um motivo para nos interessarmos apenas em descobrir o desconhecido. Mas a verdade é que precisamos também conhecer o conhecido que pensamos conhecê-lo. Caso contrário, não conseguiremos ir além da superficialidade das coisas. Muita coisa está a nossa frente, mas não a enxergamos e, por isso, muitas vezes, somos incapazes de explicá-la. Entretanto, essa incapacidade de elucidar ou discorrermos sobre os fenômenos está atrelada, notadamente, ao fato de não dispormos de elementos teórico-conceituais que possam nos subsidiar no *desvendamento* daquilo que estamos pesquisando.

Por conta disso, vale salientar, curiosidade, sensibilidade e prazeres antiquados não bastam. Por isso, nosso desejo é de saber muito mais do que simplesmente ficar no plano dos sintomas. Ou seja, interessa-nos, com a *história das massas*, saber o *porquê* e o *quê* das pessoas desconhecidas do passado e do presente. Assim, tanto no passado quanto no presente, como, mais uma vez, alerta Hobsbawm (1998, p. 230),

[...] uma de nossas tarefas é descobrir as vidas e pensamentos das pessoas comuns e resgatá-las daquilo que Edward Thompson chama de 'enorme condescendência da posteridade', assim, no presente, nosso problema é também o de desnudar as suposições igualmente presunçosas daqueles que pensam saber o que são os fatos e as soluções, e que procuram impô-las as pessoas.

As pessoas comuns são o fenômeno de estudo dos historiadores dos *movimentos populares*. Por serem a maioria de qualquer sociedade, recai sobre os ombros dos historiadores a importante e desafiadora missão política e ideológica de fazer com que os resultados de suas descobertas possam prosperar na direção e construção de uma sociedade efetivamente voltada para garantir o desenvolvimento e a ampliação de uma história em que todos se sintam sujeitos (históricos) realmente engajados na sua constituição.

Nessa direção, Sharpe (1992, p. 62) afirma que a história vista de baixo “[...] ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar.” Por esse motivo, reside aí a necessidade e a importância de escrevermos nossa história. Essa abordagem, com o avançar dos anos, “[...] vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política

da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos [...]” (SHARPE, p. 62). Portanto, para que não caiamos nas tentações da história tradicional, desde os anos 1960, as teorias de Thompson (2010) vêm nos dando a oportunidade de trilhar pelos caminhos da *história vista de baixo*, em oposição àquela hegemônica da história oficial. Em se tratando dessa proposição apresentada por Thompson, principalmente no que diz respeito “[...] à questão da relação entre a História Social e a Historiografia brasileira, nota-se uma receptividade acadêmica, no que se refere aos temas e discussões da História Social, redimensionando a escrita acerca da História do Brasil” (SILVA, 2012, p. 10), notadamente no tocante à *historia das pessoas comuns*.

Uma das questões centrais dessa teoria pode ser percebida no redimensionamento da escrita da história dos negros e da escravidão no Brasil. Em nosso território, a historiografia passou a ser influenciada pela História Social, ampliando os estudos e as pesquisas sobre a escravidão, que é “[...] referência teórica constante entre os historiadores, principalmente a partir da década de 1980, no sudeste do país” (SILVA, 2012, p. 10). As análises de muitos desses trabalhos²⁷ apresentam forte influência do referencial teórico da *história das massas*.

Daí em diante, muitos outros estudos foram surgindo, tomando como referencial teórico essa abordagem histórica. Porém, não podemos dizer o mesmo de sua ligação em relação ao esporte, particularmente no que diz respeito à *história vista de baixo* de atletas afro-brasileiros comuns e desconhecidos que buscam no futebol, formas de empoderamento e, por via desse, alcançarem a inclusão social em oposição aos impiedosos e destrutivos processos de exclusão e pobreza a que a maioria se encontra submetida.

Então, por entendermos que já existe um considerável número de trabalhos historiográficos relacionados à história dos negros escravizados e que muitos outros estudos precisam ser desenvolvidos e ampliados sobre as questões das relações étnico-raciais em nosso país, envolvendo, sobretudo, estudos relacionados à difícil situação da maioria de afro-brasileiros em nossa sociedade, preocupamo-nos em realizar uma pesquisa na perspectiva da *história vista de baixo* e articulá-la às noções de empoderamento e inclusão social que nos levem a compreender as ações e opiniões desses sujeitos em relação ao fato de procurarem aquele esporte como forma de superar a pobreza e a exclusão social, em meio a uma sociedade contraditória, discriminatória, excludente e racista.

²⁷ Exemplos de trabalhos inspirados nas concepções teóricas de E. P. Thompson e de grande repercussão na historiografia brasileira sobre a escravidão e abolição podem ser conferidos em Silva (2012). Eles “[...] abordam experiências da vida dos cativos e mostram que a resistência à escravidão não se deu apenas na forma de rebeldia, nem a abolição foi um vento produzido pelas elites” (SILVA, 2012, p. 11).

Nesse contexto, pretendemos perceber a história desse esporte sob o crivo daqueles que o fazem acontecer, mas não são convidados a falar o que sabem, a partir de suas experiências, sobre o futebol. Nesse caso, quem teria mais autoridade de falar sobre afro-brasileiros no futebol senão eles mesmos, fazedores da história na qual estão inseridos? Trata-se, portanto, do sujeito pobre e excluído, que deve contar sua história de empoderamento e inclusão social através do esporte. Nesse caso, o que os sujeitos, sobretudo afro-brasileiros do PACF, têm a dizer em relação ao processo de discriminação, preconceito e racismo que sofrem na sociedade, mas, mesmo assim, não desistem desse esporte como forma de sair das difíceis condições nas quais se encontram?

O que afro-brasileiros desse projeto pensam sobre o futebol como espaço possível de empoderamento e inclusão social? Quais são suas atitudes quando se encontram nesse espaço? Como entendem sua presença no futebol? Tomando como referência a *história vista de baixo*, procuramos buscar nos sujeitos comuns (afro-brasileiros) as respostas para perguntas como essas que este estudo procurou responder²⁸.

Nesse sentido, rompendo com as interpretações falaciosas e excludentes da história oficial, são as experiências dos atletas afro-brasileiros que foram consideradas válidas para compreendermos o processo de superação das adversidades que buscaram no espaço do futebol. Esses sujeitos – direta ou indiretamente, conscientemente ou não, sozinhos ou em grupo – agem em favor de seus interesses psicológicos, individuais, coletivos, políticos, sociais, econômicos e culturais, perspectivando uma vida melhor, em busca de uma efetiva inclusão social criada e trilhada por eles mesmos. Foram esses aspectos que nos interessaram na proposição da pesquisa em tela.

3.2 REVISITANDO A HISTÓRIA DOS AFRO-BRASILEIROS

Antes de tratar, mais especificamente, da história de luta e de resistência dos negros africanos, retirados/sequestrados de seu continente para trabalharem na condição de escravos no Brasil, deixamos claro o conceito de afro-brasileiro, já que optamos por esse último termo, em nossa análise, em vez de empregar termos como negros e pardos. Para tanto, apoiamos-nos nas compreensões de Wanderley (2009) e Wanderley e Aquino (2009), por se tratar de autoras que apresentam uma profícua discussão sobre essa noção que adotamos aqui.

²⁸ Nos itens subsequentes deste estudo, discutimos sobre os sentidos e os significados dos termos empoderamento e inclusão e, por via deste último, o de exclusão social.

Para falar sobre afro-brasileiro, precisamos partir do entendimento de identidade e, por conseguinte, identidade negra. Wanderley e Aquino (2009, p. 181) compreendem a noção de identidade como aquela que “[...] se refere a um modo de ser no mundo e com os outros, estando ligada aos planos cultural, sociopolítico e histórico.” A identidade negra pode ser pensada, ainda, “[...] como uma construção social, histórica, cultural e plural que um grupo etnicorracial tem sobre si mesmos a partir da relação com o outro” (WANDERLEY; AQUINO, 2009, p. 181). É nessa diferença que nos descobrimos e nos identificamos como pertencentes a determinado grupo social.

Em parte, a identidade afro-brasileira foi construída com o tipo de tratamento que os negros receberam ao longo da história. Muitos desses sujeitos viveram no contexto de uma sociedade extremamente racista, onde prevalecia o modelo eurocêntrico. Esse modelo gera um processo conflituoso, que contribui para que alguns afro-brasileiros, construindo uma imagem negativa de si mesmos, não se reconheçam em sua identidade afro-brasileira (WANDERLEY; AQUINO, 2009). Na verdade, o modo preconceituoso de tratar o afro-brasileiro não determina sua identidade, porém abre inúmeras possibilidades de comprometimento e condicionamento de sua identidade.

Quanto ao termo afro-brasileiro, Wanderley e Aquino (2009, p. 181) o concebem como “[...] aquele que resulta da miscigenação na sociedade brasileira. Porém, não implica dizer que os afro-brasileiros também não sejam descendentes de africanos.”. Na verdade, esses são afrodescendentes. Entretanto, afrodescendente serve ou se adéqua a todos aqueles descendentes de africanos que nasceram em qualquer lugar do mundo. Já os afro-brasileiros são os descendentes de africanos que nasceram no Brasil. A diferenciação entre afro-brasileiros e afrodescendentes reside na *mistura* entre cultura e espaço levantada por essas autoras.

Assim, o fato de o afro-brasileiro ter nascido no Brasil e, portanto, ter absorvido e desenvolvido uma cultura genuinamente brasileira, poderá se diferenciar, por exemplo, em relação ao afrodescendente que nasceu nos Estados Unidos da América (EUA) e, certamente, adquiriu uma cultura particular daquele país. Portanto, todos os negros nascidos fora da África são afrodescendentes, porém se devem considerar as características culturais do lugar onde nasceram e se criaram. Na verdade, o mais substancial mesmo para os afrodescendentes e/ou afro-brasileiros “[...] é a afirmação de sua identidade enquanto negros e a igualdade de direitos em relação à sociedade que se identifica como branca” (WANDERLEY; AQUINO, 2009, p. 182). Por esse motivo é que adotamos a noção de afro-brasileiro. Usamos esse conceito por entender que os afro-brasileiros são afrodescendentes que foram capazes de

construir sua identidade africana no espaço brasileiro, como afirmam os autores aqui explicitados e com os quais concordamos. Não se trata de um africano nascido na África, mas um afrodescendente nascido no Brasil e, portanto, passa a se identificar como a sua imagem de ser africano nesse país em que nasceu. Trata-se daquilo “[...] que uma pessoa considera determinante, ou seja, a identidade que o sujeito assume, da qual se apropria e torna de si próprio” (WANDERLEY; AQUINO, 2009, p. 182).

Em resumo, o afro-brasileiro é o afrodescendente no Brasil, que exerce e vivencia a cultura, os hábitos e os costumes de seu povo, reinventada e vivida em sua contemporaneidade nesse país por todos os seus pares, que se identificam entre si como sujeitos ligados pelas raízes culturais da África, donde vieram seus antepassados, que, arrancados cruelmente de seus lugares de origem para ser escravos neste país, desenvolveram todo um repertório cultural, social, político e histórico diferente do manifestado na África.

Diante disso, sobretudo nos dias de hoje, os afro-brasileiros “[...] retomam a luta pelo espaço negado historicamente e constroem outros espaços, não mais o africano, movidos por uma história africana [...]” (WANDERLEY, 2009, p. 176), mas, dessa vez, um espaço em que possam propagar os valores, a cultura e a afirmação de sua identidade, mesmo diante do pequeno espaço de que dispõem para se apropriar efetivamente dela (WANDERLEY, 2009).

Todo negro nascido no Brasil dispõe de uma cultura do seu lugar, totalmente diferente da africana. Porém, resgatar a cultura africana é de suma importância para que conheçamos nossa africanidade, a partir da qual podemos nos reconhecer como afro-brasileiros.

“É claro que, por estarem, nascerem e viverem em outro espaço, que não o africano, os homens e as mulheres que assumem a identidade africana são redimensionados para além de estarem em espaço *alheio* [...]” (WANDERLEY, 2009, p. 176). A junção entre brasileiro e africano permite a constituição da identidade étnico-racial no Brasil, que pode ser afirmada e reconhecida pelos brasileiros. Por esse motivo, os afro-brasileiros “[...] constroem um terceiro espaço e passam a afirmar a identidade [...]” (WANDERLEY, 2009, p. 176) afro-brasileira.

Esse terceiro espaço criado ocorre porque “[...] não é mais o africano nem o brasileiro, pois o Brasil, enquanto totalidade, não reconhece nem assume o negro.” (WANDERLEY, 2009, p. 176). Assim, contribui para fortalecer a identidade afro-brasileira e passa a ser um dos primeiros momentos na constituição das relações sociais no Brasil, notadamente em condições de promover o respeito às diferenças étnico-raciais, como atesta essa autora.

Admitindo sua identidade, os afro-brasileiros contribuem para que as outras culturas existentes no Brasil os reconheçam como sujeitos históricos construtores desse mesmo espaço social. Dessa maneira, os mais diferentes espaços sociais, políticos, religiosos, educacionais e

culturais de que o negro deve e pode participar diz respeito a uma luta milenar por reconhecimento de uma igualdade de direitos, independentemente de haver ou não concessões do Estado (WANDERLEY, 2009).

A discussão aqui colocada sobre a noção de afro-brasileiros nos permite acrescentar que não podemos conceber esses sujeitos como iguais aos africanos. Essa postura seria, no mínimo, uma maneira reducionista de entendermos a história e refletir uma maneira limitada de definir a própria negritude e sua base de africanidades, muitas vezes definidas pelos mais variados pontos da diáspora (WANDERLEY, 2009). Os negros descendentes de africanos que nasceram em outros lugares do mundo precisam ser considerados de acordo com seus valores, hábitos e costumes. Entretanto, resgatar a história de africanidade dos negros ajuda-os a consolidar sua identidade afrodescendente conforme o espaço e o tempo em que atualmente se encontram.

Por esse motivo, os africanos e os afro-brasileiros “[...] não podem ser concebidos como pessoas que devem ser, necessariamente, de cor negra e detentores de uma africanidade absoluta” (WANDERLEY, 2009, p. 177-178). Nesse contexto, “a África deve ser considerada no processo de construção identitária do afrobrasileiro, mas, dificilmente, poderá recuperar sua cultura nativa, viver o que nem mais se vive lá [...]” (WANDERLEY, 2009, p. 177-178), sobretudo se considerarmos que a própria África vive atualmente todo um contexto social, econômico, político e cultural desenvolvido nos moldes das relações estabelecidas do mundo contemporâneo.

Hoje, vários autores tratam da questão histórica do afro-brasileiro no Brasil, entre eles, Munanga e Gomes (2006), Cunha JR (2006) e outros que não podemos nem devemos deixar de fora de discussão de tamanha magnitude. São estudiosos de vanguarda, que contribuem significativamente para ampliar e aprofundar o tema em tela²⁹. A partir daqui, revisitaremos a história do afro-brasileiro, visando mostrar que esse sujeito, mesmo tendo passado por um brutal processo de discriminação e preconceito racial, buscou, permanentemente, mecanismos de resistência contra a opressão vivenciada durante e depois da libertação da escravatura.

Para efeito deste estudo e atendendo ao contexto das reflexões atuais, utilizamos, como já referido, o termo afro-brasileiro, porém, respeitando as referências explicitadas dos trabalhos consultados neste estudo. Segundo Aragão (2009, p. 222), “o Brasil há 500 anos tem na origem da extrema desigualdade racial, o fato óbvio de que os africanos e seus

²⁹ Não podemos nos esquecer, por exemplo, de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, uma das relatoras das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana (2004).

descendentes foram incorporados na condição de escravos” de tal forma que o alcance de suas *liberdades* não foi suficiente para incluí-los socialmente.

“A lei do Ventre Livre (1871), a Lei do sexagenário (1885) e a abolição jurídica da escravatura (1888) possibilitaram que os primeiros mendigos (crianças, velhos, homens e mulheres negras) se transformassem em vítimas da violência e injustiça social” (ARAGÃO, 2009, p. 222). A partir de então, desenvolve-se e se acentua, em nosso país, um racismo sem precedentes, sobretudo disfarçado pelo *mito da democracia racial*³⁰ e, até hoje, gera preconceito baseado na cor da pele. Desse modo, o racismo inicia-se no Brasil atrelado à escravidão. Consolida-se após a abolição, “[...] nas teses de inferioridade biológica dos negros, e difunde-se no país como matriz para a interpretação do desenvolvimento nacional” (THEODORO, 2008, p. 24).

A forma como os negros foram trazidos para o Brasil – e o processo de escravidão como um todo – constituiu-se o marco inicial para as construções estereotipadas e estigmatizadas em relação ao negro escravizado. Os senhores de engenho e a elite cafeeira passam a ser os legítimos donos de seus escravos e, com isso, ganham direitos sobre eles, inclusive até mesmo de decidirem sobre suas vidas. Dessa maneira, o sistema escravista “[...] abarcava uma organização extremamente repressiva em que o castigo físico era a ação direta do relacionamento escravizador/escravizado” (PEREIRA, 2010, p. 90).

Os escravos, por exemplo, que se rebelavam contra o regime – contestando sua condição de escravo, ou tentando livrar-se desse pesado trabalho desumano, refugiando-se em lugares onde tentavam se proteger – eram recapturados e, conseqüentemente, castigados e, às vezes, mortos aos olhos dos outros escravos, como forma de assegurar quem, na época, detinha o poder, reforçando a lógica entre senhores opressores e negros oprimidos. Geralmente, os castigos físicos, como o açoitamento, por exemplo, estavam entre os métodos de intimidação que garantiam o trabalho, a obediência, a disciplina e a manutenção dos escravos em seus postos de trabalho³¹.

³⁰ “Segundo esse mito, no Brasil, as relações de raça seriam harmoniosas, e a miscigenação, contribuição brasileira para a civilização do planeta. Seguindo essa linha de pensamento, como não haveria preconceito de raça no Brasil, o atraso social do negro dever-se-ia exclusivamente à escravidão (e não ao racismo). Completa esse argumento o fato de as Constituições brasileiras elaboradas a partir da abolição da escravidão nunca terem diferenciado os cidadãos por raça ou cor, ao contrário do que acontecia nos EUA e na África do Sul. Como lutar contra o racismo se o racismo “não existia”? – esse era um dos principais problemas que se apresentavam aos militantes do movimento negro na década de 1970” (ALBERTI; PEREIRA, 2005).

³¹ Os castigos corporais, no período da escravidão, eram comuns, permitidos por lei e com o consentimento da Igreja. As Ordenações Filipinas sancionam a morte e mutilação dos negros como também o açoite (Disponível em: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=4>).

Há, entretanto, um equívoco em acreditar que os afro-brasileiros não tenham lutado resistentemente contra esse sistema opressor, tanto durante o processo de escravidão, quanto no pós-abolição. E é por esse motivo que, ao longo de muitos anos, no Brasil, acreditou-se que o africano escravizado tenha sofrido e aceitado de maneira passiva todos os maus-tratos sofridos de seus senhores (MUNANGA; GOMES, 2006).

No período da escravidão, por exemplo, por parte dos afro-brasileiros, houve muita resistência contra o regime, com destaque para as seguintes:

Insubmissão às regras do trabalho nas roças ou plantações onde trabalhavam – os movimentos espontâneos de ocupação das terras disponíveis, revoltas, fugas, abandono das fazendas pelos escravos, assassinatos de senhores e de suas famílias, abortos, quilombos, organizações religiosas, entre outras, foram algumas estratégias utilizadas pelos negros na sua luta contra a escravidão. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 69)

Na mesma direção apontada por Munanga; Gomes (2006), Cunha JR (2006, p. 87) afirma-nos que “[...] a história dos afrodescendentes pode ser dada com ênfase nas lutas pela liberdade e contra o sistema de produção do escravismo criminoso.”, constatando, ainda, que as lutas “[...] podem ser introduzidas pela saga dos quilombos, desde Palmares no passado à Kalungos³² na atualidade” (CUNHA JR., 2006, p. 87).

Com a aprovação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, consolida-se a abolição da escravatura, um momento extremamente importante para o futuro dos escravos libertos e seus descendentes. Mas a escravidão deixou sequelas demasiadamente degradantes que contribuem ainda hoje para a imobilidade social e política dos negros no Brasil, sobretudo por conta das construções negativas idealizadas sobre eles como seres inferiores.

Por conta do preconceito e do racismo exacerbados, os afro-brasileiros foram submetidos a todo tipo de estereótipos e estigmas que os inferiorizavam e, no pós-abolição, foram totalmente abandonados e esquecidos pelos governos que não promoveram políticas públicas (sociais) que pudessem garantir emprego, saúde, educação, moradia, entre outras necessidades básicas para a sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida e em condições mínimas para progredirem na vida dignamente.

Acreditava-se que o progresso do Brasil só seria possível por meio da aceitação dos imigrantes brancos vindos, principalmente, da Europa. “A substituição da mão-de-obra escrava pela dos imigrantes começou, assim, mais de 30 anos antes da abolição”

³² Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/2010/10/povo-kalunga-guardioes-da-liberdade/>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

(THEODORO, 2008, p. 24). Assim, mesmo com a abolição da escravidão e, posteriormente, com as denunciantes e permanentes mobilizações, o preconceito racial contra o negro parece ter se ampliado ainda mais no Brasil, nesse novo milênio³³.

Nunes (2006) mostra-nos que a almejada cidadania, após a abolição, não aconteceu. Até hoje, sua conquista vem sendo buscada constantemente, através de uma incansável luta dos movimentos negros desse país. Isso ocorre porque, numa sociedade em que a desigualdade racial está arraigada, as tentativas de apagar da memória a barbárie contra os escravos são permanentes, quer pela eliminação de documentos, quer pela disseminação do *mito da democracia racial*. Por conta disso, a população afro-brasileira, totalmente desassistida, foi ficando cada vez mais abandonada e jogada a toda sorte, numa situação de total vulnerabilidade exposta, indubitavelmente, a todo tipo de violência direta e indireta da sociedade (PEREIRA, 2010).

Como se não bastasse, as ciências preconceituosas do início do Século XX, construídas para os interesses da elite branca e culturalmente eurocêntrica, vão ratificar essa condição de marginalidade do afro-brasileiro em relação ao branco. “O racismo justificado pela ciência foi a forma de manter a desigualdade entre brancos e negros, nesse momento histórico” (NUNES, 2006, p. 89). Essa desigualdade repercute até hoje, razão por que é necessário discutir sobre as formas de expressão atual de racismo em nosso país.

Assim, o negro passa a ser vítima de classificações pseudocientíficas racistas que o colocam numa condição de inferioridade intelectual, psicológica e moral. Portanto, uma raça considerada não evoluída em relação ao branco supostamente bem mais evoluído e civilizado. Trata-se, nesse sentido, de uma percepção de ciência que veio reforçar ainda mais os estereótipos, os estigmas e os preconceitos em relação à cor da pele.

Embora *percebamos* sentimentos racistas que, cotidianamente, permeiam nossa sociedade, temos verificado que o afro-brasileiro não se calou nem cruzou os braços diante desse quadro de discriminação e preconceito. Ao contrário, continuou lutando em favor de seus direitos relativos à saúde, à habitação, ao trabalho e, sobretudo, à educação, à cidadania e à igualdade de condições sociais, econômicas e raciais, em relação à parte da população branca privilegiada. Ou seja, os descendentes dos escravos jamais se colocaram de forma submissa diante do processo de exclusão que viveram/vivem.

³³ Conferir entrevista realizada pela Revista Raça Brasil ao relator da ONU, Doudou Diène, encarregado de avaliar a discriminação no mundo, que afirma que o preconceito é cada vez maior em muitos países e que, no Brasil, ele está profundamente arraigado em toda a sociedade. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/93/artigo12649-4.asp>>. Acesso em: 9 ago. 2012.

Corroborando a afirmação anterior, Munanga e Gomes (2006) destacam quatro das importantes histórias de resistência e luta desencadeada pelos afro-brasileiros após a abolição nos dias de hoje:

- a revolta da chibata, liderada por um negro, que se opôs ao modo como eram tratados os marujos na marinha brasileira, no início do Século XX;
- a Frente Negra Brasileira, uma forma de organização da política que surge a partir da ação de militantes negros paulistas pós-abolição, com intenções de se tornar uma articulação nacional;
- o Teatro Experimental do Negro – TEN – cujo projeto pedagógico destacava a educação como forma de garantir a cidadania para o povo negro e que tinha a arte e o teatro como instrumentos de expressão cultural e política;
- o Movimento das Mulheres Negras que destaca a articulação entre raça e gênero dentro das relações étnico/raciais na sociedade brasileira de um modo geral e dentro dos movimentos sociais em específico (MUNANGA; GOMES, 2006 p. 108).

Além desses movimentos de resistência afro-brasileira, outros, criados mais recentemente, merecem destaque, como, por exemplo, o estabelecimento do dia 20 de novembro, que nos remete à memória de “[...] Zumbi dos Palmares e à criação e vida da imprensa negra, considerada, por sua vez, um importante instrumento de luta política e de expressão intelectual da comunidade negra” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 108).

Diante do quadro caótico, historicamente vivenciado pela população afro-brasileira, coube-lhe partir para o embate. O campo de discussões e a execução de estratégias ocorrem de forma mais incisiva, desde o momento da abolição da escravidão, culminando, sobretudo, na criação de leis, estatutos, secretarias especiais de combate ao racismo, entre outras ações que concorrem para a resolução desse histórico problema vivenciado pela população afro-brasileira. Isso ocorreu por meio de movimentos e mobilizações organizados por todas as regiões brasileiras, no sentido de reivindicar e conquistar espaços e direitos de cidadania, principalmente como garantia de uma vida melhor para a população negra excluída.

Uma das grandes bandeiras de luta dos movimentos afro-brasileiros foi a reivindicação por educação. Petrônio Domingues (2009) enuncia que o percurso da luta negra foi dividido em três grandes fases. A primeira ocorreu no espaço de tempo entre 1888 e 1937; a segunda, entre 1937 e 1978; e a terceira e última fase foi desencadeada de 1978 aos dias de hoje. Essa trajetória de luta, embora tenha apresentado uma gradativa e permanente expansão nos diferentes estados brasileiros, sofreu com as medidas repressivas dos poderes de suas épocas

que ora reprimiam, ora deturpavam os movimentos de seu real significado, dificultando um avanço mais rápido e efetivo da luta da população afro-brasileira.

Para esse autor, a primeira fase, compreendida entre 1888 e 1937, foi marcada por um processo de exclusão vivenciada pelos afro-brasileiros. Representou um momento em que nada lhes foi oferecido, nos campos político, econômico, social e psicológico. Encerrou-se com a inauguração da ditadura do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, apoiada pelas forças armadas. Essa última suprimiu direitos civis e muitas das liberdades individuais. Em 2 de dezembro do mesmo ano, um decreto aboliu todas as organizações dos movimentos sociais, declarando-as ilegais. “Como consequência, a Frente negra encerrou suas atividades, alguns meses antes das comemorações dos cinquenta anos de Abolição [...]” (DOMINGUES, 2009, p. 976), no ano seguinte.

A segunda fase, compreendida entre 1937 e 1978, teve como apogeu o estabelecimento do Estado Novo, que se caracterizou por sua violenta força repressiva, suprimindo os direitos democráticos e inviabilizando os movimentos de contestação do *status quo* daquele período. De uma forma ou de outra, mesmo com toda a força repressiva do Estado Novo, esses grupos, associações, sujeitos comuns e seus baluartes estiveram empenhados em promover cursos de alfabetização; garantir a elevação do nível econômico e intelectual das pessoas de cor, tornando-as capacitadas a ingressar na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades; promover debates na imprensa local e publicar jornais próprios; organizar conferências, congressos; promover cursos de beleza; inaugurar centros de pesquisas, museus e bibliotecas; oferecer serviços de assistência jurídica, médica e participação em campanhas eleitorais; reivindicar do Estado brasileiro a adoção do que posteriormente ficou conhecido como políticas de ações afirmativas e conscientizar o afro-brasileiro dos valores culturais do grupo e trabalhar para a sua divulgação, ressaltando a contribuição deles para a civilização brasileira, por meio de escolas, cooperativas, bibliotecas, cursos, atividades artísticas e desportivas (DOMINGUES, 2009).

Mil novecentos e setenta e oito marca o fim da segunda fase e o início da terceira. Esta última representou um grande salto, pois o movimento passou a reivindicar, sistematicamente, políticas públicas educacionais em benefício do segmento negro. Na verdade, as fases anteriores produziram nada mais do que críticas ocasionais e pouco articuladas ao caráter eurocêntrico dos materiais didáticos e da grade curricular; não elaborou políticas a favor da incorporação de conteúdos programáticos específicos, ou metodologias de ensino alicerçadas na pluralidade cultural. Entretanto, nem por isso, deixaram de dar sua parcela de contribuição

no que diz respeito ao efetivo processo de inclusão dos afro-brasileiros na sociedade como um todo.

Nessa última fase, o movimento negro empenhou-se em eliminar o *eurocentrismo* da educação com vistas a alcançar um projeto *afrocentrado* e *multiculturalista*, preconizando o direito à diferença, por meio da revisão da carga preconceituosa dos materiais didáticos, do desenvolvimento de práticas de ensino inclusivas e da adoção da História da África na grade curricular.

Dos anos de 1970 para cá, muita coisa já tem sido realizada para se reformularem, por exemplo, os livros didáticos cujos conteúdos não são apenas de qualidade duvidosa, mas também, carregadas de informações preconceituosas e estereotipadas sobre o contexto do afro-brasileiro, sobretudo quando se refere aos tempos da escravidão³⁴. O livro *Superando o Racismo na Escola* (MUNANGA, 2005) é um dos mais importantes trabalhos ao combate a esses tipos de formulações negativas acerca desse segmento da sociedade brasileira.

Para Theodoro (2008, p.11), “as décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por um contexto onde o debate era mobilizado pela questão da existência ou não da discriminação racial no país.” Uma das questões marcantes, em fins do Século XX, meados dos anos 1990, foi a transformação desse debate inaugurado nos anos anteriores. Na ocasião, a injustificável desigualdade racial foi reconhecida ao longo desse século e conseguiu derrubar a teoria do *mito da democracia racial*. Em função disso, “[...] a discussão passa progressivamente a se concentrar nas iniciativas necessárias, em termos da ação pública, para o seu enfrentamento” (THEODORO, 2008, p. 11).

Foi nessa terceira fase que o movimento negro formulou projetos políticos pedagógicos centrados nos postulados epistemológicos de uma educação multicultural e *pluriétnica* (DOMINGUES, 2009), visando a uma real superação da flagrante situação de abandono vivenciada pela população afro-brasileira graças à sua luta por direitos iguais e raciais. Embora toda essa luta histórica do movimento afro-brasileiro tenha representado um importante avanço ao alcance de sua conquista por educação, podemos afirmar que o maior impacto referente ao negro e à educação (DOMINGUES, 2009), no início desse terceiro milênio, foi quando o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei nº

³⁴ Como escravo, o negro foi representado nos livros didáticos numa posição passiva e submissa em relação ao contexto hostil, como se não tivessem realizado suas próprias manifestações em prol do fim da escravidão. Ou seja, a libertação dos escravos, ao mesmo tempo em que omite o negro como agente histórico de seu tempo, coloca os abolicionistas brancos como os únicos e principais responsáveis pelo fim desse regime. Dessa maneira, esses recursos didáticos contribuem muito mais para reforçar a noção de que os brancos não são apenas os malfeitores da história, mas também, por outro lado, os heróis e, nesse caso, os mais aptos a encontrarem os caminhos para a libertação dos negros escravizados.

10. 639, em 9 de janeiro de 2003, e instituiu que fosse incluída no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-brasileira* (BRASIL, 2003).

Logo em seguida, foi criada pela Medida Provisória nº 111, de 21 de março de 2003, convertida na Lei 10.678, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR), que nasceu do reconhecimento das lutas históricas do Movimento Negro Brasileiro. A data é emblemática, pois, em todo o mundo, celebra-se o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), em memória do Massacre de Shaperville³⁵.

Em 10 de março de 2004, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a *Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana* (BRASIL, 2004). Quatro anos depois, a Lei 11.645/2008 – Diretrizes curriculares para a *educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena* (BRASIL, 2008) - atualiza a Lei nº 10.639/2003.

A obrigatoriedade de se incluírem esses conteúdos nos currículos da Educação Básica apoia-se numa decisão política e por intensas repercussões pedagógicas, inclusive até mesmo na formação de professores. Com essa tomada de decisão, passamos a reconhecer que, além de assegurar “[...] vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e aos seus direitos” (BRASIL, 2004, p. 17).

De fato, a histórica luta/resistência desde o período da escravidão, a abolição da escravatura, em 1888, e os movimentos dos afro-brasileiros, nos Séculos XIX e XX, por melhores condições de vida, foram decisivos para o alcance das conquistas políticas, sociais e culturais e para a reparação histórica e moral desses sujeitos nos dias de hoje.

Uma das maiores e mais recentes provas dessa trajetória de mobilizações e reivindicações históricas – além daquelas sobre a criação da Lei nº 10.639/2003 e da nº 11.645/2008, citada anteriormente – foi a aprovação das cotas raciais para o ensino superior, por unanimidade, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em 27 de abril de 2012. No entanto, não se tratou de uma aprovação tão simples assim, sem questionamentos e conflitos entre os brasileiros favoráveis e a ala dos que se posicionavam contrariamente à aprovação dessa política de ação afirmativa. Essa unanimidade foi resultado de anos de lutas e resistências

³⁵ Em 21 de março de 1960, 20.000 negros protestavam contra a lei do passe, que os obrigava a portar cartões de identificação, especificando os locais por onde eles podiam circular. Isso aconteceu na cidade de Joanesburgo, na África do Sul. Mesmo sendo uma manifestação pacífica, o exército atirou sobre a multidão e o saldo da violência foram 69 mortos e 186 feridos (Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/sobre>>. Acesso em: 11 mar. 2013).

travadas pelos movimentos sociais e negros que, em momento algum, deixaram se abater pelos movimentos oposicionistas e repressores ao importante intento de proporcionar a maior entrada de jovens afro-brasileiros nas universidades brasileiras. Algum tempo depois da confirmação dessas políticas de cotas, logo em seguida, curiosamente, tivemos a aprovação das cotas sociais para o ensino superior, destinando vagas aos jovens da rede pública de ensino.

Como podemos constatar, essa recente conquista dos movimentos negros pela aprovação das cotas para o ensino superior não só representa o coroamento da importante trajetória de luta do afro-brasileiro nesse país, como também promove uma mudança gradativa de pensamento da população brasileira ainda fortemente impregnada de ideias racistas e positivistas em relação, por exemplo, ao discurso elitista do *mérito*, numa sociedade em que esse critério só parece ser útil para quem dispôs até hoje de plenas condições objetivas e materiais para alcançá-lo.

Abrindo-se um parêntese sobre essa questão das políticas de cotas para o ensino superior, vale lembrar que algumas universidades, muito antes da aprovação no STF, já vinham adotando essa postura antirracista desde o começo do milênio como, por exemplo, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade de Brasília (UnB)³⁶.

Diante do contexto até aqui apresentado, podemos afirmar que gritos e ações de liberdade e inclusão social de afro-brasileiros parecem ecoar até os dias de hoje. Eles se materializam por meio de suas presenças marcantes em atividades artísticas, culturais e esportivas, sobretudo quando não são eliminados pela polícia ou pelo mundo das drogas, como ocorre com a juventude pobre da periferia, majoritariamente afro-brasileira e totalmente vulnerável a todo contexto de violência que estamos vivenciando³⁷.

De fato, nesse contexto histórico de luta e de resistência, entendemos que o afro-brasileiro busca o futebol como um dos espaços sociais para superar as adversidades sociais e econômicas, dando-nos a entender que sua longa caminhada, desde os tempos da escravidão, tem sido, realmente, a de combater a opressão, a discriminação, o preconceito e o racismo em qualquer espaço e tempo em que se encontrem inseridos.

Pelo que vimos neste tópico do estudo, fica-nos o entendimento de que o afro-brasileiro não se comportou de maneira obediente, passiva, indolente, preguiçosa e

³⁶ Vale ressaltar também que as políticas de cotas raciais já deram provas de que a presença de estudantes cotistas não tem comprometido a qualidade dos cursos, pelo bom desempenho que vêm demonstrando em suas formações iniciais e continuadas através desse sistema (Fórum – Cotas Raciais (2/3). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mbkqu_JUEtE&feature=relmfu>. Acesso em: 11 mar. 2013).

³⁷ Estudos sociológicos e antropológicos sobre a situação da juventude negra desse país podem nos ajudar a compreender melhor o que estamos querendo dizer aqui.

conformista, como equivocadamente tem colocado com marcas de preconceito os livros didáticos na rede de ensino do Brasil. Ao contrário, sua atitude diante do processo de escravidão e do pós-abolição foi de luta e de organização diante das injustiças sofridas.

Mesmo com o fim do regime escravocrata, não nos enganemos, o afro-brasileiro, apesar das importantes conquistas que têm alcançado, ainda continuam em situação desfavorável, porquanto não tendo havido, plenamente, harmonia e estabilidade em relação à situação desse segmento da população de nosso país. Avanços estão ocorrendo, mas é preciso mais lutas e políticas que contribuam para reverter, definitivamente, o preconceito, a discriminação e o racismo sofridos por esse segmento da população brasileira.

O contexto de luta e de resistência vem se transformando, no campo do futebol, numa forma de empoderamento, levando os afro-brasileiros a buscarem, por meio desse esporte, formas de superar o histórico processo de exclusão social e de pobreza a que foram submetidos.

A compreensão dessa passagem entre luta e resistência para a de empoderamento só seria possível mediante a realização de um estudo mais detalhado sobre essa noção, que contribui para levar afro-brasileiros à inclusão social. Nesse caso, os itens subsequentes deste capítulo discutem os dois últimos termos aqui explicitados.

3.3 SITUANDO HISTORICAMENTE O EMPODERAMENTO

O empoderamento é uma tradução do inglês *empowerment*, surgida, inicialmente, vinculada à noção de protagonismo, de pró-atividade das pessoas. Ocorre num dado contexto social em que a livre interpretação e a tradução da bíblia para o alemão permitiram que todos os cidadãos tivessem acesso aos escritos religiosos em sua língua materna (MEIRELLES; INGRASSIA, 2006).

Baquero (2012, p. 174) afirma-nos que “[...] a tradição do *empowerment* (*Empowerment Tradition*) tem suas raízes na Reforma Protestante, iniciada por Lutero no Séc. XVI, na Europa, num movimento de protagonismo na luta por justiça social.” Esse processo oportunizou um empoderamento por parte das pessoas, uma vez que a tradução da Bíblia do latim para o Alemão permitiu “[...] a leitura dos textos *sagrados* entre a comunidade, a qual, por conseguinte, passa a realizar sua leitura e sua hermenêutica, tornando-se sujeito de sua religiosidade.” (BAQUERO, 2012, p. 174) [grifo nosso].

Embora a noção de empoderamento, em seu momento embrionário, tenha sido mais apropriada ao desenvolvimento individual de cada sujeito, segundo a literatura sobre o tema, somente na segunda metade do Século XX foi que o conceito “[...] *empowerment* passou a expressar a luta por direitos civis, sobretudo, no que se refere aos movimentos emancipatórios” (MEIRELLES; INGRASSIA, 2006, p. 4) dos grupos e dos sujeitos discriminados.

A trajetória do conceito empoderamento remonta os anos 1960, “[...] quando a sociedade civil dos países centrais constitui-se como sujeito coletivo e se fortalece, processo que no Brasil iria ocorrer a partir de meados da década seguinte” (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007 p. 487). Com base nesses autores, o tema do empoderamento não é novo. Porém, seu destacável ponto histórico permitiu-lhe notoriedade até hoje, favorecendo o surgimento dos movimentos sociais contra o sistema de opressão dos anos 1960, nos Estados Unidos. Dessa maneira, o termo passa a ser incorporado como sinônimo de emancipação social. Trata-se, por exemplo, da luta pelos direitos cívicos, negros, homossexuais, feministas, dos deficientes, entre outros do gênero que ainda hoje lutam por cidadania e se colocam contra a opressão, o preconceito, a discriminação, a pobreza e a exclusão social (BAQUERO, 2012); (PASE, 2007).

De acordo com Iorio (2002, p. 21), “a origem do conceito é motivo de disputa tanto pelos movimentos feministas, como pelo movimento American Blacks que nos anos 1960, movimentou o cenário político norte-americano [...]”. Exigia-se aí o fim do preconceito e da discriminação fortemente vivenciada pelos negros nos Estados Unidos das Américas (EUA). Se essa década foi o ponto de partida para o desenvolvimento do empoderamento, “[...] podemos encontrar, na década de 1970, os primeiros trabalhos analíticos que influenciaram o surgimento do ‘poder’ como o conceito central que define todos os processos de desenvolvimento” (OAKLEY; CLAYTON, 2003, p. 7).

Tomando como referência essa última década (a de 1970), podemos afirmar que a construção do conceito de empoderamento ocorre a partir do conceito de desenvolvimento, por meio de transformações que se manifestam no debate a respeito da *modernização* ou na *dependência*, “[...] como causas do subdesenvolvimento, até a chegada dos pós-modernos, que colocam em dúvida todas as explicações anteriores e trazem uma nova perspectiva que coloca como ponto central a relação entre ‘poder’ e ‘pobreza’” (KLEBA; WENDAUSEN, 2009 p. 735).

Respalando-se em Cornwall (2000, p. 74), Antunes (2002, p. 97) afirma que os discursos de desenvolvimento alternativo dos anos 1970 “[...] viam empoderamento como o

processo através do qual as pessoas se envolviam ativamente na luta para aumento de controle sobre recursos e instituições.”

Iorio (2002) revela-nos que, nos anos 1970 e 1980, feministas e grupos de mulheres distribuídas pelo mundo inteiro desenvolveram um intenso trabalho de conceitualização e de implementação de estratégias de empoderamento, objetivando romper com as diferentes dinâmicas que condicionavam a existência e impediam a participação e a cidadania plena das mulheres nas decisões sociais, políticas e econômicas.

Em síntese, “a noção de empoderamento começa a ser utilizada na década dos anos 70, com os movimentos sociais e, posteriormente, passa a permear as práticas das ONGs.” (ROMANO; ANTUNES, 2002, p. 5). Segundo Kleba e Wendausen (2009), inspiradas em Carvalho (2004), nesse período, inicia-se a construção conceitual dessa noção influenciada pelos movimentos de autoajuda. Prossegue nos anos 1980 pela psicologia comunitária e, nos anos 1990, pelos movimentos que buscam afirmar o direito de cidadania sobre distintas esferas sociais. Nessa década do Século XX, “[...] observa-se a expansão do uso desse conceito para outras áreas do debate sobre desenvolvimento, especialmente a partir das grandes conferências oficiais e paralelas mundiais³⁸ [...]” (IORIO, 2002, p. 21).

Todas essas fases do empoderamento posterior ao seu surgimento são sintetizadas “[...] nas lutas pelos direitos civis no movimento feminista e na ideologia da ‘ação social’, presentes nas sociedades dos países desenvolvidos, na segunda metade do Século XX” (BAQUERO, 2012, p. 175). Podemos apreender que, em termos históricos, a construção do empoderamento e seus múltiplos sentidos advêm dos anos 1960 para cá, de várias origens de lutas constituídas por vários setores excluídos da sociedade, como as já explicitadas nesse estudo e também apontadas por Kleba e Wendausen (2009).

Essas lutas foram impetradas com o propósito de estimular uma participação mais efetiva, engajada e politicamente lúcida por parte dos movimentos feministas, negros e de outros grupos que se sentiram discriminados e fora das possibilidades de acesso à informação e às principais decisões que lhes diziam respeito. Esses grupos sociais, sentindo-se impedidos de exercer mais poder de participação e controle nas decisões sobre questões de seu interesse, buscaram (buscam), no âmbito do empoderamento, as possibilidades de se fazer mais atuantes e responsáveis pelos assuntos inerentes à realidade de seu âmbito social, político, econômico e cultural.

³⁸ Na década de 1990, o empoderamento “[...] recebe o influxo de movimentos que buscam afirmar o direito da cidadania sobre distintas esferas da vida social, entre as quais a prática médica, a educação em saúde, a política, a justiça, a ação comunitária.” (BAQUERO, 2012, p. 175)

3.4 O CONCEITO DE EMPODERAMENTO

O termo empoderamento vem sendo utilizado por setores da sociedade (conservadores e tradicionais) de forma tendenciosa, conforme seus interesses políticos e ideológicos, deixando de fora a noção de poder, elemento central que caracteriza o fenômeno em questão³⁹.

Nos últimos anos, o conceito e a abordagem foram gradualmente apropriados pelas agências de cooperação e organizações financeiras multilaterais (como o Banco Mundial). Nessa apropriação o conceito e a abordagem sofreram um processo de despolitização – ou pasteurização – ao ser enfatizada sua dimensão instrumental e metodológica (ROMANO; ANTUNES, 2002, p. 5).

Nessa perspectiva, o empoderamento deixa de cumprir seu papel principal, que é o de buscar equilíbrio de poder entre os que têm e os que não têm poder suficiente para viver minimamente com dignidade em nossa sociedade. Nosso caminhar, portanto, segue na direção efetiva de olharmos para o contexto gerador do termo e evitar cair num entendimento frágil e inconsistente, como se o empoderamento fosse um elemento estático ou uma técnica ou método a ser aplicado sem se considerar o contexto das teias e das redes de relações entre os sujeitos e as instituições que os materializam.

Não podemos nos descuidar, também, das discussões relativas à sua evolução histórica – como já fizemos aqui – porquanto esse trajeto, certamente, pode nos dar a clareza necessária para que possamos compreender bem mais esse fenômeno e evitar os efeitos dissimulados e nefastos do *gattopardismo*⁴⁰.

Para a contextualização do conceito sobre o empoderamento, buscamos apoio, principalmente, em Romano (2002) e Baquero (2012), Oakley e Clayton (2003), Antunes (2002), Iorio (2002) e outros que puderam contribuir para a compreensão desse fenômeno. Todos esses autores, no nosso entendimento, entendem o empoderamento como um processo de mobilização desenvolvido pelos próprios sujeitos desempoderados (e não destituídos de poder) que buscam, com o apoio dos agentes externos, superar, fundamentalmente, a pobreza e a exclusão social.

³⁹ Trataremos sobre a noção de poder mais adiante, neste mesmo capítulo.

⁴⁰ Transformismo ou *gattopardismo*: “apropriar-se e desvirtuar o novo, para garantir a continuidade das práticas dominantes. Adaptando-se aos novos tempos, mudar ‘tudo’ para não mudar nada” (ROMANO, 2002, p. 9). Conferir também LEROY (1987).

Horochovski e Meirelles (2007, p. 485) afirmam que “a despeito da profusão de estudos sobre empoderamento, uma quantidade significativa deles toma o conceito como dado, sem preocupar-se em defini-lo ou mesmo contextualizá-lo.” Nessa passagem, fica evidente que devemos dar conta da conjuntura onde iremos desenvolver a noção de empoderamento, sobretudo para termos certeza de sua pertinência, viabilidade e aplicabilidade. Sua definição precisa ser construída e recriada, levando-se em conta a realidade percebida. Não se trata apenas de optar por determinado conceito e aplicá-lo de forma fria e descontextualizada sobre o campo de intervenção, entendendo que isso é suficiente para colhermos os resultados que esperamos.

Nesse caso, não seria a realidade que se adaptaria ao conceito, mas o conceito ao contexto explorado, uma vez que o empoderamento não é o mesmo em qualquer lugar ou em qualquer situação. Modifica-se conforme o tempo, o espaço, os sujeitos e, sobretudo, o que de fato pretendemos entender como empoderamento voltado para a superação da pobreza e exclusão social, bem como de todos os problemas relativos aos obstáculos que emperram o desenvolvimento humano dos sujeitos desempoderados ou em processo de empoderamento.

Os elementos aos quais nos referimos, no início deste item, são, fundamentalmente, o conhecimento da origem etimológica do empoderamento ou o seu vínculo com o conceito de poder e a compreensão de que ele nasce de uma busca de paradigmas que permitam conhecer e explicar melhor fenômenos como a pobreza e a exclusão, e o encontro de caminhos e de formas para combatê-los, superá-los e, se possível, erradicá-los (IORIO, 2002).

A clareza dos pontos supracitados é determinante para que conceituemos o empoderamento de forma mais apropriada e segura sobre o que pretendemos com esse expressivo fenômeno da contemporaneidade. Pretendemos entender bem o significado, o alcance e as implicações do conceito de empoderamento.

Em seu contexto histórico, o empoderamento associa-se a formas alternativas de se trabalharem “[...] as realidades sociais, o suporte mútuo, as formas cooperativas, as formas de democracia participativa, a autogestão e os movimentos sociais autônomos” (TEIXEIRA, 2002, p. 24). Materializa-se nas manifestações individuais e coletivas dos sujeitos comuns e suas lideranças. Portanto, esses indivíduos mobilizam-se no sentido de que suas reivindicações sejam evidentemente atendidas.

Genericamente, o empoderamento é entendido por Minkler (1992, p. 303), inspirado em Rappaport (1981), como “um processo pelo qual indivíduos, comunidades e organizações obtêm controle sobre suas vidas.” Ou seja, os sujeitos são capazes de se autogerir, a fim de consolidar sua participação nas decisões dos acontecimentos políticos, sociais e culturais.

Numa das definições apontadas por Baquero (2012, p. 174), o empoderamento é “[...] um anglicanismo que significa obtenção, alargamento ou reforço de poder.” Essa noção tem sido bastante utilizada em distintas áreas do conhecimento, como a Educação, a Sociologia, a Ciência Política, entre outras, além de se constituir ferramenta de governos e de uma série de outros setores e organizações da sociedade (BAQUERO, 2012). Para Romano (2002, p. 12), inspirando-se em Sem G. (1997), o empoderamento

[...] não é algo que pode ser feito a alguém por uma outra pessoa. Os agentes de mudança externos podem ser necessários como catalisadores iniciais, mas o impulso do processo se explica pela extensão e a rapidez com que as pessoas e suas organizações se mudam, a si mesmas. Nem governo, nem as agências (e nem as ONGs) empoderam as pessoas e as organizações: as pessoas e as organizações se empoderam a si mesmas. O que as políticas e as ações governamentais podem fazer é criar um ambiente favorável ou, opostamente, colocar barreiras ao processo de empoderamento.

O empoderamento é um processo em que as pessoas sejam, por elas mesmas, capazes de se autogerir, a fim de consolidar sua participação nas decisões dos acontecimentos políticos, sociais, culturais etc., os quais lhes dizem respeito. Teixeira (2002, p. 25), apoiada nas interpretações de Vasconcelos (2001), concebe-o como “o aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão e dominação social.” Esse aumento de poder, pessoal e coletivo, contribui para que os sujeitos se superem em suas investidas diante do quadro de exploração e subordinação.

Teixeira (2002) destaca, ainda, a noção de empoderamento como a capacidade/habilidade dos sujeitos de atingirem um promissor patamar de entendimento da realidade, além de um controle sobre suas forças pessoais, sociais, econômicas e políticas, em condições de agir visando à melhoria da qualidade de vida.

O empoderamento pode ser entendido, ainda, como processo e como resultado. Nesse caso, entende-se que ele brota de um processo de ação social em que os “[...] indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social [...]” (BAQUERO, 2012, p. 181), permitindo as transformações necessárias de relações sociais de poder no meio em que vivem.

Nesse entendimento, a noção de empoderamento à qual estamos nos referindo é aquela que permite ou envolve um processo de *conscientização* (no sentido freireano da

palavra, como veremos mais adiante), consubstanciado numa relação dialética do sujeito com o mundo. Mas, para tanto, é necessário que esse mesmo sujeito seja capaz de, em condições propícias, entender e refletir concretamente sobre sua realidade (e a partir dela) sem que outros manipulem seus próprios interesses.

3.5 A QUESTÃO SEMÂNTICA E OS NÍVEIS DE EMPODERAMENTO

Ao procurar conceituar o termo empoderamento, é oportuno pontuarmos algumas questões centrais que nos orientam para uma compreensão mais consistente do termo. Isso é válido para sabermos exatamente o que ele significa. Serve também para que evitemos tomar posicionamentos precipitados como aquele que se propõe a desvendar importante questão sem se precaver dos percalços que porventura possam surgir, porque “[...] a carência de um embasamento teórico consistente e as múltiplas interpretações sobre essa noção na literatura são elementos que dificultam a utilização desse conceito no campo da saúde [...]” (CARVALHO, 2004, p. 1090), da educação, das ciências sociais, entre outras áreas que têm como elemento de análise o empoderamento com os propósitos já aqui mencionados.

Estudos apontam que não há, na língua portuguesa, um termo que traduza fidedignamente o sentido da expressão *empowerment* (BAQUERO, 2005). Notadamente, são encontradas duas traduções para a nossa língua: *apoderamento* e *empoderamento*. Tanto em uma quanto em outra, do ponto de vista linguístico, compartilham de um mesmo radical (poder). Nas duas, agregam-se um sufixo (mento) e um prefixo (a ou em). As semelhanças entre eles se situa, única e exclusivamente, no radical, que traz a noção de poder, e no sufixo, que passa a ideia de algo dinâmico e em constante movimento. Entretanto, em relação ao seu prefixo, as coincidências e o repertório de significados de que esses termos são dotados, ambos os cognatos deixam de existir “[...] e incorrem a campos totalmente antagônicos no que se refere a sua prefixação e conteúdo semântico que passam a estar dotados quando acrescidos dos prefixos *a* ou *em*” (MEIRELLES; INGRASSIA, 2006, p. 3).

Do ponto de vista etimológico, o prefixo *a* significa tomar posse de algo, o que não significa dizer, necessariamente, que ele tenha o controle sobre o mesmo, denotando, por sua vez, uma posição de passividade, de alguém que traz para si algo pronto, definido *a priori*. A utilização do termo *apoderamento* limita o sujeito à condição de agente passivo no processo, que dispõe ou depende sempre de alguém para fazer por ele (MEIRELLES; INGRASSIA, 2006). Por outro lado, o prefixo *em* leva-nos a uma interpretação bem diversa da anterior, em

que se coloca o sujeito em uma posição ativa, atuante, que faz acontecer e não espera que outro o faça por ele. Esse último, por seu turno, a partir de suas ações, passa a fazer parte de um processo em constante aperfeiçoamento.

A tradução do termo para o português e o espanhol é uma dificuldade constatada nos textos desses idiomas. Para alguns, *empowerment* é sinônimo de empoderamento, apoderamento e, para outros, *emancipación* (CARVALHO, 2004). São significados dessemelhantes: *apoderar* é sinônimo de *dar posse*, *domínio de*, *apossar-se*, *assenhorear-se*, *dominar*, *conquistar*, *tomar posse* (BAQUERO, 2012). Essas são definições que se distinguem do verbo *emancipar*, que significa *tornar livre*, *independente*, como sugere o último autor.

Para Carvalho (2004, p. 1090), “a inexistência do termo *empoderamento* na língua portuguesa e a diversidade de sentidos do termo *apoderamento*, ilustram a dificuldade de realizar a tradução fidedigna de ‘*empowerment*’ para o nosso idioma.”. Trata-se de uma tarefa árdua e delicada. Entretanto, por meio de uma fundamentação prévia, talvez seja possível pensarmos numa aproximação de aportuguesamento do termo. Sob a ótica de um verbo transitivo e intransitivo, o verbo empoderar se diferenciara. Transitivamente, ele pode ser visto com o significado de *dar posse a outros*. E “[...] intransitivamente, como um processo de aumento de autoestima e influência sobre a vida das próprias pessoas” (HERMANY; FRANTZ, 2009, p. 2475).

Pelas razões relativas à perspectiva explicitada até aqui, optamos pela expressão do empoderamento porque entendemos que é o que responde satisfatoriamente às perspectivas de nossa investigação, haja vista o sujeito ser concebido numa posição ativa, agindo de forma atuante e participativa nas decisões relativas aos seus interesses individuais e coletivos. Dessa maneira, os sujeitos não apenas verbalizam, mas agem a fim de transformar sua realidade para melhor. Ou seja, os desempoderados realizam ações no sentido proposto por Comblin (2007).

Assim, numa perspectiva do empoderamento, “[...] a pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e se fortalecer” (VALOURA, 2005, p. 2). Esse desenvolvimento e fortalecimento tornam-se cada vez mais evidentes à medida que os sujeitos ampliam suas possibilidades de participação nas mais delicadas e importantes decisões que lhes conferem. No processo de empoderamento, as mudanças são realizadas com a participação ativa dos sujeitos, que se fazem perceber importantes e indispensáveis nas intervenções cada vez mais lúcidas, firmes e concretas em benefício de todos os envolvidos.

Essas mudanças ocorrem com eles, por eles e para eles, porém com a facilitação dos agentes e dos sujeitos externos, que devem apenas propiciar as condições necessárias para que as transformações ocorram, de fato, com os grupos em processo de empoderamento. O termo em tela pode ser compreendido, também, de forma mais específica, ou seja, a partir de seus níveis *individual, organizacional e comunitário*. Assim, no nível individual, o empoderamento se manifesta quando uma pessoa é capaz de, com seus esforços, conseguir aumentar o seu poder para melhorar a vida. O nível organizacional revela-se por meio da participação coletiva dos sujeitos, por exemplo, da empresa onde trabalham, e o comunitário é aquele em que as pessoas participantes de determinada comunidade se mobilizam no sentido de alcançar suas reivindicações e objetivos de interesse do coletivo do qual fazem parte.

Em determinadas situações, um tipo ou nível de empoderamento poderá prevalecer sobre o outro, dependendo, certamente, do que está em evidência no momento do processo. Precisamos perceber se estamos em busca de uma emancipação individual ou coletiva dos sujeitos e grupos e de acordo com os objetivos em questão tanto do sujeito quanto do grupo ou da comunidade da qual faz parte.

Sobre essa questão dos tipos ou dimensões de empoderamento, vários autores se colocam de forma distinta em relação aos seus textos, mas não de maneira antagônica, no que diz respeito às suas ideias e perspectivas sobre o tema. Em suas percepções sobre esses tipos, parece que mais se complementam do que se divergem no sentido de compreender cada um dos níveis.

Para Horochvski e Meirelles (2007), o nível individual, que se refere ao psicológico, acontece quando indivíduos singulares se autopercebem como detentores de recursos que lhes permitem influir no curso de ação que os afeta e, ao mesmo tempo, sentem-se em condições de controlá-lo.

Ainda que fortemente influenciado por fatores psicológicos como autoestima, temperamento, traumas e experiências, o empoderamento individual é relacional, na medida em que é resultante “[...] da percepção que os indivíduos têm de suas interações com os ambientes e as demais pessoas.”, segundo Horochovski e Meireles (2007, p. 496), inspirados em Zimmerman (1990). Pase (2007), concordando com as reflexões de Wallerstein e Bernstein (1994), afirma-nos que o empoderamento individual diz respeito ao aumento da capacidade dos indivíduos influírem em sua vida. E se o sujeito passa a exercer mais controle sobre a própria vida, ele será capaz de modificar-se a si mesmo e, por conseguinte, estabelecer outras formas e patamares de relação com os outros e com o meio em que vive.

Nesse nível de empoderamento, o sujeito não só se modifica, como também influencia seus pares com suas novas condutas. Assim, sua relação com os outros e com o grupo do qual faz parte terá papel importante no comportamento dos demais.

As ideias de capacitação, de autoestima, de autoconfiança e de autocontrole estão marcadamente presentes na noção de empoderamento individual. Esse nível pode ser concebido ainda como algo que considera uma noção de indivíduo controlado, autônomo e autoconfiante, suscitando “[...] estratégias educativas que fortaleçam sua auto-estima e sua capacidade de adaptação ao meio” (MOREIRA et. al., 2007, p. 514).

O segundo tipo ou nível de empoderamento, o organizacional, é aquele gestado na e pela organização, não importa se essa última seja pública ou privada. Ocorre através de mecanismos de compartilhamento do poder decisório e da liderança. Nesse expediente, as decisões são mais coletivas e horizontais entre os sujeitos (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007).

Essa tipologia parece refletir uma tendência atual materializada por algumas organizações – por exemplo, as empresariais – como meio de abrandarem as hierarquias e a severa dicotomia entre o pensar e o agir entre os sujeitos de uma organização. Entretanto, mesmo que alguns concebam isso como uma forma de exercitar a *democracia interna*, outros o consideram como sendo um instrumento muito mais ideológico do que uma realidade palpável, especialmente na área empresarial (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007).

Esse nível de empoderamento tem, de acordo com Pase (2007, p. 257), inspirado nos escritos de Wallerstein e Bernstein (1994), o significado de “[...] contribuir com as decisões da organização (empresarial) para melhorar seu desempenho”, o que se configura, ainda, como uma “[...] abordagem do processo de trabalho que objetiva a delegação do poder de decisão, a autonomia e a participação dos funcionários na administração das empresas” (BAQUERO; BAQUERO, 2009, p. 12).

Esse nível refere-se também – não com tanta ênfase como o faz com a organização empresarial – ao âmbito da sociedade civil. Nesse caso, o empoderamento incide, principalmente, quando a organização parece provar das suas próprias decisões “[...] e possibilita que seus membros ou público alvo participem, de forma mais ou menos direta, das decisões estratégicas e operacionais” (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 496). Ao propiciar uma participação mais direta das pessoas, a organização poderá estar se vendo em suas atitudes e procedimentos, passando a experimentar de suas próprias deliberações.

Esse segundo nível refere-se ao efetivo domínio *democrático*, em que cada pessoa ou membro da organização socializa informação e poder. Utiliza um processo cooperativo de

adotar decisões e está envolvido em aumentar os esforços em direção a uma mesma meta definida (TEIXEIRA, 2002). O empoderamento parte dos sujeitos agindo coletivamente, tendo como prioridade o desenvolvimento da organização da qual fazem parte.

O terceiro tipo é o empoderamento comunitário (HOROCHOVSKI; MEIRELLES 2007; TEIXEIRA, 2002), que se realiza através da participação dos sujeitos de uma comunidade, os quais, individual e coletivamente, planejam estratégias e ações e as executam como forma de atingir os objetivos em comum acordo entre si. Parte-se de uma decisão coletiva e consensual entre todos, que não significa, necessariamente, o resultado de uma *comunidade monolítica*, cujos integrantes dispõem ou comungam dos mesmos anseios, mas, segundo Horochovski e Meirelles (2007, p. 496), apoiado em Perkins; Zimmerman (1995), de “[...] processos às vezes exaustivos de discussão e convencimento, sendo uma resultante de tensões e conflitos por recursos” e melhores condições de vida. Trata-se de algo essencial por possibilitar o exercício da participação democrática e horizontalizada em que todos – ao seu modo e dentro de suas capacidades reais de intervenção – contribuem para as decisões de interesse do coletivo.

O empoderamento coletivo ou comunitário capacita os grupos sociais desprotegidos para articularem seus interesses mediatos e imediatos e estimulá-los à efetiva participação coletivo-comunitária.

Esse tipo de empoderamento pode ser considerado como “[...] um processo de validação da experiência de terceiros e de legitimação de sua voz e, ao mesmo tempo, de remoção de barreiras que limitam a vida em sociedade” (CARVALHO, 2004, p. 1093). Referimo-nos a um empoderamento indicador de processos que procura, por seu turno, “[...] promover a participação, visando ao aumento do controle sobre a vida por parte de indivíduos e comunidades, a eficácia política, uma maior justiça social e a melhoria da qualidade de vida” (CARVALHO, 2004, p. 1093). O foco principal seria o agenciamento por parte da própria comunidade e de seus membros em busca de melhores condições políticas, sociais e humanas.

No empoderamento comunitário, indivíduos e organizações concentram suas habilidades e recursos nos esforços coletivos, sobretudo em função de suas necessidades. Quais são as necessidades imediatas e mediatas dos indivíduos e suas organizações no processo de empoderamento? Trata-se de um nível em que os sujeitos têm o poder de influenciar as decisões e as mudanças do sistema social mais amplo. Compõe-se de capacidade e de ação, a primeira como a capacidade de poder para resolver problemas, e a segunda destinada a conseguir partilhar recursos.

O nível de empoderamento comunitário está atrelado à capacitação da comunidade para batalhar por seus direitos e ganhar espaços nos domínios “[...] deliberativos da sociedade, inclusive no governo. Essa dimensão, por seu caráter mais difuso e disperso é mais difícil de se exemplificar de forma concreta.” (MEIRELLES; INGRASSIA, 2006, p. 5). Configura-se como uma das dimensões mais complexas de serem tratadas, pois o que está em jogo são as disputas pelo controle de recursos e a redistribuição de poder (CARVALHO, 2004). Essa redistribuição será o ponto nevrálgico nesse nível, porque os desempoderados podem ganhar mais força com sua participação mais intensa.

Em síntese, o empoderamento é uma construção em nível individual ou psicológico, quando se refere às variáveis intrafísicas e comportamentais. Trata-se de uma realidade em nível organizacional, quando diz respeito à mobilização participativa de recursos e oportunidades em determinada organização; e é coletivo ou comunitário, quando a estrutura das mudanças sociais e a estrutura sociopolítica estão em foco (BAQUERO; BAQUERO, 2009). Uma aplicação mais geral do empoderamento é, muitas vezes, dificultada em função desses níveis ou tipos, porém não impossível de se materializar.

Vale lembrar, ainda, que os níveis, tipos ou dimensões não podem ser pensados de forma separada, como se fossem independentes entre si. Um interfere no outro, permitindo que as mudanças se materializem em nível individual, organizacional e comunitário, imbricando-se, interconectando-se em benefício dos sujeitos individuais e coletivos.

3.6 COMPONENTES DO EMPODERAMENTO

A noção de empoderamento ganha força por meio de elementos que lhes dão condições para alcançar resultados cada vez mais satisfatórios em relação aos grupos e aos sujeitos pobres e excluídos. Esses artefatos os ajudam a se superar de suas condições precárias e adversas.

Nessa perspectiva, Antunes (2002), referindo-se ao empoderamento das mulheres, afirma que sua definição deve incluir os componentes *cognitivos*, *psicológicos*, *políticos* e *econômicos*, que podem ser estendidos para a realidade de outros sujeitos e grupos sociais excluídos e discriminados da sociedade como, por exemplo, homossexuais, idosos, afro-brasileiros e outros que, de uma forma ou de outra, enquadrem-se nesse contexto de desvantagens e de exclusão social.

Assim, tomando como referência essa generalização, podemos afirmar que o componente *cognitivo* diz respeito à forma como os sujeitos compreendem que têm que tomar consciência de sua situação de pobreza e exclusão, bem como de suas causas, em nível micro e macrosocial. Abarca a compreensão de ser e a necessidade de fazer escolhas, mesmo que possam ir contra as expectativas culturais e sociais dos envolvidos.

O componente *psicológico* inclui o desenvolvimento de sentimentos que esses sujeitos podem colocar em prática, no nível pessoal e social, visando melhorar sua condição, assim como a ênfase na crença de que podem obter êxito em seus esforços por mudanças. Nesse sentido, *autoconfiança* e *autoestima* são fundamentais para que superem as adversidades da vida pessoal e social. O componente *político* sugere a habilidade para analisar o meio circundante em termos políticos e sociais. Exprime, também, a capacidade de organizar e promover mudanças sociais, principalmente de acordo com os objetivos traçados e pretendidos para essas transformações.

Antunes (2002), em concordância com Stromquist (1997), afirma-nos que o componente *econômico* supõe a independência econômica dos grupos pobres e excluídos. É fundamental como apoio ao componente psicológico, uma vez que possibilita o fim da dependência financeira dos grupos subordinados. Os sistemas respaldados no *desenvolvimento sustentável*⁴¹ constituem-se ações importantes para sedimentar essa independência econômica e de explorar o meio ambiente sem esgotar os recursos naturais.

3.7 O EMPODERAMENTO E A NOÇÃO DE PODER

Não podemos realizar uma profícua discussão sobre empoderamento sem levar em conta a noção de poder. Trata-se de um conceito contestável, não apenas pelo fato de poder ostentar diferentes configurações, mas porque a maneira como o enfrentamos afeta fortemente o modo como pensamos em sistemas sociais e a forma como eles funcionam (JOHNSON, 1997).

Existem várias possibilidades de se conceber a noção de poder no campo do empoderamento. Porém, nesse processo, entendemos que os sujeitos são os principais responsáveis por transformar sua realidade, razão por que não devemos levar em conta uma noção de poder desprovida de uma percepção que o vê como coisa ou como objeto

⁴¹ Para maiores esclarecimentos sobre desenvolvimento sustentável, consultar http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/

manipulável, que o vê como propriedade de alguns (sujeitos dominantes) em detrimento de outros que não o possuem (dominados). De fato, se trilharmos no caminho de um empoderamento efetivamente construído e consolidado pelos sujeitos em processo de empoderamento, não poderemos nos guiar por uma noção de poder pautada nessa perspectiva reducionista e *esquelética* que acabamos de colocar.

Das inúmeras possibilidades de entender o poder, refletimos, principalmente, à luz do que é analisado por Foucault (2011). Nossa escolha por esse autor, como principal referência nas discussões sobre a noção de poder no empoderamento, assenta-se na prerrogativa de que ele propõe uma discussão bem diferenciada daquelas mais tradicionais que veem o poder como algo exterior às relações sociais. Além desse autor, buscamos apoio em outros estudiosos do campo do empoderamento que tratam da questão. Esses últimos, certamente, talvez, até mesmo influenciados pelo viés foucaultiano, pensam o poder em seu contexto relacional ou se aproximam de tal proposição.

De fato, precisamos adotar uma noção que dê conta da proposição em que os sujeitos são os principais responsáveis por seu empoderamento. Essa forma de compreender esse fenômeno não pode estar associada a concepções conservadoras e/ou estruturalistas que o analisa apenas na perspectiva economicista, como algo atrelado ou provindo do Estado e aos aspectos meramente jurídicos. Devemos compreender o poder num processo de empoderamento não mais como um objeto ou uma coisa, mas como algo realmente emanado das relações estabelecidas entre os sujeitos sociais.

Gallichio (2002), referindo-se a Michael Foucault, afirma que esse autor sinaliza importantes diferenças em relação às concepções mais *tradicionais* ou reducionistas do poder. Com isso, ele rompe com a noção de poder como sendo algo exercido exclusivamente com base nos aparatos estatais e jurídicos. Partindo desse pensamento, abraça uma noção de poder “[...] que não faz referência exclusiva ao plano estatal, mas se encarrega da multiplicidade de poderes que se exercem na esfera social [...]” (GALLICHIO, 2002, p. 86).

Diante do exposto, o que seria o poder, numa perspectiva foucaultiana? Tomando como referência a fala de Machado (2011, p. XIV) na introdução que fez para o *Microfísica do Poder* (FOUCAULT, 2011), afirma que, “rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona” como uma maquinaria; máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se difunde por toda estrutura social (MACHADO, 2011). É nessa perspectiva que precisamos compreendê-lo, pois, no processo de empoderamento, não existem sujeitos externos (governos, ONGs, etc.) que possam fazer

pelos desempoderados, porque eles são os verdadeiros encarregados de construir o seu empoderamento, com a colaboração desses primeiros.

Portanto, nossa verificação compreende, fundamentalmente, o poder como algo que não existe apenas para reproduzir o sistema dominante, mas como relações que se estabelecem entre os sujeitos sociais, independentemente de posições sociais, políticas e econômicas. Nesse sentido, “[...] o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” (FOUCAULT, 2011, p. 248).

Ora, se o empoderamento tem como finalidade principal combater a pobreza e a exclusão social, por meio das ações dos próprios indivíduos pobres e excluídos, deduzimos que esses sujeitos não são desprovidos de poder e, por esse motivo, são capazes de, viabilizando-lhes as condições para isso, arregimentar forças e saídas plausíveis para, em suas relações sociais, vencer esses incômodos fenômenos sociais. Assim, o poder dos sujeitos em processo de empoderamento “[...] deverá ser cada vez mais estimulado a ampliá-lo e desenvolvê-lo almejando a superação dos problemas que lhes afligem” (ROMANO, 2002, p. 15).

Os sujeitos devem fazer do empoderamento um espaço de luta e resistência por melhores condições de vida. O poder, portanto, é questão central nesse contexto. Não existe empoderamento sem poder (ROMANO, 2002), pois esse é seu coração.

Machado (2011, p. XIV) afirma que “qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças.” E acrescenta: “[...] como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribui por toda a estrutura social” (MACHADO, 2011, p. XIV).

O foco do processo de empoderamento como luta e resistência são as correlações de forças entre os sujeitos sociais, que, independentemente da classe social a que pertencem, de uma maneira ou de outra, exercem algum tipo de poder nas relações sociais estabelecidas. A luta por uma redistribuição mais justa e igualitária por esse poder relacional vai estar sempre presente nas estratégias e nos procedimentos relativos ao empoderamento.

Segundo Oakley e Clayton (2003), há duas preocupações basilares ao colocarmos em prática as estratégias do processo de empoderamento. De um lado, estaríamos objetivando causar importantes instabilidades de poder e, de outro, incentivaríamos os desempoderados (e não destituídos de poder) a serem capazes de empoderar-se cada vez mais, ampliando o poder de que dispõem para alcançar plenamente seus objetivos.

Isso evidencia que o poder não é propriedade de um sujeito, de determinada classe social, de um grupo étnico-racial sobre os demais, ou até mesmo do Estado. Tem a ver com algo que permeia – de maneira dinâmica e constante – a sociedade como um todo. O poder transita por todos os lugares e momentos no âmbito das relações sociais. O mais importante é que o percebamos e tomemos consciência do poder de que dispomos para agir em nosso favor. De fato, “[...] os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras” (MACHADO, 2011, p. XIV).

O empoderamento diz respeito a um processo estratégico relacional, constituído de lutas e conflitos, e “[...] os conceitos de empoderamento que não contemplam a noção de poder devem ser refutados.” (ROMANO, 2002, p. 15). O empoderamento, como processo e resultado das relações sociais, não está isento das relações de poder ou de poderes. “Esse caráter relacional do poder, implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder” (MACHADO, 2011, p. XIV). O empoderamento, em ato, em exercício, é poder. O poder habita em todos nós, nos tempos e espaços onde houver relações sociais entre sujeitos.

O poder, no meio social, não ocorre apenas de cima para baixo, de maneira apenas verticalizada, hierarquizada, emanando do centro (Estado) para a periferia (as instituições sociais, a família, a comunidade), mas, também, de baixo para cima, entre os sujeitos, independentemente das posições e hierarquias que ostentam. Assim, analisar o poder com relativa autonomia, em relação ao Estado, parece ser de suma importância num processo de empoderamento para percebermos que as possíveis transformações ocorridas nessas instituições não estão necessariamente ligadas às mudanças advindas do poder *soberano*.

Num verdadeiro processo de empoderamento, as pessoas precisam ser, efetivamente, instigadas a descobrir e a exercer suas potencialidades, as mais variadas possíveis, para que possam se desenvolver e se empoderar cada vez mais. As contribuições dos setores externos são importantes, mas não empoderam as pessoas, porquanto elas próprias são capazes de fazer isso acontecer, como temos dito neste trabalho.

Ora, se o poder é denotativo de transformação, não podemos concebê-lo só como fenômeno punitivo, repressor e destruidor do sujeito. Ao contrário das teorizações tradicionais e reducionistas, o poder é, também, positivo. Seu papel não seria somente de proibir e dizer não, pois se assim o fosse, certamente não seria aceito como é. Sua aceitação reside justamente no fato de não ser apenas negativo, mas também positivo, construtivo. Não

teria a função única e exclusiva de destruir o sujeito, mas de produzi-lo, de fabricá-lo (FOUCAULT, 2011).

E mesmo que o sistema capitalista procure adestrar e tornar os sujeitos dóceis aos seus interesses, nesse mesmo tempo, está ocorrendo um processo de aprendizagem. Nesse processo de poder disciplinador, típico dos tempos modernos, os sujeitos estão desenvolvendo o saber, com o qual, simultaneamente, ampliam o seu poder. E quanto mais aumentam o saber, mais ampliam o poder de que dispõem. Trata-se de uma via de mão dupla, pois, se poder produz saber, saber também produz mais poder.

O poder não está aí apenas para atender aos interesses da economia e servir ao Estado como força repressiva. Como fenômeno positivo, o poder também se constitui produtivo, constrói disciplina, desenvolve saber. Nesse caso, traz consigo positividade, que deve ser aproveitada pelos sujeitos em processo de empoderamento a seu favor. Nessa perspectiva, entendemos que o poder (positivo e disciplinador) proposto por Foucault (2011) não se prende a uma análise meramente determinista cunhada em postulados estruturalistas e conservadores que condenam e estigmatizam as instituições sociais a aparelhos meramente ideológicos do Estado. As instituições sociais periféricas não se constituem somente espaços reprodutores do poder *soberano*. Esse autor não vê o poder como um objeto, como algo tomado por seus *donos* para utilizá-los em benefício próprio, reprimindo os *destituídos* de poder. Sua compreensão positiva do poder parece ser de grande valia, num processo de empoderamento, por permitir que os sujeitos marginalizados, oprimidos e excluídos se vejam como capazes de, em permanente processo de luta e resistência, transformar sua realidade a partir do exercício do poder em suas relações sociais.

Assim, se o empoderamento se constitui um processo a ser efetivamente colocado em prática pelos próprios sujeitos desempoderados, é porque, de alguma forma, são dotados de poder. Essa afirmação permite-nos deduzir o seguinte: o poder não é realmente uma coisa, um objeto, que pode ser possuído por uns e dado ou tomado de outros. Trata-se de um fenômeno que se manifesta no pleno exercício das relações entre aqueles que buscam no empoderamento os caminhos que os levem a superar a pobreza e a exclusão social. Portanto, temos aí um poder autônomo, materializado nas instituições sociais, exercido pelos sujeitos pobres e excluídos, independentemente dos postulados contratuais jurídicos e estatais.

A noção foucaultiana que adotamos nesta pesquisa nos faz entender o empoderamento como um fenômeno em que as pessoas são, na verdade, os protagonistas no processo de transformação, tencionando superar as situações de pobreza e exclusão para uma situação de vida devidamente mais favorável ao seu desenvolvimento humano como um todo.

3.8 O PODER COMO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO E OS SUJEITOS DO EMPODERAMENTO

Os sujeitos legítimos do desenvolvimento são os empoderados e os desempoderados. Entretanto, no processo de empoderamento há uma posição favorável pelo progresso desses últimos, haja vista disporem de algum grau de poder para reagir diante da opressão, da exploração, da discriminação, do preconceito, da pobreza e da exclusão social.

Não é possível compreender efetivamente a vida de qualquer processo de desenvolvimento se não levarmos em conta essas duas categorias envolvidas no campo do empoderamento. Nesse contexto, é preciso percebê-las de forma dialética. Ambas as categorias agem mutuamente, uma interferindo na outra constantemente. Nesse contexto, ver a pobreza como um estado de desempoderamento é sugerir a hipótese de que os sujeitos e os grupos pobres não apresentam poder satisfatório para aperfeiçoar suas condições “[...] nem a sua posição nas relações de poder e dominação nas quais estão inseridos. Isto é particularmente destacável no caso dos grupos mais desempoderados e vulneráveis [...]” (ROMANO, 2002, p. 19).

O empoderamento não se vincula a qualquer tipo de teorização ou contexto que o embase a partir de uma posição neutra. Sua relação com uma posição positivista e tradicional é inconciliável. Isso ocorre porque o empoderamento apresenta um posicionamento ideológico declaradamente definido, voltado para os interesses dos desfavorecidos social e economicamente. Se o empoderamento representa uma forma de os sujeitos, individual e/ou coletivamente, alcançarem autonomia e emancipação por meio de um exercício permanente do poder (para, com e de dentro) de que dispõem para se empoderarem, a noção de poder a ser seguida é aquela em que coloca as pessoas – principalmente as desempoderadas – no centro do processo de empoderamento. Significa eleger aquele poder que permite o desenvolvimento das capacidades manual, intelectual, crítica, criativa, comunicativa, humana, afetiva, de expressão e manifestação dos sentimentos, anseios e inquietações que precisam ser estimulados.

O empoderamento precisa ser pensado, portanto, numa perspectiva do aumento da *conscientização*, pois ela é ou leva os sujeitos a uma forma de empoderamento que favorece maior desenvolvimento da consciência crítica para se opor e combater todo tipo de opressão que impede os sujeitos pobres e excluídos de exercerem plenamente sua *vocação para a liberdade* (COMBLIN, 2005) e viverem, constantemente, *buscando sua liberdade* (COMBLIN, 2007) arbitrariamente negada pelos desmandos dos *deuses do dinheiro*.

Assim, na compreensão teológica desse autor, os sujeitos passam a se empoderar à medida que lutam contra o *pecado* da ganância e da concentração imoral da renda *obtida* pelos grandes especuladores financeiros que contribuem para a brutal desigualdade social, e, por conseguinte, para a *morte* de muitos dos explorados. Os explorados e oprimidos, por sua vez, ao *agir e reagir* contra esse tipo de violência, estão desencadeando um processo de empoderamento para a *preservação da vida* e para a distribuição das riquezas que é de todos, mas apenas alguns, tomado por um *ideal individualista*, insistem em mantê-la em seu poder como algo natural. Entretanto, Comblin (2007, p. 55) nos ensina que

há seres fortes, poderosos e outros sem força e sem poder, como resultado de ações humanas. Há seres humanos que subordinam outros seres humanos e os obriga a viver ao seu serviço. São ações humanas que fazem com que haja dominadores e dominados. A natureza, pois, não explica tudo.

Nesse caso, o autor mostra-nos a desigualdade entre os homens como um fenômeno edificado socialmente. Não se trata de uma questão natural, como alguns querem que pensemos. Nesse sentido, de posse dessa compreensão, somos convidados a tomar *consciência* da necessidade de agir no sentido de combater a desigualdade e preservar a vida de todos, do coletivo. “Viver é agir, produzir, mudar o mundo em que estamos mergulhados, uma vez que essa ação nos torna criadores, autores de nós mesmos” (COMBLIN, 2007, p. 57). Apenas a fala não basta. É necessária a ação consciente e engajada de todos para a transformação da realidade, visando preservar a vida na terra como consequência da luta dos *movimentos de libertação* pela *liberdade* dos desempoderados, dos *despossuídos do mundo*.

No campo da educação, Paulo Freire foi o estudioso que mais contribuiu para as discussões em torno da temática do empoderamento. As proposições apresentadas em seus livros, como *Pedagogia do Oprimido* (2011), *Ação Cultural Para a Libertação* e *Ouros Escritos* (2011) e *Conscientização* (1979), além de outros ensaios publicados que podem subsidiar a discussão, permitem-nos encontrar, em sua linha de raciocínio, elementos significativos da ideia de empoderamento. Esse autor é, portanto, o educador, o pesquisador, o teórico da educação, e cuja produção intelectual traz a noção clara e efetiva de empoderamento, isto é, o empoderamento de *classe social*, em que o diálogo, despido de vaidades e hierarquias intelectuais, é a tônica dessa pedagogia progressista, humanizante e revolucionária. Ao tencionar um paralelo entre o entendimento de empoderamento e a teoria de Paulo Freire (2011), constatamos que sua produção teórica se constitui, na educação, a maior referência no que diz respeito às ideias dessa noção. Portanto, o empoderamento, em

seu sentido transformador, está fortemente presente em suas ações e reflexões como educador e pesquisador⁴².

Assim, no campo da educação popular, esse autor foi o estudioso brasileiro que mais se dedicou às questões sobre como os sujeitos podem se empoderar por meio de suas ações e reflexões conscientes. Sua contribuição materializou-se indelevelmente, também, em vivências e experiências concretas com a realidade, sobretudo porque suas proposições sinalizaram para um processo ensino e aprendizagem com vistas à conscientização de educadores e educandos como sujeitos ativos e engajados na construção e na descoberta permanente do conhecimento, permitindo-lhes interpretar e decifrar os *códigos* e perceber os *mitos* relativos aos interesses do sistema opressor dominante.

Aprender e ensinar a como decodificar e desmitificar as práticas e os discursos da opressão e de seus opressores foi uma de suas principais metas para o processo de libertação dos oprimidos. Em sua proposição, evidencia-se, essencialmente, a ideia de empoderamento, não no sentido individual nem comunitário, tampouco social, mas de *classe social*, conforme aponta Baquero (2012), ao se referendar nos estudos de Freire e Shor (1986). A partir da tomada de um processo de *conscientização*, os oprimidos passam a compreender sua realidade, saindo de uma percepção ingênua e se distanciando dela para objetivá-la e retornar a ela e, assim, percebê-la de maneira mais lúcida e crítica visando transformá-la.

Segundo Paulo Freire (1991, p. 112), “a conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência.”, de maneira que sem aquela não existiria a possibilidade da referida tomada. Porém, acrescenta o mesmo autor “[...] nem toda tomada de consciência se alonga obrigatoriamente em conscientização” (FREIRE, 1991, p. 112). Trata-se, portanto, de um processo de conhecimento desenvolvido na relação dialética *homem-mundo*, percebendo-se no mundo num ato de ação-reflexão, o correspondente a práxis propriamente dita (FREIRE, 1979) em que não existe teoria sem prática nem prática sem teoria.

Nesse caso, para Baquero (2012, p. 181), “conscientizar não significa manipular, conduzir o outro a pensar como eu penso; conscientizar é *tomar posse do real*, constituindo-se o olhar mais crítico possível da realidade [...]”, envolvendo um distanciamento do real para poder objetivá-lo na essência de suas relações [grifo nosso].

Paulo Freire (2011) coloca-se favorável ao processo de empoderamento de classe social e não de natureza individual, por acreditar na libertação como ato social em oposição à ideia de *autolibertação*. De fato, de acordo com Freire (2011, p. 97), “ninguém liberta

⁴² Algumas contribuições importantes sobre Paulo Freire, como o autor do empoderamento em seu sentido transformador, podem ser encontradas em Valoura (2005).

ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Esse libertar-se coletivo seria fruto das ações coletivas desenvolvidas e realizadas por todos aqueles esperançosos e engajados no processo libertador.

Na perspectiva freireana, “[...] o empoderamento individual, fundado numa percepção crítica sobre a realidade social, é fundamental, mas tal aprendizagem precisa ter relação com a transformação mais ampla da sociedade” (BAQUERO, 2012, p. 181). Assim, essa nova liberdade na aprendizagem deve ser usada a favor e a partir dos oprimidos, e não, dos opressores e deve ser relacionada a outros esforços de transformação da sociedade.

Essas proposições de Paulo Freire dão, na verdade, o sentido e significado do empoderamento na educação, razão por que os sujeitos, por meio da educação, entendem-se como homens no mundo, como sujeitos históricos e capazes de transformar a sua realidade. A partir do momento em que os sujeitos são percebidos e se percebem no contexto da educação como sujeitos – e não, como meros objetos de educadores autoritários, donos da verdade – passam a ser capazes de perceber sua injusta realidade opressora, sentindo-se instigados a modificá-la.

Freire, ao propor uma pedagogia voltada para os interesses dos oprimidos, rompe com as posturas autoritárias e conservadoras adotadas pela *educação bancária*, que vê os sujeitos como coisas, como *caixas vazias* que precisam ser preenchidas com uma série de conteúdos, que deverão ser memorizados e reproduzidos quando necessário.

Esse rompimento paradigmático de educação permite que educadores e educandos deixem de ser tratados como meros objetos manipuláveis pelo sistema opressor e se percebam como sujeitos pensantes, reflexivos e autônomos, capazes de se libertarem entre si. A proposição é, realmente, a de se pensar numa educação libertadora, progressista, que considere os educandos como sujeitos ativos do (no) processo e que não apenas aprendem ou absorvem conteúdos, conhecimentos científicos e sistematizados trazidos pelo professor para a escola, para a sala de aula.

Num processo de ensino e aprendizagem em que, ao mesmo tempo, educadores são educandos e educandos educadores – e nesse sentido, todos ensinam e aprendem ao mesmo tempo – propõe-se uma metodologia de trabalho baseada no *diálogo* e na relação horizontalizada em que as hierarquias entre os envolvidos não devem prevalecer. Nesse contexto, estabelece-se o diálogo consciente, crítico e criativo, mostrando que o conhecimento não é algo preestabelecido ou pré-dado, mas um fenômeno que se constrói na relação dialógica, horizontalizada e problematizadora das questões que precisam ser pensadas e percebidas através de uma realidade concreta vivida e experimentada por *educandos*-

educadores e educadores-educandos, porque “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, p. 136).

Conceber os educandos como sujeitos, considerando suas experiências e vivências trazidas de suas realidades, é, na percepção de Paulo Freire (1991), o ponto de partida para se avançar em níveis elevados de um entendimento mais amplo e clarividente da realidade. E nessa relação, nesse confronto do conhecimento sistematizado da sala de aula com os saberes de *experiência feito* (FREIRE, 1991) dos alunos, é possível se conquistarem avanços substancialmente plausíveis à transformação social.

Assim, a relação entre conhecimento sistematizado proposto pelo professor e o *saber de experiência feito* dos alunos são confrontados no sentido de criar e recriar novas leituras sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula, de forma que todos, ao mesmo tempo, aprendam e ensinem, crítica e criativamente, em direção ao processo de libertação humana.

Ao tomar consciência de sua presença no mundo e de sua capacidade de perceber e modificar sua realidade, os sujeitos passam a se sentir capazes de vislumbrar caminhos e estratégias ao alcance de sua emancipação social, política e cultural. Percebem ou descobrem – juntos e mediatizados pelo mundo – seu poder de ir mais além do que não imaginariam.

Nesse contexto, a educação disporia de um tipo de empoderamento capaz de abranger um processo de conscientização, permitindo a passagem de um pensamento ingênuo para uma consciência crítica do mundo. Porém, isso não ocorre no vazio, “[...] numa posição idealista, segundo a qual a consciência muda dentro de si mesma, através de um jogo de palavras num seminário” (BAQUERO, 2012, p. 181), mas na percepção coletivamente consciente daqueles em processo de conscientização da realidade social.

Trata-se de uma proposição voltada na perspectiva da vocação do *ser mais*, situação em que, numa proposta pedagógica opressora, tal possibilidade jamais se materializaria, pois sua vocação é a do *ser menos*. Essa impossibilidade fica evidente pelo fato de não existirem, nesse tipo de educação desumanizante, condições favorecedoras para que isso ocorra, sobretudo por sua natureza castradora, mecanicista, autoritária e conservadora de um modelo de educação colocada para os interesses de perpetuar e manter o sistema dominante, em detrimento da educação pautada nos processos democráticos que humanizam, conscientizam e libertam os sujeitos socialmente desfavorecidos no processo. Por esse motivo é que Paulo Freire propôs a Pedagogia do Oprimido (2011), e não, uma pedagogia para os oprimidos. Uma pedagogia deles, construída por eles para a sua libertação e a dos opressores. Não existe a possibilidade de libertação por meio dos opressores, porque não são capazes de fazer com que os sujeitos possam *ser mais*. O *ser mais* é vocação do oprimido.

No opressor, o oprimido não se hospeda, pois, nele, hospeda-se o opressor. E os oprimidos, nesse processo de opressão, sabem quais são as intenções do opressor. Com isso, o oprimido é capaz de exorcizar, expulsar, através de uma pedagogia do oprimido, esse opressor que existe dentro dele. A possibilidade de mudar, de revolucionar ou de transformar a realidade dar-se-á pelos oprimidos com uma pedagogia permanentemente construída e experimentada por eles. E o elemento básico dessa pedagogia é, fundamentalmente, o *diálogo*. Não um diálogo qualquer, mas o diálogo, crítico e consciente, que corrobora a transformação e libertação dos sujeitos oprimidos, como referimos neste estudo.

O empoderamento de Paulo Freire é o que percebe os sujeitos do processo – educadores e educandos – como habilitados e em condições suficientes, devido às possibilidades de perceber, entender e refletir criticamente sobre sua cruel realidade de opressão e de desvantagem social, política e econômica, visando modificá-la radicalmente em benefício da libertação de todos, inclusive dos que oprimem. Portanto, temos aí a percepção clara de que o poder transita, também, entre os oprimidos, em suas interações e relações sociais. E ao tomarem consciência desse poder de que usufruem em suas relações cotidianas, e instigados e incentivados a perceber e a exercitar esse poder de que dispõem, podem e são capazes de ampliá-lo no sentido de alcançar os objetivos pretendidos no processo de empoderamento *ligado à ideia de classe social* (FREIRE; SHOR, 1986).

O despertar da consciência crítica no empoderamento contribui não apenas para os sujeitos descobrirem que são dotados de poder, mas também para perceberem suas efetivas condições de transformar a realidade. Buscar-se-iam, com isso, formas de empoderamento cada vez mais consistentes por meio do desenvolvimento das potencialidades de que dispõem.

3.9 O CONCEITO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL

Nesta parte do trabalho, definimos o conceito de inclusão social. Entretanto, é preciso entender o que seja exclusão social, uma vez que são partes integrantes de um todo, que se contrapõe e se negam entre si para, ao mesmo tempo, existirem como fenômenos sociais dependentes entre si. Assim, tratamos, primeiramente, de compreender o que seja esse segundo termo para, em seguida, tratar sobre o sentido e o significado do primeiro.

Durante nossas incursões a respeito desses termos, verificamos que há muito mais estudos que abordam o significado de exclusão do que o de inclusão social. Isso ocorre

porque a exclusão social é um agudo fenômeno inquietador da “[...] sociedade contemporânea e que, infelizmente, as políticas de inclusão não têm sido suficientes para fazer face aos imperativos sociais” (BORBA; LIMA, 2011, p. 222).

Estudiosos como Borba e Lima (2011), Richardson (2009), Proença (2005), Kowarick, (2003) e Lesbaupin (2000), entre outros, comungam da mesma ideia de que a exclusão social diz respeito a um termo que foi introduzido no mundo pelo teórico René Lenoir em 1974. É um fenômeno que abrange grande variedade de problemas socioeconômicos (BORBA; LIMA, 2011). Para Lesbaupin (2000, p. 30), “[...] o termo deriva da teoria da marginalidade dos anos 1960, cujo fenômeno compreendia a mão-de-obra marginalizada na América Latina.” O conceito de exclusão está presente em todos os países, independentemente do seu nível de desenvolvimento, tendo em comum a questão social (LESBAUPIN, 2000).

De fato, a exclusão, como prática social, não é nova na história da humanidade, pois o que há de relativamente novo é sua noção. Queremos, com isso, afirmar que a exclusão sempre existiu. Nas palavras de Pochmann (2003), ela está presente desde os períodos mais remotos até os dias de hoje. Representa uma totalidade que se constitui a partir de amplo processo socialmente construído e historicamente determinado. Acompanha, em maior ou menor grau de influência, o desenvolvimento da humanidade, tornando-se cada vez mais heterogênea, de difícil compreensão, identificação e mensuração.

A difusão da exclusão social ocorre de forma mais intensa nos anos 1990, justamente com o auge do desemprego. É nesse período em que essa nova noção vai protagonizar o debate social e político. De acordo com Paugam (1996), isso se deve a duas questões basilares: uma, devido ao susto dos franceses com a crise; e a outra, por ocasião da evolução das representações e categorias de análise amadurecidas pelo acúmulo de conhecimento sobre o tema.

No Brasil, com a explosão do desemprego nesse mesmo período, a noção de exclusão social ganha mais destaque e novas análises, embora possamos dizer que, entre as décadas de 1950 e 1970, a noção predominante para se referir ao fenômeno da pobreza, em nosso país e em outros países da América Latina, era o de *marginalidade* (LEAL, 2004). Tem-se aí, portanto, uma categoria que antecederia a noção de exclusão social. Segundo Richardson (2009, p. 18), “[...] a teoria da marginalidade vai servir para explicar um fenômeno tipicamente latino-americano, próprio do capitalismo dependente ou periférico.”

Como salienta Wanderley (2009, p. 17), “a concepção de exclusão continua ainda fluida como categoria analítica, difusa, apesar dos estudos existentes, e provocadora de intensos debates.” Há, na verdade, segundo a autora, uma saturação de utilização

indiscriminada do termo. Diante de tais constatações, o que seria exclusão? Como conceituá-la?

Compreender a exclusão social requer, de nossa parte, paciência e análise para que não caiamos em imprecisões, equívocos e mal entendidos, quando da utilização do termo exclusão, banalizando-o, superficializando-o e confundindo-o com outros conceitos, que possam até fazer relação com ele, mas não são sequer sinônimos, como acontece, por exemplo, com a noção de pobreza.

Nesse caso, a noção de exclusão social é bem mais abrangente do que a de pobreza. “É usual o entendimento de que esse conceito representa fenômenos multidimensionais e deve, portanto, ser caracterizado por seus principais atributos” (REZENDE; TAFNER, 2005, p. 87). Assim, além do critério renda, outros fatores (econômicos e não econômicos, entre intergerações) devem ser considerados, a saber: moradia, condições de educação, saúde, nutrição, lazer, entre outras questões do gênero capazes de restringir o acesso dos sujeitos ou da família a níveis de qualidade de vida mais elevados (REZENDE; TAFNER, 2005).

A exclusão, nesse caso, é gestada nas sinuosidades do econômico, do político e do social, “[...] tendo como desdobramentos específicos nos campos da cultura, da educação, do trabalho, das políticas sociais, da etnia, da identidade e de vários outros setores e dimensões da vida humana” (SILVA; BARBOZA, 2005, p. 31).

A exclusão social, nesse contexto, vem se prestando a diferentes manifestações e se apresenta, crescentemente, como elemento:

[...] transdisciplinar que diz respeito tanto ao não-acesso a bens e serviços básicos, como à existência de segmentos sociais sobrando de estratégias restritas de desenvolvimento socioeconômico, passando pela exclusão dos direitos humanos, de seguridade e segurança pública, da terra, do trabalho e da renda suficiente (GONTIJO; MEDEIROS, 2007, p. 120).

A exclusão social é um fenômeno mundial – multidimensional e dinâmico. Avança em relação ao conceito de marginalidade e de outros que buscam refletir sobre os resultados das injustiças sociais tão presentes atualmente. É, ainda, “[...] multifacetada, capaz de assumir diferentes aspectos e, assim, de atingir de diversas formas as sociedades contemporâneas” (SILVA; BARBOZA, 2005, p. 31).

Wanderley (2009, p. 17) nos alerta que muitas “[...] situações são descritas como exclusão, que representam as mais variadas formas e sentidos advindos da relação inclusão/exclusão. Sob esse rótulo, estão contidos inúmeros processos e categorias [...]”, um

conjunto de manifestações que surgem como rachaduras e quebras do vínculo social como, por exemplo, pessoas idosas, deficientes, desadaptados sociais; minorias étnicas ou de cor; desempregados de longa duração, jovens impossibilitados de aceder ao mercado de trabalho.

Além dessas modalidades e categorias de excluídos, outras vão surgindo à medida que a sociedade se modifica, de acordo com o momento e o lugar, em suas relações sociais, políticas, econômicas, históricas e culturais. Nesse caso, a exclusão social estaria associada tanto ao aspecto temporal quanto à questão de ordem espacial, porquanto a exclusão de tempos atrás atingia determinada parcela da população e hoje transita por espaços onde antes não se fazia presente. Com o passar dos tempos, a exclusão foi se ampliando cada vez mais, atingindo grupos e lugares sociais antes não atingidos.

A exclusão, do ponto de vista epistemológico, seria quase impossível de ser delimitada (WANDERELEY, 2009), tamanha sua fluidez e complexidade, apesar dos estudos existentes, e provocadora de vivos debates. Ela abarca diferentes contextos e situações de vulnerabilidade enfrentadas por pessoas e grupos expostos a todo tipo de injustiça social. Isso faz com que a exclusão seja compreendida, geralmente, de maneira inconsistente e vazia de sentido, servindo a interesses políticos e ideológicos que colocam esse fenômeno como principal ponto de pauta de promessas de campanhas eleitorais, porém se distanciando da realidade social vivenciada pelos excluídos.

A banalização do conceito exclusão/inclusão social vem, em primeiro plano, de seu uso substituído aos conceitos de opressão, dominação, exploração, subordinação entre outros tantos que derivam do exame crítico da luta de classes da sociedade salarial, como mera modernização da definição de pobre, carente, necessitado, oprimido. (SPOSATI, 2006, p. 5).

A exclusão, em seu processo sutil complexo, multidimensional e dialético em relação à inclusão não é simplesmente um estado, mas um processo que abarca o homem em sua totalidade e na sua relação com os outros e com o mundo. Não dispõe de uma única configuração para se manifestar nem significa uma falha ou equívoco do sistema, mas fruto dele mesmo, que parece não sobreviver sem esse fruto (SAWAIA, 2009). É um fenômeno mundial (não só de ordem econômica), que não ocorre apenas nos países pobres do terceiro mundo, nem está presente apenas nos países da América Latina. Em verdade, como nos esclarece o teórico Lesbaupin (2000, p. 31), a exclusão “[...] é um fenômeno típico da atual fase do capitalismo, presente tanto nos países desenvolvidos como nos países emergentes

[...]”, ou melhor, é um problema do primeiro e do terceiro mundos, embora agravado neste último. É, também, parte de um processo de contradição, uma vez que nega a inclusão, ao mesmo tempo em que faz parte dela. Esses são processos antagônicos, mas não totalmente independentes. Ocorrem, simultaneamente, no tempo e no espaço do contexto em que se encontra (SAWAIA, 2009).

Para Sposati (2006), a relação entre exclusão e inclusão identifica a crueldade da desigualdade. Confrontar a exclusão em sua relação com a inclusão é colocar a análise no patamar ético-político como questão de justiça social, e isso possibilita a descoberta de novas identidades e dinâmicas sociais. Assim, ninguém é plenamente excluído ou permanentemente incluído. Não se trata de uma condição de permanência, mas de identificar a potência do movimento de indignação e inconformismo.

Abreu e Barbosa (2009, p. 1), referendando-se no entendimento de Pochmann e Amorim (2007), afirmam que “[...] a exclusão social é entendida como a impossibilidade de acesso a alguns direitos sociais básicos que, em decorrência, leva os grupos nessa situação à condição de *subcidadãos*, sem acesso às mínimas condições de sobrevivência [...]” para que possam dispor de uma vida honrada como qualquer cidadão [grifo nosso].

Ao mesmo tempo em que nos encontramos num sistema que não sinaliza para possibilidades de inclusão, grupos e sujeitos excluídos reinventam cotidianamente situações de inserção em meio ao modelo excludente como forma de sair dessa incômoda condição de *subcidadãos*. A exclusão social “[...] é a apartação de uma inclusão pela presença da discriminação e do estigma. Em consequência, seu exame envolve o significado que tem para o sujeito, ou para os sujeitos, que a vivenciam” (SPOSATI, 2006, p. 5). Enquanto determinada experiência se constitui exclusão para uns, para outros, pode significar algo diferente disso. Nesse sentido, a exclusão demanda uma base analítica multidisciplinar, que deve incluir várias ciências sociais, a fim de descobrir *quem são os excluídos, de que são excluídos e por que são excluídos*, porquanto o seu conceito implica causas que acontecem às pessoas ou grupos, que não são responsáveis, mas, até certo ponto, são vítimas do processo excludente ao qual se encontram submetidos (RICHARDSON, 2009).

Silva e Barboza (2005) até concordam que a exclusão é originada no contexto do econômico, político e social, porém com desdobramentos específicos nos campos da cultura, da educação, do trabalho, das políticas sociais, da etnia, da identidade e de vários outros setores e dimensões da vida humana, mostrando a força e a amplitude desse fenômeno do (no) mundo contemporâneo.

Após termos explicitado e problematizado sobre o conceito de exclusão social, com base nos estudos de alguns autores, partiremos para a noção utópica da inclusão social.

3.9.1 Afinal, o que é inclusão social?

Sobre o termo inclusão social, alguns estudiosos apresentam definições distintas, pelo fato de apresentarem vivências e visões de mundo diferentes. Mesmo assim, alguns desses pontos de vista convergem entre si, uma vez que a maioria deles compreende o fenômeno como forma de amenizar ou superar a exclusão social.

A inclusão social pode ser definida como um processo que garante que as pessoas em risco de pobreza e exclusão social “[...] acedam às oportunidades e aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas económica, social e cultural e se beneficiem de um nível de vida e bem-estar considerado normal na sociedade em que vivem” (COM, 2003, p. 9)⁴³.

Essa seria uma primeira aproximação do significado de inclusão social, cujos elementos-chaves são as ideias *de processo, adesão e participação*. Portanto, esse fenômeno, concebido como algo processual, contribui para que as pessoas se desloquem de uma situação de pobreza e de exclusão para uma de níveis aceitáveis em termos de bem-estar na vida social. Ele se constitui como um “processo que visa promover a inclusão dos segmentos em vulnerabilidade social, destacando a cidade, a escola, o emprego e a proteção social” (KOWARICK, 2003, p. 75). Essa noção também se refere, aqui, à de processo, endossando e reforçando a passagem anterior. Em ambas as definições, a inclusão social aparece como um meio de propiciar situações mais dignas de sobrevivência.

Do ponto de vista mais humano e menos das políticas sociais, o termo inclusão social pode ser compreendido como algo que se refere “[...] à solidariedade social que é um processo diferente da exclusão social, pois reflete companheirismo” (BARRY, 1998, p. 17). As ações coletivas de *solidariedade* e *companheirismo* são significativamente importantes para minimizar a exclusão social. Por outro lado, vale ressaltar, “a inclusão social de grupos não é meramente simbólica, já que também contém implicações económicas” (SILVER, 2005, p. 138). Ou seja, embora as investidas de cunho simbólico sejam importantes no processo de inclusão social, não devemos nem podemos desconsiderar as questões de ordem econômica,

⁴³ Comissão das Comunidades Europeias

uma vez que se trata de uma sociedade capitalista, que influencia, consideravelmente, os resultados favoráveis ou não ao processo de combate à exclusão e à pobreza.

Na direção de cunho também econômico, a noção de inclusão social precisa ser percebida como uma preocupação de gestão para que a exclusão seja efetivamente amenizada. Portanto, esse processo de amenização se caracteriza pela “[...] busca da redução da desigualdade, através de objetivos estabelecidos que contribuam para o aumento da renda e do emprego” (WIXEY et al., 2005, p. 16) e que pode ajudar a elevar a autoestima dos indivíduos submergidos no processo de exclusão. Nessa perspectiva, devemos relacionar o sentido e o significado de inclusão social à procura de “[...] estabilidade social através da cidadania social, ou seja, todos os cidadãos têm os mesmos direitos na sociedade. A cidadania social preocupa-se com a implementação do bem-estar das pessoas como cidadãos” (SHEPPARD, 2006, p. 22).

Contrapondo-se aos aspectos até aqui abordados, podemos afirmar também que inclusão social é um conjunto de políticas sociais contemporâneas “[...] que priorizam, equivocadamente, atingir os excluídos que estão no limite das privações através de programas focalizados que sustentam rótulos de ‘inclusão social’.” (LOPES, 2006, p. 22), notadamente quando se trata de políticas sociais de cunho assistencialista, que mascara a realidade e não resolve o problema da pobreza e da exclusão.

Nesse bloco de definições conceituais sobre inclusão social, praticamente todas as compreensões aqui explicitadas convergem para a ideia de um processo à qual os sujeitos excluídos possam aderir e participar de políticas sociais, visando à busca da estabilidade do bem-estar e, por conseguinte, da melhoria da qualidade de vida no campo econômico, político, social e simbólico. Então, consubstancia-se a possibilidade de uma abertura de gestão capaz de contribuir para amenizar a exclusão e reduzir a desigualdade entre os indivíduos pobres e excluídos da sociedade, desde que não se contamine com as políticas assistenciais que encobre os problemas sociais e acaba não resolvendo os problemas causados pela exclusão social.

Borges (2012, p. 1), em concordância com as passagens anteriores, sinaliza para a noção de inclusão social como uma questão de *atitude política*, principalmente em relação às “[...] desigualdades e injustiças sociais, voltada para a instituição de espaços de comunicação, realização e participação na sociedade de pessoas, grupos e comunidades que, em função de circunstâncias históricas [...]”, são coibidas a buscar seus direitos inviabilizados e de se realizar como cidadãos.

Quando discutimos sobre a temática da inclusão social, não devemos nos esquecer de que o estabelecimento dessas políticas passa a existir (ou não) porque há pessoas que não estão tendo oportunidades mínimas de exercer sua cidadania plena, submetidas a um processo de brutal exclusão. Além disso, não há como conceber uma noção de inclusão social sem que se conheçam previamente o significado de exclusão social e o vínculo íntimo que existe entre essas. Logo, poderíamos perguntar: como pensar a inclusão como possibilidade de um resgate social? Parece que, para se alcançá-la de maneira mais efetiva, seria interessante remetê-la ao alcance de um padrão mínimo para garantir o acesso ao universo das quatro utopias básicas: *autonomia de renda, desenvolvimento humano, qualidade de vida e equidade* (SPOSATI, 1996). Resumidamente falando, essas utopias básicas seriam os pontos indispensáveis para a emancipação completa do ser humano, para que tenha uma vida social digna, consubstanciada no atendimento às suas necessidades imediatas e mediatas.

Pensar a política de inclusão social, à luz dessas utopias, seria, também, interpretá-la a partir do viés social, político e econômico em que se insere. A nosso ver, as propostas de Estado e de governo têm se consolidado mais naquilo que chamamos de *modelo neoliberal*. Nesses termos, “[...] as políticas atuais, no Brasil e em outros países, que seguem o que está sendo chamado de modelo neoliberal, implicam a proposital inclusão *precária e instável*, marginal” (AZEVEDO; BARROS, 2004 p. 79).

Diante do exposto, podemos afirmar que a relação dialética entre inclusão e exclusão social precisa ser percebida justamente na ótica de sua multidimensionalidade, multifacetude e amplitude de seu real significado, levando-se em conta o contexto social (espacial e temporal), político, econômico, cultural e histórico em que pretendemos tratar o fenômeno investigado. Em nosso país, não podemos negar, há uma política de inclusão social também subordinada aos interesses do capital, ao mesmo tempo em que atende ao funcionamento da ordem social e política vigente, em favor da dominação entre classes sociais e setores mais e menos favorecidos da sociedade. Isso permite que determinadas políticas de inclusão social estejam, de certa maneira, atreladas aos interesses desses modelos hegemônicos.

Nenhuma política de inclusão deverá ficar isenta de uma análise como essa, principalmente as voltadas para o esporte ou através dele, o qual tem sido, nos últimos anos, o carro-chefe das políticas de inclusão em território nacional, considerado como capaz de dominar os impulsos violentos e produzir uma nova sociabilidade, gerando novas práticas que possibilitem afastar os jovens das drogas e do crime, numa abordagem meramente *salvacionista* (MELO, 2005).

O esporte, entendido ou não como panaceia para a solução de todos os males do meio social, é qualquer atividade esportiva, considerando as potencialidades e as limitações físicas, motoras, sensoriais e mentais dos seus praticantes, propiciando-lhes sua efetiva participação nas mais variadas atividades esportivas, lúdicas e recreativas, para o desenvolvimento de todos (AZEVEDO E BARROS, 2004).

O importante do esporte, como meio de inclusão social, mais do que uma preocupação com os aspectos físicos de seus sujeitos, seria o de conhecermos, cuidadosamente, a dinâmica das relações entre eles, deles com as atividades e o significado dessas atividades em suas vidas. Verifica-se, portanto, que o entendimento dessas questões é importante tanto para a consolidação de programas de inclusão social, através do esporte, quanto como espaço que privilegia o exercício pleno da cidadania e que promove a superação da pobreza e da exclusão social.

Melo (2005, p. 80) enuncia que, “inegavelmente, os esportes e as artes possibilitam novas formas de relação com o mundo, podendo tais manifestações construir um projeto de melhoria das condições gerais de vida”, embora saibamos que, nesses espaços, muitas vezes, o caráter salvador de recuperação de uma cidadania perdida e o aproveitamento político como forma de consumo estejam servindo a interesses escusos. Nesse caso, devemos ter clareza quando nos referimos, por exemplo, ao esporte como meio de inclusão social.

Essa interpretação não pode ser perdida de vista justamente porque “muitos programas de esporte para camadas sociais empobrecidas tentam cobrir lacunas e fracassos da escola, da sociedade, do sistema de distribuição de alimentos [...]” (MALHEIROS, 2001, p. 1) etc., que se caracterizam como ações paternalistas e assistencialistas que refletem uma concepção de esporte que não passa pelo reconhecimento desses programas como direitos e necessidades sociais (MALHEIROS, 2001).

Ressaltamos que, com essa discussão, não estamos querendo negar a importância desse fenômeno social como política de inclusão social, uma vez que, “[...] num contexto de poucas opções de esporte e lazer, pouco importa quem promove a possibilidade para a prática esportiva, se é o Estado, uma Organização Não-governamental (ONG) [...]” (MELO, 2005, p. 81), entidades filantrópicas, entre outras instituições do gênero. O desafio mesmo é o de compreendermos os aspectos políticos disso e sua capacidade de dar conta das metas que se propõem a atender (MELO, 2005).

Para compreender o esporte como um espaço de empoderamento e de inclusão social de afro-brasileiros, precisamos buscar, primeiro, a realidade histórica das relações étnico-raciais estabelecidas no Brasil. E isso deve ser feito procurando compreender como os

africanos foram trazidos para cá a fim de ser escravizados, e mesmo com o pós-abolição, permanecem, ainda hoje, vivendo um brutal processo de abandono e exclusão social. Em função disso, têm buscado o futebol como uma das poucas chances de conquistar uma vida digna e cidadã. Essa revisitação é importante porque nos faz entender que as constantes lutas do passado e do presente concretizadas por esses sujeitos denunciam e nos fazem entender seu atual processo de pobreza e de exclusão.

Nesse caso, passamos a entender, também, o futebol como tempo e espaço paradoxal, pois, se, de um lado, exclui os afro-brasileiros, de outro, possibilita-lhes processos de ascensão social e, às vezes, até mesmo econômica, para esse segmento da sociedade, que, em alguns casos, até superam a pobreza e a exclusão social de que são vítimas.

A inclusão social, por meio do futebol e, por via dessa, a econômica, é decorrente da construção e da preparação de caminhos que conduzem afro-brasileiros das periferias brasileiras a buscarem, nessa prática esportiva, formas de resistir a todo esse processo de discriminação, preconceito e racismo que têm vivenciado no Brasil desde os tempos da escravidão.

Consciente ou inconscientemente, individual e/ou coletivamente, esse contingente da sociedade parece estar se empoderando no espaço/tempo do futebol – principalmente como atletas – para alcançar mais inserção social, algo, pelo menos até hoje, a nosso ver, quase que impossível de se conseguir em outros esportes e espaços sociais, histórica e ideologicamente negados pela cultura eurocêntrica e dominante do branqueamento em nosso país.

Acreditamos, portanto, que o PACF é uma dessas resistentes ações sem fins lucrativos que, através da oferta da prática do futebol, vem contribuindo para o empoderamento de afro-brasileiros jovens, pobres e excluídos da periferia de Campina Grande-PB. À medida que esse programa os forma e os revela para o *mundo* do futebol profissional, sinaliza para a possibilidade e o sonho de alcançarem dias melhores para si e seus familiares.

As concepções teóricas da *história vista de baixo*, de Thompson (2010), Jim Sharpe (1992) e Hobsbawm (1998), articuladas aos conceitos de empoderamento e de inclusão social, ajudaram-nos a realizar uma investigação sobre o empoderamento de afro-brasileiros participantes do PACF, no futebol, da cidade de Campina Grande-PB, como espaço de inclusão social.

A articulação entre esses conceitos foi possível por entendermos que os afro-brasileiros que investigamos compõem um grupo de sujeitos não apenas pobres e excluídos da sociedade, mas que também são pessoas comuns e desconhecidas que, através do futebol, procuram realizar o sonho de ser atletas profissionais para sair da situação de desvantagem –

social, política, econômica, étnico-racial – que enfrentam. Nesse sentido, julgamos importante não apenas ouvir a voz desses sujeitos comuns, pobres e excluídos, mas também de contribuir para que se sintam no direito de contar a própria história.

No capítulo seguinte, tecemos considerações minuciosas sobre o PACF. Para tanto, procuramos perceber, a partir de um diagnóstico mais detalhado do campo de investigação, qual é a política de formação de atleta, verificar seus documentos, as características dos sujeitos (coordenador, colaboradores e atletas) e dos espaços, a rotina e as atividades desenvolvidas para a formação do atleta/cidadão.

4 O PROJETO ATLETA CIDADÃO DO FUTURO (PACF)

Este capítulo tem como objetivo caracterizar o campo de pesquisa, através de uma descrição detalhada do perfil dos sujeitos investigados, do espaço e das atividades desenvolvidas no Projeto Atleta Cidadão do Futuro (PACF), compreendido como possibilidade de empoderamento e que contribui para a inclusão social de afro-brasileiros oriundos das classes menos favorecidas da cidade de Campina Grande-PB.

No decorrer da descrição e da caracterização do referido projeto, fizemos, simultaneamente, e na medida do possível, sua análise à luz do referencial teórico-conceitual da pesquisa, visando verificar como, em seu texto e contexto, estão presentes aspectos e elementos constitutivos do fenômeno do empoderamento e, por conseguinte, da inclusão social.

4.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O CAMPO DA PESQUISA

Durante a fase diagnóstica, realizamos conversas e entrevistas preliminares com o professor/coordenador responsável pelo PACF tanto fora quanto no próprio local de realização dos trabalhos de formação dos atletas.

Nesses primeiros contatos, coletamos uma série de informações através de conversas relativas ao futebol e ao trabalho ali desenvolvido. Durante as visitas preliminares, fomos autorizados a filmar e a fotografar o espaço e as pessoas e conseguimos uma cópia do projeto atualizada, fotos e uma série de documentos direta e indiretamente relacionados aos trabalhos desenvolvidos nesse espaço/tempo de formação e revelação de atletas para o futebol.

Antes, porém, de fazer uma incursão mais detida no *lócus* da pesquisa, elaboramos um questionário com uma série de perguntas e entregamos ao coordenador do PACF. Esse instrumento teve como objetivo diagnosticar o projeto a partir desse sujeito e suas percepções sobre o trabalho desenvolvido e sua percepção em torno das discussões étnico-raciais, sobretudo no que diz respeito à questão do racismo no futebol.

Depois de realizar as primeiras leituras do documento do PACF, verificamos que ele não faz nenhuma referência ao racismo no futebol. Mas, em conversa com o professor/coordenador do projeto, ele dissera nunca ter presenciado cenas de discriminação, preconceito e racismo entre os atletas e entre eles e treinadores naquele ambiente. Entretanto, acha que, no Brasil, os afro-brasileiros são vítimas de racismo, porém, em raríssimos casos,

principalmente em forma de brincadeiras irônicas. Afirmou-nos também que as formas mais comuns ocorrem entre torcedores de clubes adversários, quando atiram em determinados atletas negros bananas, gritando a palavra macaco e fazendo gestos que remetem aos movimentos desse animal.

Sobre essa questão, vale ressaltar que atitudes racistas são direcionadas a jogadores de outros países, notadamente aos atletas brasileiros e africanos, como pudemos perceber nos noticiários da imprensa mundial como um todo⁴⁴. Aliás, em relação aos jogadores brasileiros nem precisam ter a pele tão escura para ser xingados, por exemplo, de macaco. Isso mostra o quanto a cultura eurocêntrica do branqueamento, arquitetada em fins do Século XIX e início do XX⁴⁵, ainda está fortemente presente nas *mentes e nos corações* daqueles povos, reproduzindo-se constantemente em diferentes espaços e tempos da vida social, inclusive no meio esportivo.

Essas cenas se repetem também no contexto do futebol sul-americano e no brasileiro. Fatos como esses foram presenciados em disputas da Taça Libertadores da América⁴⁶ entre times brasileiros e argentinos⁴⁷. No Brasil, a realidade não é muito distante, como afirmam Huber et. al. (2006, p. 2):

Nos últimos anos, alguns casos ficaram marcados e, diferentemente da Europa, onde os insultos vieram dos torcedores, aqui os casos aconteceram dentro dos gramados. Em março de 2006, após dar uma cotovelada no volante Jeovânio, do Grêmio, o zagueiro Antônio Carlos, do Juventude, foi

⁴⁴ Alguns exemplos de racismo no futebol que podemos citar: “No dia 25 de fevereiro de 2006, os jornais noticiaram, com indignação, a atitude de torcedores do Zaragoza que, durante o jogo com o FC Barcelona, pelo Campeonato Espanhol, fizeram xingamentos racistas contra o jogador camaronês Samuel Eto’o, na época do FC Barcelona”; Outro caso de indignação refere-se ao técnico da seleção ucraniana, que usou comentários racistas para culpar estrangeiros pela falta de desenvolvimento do campeonato. “As crianças deveriam aprender com Shevchenko e não com um Zumba Zumba, que tiraram da árvore, deram duas bananas e agora joga pelo Campeonato Ucraniano – diz Blokhin”, segundo o jornal escocês Daily Record; O primeiro jogador negro a ser convocado para a seleção alemã, o meia Gerald Asamoah, de origem ganesa, está sendo vítima de uma campanha de difamação por parte de um grupo de extrema direita na Alemanha, autodenominado Schutz-bund Deutschland, que significa ‘Aliança para a proteção da Alemanha’. A organização tem espalhado cartazes por Berlim nos quais Asamoah é atacado e humilhado por ser negro. As ofensas também têm sido feitas pela internet. “Não Chita, você não é Alemanha. Você é um macaco”, afirma um dos cartazes espalhados pela capital alemã, que traz ainda a imagem de um chimpanzé” (LOPES; VIEIRA, 2006).

⁴⁵ Ver documentário “Homo Sapiens 1900”.

⁴⁶ Hoje, essa competição tem o nome de Copa Santander Libertadores e é realizada entre as melhores equipes da América do Sul que foram classificadas em seus campeonatos nacionais.

⁴⁷ “O atacante gremista Maxi López foi acusado pelo volante Elicarlos, do Cruzeiro, de ter feito declarações racistas na partida entre os dois pela semifinal da Copa Libertadores”. “O jogador argentino, que teria chamado o cruzeirense de ‘macaco’, por pouco não saiu preso do Mineirão. O caso lembra o episódio envolvendo o atacante brasileiro Grafite, então no São Paulo, e o zagueiro argentino Leandro Desábato, então no Quilmes, em partida válida pela primeira fase da Copa Libertadores de 2005” (Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/libertadores/2009/interna/0,,OI3842801-EI12949,00.html>>. Acesso em: 22 abr. 2013).

expulso e deixou o gramado esfregando o dedo na pele do braço e gritando “macaco”, em referência à cor da pele do adversário.

A discriminação e o racismo contra afro-brasileiros no futebol (e talvez em outros esportes) não ocorrem apenas por meio de piadinhas, xingamentos e brincadeiras entre jogadores dentro de campo, ou por parte de torcedores e dirigentes direcionados aos atletas etc. Materializam-se, também, no campo das posições que ocupam os sujeitos no mundo dessa modalidade esportiva. Ou seja, afro-brasileiros são sempre os atletas, enquanto que os cargos de treinadores, dirigentes, presidentes de clube, etc., são ocupados, quase sempre, por brancos.

Em outras palavras, os afro-brasileiros e os brancos (ou sujeitos com a pele mais clara) são jogadores, mas o último deles parece ter mais chances de assumir uma posição de destaque após sua aposentadoria como atleta. Isso não acontece, necessariamente e apenas, pela competência que possam demonstrar, mas, principalmente, pelas representações que são atribuídas à cor da pele que carregam. Assim, consciente ou inconscientemente, a cor da pele passa a ser um critério determinante para tal escolha/seleção, no que se refere a assumir ou não um cargo de liderança no esporte, e pode ocorrer por causa do preconceito velado de que o afro-brasileiro não tem capacidade de assumir cargos ou funções que sejam necessárias à utilização das faculdades intelectuais, uma vez que, no imaginário individual e coletivo dos sujeitos sociais, a cor da pele serve de referência para se pensar quem tem mais e menos condições de chegar a galgar outros degraus e patamares mais elevados no esporte, em geral, e no futebol, em particular (CARVALHO, 2005).

Entendemos que esses são resquícios de construções racistas iniciadas ainda no período da escravidão, quando ao negro foi imposto o trabalho pesado e totalmente distanciado da possibilidade da realização de serviços que exigissem mais do intelecto e menos da força física. E como se não bastasse, o afro-brasileiro foi, no pós-abolição, severamente excluído dos bancos escolares e impedido de desenvolver suas capacidades intelectivas com vistas a ocupar postos e cargos mais importantes na sociedade (DOMINGUES, 2009). Por essa razão, o coordenador do PACF, com seus muitos anos de experiências no futebol, diz que, comumente, o racismo acontece em forma de brincadeiras irônicas e pejorativas iniciadas pelo sentimento de superioridade do jogador branco.

Vários jogadores, em entrevistas, confirmam abertamente que provocações das mais diversas são corriqueiras entre eles nas disputas esportivas. Inclusive, as considera *normal* por entenderem que determinadas atitudes fazem parte do clima do jogo, até mesmo os

xingamentos depreciativos relacionados à cor da pele, ao insultarem jogadores afro-brasileiros de *macaco*.

Nossa vivência no futebol e as posteriores leituras sobre o tema fizeram com que enxergássemos que esses xingamentos e insultos de cunho racista existem mais nos esportes em que afro-brasileiros estão numericamente bem representados. Ora, se o futebol, no Brasil, e, quiçá, em certas partes do mundo, é o esporte que apresenta um contingente maior desses sujeitos, eles, concomitante e paradoxalmente, convivem com as ofensas racistas e com a possibilidade de atingir a glória e de ser reconhecidos por seus feitos, manifestações típicas da contraditória sociedade capitalista. Ou seja, o racismo, histórica e ideologicamente construído como forma de dominar uma etnia sobre as demais, aparece no esporte, como algo que faz parte de determinado momento da disputa entre duas equipes de futebol, reduzindo e banalizando a gravidade do problema, como ofensas corriqueiras e típicas do jogo, desatrelando-as como questões advindas do mundo social racista. Isso nos faz entender que a *naturalização* do racismo é fruto de uma sociedade excessivamente entranhada desse fenômeno, mas da forma como foi ideologicamente arquitetada nos leva a crer que isso é realmente coisa comum em qualquer lugar, inclusive no futebol, como algo desse esporte, especificamente do calor do jogo.

O professor/coordenador do PACF, em função de tudo isso, considera o futebol como um espaço contraditório, pois, ao mesmo tempo em que se constitui um espaço de reprodução e de manifestações racistas, revela-se, também, um espaço possível de inclusão social de afro-brasileiros das camadas inferiores da sociedade.

Ele afirma que os atletas encaram o futebol como uma profissão para a vida, principalmente os que veem esse esporte como um espaço de sobrevivência. Compreende, portanto, que o futebol é um espaço de empoderamento, majoritariamente, de afro-brasileiros ao alcance da inclusão social, porém, recheado de preconceitos voltados para esses sujeitos por sua cor e condição socioeconômica.

O professor/coordenador acredita também que os afro-brasileiros poderiam aprender e praticar outros esportes mais elitizados, desde que tenham poder aquisitivo para isso, pois numa sociedade excludente como a nossa, o dinheiro é quem manda. Entende que afro-brasileiros não sofreriam tanta discriminação, caso pudessem praticar esportes mais elitizados, em que a presença de brancos é bem mais significativa.

Esse mesmo sujeito reconhece que os afro-brasileiros sofrem discriminação por causa da pobreza e da cor da pele. Para ele, o racismo manifesta-se através de brincadeiras, provocações entre torcedores e jogadores e entre jogadores e jogadores, com o intuito de

provocar e de menosprezar o *outro*, com expressões do tipo *macaco*, *burro* e *crioulo fedorento*. Para o entrevistado, essa é uma *rivalidade demonstrada pelo sentimento de superioridade do atleta branco*.

Diante desse contexto até aqui apresentado, preocupamo-nos em compreender como o PACF e seus participantes desenvolvem ações capazes de se enquadrar no espectro daquilo que se denomina empoderamento, com vistas à inclusão social, e extrair de suas falas o que entendem sobre esses fenômenos e se eles estão presentes em seu cotidiano, ao buscarem o futebol como esperança e possibilidade de superar a pobreza e a exclusão de que são vítimas.

Uma série de arquivos foi disponibilizada pelo responsável pelo projeto: revista da Associação de Garantia ao Atleta Profissional da Paraíba (AGAP-PB) (1995); fotografias dos espaços e de vários sujeitos do projeto e de jogadores que passaram pela escolinha; cópia do projeto da Escolinha Atleta Cidadão do Futuro (2008), projeto da Escolinha Futebol Também se Aprende na Escola (2002); pôster da Seleção Infanto-juvenil de Campina Grande, que viajou para Guarapará, Espírito Santo, formada por atletas do projeto Futebol Também se Aprende na Escola; cartaz *O Descobridor de Talentos*, que divulga as escolinhas de futebol de campo e basquetebol, trazendo como destaque as fotografias dos jogadores Marcelinho Paraíba, Hulk e Fábio Bilica, ou seja, alguns dos atletas que passaram pelo projeto e foram bem-sucedidos no futebol e fotografias individuais de jogadores que foram revelados pelo projeto, abaixo de cujas imagens estão as principais equipes que passaram pelos cenários local, regional, nacional e internacional.

Além desses documentos, o coordenador disponibilizou-nos livros relacionados ao campo de futebol, todos de sua autoria. Trata-se de uma série de publicações relativas à sua trajetória e envolvimento nesse esporte tanto como desportista quanto como pesquisador sobre o assunto. Um dos mais recentes, *O Futebol me Fez um Doutor no Brasil*, foi publicado esse ano, e traz um resumo geral de todas as suas publicações anteriores⁴⁸ (MELO, 2013).

Os primeiros contatos com o campo permitiram-nos fazer uma série de observações mais gerais do espaço, de sua localização, das pessoas envolvidas e das atribuições e atividades realizadas pelos sujeitos. Durante o período da pesquisa de campo, concentramo-nos, ainda, em verificar as condições objetivas e materiais do desenvolvimento dos trabalhos de formação e revelação de jogadores de futebol promovidos pelo PACF.

No primeiro dia de observação, fomos apresentados ao grupo pelo coordenador do projeto e aproveitamos o ensejo para falar sobre o motivo de nossa presença naquele espaço.

⁴⁸ Interessam-nos, nesta pesquisa, apenas os documentos e os registros relativos ao PACF. Por esse motivo, não é necessário descrever os livros escritos e publicados pelo coordenador do projeto.

E como deixamos claro quais seriam nossos propósitos naquele local, solicitamos a colaboração de todos os envolvidos do projeto, principalmente com as contribuições dos atletas, no decorrer da pesquisa de campo, no momento de realizar as entrevistas com eles para obter as informações relativas ao fenômeno da pesquisa em tela.

Depois desse primeiro contato, o coordenador conversou um pouco mais com os jogadores e nos apresentou os seus voluntários que colaboram para a realização dos trabalhos: o preparador físico, o auxiliar técnico e o preparador de goleiros. São sujeitos com experiência no futebol profissional, como integrantes de comissão técnica e na condição de atletas de futebol em tempos passados, que, desempregados ou trabalhando por conta própria, foram convidados para contribuir com o projeto proposto com suas experiências e vivências no mundo futebolístico.

Com essas primeiras aproximações, pudemos delimitar com mais critérios o que de fato pesquisar: o empoderamento de negros e pardos no futebol: o PACF como espaço de inclusão social desenvolvido na cidade de Campina Grande-PB. Depois dessa aproximação preliminar, definimos, junto com o coordenador do projeto, os dias de visita ao *lócus* de investigação. Assim, ficou acertado que todas as sextas-feiras, no turno da tarde, iríamos realizar nossos acompanhamentos e observações. Combinamos que sairíamos de João Pessoa entre 12 horas e 13 horas em direção a Campina Grande, e chegaríamos entre 14 horas e 14 horas e 30 minutos, exatamente no local onde funciona o PACF, para fazer as atividades de pesquisa.

O material disponibilizado para análise e nossas incursões e observações preliminares contribuíram de maneira significativa para procedermos à aplicação do questionário sociodemográfico e da entrevista semiestruturada (ver capítulo metodológico). Posteriormente, com as visitas subsequentes, fomos trilhando os caminhos que nos conduziram à análise dos documentos (projeto) e das entrevistas. Tudo isso nos permitiu um cruzamento mais consistente entre eles e o referencial conceitual do empoderamento e da inclusão social no contexto da *história vista de baixo*.

Através da relação entre esses três conceitos, compusemos a discussão e a análise dos achados da pesquisa, em que concebemos os afro-brasileiros do PACF como sujeitos comuns e desconhecidos, que narraram suas versões sobre o sentido e o significado do futebol e desse projeto em suas vidas como possibilidade de superar a pobreza e a exclusão social.

4.2 POLÍTICA DE FORMAÇÃO DE ATLETA

Durante leituras dos documentos do PACF e conversas com o seu coordenador/idealizador, identificamos informações importantes que nos deram uma configuração geral sobre a política de formação desenvolvida naquele espaço/tempo de preparação e revelação de atletas que merece ser aqui descrita e analisada.

Uma das primeiras questões identificadas sobre a política de formação de atletas proposta por esse programa diz respeito a sua demanda de sujeitos atendidos. O PACF, desenvolvido gratuitamente, tem como meta principal atender, prioritariamente, a crianças e adolescentes pobres advindos da periferia de Campina Grande e de municípios circunvizinhos. Esses jovens, devidamente inscritos no programa, precisam preencher uma ficha com todos os seus dados, acrescida de sua assinatura ou de seu responsável, além de apresentação e fixação de uma foto três por quatro no referido documento. Entretanto, apenas a inscrição não garante sua permanência no PACF. Os inscritos devem comprovar também que estão matriculados na rede pública (municipal ou estadual) de ensino de Campina Grande ou da cidade onde residem. Realmente, temos constatado a cobrança desses pré-requisitos para os jovens atletas fazerem parte daqueles trabalhos de formação. Dados esses primeiros passos, passam a fazer parte do programa como um daqueles que pretendem o futebol como possibilidade de uma profissão.

Sobre essa parte escolar, ficou-nos claro que o PACF acompanha a frequência e a assiduidade desses sujeitos, em suas respectivas escolas, por meio de fontes de informação como o próprio sujeito, os colegas e a família. Na primeira, ele mesmo apresentaria o comprovante de matrícula da escola onde estuda. Na segunda, os demais colegas são sondados pelo coordenador sobre se realmente os jovens atletas estão frequentando a escola. E, na terceira, a família, procurada pelo responsável do programa, confirmaria ou não a veracidade dessas informações adquiridas pelos alunos/atletas, com (algumas dessas famílias) notícias sobre o desempenho escolar de seus filhos.

Em função, por exemplo, do baixo rendimento escolar desses jovens, alguns pais e mães, sabendo da importância dos trabalhos desenvolvidos no PACF, solicitavam do coordenador a suspensão temporária de seus filhos das atividades futebolísticas como forma de se dedicarem mais aos estudos e poderem recuperar-se nas atividades escolares. Depois de sanada essa situação, os sujeitos afastados retornariam aos trabalhos do projeto.

Essa atitude pareceria ter como objetivo fazer com que os alunos/atletas valorizassem os estudos e os treinos e compreendessem que conciliá-los, nessa fase de preparação, não comprometeria nem sua vida de estudante nem a de atleta.

Tomamos conhecimento de que o coordenador desse projeto, em alguns casos, matriculou determinados adolescentes que não vinham frequentando regularmente a escola. De toda maneira, ficou-nos evidenciado a preocupação e o desejo do responsável pela formação de atletas de resolver problemas dessa natureza.

Verificamos, nessas passagens, as diferentes maneiras de o PACF controlar e vigiar a frequência dos alunos/atletas em suas escolas. Essa atitude denota que ali existe um *poder disciplinador*, no sentido foucaultiano do termo, de forma que o comprovante de matrícula, os colegas e, principalmente, a família, nessa relação, parecem ser os aparatos centrais para que esse projeto faça valer suas metas e objetivos no que tange à formação de atletas. Existe também uma *vigilância* para que as coisas possam ocorrer de maneira que satisfaça aos interesses do programa e de seus atletas.

O contexto aqui apresentado parece se constituir como uma forma de empoderamento coletivo em que todos - coordenador, atletas, família - envolvem-se, de uma forma ou de outra, num processo comunitário, dinâmico e articulado para que os sujeitos sejam beneficiados por esse projeto. Essa forma de agir remete-nos ao empoderamento de nível comunitário que, segundo Baquero (2012, p. 177), “[...] envolve um processo de capacitação de grupos ou indivíduos desfavorecidos para a articulação de interesses, buscando a conquista plena dos direitos de cidadania, defesa de seus interesses [...]” e, ao mesmo tempo, influenciar (as) ações do Estado. São sujeitos se mobilizando, arregimentando forças, exercendo, em suas microrrelações (FOUCAULT, 2011), seus poderes para o alcance de seus objetivos de superar a pobreza e a exclusão social. Portanto, as pessoas envolvidas no PACF estariam exercendo um poder produtivo no sentido apontado por Foucault (2011).

Chamou-nos também a atenção a questão da assiduidade e da frequência dos atletas nos treinos. Todas as quartas e sextas-feiras e, sempre que possível, aos sábados, os alunos/atletas não podiam chegar atrasados aos treinos nem faltá-los, exceto em casos de ausência por motivo plausivelmente justificável ou convincente, uma vez que o compromisso do cumprimento e o efetivo comparecimento deveriam ficar verbal ou formalmente explícitos no ato da inscrição.

Uma das questões básicas para que os atletas chegassem na hora prevista para a realização das atividades (mais ou menos meia hora de antecedência aos treinos) e não faltassem é que ocorrem sempre no contra turno do horário escolar. Para o coordenador do

PACF, não havia motivos para os sujeitos deixarem de treinar, mesmo considerando que a maioria deles mora distante do local de treino, mas, de uma forma ou de outra, sempre conseguem chegar.

Nessa política de formação, notadamente no momento das preleções feitas pelo coordenador, sempre eram lembradas aos atletas questões como ficarem atentos para não se envolver com o mundo das drogas e da criminalidade; o modo como deveriam se comportar e se vestir etc. Essas eram informações periodicamente colocadas com o intuito de chamar à atenção dos atletas sobre suas condutas em campo e fora dele. Aliás, nada escapava ao olhar atento e vigilante do coordenador sobre, por exemplo, o horário de chegada dos atletas, a vestimenta e os acessórios que utilizavam (brincos, pulseiras etc.), o tamanho dos cabelos, entre outras questões que serviam como ponto de pauta para ser discutidas nas conversas antes dos treinos.

A política de formação dos atletas não se limitava a treiná-los para serem prováveis jogadores de futebol. Mas, em alguns momentos, mesmo com a *postura preconceituosa* do coordenador sobre essas questões, havia uma cobrança para desenvolverem uma postura cidadã, que, em sua visão passaria, também, pelas noções de cuidados com a aparência e a imagem daqueles *futuros homens*. Nesse caso, recomendações como não usar brincos, pulseiras, manter o cabelo cortado etc. eram elementos de destaque naquelas relações estabelecidas no PACF. Assim, a política da *boa aparência* era cobrada.

Nesse contexto, o atleta parecia ser visto não apenas como alguém que iria desenvolver suas potencialidades e habilidades futebolísticas, mas, também, aprendizados corporais que os orientasse a adotar outras posturas no processo de produção de aprendizados e na ampliação não somente de saberes específicos do mundo desse esporte, mas também do desenvolvimento de saberes relativos ao contexto social maior.

Assim, determinada política de formação e revelação de talentos para o futebol através do PACF traz preocupações inerentes ao futuro dos sujeitos. Então, se não conseguirem se profissionalizar, poderão dispor, por exemplo, de algum tipo de formação que lhes seja útil. Por isso, de vez em quando, são oferecidas para eles vagas para cursos de informática, através de parcerias entre o projeto e setores privados da sociedade. Nesse contexto de formação, os atletas vivenciam experiências voltadas para o mundo da vida de jogador de futebol e participam de viagens e competições do gênero. Nessas oportunidades, não só testam suas habilidades como passam a ser observados por especialistas do campo futebolístico para, se possível, ser aproveitados em clubes interessados em dar continuidade as suas formações para o mundo do profissionalismo.

Entendemos que o PACF privilegia a *participação*, a qual tem auferido relevância como mecanismo de empoderamento. Esse mecanismo, hoje em dia, é um processo visto como estreitamente relacionado ao de *participação*. Assim, podemos destacar que “experiências em diversas partes do mundo têm mostrado que processos de participação possibilitam processos de empoderamento e que essas metodologias favorecem o estabelecimento de políticas e práticas de desenvolvimento [...]” (IORIO, 2002 p. 31) que consideram as necessidades dos sujeitos que vivem na pobreza e excluídos socialmente.

Constatamos que a preocupação da política de formação corporificada no PACF não tem como meta única a formação do atleta. Seu caráter formador tem a ver também com o *futuro (do) cidadão*, uma vez que, dentro desse espaço/tempo, outras possibilidades são ofertadas para além do campo futebolístico. Explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, há uma preocupação com a educação escolarizada dos atletas e com sua integridade física, psicológica e emocional, principalmente quando são vistos não apenas como potenciais e futuros jogadores de futebol, mas também como cidadãos que poderão continuar construindo suas vidas em outros espaços da sociedade, sem se restringir às chances de ser incluídos socialmente apenas através do campo de futebol.

Essas pistas deixadas na política de formação desenvolvida pelo PACF nos fazem acreditar que a materialização de suas ações e atividades ocorre por meio de um processo de empoderamento baseado na *autorrealização* e na *sustentabilidade* (ROMANO, 2002) das práticas que realiza para formar e revelar talentos para o futebol.

4.3 PACF: VERIFICANDO O DOCUMENTO

Fundado no ano de 1979, inicialmente denominado Projeto Luizinho Bola Cheia, o PACF é dirigido e materializado por esse ex-jogador de futebol e, atualmente, jornalista e professor da UFPB, com mais de 30 de carreira docente⁴⁹. Trata-se de um projeto que atende a adolescentes e a adultos jovens, majoritariamente, afro-brasileiros, pertencentes às camadas mais pobres e desfavorecidas da sociedade, que se encontram matriculados no ensino fundamental e no médio da rede pública da cidade de Campina Grande.

Desde que foi criado, o projeto já conseguiu profissionalizar mais de mil atletas para clubes paraibanos, brasileiros e estrangeiros, notadamente para os europeus. Funciona em

⁴⁹ O projeto, segundo seu coordenador, mudou de nome, mas as propostas e as ações mantiveram-se as mesmas, sobretudo em se tratando da filosofia de formação e revelação de talentos para o futebol.

parceria com o Sindicato dos Atletas de Futebol do Estado da Paraíba (SAFEPB), na cidade de Campina Grande, com o apoio (mínimo) do Campus de Bananeiras, UFPB, e não dispõe de outro tipo de ajuda dos setores públicos e/ou privados da sociedade, inclusive e, principalmente, financeiro.

De acordo com o próprio professor/coordenador e responsável direto, o projeto foi iniciado em 1979, mas reiniciado na Paraíba em 1989, por causa de duas questões-chaves. A primeira, por sua transferência da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) para a UFPB, Campus de Bananeiras, notadamente depois de suas experiências como professor do Curso de Educação Física daquela IES. A segunda, por seu tempo como treinador de futebol das categorias de base e do nível profissional no período em que esteve em Rondônia. Em sua bagagem, trouxe as experiências como atleta profissional do passado, além das adquiridas durante suas passagens como treinador em clubes da Região Norte.

Nesse sentido, o entrevistado relatou que, depois de retornar ao seu estado de origem, sua primeira missão foi de reativar a AGAP-PB, que ele fundou em 1991 e da qual passou a ser presidente. Essa entidade, já extinta, tinha o compromisso de defender e assistir socialmente seus atletas e ex-atletas profissionais e seus dependentes (MELO, 2009), conforme podemos constatar em um de seus livros publicados, particularmente, na parte que trata sobre o processo de fundação do projeto em tela.

A AGAP-PB, depois de ter sido oficializada, passou a dispor de verba mensal que serviu para financiar o projeto social através do esporte. Sua principal meta, nesse sentido, seria de fazer uma combinação entre a formação e a revelação de talentos para o futebol – que deveria ser desenvolvido em várias cidades da Paraíba – e, ao mesmo tempo, um meio de *tirar* os meninos e os jovens das *ruas*, para afastá-los das situações de risco e de vulnerabilidade e ajudá-los em sua formação cultural e social.

Apesar das tentativas de desenvolver o projeto em todo o estado da Paraíba, ele limitou-se a funcionar nas cidades de Bananeiras e Campina Grande. Hoje, o trabalho concentra-se apenas nesse último município, em função, justamente, de não contar com ajuda de terceiros para estender o projeto para outras cidades do estado.

Atualmente, como não pode mais contar com a já extinta AGAP-PB, o projeto é apoiado pelo SAFEPB⁵⁰. O PACF funciona, portanto, como um trabalho sem fins lucrativos e

⁵⁰ O apoio ocorre de forma direta e indireta. A primeira, de seu coordenador que, ao mesmo tempo, é o Presidente do SAFEPB e disponibiliza parte de seu tempo para trabalhar voluntariamente e sem remuneração prestando seus conhecimentos para a formação de atletas. Na segunda, o referido sindicato planeja, executa e avalia torneios regionais para revelar atletas para o futebol profissional, de forma que os sujeitos do projeto são

não recebe nenhum tipo de ajuda financeira de setores externos como, por exemplo, de iniciativa pública ou privada. Mantém-se com os repasses mínimos de materiais de treino que o coordenador/responsável solicita da UFPB, Campus de Bananeiras e com recursos financeiros desse próprio idealizador para a compra de bolas, coletes e outros materiais de treinamento. Raras vezes recebe algum tipo de doação de terceiros.

Apesar das dificuldades objetivas e materiais enfrentadas no desenvolvimento dos trabalhos, o PACF tem como objetivo principal formar atletas para o futebol profissional local, regional, nacional e internacional. Através de convênios com o SESC, o SENAI e outros órgãos, o programa, uma vez ou outra, oferece cursos profissionalizantes para os desejosos de realizá-los. No momento, constatamos que atletas vêm realizando semestralmente curso de informática oferecido e apoiado pelo SAFEPB. Nesse contexto, fica evidente que o PACF não pretende apenas formar e revelar o atleta, visto que seu lema principal é *tirar o menor da rua e através do esporte torná-lo cidadão*⁵¹, tanto para se formar e seguir carreira como atleta profissional quanto para sua formação geral, como ser social e humano, além de acreditar que *o esporte é uma esperança para as crianças pobres e sem perspectivas*.

Nessa primeira passagem destacada pelo documento do PACF, podemos fazer algumas reflexões importantes que remetem seu conteúdo à noção de empoderamento. Assim, entendemos que, quando o projeto se propõe a *tirar o menor da rua e, através do esporte, torná-lo cidadão*, está querendo dizer o seguinte: quem tira os sujeitos de uma condição desfavorável não os está empoderando, mas criando condições propícias para que os desempoderados sejam capazes de, individual e/ou coletivamente, conseguir o próprio empoderamento, uma vez que ninguém empodera ninguém, as pessoas empoderam-se individual e/ou coletivamente quando lhes são dadas as condições para isso (FREIRE, 2011). O termo *tirar* representa, aqui, a possibilidade de empoderar para incluir os sujeitos e, através dessa ação, por eles mesmos, tornarem-se efetivos e verdadeiros atores no processo de sua cidadania.

Nessa perspectiva, o empoderamento se configura como processo e resultado, que pode ser imaginado como algo que emerge de um processo de ação social. Nesse caso, os indivíduos, ao tomar as rédeas de suas vidas pela interação com os outros, geram pensamento crítico em relação à realidade, favorecem a construção da capacidade pessoal e social e

selecionados internamente para participarem dessas competições. Portanto, ficou-nos claro que não há um apoio financeiro, mas a oferta de serviços que favoreçam o surgimento de novos talentos esportivos.

⁵¹ Retomaremos essas frases na análise deste estudo.

possibilitam a transformação de relações sociais de poder (BAQUERO, 2012), como já havíamos frisado neste trabalho.

E se a proposta inicial do PACF é de *tirar os jovens da rua* e, através do esporte, torná-los cidadãos, também *traz esperança para as crianças pobres e excluídas*. E se *a esperança é a última que morre*, como se diz no popular, logo, traz vida, alimenta esperanças para os que desejam dias melhores. Nesse caso, o programa em tela requisita os indivíduos e tira-os da desesperança, não apenas para jogar e aprender futebol, mas também para que deixem o contexto de *morte* e recuperem suas vidas e suas esperanças pelo esporte. Portanto, o empoderamento que conduz a inclusão social é, aqui, sinônimo de vida e de esperança para aqueles que vivem sem expectativa de (re)começar a sonhar com uma vida melhor, de esperar no sentido do *esperançar*, pois “a esperança não desanima, mesmo quando o êxito não é imediato” (BETTO; CORTELLA, 2012, p. 60).

A ideia do projeto é de contribuir com o processo de resgate dos jovens pobres, desassistidos e expostos nas ruas (ou propensos a isso) pela falta de políticas públicas (sociais). São sujeitos que convivem, desde sempre, com a pobreza, o analfabetismo, o semianalfabetismo ou a baixa escolaridade e, muitas das vezes, com a falta de perspectiva na vida, notadamente no campo social e no econômico, expostos a todo tipo de violência. Nesse sentido, o esporte, segundo a concepção do projeto e seu idealizador, é uma ferramenta que, se bem conduzida, poderá inverter essa situação de desvantagem.

No contexto de uma política social, em que a prática esportiva é oferecida como forma de lazer e para revelar talentos para o futebol, o projeto se propõe, através de parcerias, oferecer *assistência médica, odontológica e complementação alimentar*, visando afastar os meninos das ruas e das situações de vulnerabilidade social⁵². Porém, no momento, essas sociedades não vêm ocorrendo de fato, mas as tentativas para consolidá-las permanecem vivas, e as negociações são retomadas pelo coordenador do PACF sempre que possível.

Assim, uma questão central seria a realização do trabalho com o futebol, através da *escolinha* dirigida por professores/treinadores ou ex-atletas capacitados e devida ou relativamente⁵³ habilitados para atrair crianças e adolescentes para as salas de aula e reduzir os índices de evasão e de repetência escolar, além de afastá-los da situação de vulnerabilidade em que geralmente se encontram em seus contextos sociais desfavoráveis e

⁵² Temos informações de que esses três últimos tipos de atendimento não vêm ocorrendo, embora esteja colocado no projeto como meta a ser cumprida. Por enquanto, só existem promessas desses setores externos.

⁵³ Relativizamos essa questão por entender que, nem sempre, o fato de um atleta ter sido jogador profissional o credencia a desenvolver um trabalho de base no futebol, tendo em vista dispor de conhecimentos advindos de suas experiências cotidianas como atleta, faltando-lhes uma formação didático-pedagógica para esse fim.

pelo processo de discriminação que enfrentam e que compromete o seu desempenho na sociedade.

As metas principais do PACF são as seguintes: retirar crianças e adolescentes das ruas e ajudá-los em sua formação cultural e social; promover uma readaptação ao mercado de trabalho por meio do futebol, já que não tiveram a oportunidade de ter definida uma nova atividade profissional por conta da pobreza e da exclusão social em que vivem; beneficiar centenas de crianças e adolescentes carentes entre oito e 18 anos de idade das cidades de Campina Grande, Bananeiras e outras circunvizinhas; e contribuir para o emprego de ex-atletas como instrutores de futebol e responsáveis pela formação de crianças e adolescentes.

Todo projeto que visa desenvolver um processo de empoderamento busca articular uma série de parecerias para que os trabalhos possam ser desenvolvidos dentro das previsões esperadas, mas as dificuldades para a consolidação dessas articulações com outras instituições não é tão fácil, e isso pode comprometer, de certa maneira, o processo almejado.

O PACF apresenta-se como um campo de oportunidades não apenas para os jovens se tornarem atletas profissionais, mas também, para seus formadores, pois eles são responsáveis pelos trabalhos, na perspectiva de gerar futuros atletas para o futebol, e poderão ser beneficiados mais adiante, tanto pela coroação e pelo reconhecimento do trabalho consolidado quanto pela melhoria da qualidade de vida econômica e social que poderão obter.

A mensagem colocada pelo PACF é de que *o futebol é importante no desenvolvimento físico, mental e social da criança e do adolescente* e em sua influência no processo de *formação da identidade dos sujeitos*. Trata-se de promover uma formação caracterizada como um processo de visão pessoal, que se modifica em função das novas experiências vivenciadas no campo das relações humanas para o favorecimento do sentimento de sucesso e alcance dos resultados positivos e elevação da autoestima. Essa é, pois, uma noção do empoderamento de nível individual, que diz respeito ao nível psicológico de análise, em que o empoderamento é a capacidade dos indivíduos “[...] ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos se sentirem influentes nos processos [...]” (BAQUERO, 2012, p. 176) possíveis na determinação de suas vidas futuras. Ora, se o PACF propõe, através do futebol, uma melhoria das condições físicas, mentais e sociais de seus participantes e oferta a formação de suas identidades, podemos deduzir que o empoderamento de nível individual parece se realizar, na perspectiva de os sujeitos se autoperceberem.

Atualmente, segundo o documento do PACF, deveriam ser atendidos 50 sujeitos pertencentes à classe social pobre e de baixa renda. Para participar do projeto, os alunos/atletas devem estar matriculados em qualquer colégio ou escola do estado da Paraíba e ter entre oito e 18 anos de idade. Os jovens que não estão na escola são convidados a retomar os estudos, sob pena de não poderem continuar participando do projeto, como havíamos comentado em passagem anterior.

Apesar de se disponibilizar a atender a esse número citado, no momento, o PACF vem trabalhando com, no máximo, 30 sujeitos, ou seja, predominantemente com garotos com idades entre 16 e 19 anos de idade, devido à realização de jogos amistosos e às competições que vêm sendo realizadas para essa faixa etária.

O documento do programa, ou seja, sua proposição por escrito está organizado em 15 folhas e dividido em duas partes distintas, com proposições de dinâmica e de funcionamento de suas atividades. A primeira, sistematizada em dez páginas, refere-se ao PACF propriamente dito, e a segunda, organizada em cinco páginas, referente ao projeto proposto pelo SAFEPB. Neste último, o texto apresenta-se como uma extensão da primeira proposição. Simultaneamente às descrições, analisamos o conteúdo do documento como um todo. Apesar de se dividir em dois, acreditamos que se trata de um único documento, por se tratar de conteúdos semelhantes e complementares, que fazem alusão ao mesmo programa de formação e revelação de talentos para o futebol (ver anexo L).

A capa do documento é composta de seu título, **Projeto Atleta Cidadão do Futuro**, e de uma fotografia com uma série de atletas e um grupo de professores e treinadores sentados em uma arquibancada. Ao fundo da imagem, há um muro de cor branca, com a sigla estampada do SAFEPB, e na folha de rosto, apenas o número 2008, no meio da folha, datando o ano de elaboração ou atualização do documento, por ser um projeto que teve início em fins dos anos 1970.

Como podemos perceber, o título do projeto já traz em si as pretensões daqueles que dele fizerem parte. Não se refere apenas à formação de atletas, mas à certeza de que, ao assumir tal posição no campo esportivo, estão garantindo a possibilidade de adquirir cidadania, ou seja, de um empoderamento que pode conduzi-los à inclusão social numa perspectiva cidadã. Portanto, o fato de se formarem jogadores de futebol é o passaporte para fazerem parte, efetivamente, da sociedade, independentemente de se transformarem ou não em atletas profissionais. Nesse sentido, são reconhecidos e aceitos como sujeitos inteiramente integrados no contexto social. O futuro daqueles que passam a fazer parte do projeto é a conquista da cidadania, que não conseguiram em outros espaços da vida social.

Devemos deixar claro que, em se tratando de futebol, os atletas de destaque dessa modalidade esportiva parecem ser mais respeitados por sua condição de jogadores do que realmente como seres humanos, independentemente de sua posição social, cor/etnia, idade, sexo, orientação sexual, entre outras questões do gênero.

É importante enfatizar que os atletas do futebol são mais lembrados pelo que realizam como atletas do que como seres humanos. “Ao ídolo abrem-se todas as portas, mesmo a dos palácios; mas sua aréola pertence à outra região que não a social; é efetivamente uma aréola que assimila a situação ‘extraordinária do jogador’” (ROSENFELD, 1993, p. 104-105) e não na sua condição como ser humano. Mas pelo fato de o futebol ser uma instituição de forte teor simbólico para o povo brasileiro, o jogador acaba sendo reconhecido apenas por ser profissional, o que já lhe credencia um respeito social por parte de seus torcedores.

Em função disso, questionamos: Pelé, por ser negro, teria sido reconhecido pela sociedade se não tivesse se tornado um ídolo do futebol mundial? Ou seja, Pelé seria *aceito* hoje na sociedade como é, se não fosse por seus feitos no passado como um grande jogador que foi? A questão é: o que o habilita a ir e vir livremente em todos os espaços e instâncias do mundo? O que o fez ser cidadão do mundo?

O privilégio e a notoriedade dada ao jogador de futebol em nossa sociedade são tão verdadeiros que, muitas vezes, determinada instituição esportiva ou escolar prefere convidar um ex-jogador (por simples que seja) de futebol para ser o professor/treinador de uma turma de crianças ou adolescentes – que sonham em ser um Lionel Andrés Messi⁵⁴, um Cristiano Ronaldo dos Santos Aveiro⁵⁵ ou um Neymar da Silva Santos Júnior *da vida* – a contar com um professor de Educação Física, formado e desejoso de trabalhar com atletas em processo de iniciação, mas que não é convidado para assumir tal função. Isso foi uma prática que aconteceu muito e, talvez, ainda aconteça nas escolas de nossa sociedade.

Todos esses e outros questionamentos até aqui expostos precisam ser levados em conta quando analisamos sujeitos afro-brasileiros pobres e excluídos advindos de projetos como o PACF, ao ascenderem na vida através do futebol. Um dia, se um desses garotos alcançar a fama, será respeitado pela pessoa que é ou pelo jogador que demonstra ser, sobretudo se considerarmos nossa sociedade ainda sobremaneira racista?

O título, em si, já nos permite fazer uma reflexão dessa natureza, devido à sua preocupação em formar o jogador, mas, ao mesmo tempo, poder ser tratado como sujeito integrado e aceito na sociedade como ser humano. Mas, a verdade é que, a nosso ver, a

⁵⁴ Trata-se, na atualidade, do principal jogador de futebol do consagrado Barcelona Futebol Clube da Espanha.

⁵⁵ Um dos principais jogadores de futebol do famoso Real Madrid Clube de Fútbol.

conquista de sua respeitabilidade seria mais provável pelas vias da profissionalização e da fama conquistadas nesse esporte do que como pessoa.

Em seguida, mais uma vez, dispomos de mais uma folha, na qual, entre aspas e em caixa alta, foi colocada a frase TIRAR O MENOR DA RUA E, ATRAVÉS DO ESPORTE, TORNÁ-LO CIDADÃO. A frase, compreendida aqui como uma ideia-força do PACF, parece representar muito bem a proposta maior do projeto de formação de atletas. Nesse caso, a passagem anterior condiz com a proposta do projeto, uma vez que sua pretensão não é apenas a de formar o atleta para o futebol profissional, mas também de oferecer oportunidade para que, passando ou não ao profissionalismo, os atletas possam, de uma forma ou de outra, desfrutar de uma convivência que lhes favoreça aprendizados, conquistas, descobertas, troca de experiências, esperança por uma vida melhor, entre outras oportunidades e situações que lhes garantam o exercício da cidadania no sentido, nos parece, de um empoderamento como abordagem e como processo. O primeiro, porque coloca as pessoas e o poder no centro dos processos de desenvolvimento (ROMANO, 2002). E o segundo, em que “[...] as pessoas, as organizações, as comunidades assumem o controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida e tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir” (ROMANO, 2002, p. 17).

De fato, quando aos sujeitos são dadas as oportunidades devidas para se desenvolverem, terão plenas condições de mostrar, exercer e ampliar suas potencialidades, passando a acreditar cada vez mais em si e no grupo do qual fazem parte. Assim, a ideia de *tirar o menor da rua e, através do esporte, torná-lo cidadão* justifica o fato de que há jovens vivendo em situação de risco e total vulnerabilidade, convivendo com a pobreza e a exclusão social e, portanto, desprovidos de políticas públicas sociais que lhes favoreçam uma reversão do quadro caótico em que se encontram. Assim, diante desse tácito reconhecimento, uma das possibilidades de reverter o panorama desfavorável pode ocorrer ofertando-se o futebol como espaço de empoderamento nessa perspectiva apontada por Romano (2002).

Nos locais aonde as políticas de governos não chegam, as possibilidades de mobilização e manifestação dos sujeitos por vida digna são evidentes. Eles organizam-se e reagem no sentido de buscar saídas para tentar reverter o quadro caótico e de total abandono em que se encontram. Assim, nas relações estabelecidas naquele espaço e tempo de formação, passam, geralmente, a descobrir e a exercer seu poder. Redescobrem, em meio a um processo *conscientizador*, suas capacidades de, criativamente, administrar suas vidas. Com essa possibilidade, fica-nos a impressão de que esses jovens pobres e excluídos passam a se empoderar, individual e/ou coletivamente, do espaço que ocupam através do

desenvolvimento de suas habilidades esportivas, no sentido de alçar a inclusão social de se afastar, cada vez mais, da *extrema pobreza e exclusão social* apontadas por Pochmann (2003) e Lesbaupin (2000).

Esses são os indivíduos jovens, severamente *excluídos*, ou os *desnecessários do mundo* (LESBAUPIN, 2000) que, presos às garras perversas e impiedosas do sistema neoliberal excludente e opressor, buscam ressuscitar das cinzas próprias desse sistema para, através do futebol, conseguir um lugar de dignidade em um contexto tão desigual, desumano e desolador⁵⁶.

Nesse sentido, o esporte, no caso desta pesquisa, o futebol, é o meio ou a *esperança* indispensável para a passagem de uma vida de pobreza e de exclusão para outra, provavelmente melhor, menos sofrida e com mais chances de sobrevivência, já que as oportunidades de emprego não existem ou são muito precárias. Assim, as experiências e as vivências proporcionadas pelo PACF podem ajudar muitos dos jovens excluídos a aprenderem mais e a desenvolverem saberes que poderão ser úteis em suas vidas mais adiante.

Em síntese, a frase *tirar o menor da rua e através do esporte torná-lo cidadão* denota a ideia de que alguém, encontrando-se em condições humanas, objetivas e materiais inadequadas, precisa de cuidados, proteção e oportunidades para exercitar suas potencialidades *para, com e de dentro*, conforme apontado por Iorio (2002). O esporte se constitui o veículo ou o meio para transformar o sujeito em algo que ele ainda não é, mas poderá ser, desde que as condições sejam propícias para isso. E quando elas passam a existir, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, as possibilidades de empoderamento aumentam para o *menor* que se encontra *na rua*, e as chances de inclusão social são também maiores. Nesse sentido, pelo que está posto nessa passagem do documento em análise, acreditamos que sua proposição caminha numa perspectiva do empoderamento de afro-brasileiros no futebol.

Na próxima página do documento, que diz respeito à apresentação do projeto, foram disponibilizados dois parágrafos de apresentação, onde se evidencia a ideia de que os espaços de formação e revelação de atletas, se conduzidos de forma séria, por pessoas comprometidas

⁵⁶ Pesquisas recentes indicam que, no Brasil, o jovem é quase 50% dos desempregados. Ou seja, “[...] inegavelmente, temos uma crise de reprodução social também, na medida em que os jovens, que estão com maior escolaridade do que os jovens de uma ou duas décadas atrás, não encontram oportunidade de trabalho. As ofertas de emprego, na verdade, são com salários muito reduzidos e, na maior parte das vezes, não há a possibilidade de ascensão social. Então, essa crise de reprodução social está associada ao desemprego e à geração de vagas extremamente precárias para poder incorporar os jovens num processo de ascensão social.” (POCHMANN, 2013). Disponível em: <<http://www.sasp.org.br/index.php/notas/82-entrevista-com-marcio-pochmann.html>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

com o trabalho de formação humana, podem ser propícios para que seus participantes revertam o quadro de pobreza, analfabetismo e falta de perspectiva⁵⁷.

Nesse caso, entendemos que o projeto se propõe a colocar os sujeitos no centro do processo, constituindo-se, portanto, uma das mais importantes questões abordadas pelo empoderamento. Assim, “recolocar as pessoas e os grupos vivendo na pobreza ou excluídos no centro do processo de desenvolvimento significa colocar as instituições econômicas (mercado) e políticas a serviço desses grupos” (IORIO, 2002, p. 26). O fato de os sujeitos promoverem toda essa movimentação em busca de uma vida melhor já pode estar forçando o Estado a cumprir com seu papel como principal *agente externo* nesse processo de empoderamento (ROMANO, 2002).

Realmente, à medida que os indivíduos – individual e/ou coletivamente – vão se desenvolvendo no interior de um programa de formação de atletas, que atenda a jovens pobres da periferia, mais o setor econômico e o político deverão estar voltados para os interesses desse contingente da população. De fato, numa proposta como essa do PACF, a ideia ultrapassa os limites da formação atlética e vai interferindo diretamente nessas instituições, podendo, direta ou indiretamente, forçá-las a apoiar esse e outros programas dessa natureza. Temos aí uma mobilização que acaba obrigando o Estado a reconhecer que sua participação inexistia, mas precisa ser cumprida.

A apresentação do projeto traz a noção de que não basta o documento existir, mas ser executado por sujeitos comprometidos com as pretensões sugeridas pelo programa. Nesse sentido, o processo ensino e aprendizagem deve ser capaz de combinar o desenvolvimento de conhecimentos mais gerais com os de ordem mais específica do próprio futebol e ser ministrado por professores de Educação Física (representantes dos agentes externos ou não), que devem ter uma postura ampla como educador e conhecedor desse esporte, numa compreensão multidisciplinar, principalmente em se tratando de formação de atletas em programa desenvolvido para crianças e adolescentes da periferia.

Além desses requisitos, o responsável pela formação precisa atentar para o fato de que seu compromisso é um desafio, porque, além de educar para a vida e para ou pelo esporte, sua missão seria, também, a de ajudar os participantes a mudar o quadro de desvantagens que enfrentam, como a pobreza, o baixo nível de escolaridade e os problemas com a autoestima. Por conta disso, verificamos a presença da noção de empoderamento individual concebido como aquele que se refere ao nível psicológico de análise. Ou seja, esse nível diz respeito ao

⁵⁷ Nesse caso, parece que estamos nos referindo a projetos de formação de atletas gratuitos, desenvolvido voluntariamente por pessoas dispostas a contribuir nessa direção.

aumento da capacidade dos sujeitos de se sentirem agentes efetivos nos processos que decidem suas vidas (BAQUERO, 2012).

Após a apresentação do documento, vem a página que se refere ao índice do projeto organizado em dez partes, a saber: 1- título; 2- apresentação; 3- metas; 4- objetivos; 5- recursos materiais; 6 - recursos humanos; 7 - recursos financeiros; 8 – matrícula; 9- conclusão; e 10 - referências bibliográficas. Há uma indicação dos elementos constitutivos do projeto, mas não trazem os números das páginas em que se encontram inseridos.

A página seguinte explicita três metas do projeto. A primeira, a nosso ver, é a principal, porque deixa clara que o objetivo não é de oferecer a formação esportiva, mas também, de, por meio dela, *tirar* os jovens da *rua* e ajudá-los em sua formação social e cultural. As demais metas tratam da recuperação do tempo perdido e dos benefícios que o programa pode oferecer aos seus participantes.

Percebemos que essas metas, sobretudo a primeira, têm ligação direta com a frase inicial do projeto - tirar o menor da rua e, através do esporte, torná-lo cidadão. E para que os jovens sejam capazes de se empoderar e se incluir socialmente, é necessário que seja propiciado formação, pois, a formação social e a cultural acontecem simultaneamente. Nesse caso, estamos diante de processos simultâneos de empoderamento e de inclusão social que, com o passar do tempo, assumem contornos direta e crescentemente proporcionais, pois, ao passo que ampliamos nosso poder de empoderamento, alargamos nossa capacidade de inclusão social. Parece que estamos tratando de dois fenômenos distintos, porém, faces de uma mesma moeda, visando combater veementemente a pobreza e a exclusão social.

O empoderamento é aquele que nos conduz ao processo cada vez maior de inclusão social que, por seu turno, vai se fortalecendo gradativamente e não deixa de existir em nenhum momento da luta, mas se fortalece com esse segundo e passa a se constituírem como fenômenos de um só projeto, com a finalidade de tornar os jovens mais profissionalizados e mais cidadãos de si mesmos através do futebol, como proposto pelo PACF.

As metas reafirmam o que se vem postulando no decorrer do projeto até o momento. A preocupação estampada centra seus esforços na formação social e cultural de seus envolvidos, ou seja, que ela ocorra para além do fato de eles se tornarem ou não jogadores de futebol profissional.

A propositura do projeto inquieta-se, também, com a possibilidade de recuperar o tempo em que seus participantes deixaram de desenvolver e potencializar suas capacidades e competências técnicas, sociais e humanas. Assim, se determinados valores morais e sociais deixaram de ser trabalhados, nesta proposição, esses valores podem se materializar.

Na folha seguinte, são relacionados os recursos materiais necessários para a realização das atividades relacionadas à formação dos atletas, quais sejam: a) material esportivo; b) medicamento para primeiros socorros; e c) campos de futebol. Como é de se esperar, no item a, os materiais são bolas de futebol e de outros tipos, como cordas, coletes, camisas, calções, bombas de encher bola, redes para as traves, mochilas para guardar as bolas etc., que vão contribuir para o desenvolvimento das ações relativas à prática do futebol. Porém, não se trata apenas de treinar o esporte, porque, nele e através dele, e de posse desses materiais de treino, os movimentos têm um sentido/significado que vai além do simples ato de se exercitar e correr atrás da bola ou disputá-la. A corrida é em busca da mudança de vida.

Também não é possível se empoderar sem arregimentar uma série de instrumentos que possam ajudar no processo de empoderamento e inclusão social. Os materiais têm um valor simbólico, através do qual podemos desenvolver saberes e conhecimentos para materializar as ações que conduzirão os atletas às transformações desejadas. Assim, ao estar, insistentemente, treinando e repetindo os movimentos, aparentemente específicos do campo esportivo, eles estão buscando um *lugar ao sol*, exercitando seus corpos, *disciplinando-os* e *adestrando-os*, não somente para prepará-los e deixá-los em condições de atender às exigências requeridas pelos esporte, mas também para desenvolverem determinado *saber*. E quanto mais sabem, mais ampliam seu *poder*, porque saber é poder e vice-versa. Trata-se, portanto, não apenas de um corpo que é exigido, sofrido e consumido, mas que é produtivo e se desenvolve através do poder disciplinar (FOUCAULT, 2011).

Na próxima folha, são apresentadas as cinco regras estabelecidas para a realização das matrículas que, de maneira geral, tratam dos locais de inscrição, dos documentos a serem apresentados e de um espaço exigindo a solicitação da presença de um responsável pela criança ou do adolescente no ato da inscrição. Indiretamente, temos aí um envolvimento dos pais ou responsáveis dos atletas no processo, pois solicitar a presença de membros da família sinaliza para a ideia de que existe, certamente, um engajamento da comunidade de onde veio o participante.

As duas últimas páginas dessa primeira parte do projeto trazem a ficha individual de inscrição com os dados a serem preenchidos e, no final, um espaço para a assinatura do responsável pela criança ou jovem e a mensagem do coordenador do programa, destacando, sobretudo, os cuidados a serem considerados quando a questão é trabalhar a iniciação esportiva com sujeitos nessa fase da vida, porquanto se encontram em processo de formação.

Ora, se o empoderamento é um processo de superação da pobreza e da exclusão social, como já temos dito aqui neste estudo, há que ressaltar que os envolvidos numa

caminhada dessa natureza estejam devidamente conscientes sobre de que lado estão e qual o seu papel nesse contexto empoderador. Os profissionais não só devem estar preparados, como também precisam compreender o seu trabalho de transformação e *cuidado* com todos aqueles que vêm buscando no futebol uma oportunidade de *ser alguém na vida*.

Nesse caso, o elemento *cuidado*, no sentido proposto por Boff (1999), seria a tônica, pois há uma recomendação para que o trabalho de formação e revelação de atletas atinja os resultados esperados por todos nesse processo, mas sem uma *ética do cuidado* pelo trabalho e pelo ser em formação, não seria possível construir esse processo edificante. Com isso, Boff (1999, p. 11) nos ensina que “o cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência.”.

Esses dois últimos parágrafos pretendem deixar claros o compromisso e a seriedade do projeto ao estabelecer regras a serem cumpridas por seus integrantes, a partir do ato de inscrição dos interessados em participar das atividades propostas. Em verdade, o momento de inscrição para participar do PACF não seria a confirmação de um contrato, mas de um pontapé inicial de compromisso com a vida, consubstanciada em sonhos, desejos e esperanças por uma vida melhor. Portanto, fazer parte daquele tempo e espaço é uma possibilidade de realizar uma série de objetivos, o que, talvez, não seria possível estando do lado de *fora* do projeto.

A segunda parte do projeto traz, na primeira página, a introdução, que está sistematizada por cinco pequenos parágrafos que, de maneira geral, tencionam mostrar que o projeto não se destina apenas a formar atletas, mas também a cuidar de questões relativas à *formação do cidadão* por meio do esporte como um *espaço de integração social* e realização de atividades culturais, para garantir *atendimento médico e odontológico* e ampliar parcerias com os órgãos federais e estaduais. Trata-se da busca de contribuições de agentes externos que, nem sempre, são alcançadas, mas, nem por isso, o trabalho de formação de atletas deixa de funcionar.

No processo de empoderamento, “o agente externo tem particular responsabilidade de construir uma relação e uma forma respeitosa de trabalhar com os grupos vivendo na pobreza” (IORIO, 2002, p. 29), principalmente, quando esse agente é o Estado. Tanto os agentes externos quanto os desempoderados são sujeitos constituintes de um processo de empoderamento. Entretanto, vale lembrar, as contribuições de fora para dentro são de significativa importância, quando a questão é materializar um processo de empoderamento de sujeitos excluídos da sociedade que adotam a prática do futebol como um campo de inclusão social.

A página destinada aos objetivos traz a preocupação de favorecer e oferecer, por meio do esporte, a melhoria da qualidade de vida de seus participantes. Porém, de acordo com o documento, é preciso fazer parcerias com órgãos públicos e privados, visando alargar e manter o programa⁵⁸.

Nas duas páginas subsequentes, são tratadas questões relacionadas aos beneficiados do PACF, seu desenvolvimento geral, os locais de realização das matriculas, bem como as possibilidades de projeção para a implantação de mais núcleos de treinamento. A última página foi reservada para as referências bibliográficas.

Esta é a descrição do projeto que, apesar de aparentar trazer duas proposições distintas são, a nosso ver, *lados de uma mesma moeda*, uma vez que, de uma forma ou de outra, essas propostas se assemelham em relação as suas metas e aos objetivos voltados para incluir crianças e jovens no mundo do futebol e, através dele, formar o atleta e o cidadão pleno e consciente de seus direitos e deveres. Entendemos que se trata de partes de um projeto que se intercomplementam entre si para compor o texto do documento propositivo do PACF.

Estamos, então, diante de um documento cujo conteúdo contempla elementos constitutivos que remetem a referências relativas ao processo de empoderamento de sujeitos comuns que veem no futebol as possibilidades de superar a pobreza e a exclusão e alcançar a inclusão social de forma mais plena. Entretanto, cabe-nos, de posse das observações e das entrevistas realizadas com os atletas deste projeto, fazer um esforço para comparar analiticamente o que o documento propõe e o que, de fato, a partir dessa proposição, é cumprido na prática. Trata-se, portanto, de procurar saber se os escritos se materializam na prática e se haveria dissonância entre proposição e ação. Essas questões serão respondidas mais adiante neste trabalho.

4.4 CARACTERIZANDO OS SUJEITOS DO PACF

Através desse programa, ao longo de mais de 30 anos de trabalho, já foram formados e revelados mais de mil atletas para o futebol profissional, em nível local, regional, nacional e internacional⁵⁹. Os mais conhecidos e destacados e que ganharam repercussão no mundo são

⁵⁸ Durante os encontros e as conversas com o professor/coordenador do Projeto “Atleta Cidadão do Futuro”, ficou-nos evidente sua preocupação em relação à dificuldade de conseguir e firmar parcerias tanto por parte do setor público quanto do privado, como forma de apoiar o programa, ficando a sobrevivência do mesmo nas mãos e no bolso de seu idealizador.

⁵⁹ Dispomos de documentos com as fotos e os nomes da maioria dos atletas que já foram revelados para o futebol profissional.

os atletas Marcelinho Paraíba, que se encontra atualmente sem clube, Fábio Bilica, jogador do *Fenerbahçe* da Turquia, e Givanildo Hulk que, atualmente, joga no *Zenit* da Rússia, como já frisamos neste estudo. Além da fama conquistada, jogaram ou ainda jogam em clubes da Europa e de países de outros continentes e foram convocados pela Seleção Brasileira de Futebol. Esses três atletas de Campina Grande-PB, vale ressaltar, são de origem pobre, tiveram passagem importante pelo PACF e ascenderam ao futebol de alto nível. Todos eles começaram a jogar futebol na rua ou em campo de várzea da periferia de Campina Grande, no período da infância ou da adolescência. Foram incentivados por amigos e, principalmente, por membros da família (pais, tios etc.).

Atualmente, vale reforçar, o jogador Hulk vem sendo constantemente convocado tanto para jogos amistosos quanto para torneios como, por exemplo, os últimos Jogos Olímpicos de Londres de 2012. Por se tratar de uma competição em que apenas três jogadores com idades acima dos 23 anos poderiam ser convocados para o torneio, Hulk, do *Zenit* (Rússia), foi um desses três atletas que fez parte daquele selecionado brasileiro, juntamente com Marcelo, do *Real Madrid Club de Fútbol* (Espanha), e Tiago Silva, do *Paris Saint-Germain* (PSG) da França⁶⁰. Atualmente, foi convocado para participar da Copa das Confederações realizada aqui no Brasil, país que sediará a Copa do Mundo em 2014.

Temos informações de que muitos atletas que participaram do referido projeto, por algum motivo ou outro, não continuaram suas carreiras como jogadores e seguiram outras profissões - advogado, professor, agrônomo, engenheiro, motorista etc.⁶¹ Os que se profissionalizaram e concluíram suas carreiras como jogadores hoje são alguns deles - treinadores, preparadores físicos, comerciantes, motoristas, professores, entre tantas outras profissões existentes. Ou seja, tanto numa quanto em outra situação, os sujeitos buscam suas saídas através do futebol, fora dele e no fim de sua carreira como atleta.

Conforme nossas observações e aplicação de questionário, a maioria dos atletas do PACF são afro-brasileiros, e todos pertencem à classe pobre⁶² da cidade de Campina Grande-PB. Poderíamos generalizar essa questão recorrendo à seguinte colocação de Dana (2013, p. 1), em matéria publicada no Jornal Folha de São Paulo, em 28 de fevereiro de 2013:

⁶⁰ Esse atleta vem sendo considerado pela imprensa mundial o melhor zagueiro do mundo na atualidade.

⁶¹ Informações prestadas pelo coordenador do PACF e responsável por ele.

⁶² “Não por coincidência, mais de 90% dos jogares de futebol vem das classes baixas.” (DANA, Samy. Por que jogadores de futebol vêm das classes baixas? In: FOLHA DE SÃO PAULO (28/02/2013). Disponível em: <<http://carodinho.blogfolha.uol.com.br/2013/02/28/porque-jogadores-de-futebol-veem-das-classes-baixas/>>. Acesso em: 23 abr. 2013).

Embora hoje a educação esteja cada vez mais ao alcance de todos, o jovem das classes mais baixas ainda tem dificuldade no acesso à educação e ao mercado de trabalho, esse raciocínio é um pouco diferente para ele: Ou o jovem segue nessa carreira de jogador de futebol, ou provavelmente terá que ir atrás de um emprego, aquele que lhe aparecer. Dessa forma o custo de oportunidade dele, ou seja aquilo que está abrindo mão, é muito mais baixo do que o custo de oportunidade do jovem mais “privilegiado”. E, por isso, vale mais a pena para o jovem carente investir na carreira de jogador de futebol!

Não por coincidência, mais de 90% dos jogares de futebol vêm das classes baixas.

Numa sociedade em que grande parcela das crianças e dos jovens é excluída das oportunidades de ascender por meio da educação e de poder ingressar no ensino superior, é preciso buscar uma formação que lhe garanta, no futuro, uma profissão digna e respeitada. Nesse caso, o futebol se constitui um espaço de possibilidades de inserção e ascensão social capaz de suprir a falta de oportunidades que o mundo lhes impõe.

A busca das informações sobre essa parte do estudo ocorreu por meio da aplicação do questionário sociodemográfico. Para organizar melhor os registros, foi dividido pelas variáveis *idade, renda familiar, renda pessoal e tempo de participação no projeto* por grupos de aproximação dos valores numéricos, para uma representação menos fragmentada das informações, tendo em vista o fato de os itens de cada variável se apresentarem bastante distantes entre si. Já para as demais variáveis, não precisamos utilizar esse tipo de recurso, porque nelas não houve tantos distanciamentos entre os valores.

Passemos agora para a caracterização propriamente dita do perfil dos sujeitos pesquisados e sua análise - atletas, professores e colaboradores – com base no que eles mesmos responderam no questionário sociodemográfico proposto.

4.4.1 Os atletas

No período de aplicação do questionário, contamos com a participação de 22 sujeitos para respondê-lo, considerando que a média de atletas, por treino, variava entre 20 e 30 presentes. No nosso entendimento, o número de pesquisados foi suficiente para traçar o perfil do contingente de jovens do PACF.

A primeira variável diz respeito ao item *bairro onde mora* o atleta. Dos 22 sujeitos entrevistados, 20 responderam a questão, e dois deixaram em branco; desses, sete residem no Bairro José Pinheiro (31,8% do total das respostas); três (13,6%) são oriundos do Vila

Cabral; e os demais bairros aparecem com um ou, no máximo, dois sujeitos pertencentes aos demais bairros assinalados, representando, respectivamente, em termos percentuais, 9,1% e 4,5% do total de sujeitos por bairro.

Em termos numéricos, foram citados dez bairros: Alto Branco, Bodocó, José Pinheiro, Malvinas, Presidente Médici, Sandra Cavalcante, Santa Rosa, Santo Antônio, Vila Cabral e Sítio Zé Velho, todos situados na periferia de Campina Grande, exceto este último que faz parte da cidade de Queimadas. Como podemos observar, os sujeitos participantes do projeto são de bairros pobres da cidade de Campina Grande. Quanto à outra pequena parte, embora advenha de bairros mais centrais, onde parece haver mais concentração de pessoas com melhores condições financeiras, no que diz respeito à renda pessoal e familiar dos entrevistados, constatamos que todos eles pertencem à classe menos favorecida, o que nos leva a inferir que a maioria dos jovens que buscam o futebol tem uma condição socioeconômica difícil, como apontam muitas das pesquisas que tratam dessa questão.

Muitos já devem ter reparado que, em todos os times de futebol, no mínimo 90% dos atletas são oriundos das classes mais baixas da sociedade. Será que jovens de classes altas e mesmo médias não possuem o sonho de serem jogadores de futebol? Ou então não sabem praticar esse esporte? Provavelmente não. Não precisamos ir muito longe, para vermos que praticamente qualquer criança, independente da classe social, sempre sonhou em se tornar jogador de futebol (DANA, 2013, p. 1).

Talvez, essa procura ainda ocorra porque “o futebol faz parte da identidade do País e além de ser considerado a paixão nacional, é visto como uma oportunidade de ascensão social e profissional para jovens oriundos de famílias de baixa renda” (MARQUES; SAMULSKY, 2009, p. 103). Assim, o fato de muitas crianças e jovens pobres de Campina Grande buscarem o futebol como possibilidade de mudar de vida talvez possa ser explicado pelas questões aqui aventadas.

A segunda variável diz respeito ao item *idade* dos sujeitos constatada no período de realização da pesquisa de campo, que foi distribuído em três grupos: um, entre 15 a 18 anos; outro, de 19 a 22 anos; e o último, num intervalo entre 23 e 26 anos⁶³. Desses, verificamos que o primeiro grupo apresentou um número maior de atletas. Ou seja, numa frequência

⁶³ As idades encontradas no campo de pesquisa divergem daquelas apresentadas no documento do PACF, sobretudo por se tratar de um período específico de competição para os jovens com faixas etárias entre 15 e 16 anos. Em função disso, o coordenador havia, temporariamente, dado férias às crianças e aos jovens das demais idades. Alguns dos atletas mais velhos são profissionais e estão ali a convite do responsável pelo projeto para manter a forma e contribuir com os treinos dos mais jovens.

absoluta de dez sujeitos - 45,5% do efetivo - esse grupo ficou à frente dos demais, que trouxeram, respectivamente, frequência 7 (31,8%) e 5 (22,7%).

A maior concentração de atletas entre 15 e 18 anos poderia ser explicada em função de se tratar de uma fase importante de preparação para o futebol profissional. Nesse sentido, os projetos de formação apresentam uma concentração maior de sujeitos nessa faixa etária de idade, ou, noutro extremo, um número também considerável de crianças. Mas, nesse caso, essa prevalência ocorreu, também, porque se tratava de um período em que haveria competições para atletas com idades entre 15 e 16 anos e 17 e 19 anos. Portanto, as categorias inferiores entraram em recesso para que os trabalhos pudessem estar mais voltados, e de forma mais intensiva, para esse grupo de atletas.

Nesses termos, entendemos que o maior número de sujeitos encontra-se na fase de formação visando à profissionalização. Nos demais grupos, em que as idades são maiores, alguns ainda vêm tentando a ascensão profissional, e outros já se tornaram jogadores profissionais. Porém, nesse último grupo de atletas, alguns deles, por estarem parados e sem clube, no momento, retornam aos trabalhos de treino onde foram formados para continuar em atividade e manter ou melhorar a forma física, enquanto espera por uma nova oportunidade em times (profissionais) locais ou de outros estados.

Em relação à variável *cor da pele*, a maioria dos sujeitos classificou-se como afro-brasileiros. Ou seja, dos 20 que responderam à entrevista, apenas um declarou ter a cor branca, enquanto 19 consideraram-se afro-brasileiros. Em termos percentuais, isso representa, respectivamente, 4,5% e 95,5% das respostas. Esses números não nos deixam dúvidas de que, no PACF, encontramos uma expressiva presença de afro-brasileiros pobres, que buscam no futebol a possibilidade de ascender através dele.

O sonho de tornar-se um jogador de futebol profissional, adquirir “status” social e melhores condições financeiras para si mesmo e, muitas vezes, para toda sua família está presente em todas as “peladas” (práticas informais organizadas pelos próprios participantes sem necessariamente seguir as regras e regulamentos determinados pela federação ou órgão regulador do esporte) nas ruas e escolas do Brasil (MARQUES; SAMULSKY, 2009, p. 103).

Esses números, embora não sejam ainda suficientes para provar, em definitivo, que o futebol empodera afro-brasileiros pobres e excluídos, pelo menos nos permite adiantar que esse esporte é, majoritariamente, constituído por esses sujeitos, sobretudo quando sua oferta ocorre gratuitamente através de programas como o PACF, por exemplo.

De fato, a grande quantidade de afro-brasileiros, por estar numericamente bem representada (VIEIRA, 2003) no futebol, parece ser resultado muito mais da falta de outras oportunidades na vida social – historicamente negadas a esses sujeitos – do que por outras variáveis comumente propaladas na mídia e no meio social como, por exemplo, aquelas de cunho biológico, determinando o lugar social dos indivíduos conforme o grupo étnico-racial ao qual pertencem. Portanto, refutamos as noções e as comprovações idealizadas de que esses sujeitos *nasceram* para o futebol, uma vez que tencionam reproduzir discursos hegemônicos e estereotipados para reforçar as concepções estabelecidas pelo (no) *imaginário social*⁶⁴ como forma de demarcar o lugar do afro-brasileiro e do branco na sociedade. Ou seja, ao primeiro destinam-se ocupações sempre associadas aos trabalhos subalternos, de força e isentos ou com pouca presença de intelectualidade. E aos segundos são destinados os cargos estratégicos e de comando e liderança. Todo esse processo de preconceito, discriminação e racismo se reproduz no futebol, mesmo que esse espaço se constitua uma via de ascensão social desses excluídos. Trata-se, portanto, de demarcações e discursos que se apresentam no meio social e, por conseguinte, vão permear espaços como o esporte, em geral, e o futebol, de maneira particular. Esse tipo de situação ainda ocorre, certamente, por conta das condições como os homens e as mulheres de origem africana vieram para o Brasil, ou seja, foram trazidos em condições sub-humanas e com a finalidade exclusiva de realizar trabalhos pesados no campo nos tempos da escravidão.

Assim, sobre a variável cor da pele, levamos em consideração a resposta do pesquisado do PACF. Porém, ao tomar por base nossas observações realizadas no campo de investigação, diríamos que esses números, apesar de serem bastante expressivos no que diz respeito a uma concentração maior de afro-brasileiros, essas informações poderiam sofrer alterações. Isso porque o único sujeito a se declarar branco poderia ser classificado ou enquadrado no conjunto dos afro-brasileiros. Desse modo, teríamos alterações nos números, com percentuais apenas para a categoria de afro-brasileiros.

Ressalte-se, porém, que, em função desse contexto de definição dos lugares sociais em relação à cor da pele, é provável que, em determinados momentos, alguns indivíduos afro-brasileiros não se declarem como deveriam sobre a cor/etnia que carregam. Mas esses tipos de declaração são possíveis de ocorrer num país que se utilizou do trabalho escravo e que, historicamente, perseguiu, não respeitou e procurou, o tempo todo, apagar da memória do povo brasileiro a cultura de raízes africanas (LOPES, 2007); (NUNES, 2006).

⁶⁴ Entendamos aqui imaginário social como pertencente ao campo das representações sociais (Cf. KOURY, 2011).

Respostas como a identificada no PACF, em que um sujeito, apesar de não ser branco, assim se declara. Isso ocorre, certamente, porque, sem referência sobre sua cultura, seu povo e suas origens, muitos dos descendentes de africanos acabam não se reconhecendo como tal, por medo de sofrer com o preconceito e o racismo, ou, simplesmente, por não se perceber ou se identificar no conjunto dos afro-brasileiros.

A maioria dos jogadores de futebol é afro-brasileira, com uma expressiva presença nas regiões Norte e Nordeste, como apontado por Rodrigues (2007) e Vieira (2003) em estudos realizados sobre *preconceito e discriminação no futebol brasileiro*. Esse mesmo autor nos mostra que, de acordo com pesquisas realizadas em 2003, 66% dos jogadores brasileiros são negros e pardos, ao passo que 34% são brancos (ou se consideram brancos). Essas informações, de certa forma, corroboram o que encontramos nesta parte de nosso estudo, ou seja, no PACF, os afro-brasileiros são realmente maioria absoluta e, embora estejam na lista dos que recebem entre um e dois salários mínimos, os ídolos do futebol brasileiros advêm historicamente desse grupo étnico-racial.

Sobre a variável *domicílio*, podemos afirmar que houve uma predominância no nível casa própria. Assim, 16 sujeitos (72,7%) responderam dispor de casa própria, e cinco (22,7%), em casa alugada. Apenas assinalou a opção outros o referente a 4,5% do total. Esse valor expressivo em relação à variável casa própria deve ter surgido pelo fato de muitos sujeitos de diferentes graus de parentesco morarem juntos, dividirem as despesas do lar, adquirirem suas casas, tanto por conta própria quanto através dos programas de aquisição da casa própria ofertados através de programas do governo federal para esse fim, principalmente se levarmos em consideração os valores de suas rendas apresentadas no item que trata, mais adiante, desse assunto.

Em se tratando da variável *cidade/estado onde nasceu*, 95,5% dos entrevistados são naturais de Campina Grande, Paraíba e um (4,5%) respondeu ter nascido na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Essa predominância parece ficar evidente, certamente, pelo fato de os trabalhos serem realizados na própria cidade em questão, facilitando o deslocamento e o acesso de muitos de seus moradores para frequentarem os dias e os horários de treinos.

Grande parte dos sujeitos entrevistados estuda e treina, dedica e concilia seu tempo tanto para a educação formal escolarizada quanto para a formação de jogador de futebol. Dos 22 sujeitos consultados, 21 responderam a questão. Desses, 10 (47,6%) disseram realizar as duas coisas. Entretanto, oito dos pesquisados (38,1%) não frequentam a escola, por desistência, dedicando seu tempo aos treinos, ou pelo fato de já terem concluído o ensino médio, e, ao invés de buscar uma formação universitária, certamente, por questões de

sobrevivência, tentam o futebol como profissão, ou, paralelamente aos treinos, vão à procura de emprego ou trabalho para se manter financeiramente⁶⁵.

Desse total de atletas entrevistados, dois (9,5%) trabalham e são atletas, e apenas um (4,8%) realiza as três coisas, ou seja, conciliam estudo, trabalho e treino. Apesar de o PACF concordar que os sujeitos devam estar matriculados para participar dos treinos, aqui ou acolá, por um ou outro motivo, encontraremos sujeitos sem frequentar a escola. Mas não podemos deixar de considerar que alguns deles já concluíram o ensino médio e, muitas vezes, ainda não prestaram vestibular ou os que tentaram, mas não foram aprovados.

Nesse contexto, uma minoria, comumente por condições extremas de pobreza, abandona os estudos e busca trabalho para sustentar a família, como podemos constatar nas falas de alguns atletas, que expressaram vontade de retomar aos estudos, mas a questão da sobrevivência *fala mais alto*.

Esses dados nos remetem às informações adquiridas na proposta do PACF, quando afirma que, para fazer parte dos treinamentos, os atletas devem estar matriculados na rede oficial de ensino. Por esse motivo, boa parte dos atletas está na escola ou passou por ela. Assim se configura o vínculo entre estudo e treino, e a escolarização é um pré-requisito para participar do programa.

Em relação ao nível de *escolaridade*, verificamos que, dos 22 sujeitos, apenas dois, por um motivo ou outro, deixaram de responder à pergunta formulada. Nessa seção do questionário, houve uma igualdade dos percentuais em relação aos atletas que concluíram e os que ainda não concluíram o ensino médio, ou seja, 30% para cada lado. Já em relação ao ensino fundamental, não podemos dizer o mesmo, pois a relação percentual entre os que não concluíram é de 25% e de 5% para os que concluíram essa fase do ensino (CARVALHO, 2005).

Vale destacar que dois atletas - 10% dos entrevistados – cursaram o ensino superior incompleto, principalmente os atletas que apresentam mais idade e que já se profissionalizaram, o que nos dá a entender que, mesmo carregando a responsabilidade de se dividirem entre os treinos e os estudos, não desacreditam que é possível continuar jogando futebol profissionalmente e a cursar uma faculdade, embora, muitas vezes, apostem mais na primeira opção. Trata-se, nesse caso, de atletas com experiência, mas, por estarem sem clubes e por estarem parados há algum tempo, retornam ao local onde se formaram para aprimorar e manter a forma física para voltar a jogar profissionalmente o quanto antes.

⁶⁵ Podemos analisar esses dados sobre a relação escolaridade e futebol a partir das questões levantadas por Dana (2013), já mencionadas neste estudo.

Em se tratando da questão *conjugal*, dos 22 sujeitos entrevistados, apenas dois são casados, ao passo que os solteiros representam 91% do efetivo de atletas. Esses números se devem justamente ao fato de a maioria dos jovens se concentrarem na faixa dos 15 aos 18 anos de idade e por não ser comum encontrar jovens casados nessa fase da vida.

A variável *gostar do ambiente de treino e das atividades realizadas* aponta para uma aceitação bastante significativa, chegando a uma frequência absoluta de 17 sujeitos, ou seja, em números percentuais, o equivalente a 77,3% do total dos que marcaram a alternativa *sim* da questão. Nenhum dos entrevistados mostrou-se insatisfeito com o ambiente e as atividades desenvolvidas, pois os demais entrevistados – cinco deles - responderam que gostavam razoavelmente do ambiente de treino e das atividades realizadas. Isso significa que não houve resposta *não*. Esses resultados nos dão a impressão de que os atletas acreditam no PACF como algo importante para sua vida.

Na variável sobre o *reconhecimento ou não do futebol como espaço de inclusão social*, dos 21 atletas que responderam a questão, 16, ou 76,2% do total, afirmaram ser esse esporte propiciador de inclusão social. Por outro lado, os outros cinco (23,8%) não concordaram com esse entendimento ou não souberam responder à questão, uma vez que a maioria não sabia o que significava o termo *inclusão social*. Nesse caso, tivemos que intervir para explicar a alguns, porém, essa noção não ficou devidamente compreendida por parte de alguns sujeitos pesquisados.

De fato, como podemos perceber na passagem anterior, não se trata de posições simetricamente equilibradas entre os que veem e os que não concebem o futebol como meio de inserção social. A tendência é de se acreditar no futebol como favorável para incluir socialmente os sujeitos pobres e excluídos da cidade de Campina Grande-PB.

Pelas condições de grandes variações apresentadas entre os ganhos financeiros de cada sujeito, resolvemos agrupar os valores da variável *renda pessoal* em grupos. Dos que responderam à questão, a renda de maior frequência situou-se no nível de R\$ 0,00 a 100,00. Nesse caso, quanto maior o valor recebido, menor o número de sujeitos entre aqueles que ganham mais. Portanto, há uma relação inversamente proporcional entre o valor da renda pessoal e o número de sujeitos. Assim, sete dos que responderam à pergunta, 50% situam-se entre os que ganham as menores rendas (até R\$100,00), e cinco, entre R\$ 200,00 e R\$ 622,00, 35,7% do total de atletas; dois sujeitos (14,3%) chegam a ganhar entre R\$ 720 e R\$ 15000,00.

Em se tratando da *renda familiar*, não podemos afirmar a existência do mesmo processo como esse da renda pessoal, uma vez que os valores que concentraram um número

maior de sujeitos foi o grupo intermediário. Ou seja, dos que recebem de R\$ 120,00 a R\$ 600,00 (23,5%) e R\$ 1200,00 e R\$ 3000,00 (29,4%), houve um equilíbrio em termos de frequência absoluta. Entretanto, a concentração de sujeitos que percebem entre R\$ 620,00 e R\$ 900,00 (47,1) é bem maior e se distancia dos demais grupos aqui explicitados. Mesmo assim, esses dados nos permitem deduzir que a maioria dos atletas participantes do projeto apresenta renda familiar também menor como ocorre com os dados apresentados sobre a *renda pessoal*.

Esses dados nos levam a inferir que os que buscam o futebol como forma de sair da pobreza e da exclusão social são realmente os sujeitos de baixa renda e oriundos das periferias, pois, certamente, veem o futebol como uma possibilidade de melhorar e mudar sua vida e a de sua família, como apontado nos estudos realizados por Marques e Samulsky (2009) e mostrado neste estudo.

A variável *mora com quantas pessoas* mostra-nos que a predominância incidiu com muita ênfase entre aqueles que moram sozinhos ou com, no máximo, quatro pessoas, ou seja, 16 atletas, 72,7% de todos os 22 que responderam ao quesito. Nesse caso, seis são os sujeitos que residem com cinco a oito pessoas, o equivalente a 27,3% do total das respostas.

A variável sobre o *tempo de participação no PACF* teve que ser organizada por grupos que se aproximam em termos de valores, como fizemos para outras variáveis destacadas neste mesmo texto. Percebemos que houve uma predominância de sujeitos, no grupo de um a cinco anos, que estão fazendo parte desse programa, ou seja, sete atletas 33,3%. Os demais grupos configuraram-se da seguinte maneira: de um dia a dois meses, encontramos seis atletas, ou 28,6%; de três a seis meses, quatro atletas, 19% do total; e de seis a 12 anos, quatro atletas (19%).

É interessante observar que, entre os sujeitos com menos tempo participando do projeto, principalmente os do segundo grupo (de três a seis meses), e aqueles com bem mais tempo, a concentração do número de atletas diminui. Isso nos permite inferir que o maior número de sujeitos será encontrado, certamente, no tempo necessário de formação do atleta, demandando um tempo em torno de cinco a seis anos para se tornar um jogador profissional, sobretudo se levarmos em conta que é a partir dos 12 ou 13 anos que os trabalhos de formação para esse esporte passam a ser mais voltados para uma iniciação preparatória especializada sobre aqueles que pretendem se profissionalizar entre os 17 e 18 anos de idade⁶⁶.

⁶⁶ Por se tratar de um espaço aberto ao público, há uma rotatividade de atletas, os quais, muitos deles, aparecem de repente para treinar e serem observados durante os treinos. Por esse motivo, apesar de contar com sujeitos que

Não podemos deixar de destacar que esse tempo de permanência no PACF deve-se, provavelmente, a duas questões básicas. A primeira, pelo fato de os jovens acreditarem que, através desse programa de formação de atletas, as chances de conseguirem profissionalizar-se no futebol sejam mais reais. E a segunda, porque, geralmente, é muito difícil encontrar projetos de formação de atletas sem fins lucrativos, sem que os pais das crianças e dos jovens pobres precisem custear essa fase de preparação.

Por se tratar de uma fase de preparação de uma equipe retirada do próprio projeto para participar das competições estaduais e regionais programadas anualmente, parece ser comum encontrarmos atletas que apareceram mais recentemente para treinar. Eles são convidados pelo coordenador/professor do projeto em questão ou por indicação para fazer parte do projeto ou para realizar testes para ingressar no futebol profissional. Nesse último caso, os trabalhos de formação com todos os atletas ficam, temporariamente, suspensos, tendo em vista a fase de preparação dos escolhidos para as disputas futebolísticas que visam revelar os talentos que terão a oportunidade de mostrar seu futebol para outros.

4.4.2 Coordenador e colaboradores

O PACF é desenvolvido através de trabalhos específicos do futebol e devidamente bem definido por cada um dos sujeitos que compõem o quarteto destinado à formação dos atletas. Cada um deles tem pleno conhecimento de suas atribuições e obrigações no projeto.

Durante a caracterização do campo, sobretudo no que diz respeito aos sujeitos aqui destacados, verificamos que todos eles apresentam pontos em comum que valem ser apresentados nessa descrição. O primeiro ponto é que todos eles foram jogadores de futebol, notadamente de clubes paraibanos e nordestinos. Dos quatro, três foram profissionais, enquanto um deles atuou apenas nas categorias de base de times do futebol paraibano. Desses, em termos de grau de escolaridade, dois são formados em Educação Física - o coordenador/idealizador do projeto, que alcançou o nível de doutoramento, e o preparador físico, com licenciatura na área, que já atuou nessa função em clubes profissionais do estado. Os outros dois, ou seja, o auxiliar e o preparador de goleiros, ambos colaboradores voluntários dos trabalhos desenvolvidos, alcançaram apenas o ensino fundamental incompleto, mas o que aprenderam como jogadores profissionais vêm repassando para os

já estão lá há bem mais tempo, o projeto conta, também, com a presença de jovens recém-chegados. Esse contexto contribui para uma variação significativa do tempo de participação desses atletas no projeto.

alunos/atletas, isto é, socializam tudo o que foram capazes de vivenciar no mundo do futebol, principalmente os ensinamentos relativos aos fundamentos dessa modalidade esportiva.

O segundo ponto é que todos eles foram unânimes em afirmar que gostam do ambiente, dos treinos e das atividades que realizam no projeto a fim de contribuir para a formação e a revelação de talentos esportivos no futebol. Além disso, acreditam nesse espaço esportivo como um aspecto que contribui para afastar os jovens do mundo das drogas e da criminalidade, e isso os conduz à inclusão social.

O professor/coordenador do PACF tem, atualmente, 67 anos de idade e, desde 1989, depois que retornou da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), vem colocando em prática o projeto, há, aproximadamente, 34 anos. Esse sujeito declarou-se pardo. É o principal responsável pela formação e pela revelação dos talentos esportivos, que já despontaram no cenário do futebol paraibano, brasileiro e internacional. Esse agente formador reside no Bairro Catolé, em casa própria, com mais duas pessoas; é casado, pai de quatro filhos e dispõe de renda mensal (pessoal e familiar) no valor de R\$ 7.000,00.

O auxiliar técnico tem 61 anos de idade, é ex-jogador profissional e reside no Bairro Chico Pereira em Campina Grande-PB. Declarou-se negro – portanto enquadra-se no grupo de afro-brasileiros – e afirmou que sua profissão é a de torneiro mecânico, porém, atualmente, vem ocupando voluntariamente a função de auxiliar técnico do projeto nos tempos livres. Sua renda mensal familiar equivale a um salário mínimo. O entrevistado tem dois filhos, é viúvo, mora sozinho e percebe renda salarial mínima. Há dois meses participa do projeto, com a principal função de cuidar do material de treino e auxiliar nos trabalhos técnicos do professor/treinador, principalmente na revelação de talentos esportivos.

O preparador de goleiros considera-se negro. Tem 51 anos de idade, reside no Bairro José Pinheiro e nasceu em Alagoa Nova, Rio Grande do Norte. Atuou como jogador profissional no futebol paraibano. É mestre de obras, porém, ao definir o próprio horário de trabalho, disponibiliza seu tempo para se dedicar àquilo que é de sua responsabilidade: formar e revelar os goleiros do PACF. Sua renda pessoal e a familiar são as mesmas: aproximadamente, R\$ 2.000,00, uma vez que a única fonte financeira da família advém de seu próprio trabalho. Mora com a esposa e o filho, o qual também participa do projeto como atleta. Há quatro meses trabalhando nesse projeto, o preparador de goleiros declara gostar do ambiente de treino e das atividades que realiza como formador de goleiros e que seu sonho é poder ver os atletas que vêm formando no futebol profissional.

Por último, temos o preparador físico, o qual se declarou de cor parda. É natural de Campina Grande, Paraíba, tem 50 anos, é formado em Educação Física e atua como

preparador físico do futebol estadual tanto nas categorias de base quanto no nível profissional. No momento, por não estar atuando em nenhum clube, já que não está havendo campeonato de futebol profissional, esse professor foi convidado pelo coordenador do projeto para colaborar com a fase de preparação física dos atletas selecionados que irão participar das competições desse ano e trabalhar como treinador do Clube Campestre dessa cidade, local onde é funcionário, desenvolvendo atividades de preparação dos seus atletas.

Esse indivíduo tem o ensino superior completo, mora em casa própria e dispõe de uma renda pessoal de R\$ 1000,00, e familiar, de R\$ 1000,00, totalizando R\$ 2000,00. É casado, tem quatro filhos e mora com oito pessoas. Afirmou que faz parte do projeto há quase dois meses e que gosta do que vem fazendo e das atribuições que realiza. Acredita que o esporte contribui para tirar os meninos da rua, para que tenham a chance de conseguir uma vida melhor.

Esses três últimos sujeitos colocaram-se como colaboradores voluntários do PACF porque acreditam que um trabalho de base no futebol dessa qualidade e com a dedicação de seus colaboradores e professores pode revelar muito atletas, como ocorreu com tantos que já se profissionalizaram e passaram a jogar em clubes brasileiros e estrangeiros.

Apesar de se constituir um trabalho voluntário, o coordenador, responsável pelo projeto, afirmou que o programa é financiado de seu próprio bolso, pois não conta com nenhum tipo de ajuda dos setores públicos e privados da sociedade.

Portanto, o diferencial para que o projeto possa funcionar plenamente está no esforço individual e coletivo de todos aqueles que estão à frente dos trabalhos, principalmente na motivação e no ânimo do coordenador que, durante mais de 30 anos, vem desenvolvendo seu trabalho sistemático e resistente de revelar jogadores para o futebol profissional, criando, a partir dessa sua luta, possibilidades para que jovens pobres e excluídos possam ascender socialmente.

4.5 O ESPAÇO, A ROTINA E AS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO DO ATLETA/CIDADÃO

Há dois anos, o PACF funcionava noutro terreno (campo de futebol), no mesmo bairro – Catolé - a cerca de, mais ou menos, 700 metros de distância de onde atualmente vêm sendo desenvolvido os trabalhos de formação de jovens atletas.

Esse primeiro espaço situa-se circundado por casas, condomínios residenciais e pelo Quartel da Polícia Militar de Campina Grande-PB. O terreno, por sua localidade, trazia vários obstáculos ao desenvolvimento dos trabalhos, conforme mencionado pelo coordenador do projeto. Desses empecilhos, os mais lembrados foram o fato de a bola cair muito nas ruas e na avenida próxima, o que poderia causar acidentes aos jovens, quando se disponibilizavam buscá-la. Quando caía nos domicílios e nos prédios circunvizinhos, incomodava os moradores e os participantes do projeto e, muitas vezes, era preciso implorar aos primeiros que devolvessem a *pelota*⁶⁷.

Hoje, durante a semana, esse espaço (campo) vem servindo de estacionamento para os automóveis dos que moram ou trabalham por perto, bem como para aulas de direção para os que pretendem adquirir sua habilitação de motorista. Nele, o futebol é praticado nos finais de semana, tanto para as *peladas* quanto para a realização de torneios e competições organizados por *peladeiros* da comunidade. Assim, a prática do futebol restringe-se aos finais de semana.

Atualmente, como já afirmamos, os trabalhos do PACF são desenvolvidos num terreno baldio, no mesmo bairro do campo anterior. O improvisado campo, com dimensões mais ou menos próximas das oficiais de um campo de futebol com as dimensões mínimas⁶⁸, foi ocupado pelos sujeitos participantes do programa para desenvolverem atividades destinadas a formar e a revelar talentos esportivos, pelo menos até que seus verdadeiros donos cheguem e o retomem para a expansão imobiliária⁶⁹.

De fato, os trabalhos são realizados num terreno baldio (transformado em campo), no Bairro do Catolé, área nobre de Campina Grande, ocupado por casas e edifícios luxuosos. Esse terreno foi transformado em um campo de várzea, em cujas laterais situam-se a rodoviária, de um lado, e do outro, um pequeno matagal e uma escola estadual; por trás de suas linhas de fundo, ou seja, num extremo, fica o maior e mais frequentado *Shopping* da cidade; no outro extremo, foram construídos dois edifícios de luxo, conhecidos, popularmente, como as *torres gêmeas* da cidade.

Sempre que chegávamos ao local de treinamento, verificávamos a presença dos atletas, do responsável pelos trabalhos de formação de jogadores e seus colaboradores na

⁶⁷ Sinônimo de bola.

⁶⁸ As menores dimensões de um campo oficial de futebol são as seguintes: comprimento (linha lateral) 90m; comprimento (linha de meta) 45m. (Disponível em: **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF)**. Regras de Futebol 2011 – 2012. <http://www.orm.com.br/redacao/pdf/7522_regras%20de%20futebol%202012-internet-ok.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2013).

⁶⁹ Trata-se de um terreno usufruído por sujeitos da comunidade para a prática de futebol nos finais de semana. O espaço foi solicitado pelo professor/coordenador do projeto para desenvolver os trabalhos do PACF. Em conversa com os responsáveis pela *pelada*, ele conseguiu a liberação para utilizá-lo.

preparação e execução dos trabalhos. Antes mesmo que fizéssemos perguntas a partir das observações preliminares dos espaços, o coordenador conversava sempre conosco sobre o projeto, suas expectativas e planos futuros. Enquanto os atletas iam chegando, aos poucos, e colocando as vestimentas de treino⁷⁰, o responsável pelo programa ia nos apresentando todo o material de que dispunha sobre o projeto, os atletas que formou, entre outros documentos relativos aos atletas e aos trabalhos de formação. Aproveitava para falar sobre sua trajetória no futebol, tanto como jogador quanto como professor formador de atletas e suas expectativas em relação ao PACF.

Nosso primeiro objetivo foi de entrevistar o responsável pelo projeto, com a pretensão de, com um questionário de 59 questões – que formulamos depois das primeiras visitas ao campo de investigação – obter uma série de informações para realizar a fase diagnóstica do estudo. Mas, como não foi possível fazer isso de imediato, combinamos que o professor/coordenador, fundador e idealizador do projeto, levasse o questionário de perguntas abertas, respondesse-o e o devolvesse devidamente preenchido algumas semanas depois.

A ideia, com esse material, seria de colher o máximo de informações possível relativas ao projeto e ao entendimento desse sujeito sobre o significado do futebol para jovens afro-brasileiros, pobres e excluídos da sociedade. Durante as visitas, realizamos observações, filmagens dos espaços, das pessoas e de suas práticas naquele local. Nesses registros, preocupamo-nos em captar não apenas o local específico de treino, mas tudo o que havia em seu entorno, como, por exemplo, os espaços já citados.

⁷⁰ Vale ressaltar que, por se tratar de um campo aberto e sem a mínima estrutura, os jovens trocam de roupa ali mesmo, ao relento. Sua exposição só não é maior porque conseguem, sentados e escondendo-se atrás da bolsa de materiais, colocar as vestimentas de treino.



Figura 1: O campo e seu entorno

Disse-nos o professor/coordenador que o terreno onde desenvolve seus trabalhos pertence aos mesmos donos dos edifícios que havíamos já aqui mencionado e, por isso, a qualquer momento, o campo poderia ser tomado para a especulação e a expansão imobiliária. Trata-se de uma contradição, em que os conflitos gerados pelo espaço, mesmo que de forma ainda não muito aparente, parecem existir.



Figura 2: *Torres gêmeas*, uma das partes do entorno do campo

Nesse sentido, os treinamentos são realizados em um terreno baldio acidentado e íngreme. Boa parte do espaço é constituída de chão duro e pedregoso, e a outra, de capim. As demarcações do campo e as balizas (traves) não correspondem às dimensões oficiais mínimas⁷¹ de um campo oficial, uma vez que suas medidas são menores se comparadas às metragens oficiais estabelecidas. Suas linhas limítrofes, laterais e de fundo, e as áreas, o meio do campo etc., são demarcadas com cal ou pó de um tipo de minério ou pedra branca disponíveis no próprio local.



Figura 3: Estado do terreno de Treino I



Figura 4: Estado do terreno de Treino II

Apesar de o campo ser bastante irregular e acidentado para a realização das atividades futebolísticas, os atletas treinam de forma séria, concentrada e dedicada, como se estivessem realmente num campo com todas as condições para a prática dessa modalidade, parecendo ignorar os obstáculos naturais, sociais e econômicos do espaço. Acreditamos que a maior motivação desses sujeitos é a de se tornar, um dia, um jogador de futebol em nível local, nacional, ou, quiçá, internacional, e a ser reconhecido como um notório jogador, como já ocorreu com uma série de outros jovens que também já estiveram frequentando esse projeto para vivenciar esse tipo de experiência.

Depois de determinado tempo, até que todos os atletas tenham chagado, colocado seus uniformes de treino e, por último, feito os aquecimentos individuais e coletivos com e sem bola, o coordenador reúne os atletas para uma conversa com todos eles sobre questões relativas às condutas disciplinares a serem assumidas pelos integrantes do projeto, e os orienta em relação às suas participações em campeonatos quando, na ocasião, são sempre

⁷¹ A menor dimensão de um campo oficial é de 90 metros de comprimento e 45 metros de largura.

avaliados. Alguns deles são indicados para o futebol profissional. Fala também sobre as possibilidades que o projeto oferece de formá-los e revelá-los para o futebol de ponta.



Figura 5: Conversa antes do treino I



Figura 6: Conversa antes do treino II

Em seguida, cumprida toda a fase de conversas e apresentações, os atletas passam, sob a orientação do preparador físico, para a fase seguinte, a começar pelo aquecimento e alongamento individual e em duplas; depois, para os trabalhos físicos, através de um circuito com estações para o desenvolvimento das habilidades e capacidades físicas necessárias à prática do futebol de campo. Por último, os atletas participam de um coletivo (treinamento com bola) de, aproximadamente, 50 minutos até o fim da tarde. No final dos treinos, o professor, quando necessário, reúne os atletas para avaliar o treino ou complementar algumas informações que deixaram de ser repassadas nos momentos que antecedem os treinos.



Figura 7: Treino coletivo com bola



Figura 8: Treino de goleiro com bola

Os treinamentos são realizados todas as quartas, quintas e sextas-feiras, no período da tarde, e aos sábados, no turno da manhã. Porém, no momento, devido à Copa Ronaldo Cunha

Lima de Campina Grande, que seria realizada entre os meses de outubro e novembro de 2012, e ao I Torneio FENAPAF⁷² de Atletas Livres, que ocorreria na cidade de Fortaleza-CE, entre os dias 29 de novembro a 02 de dezembro de 2012, o projeto suspendeu suas atividades com todo o seu efetivo de alunos/atletas até o mês de dezembro, exceto com o grupo composto de 25 a 30 jovens selecionados para essas duas disputas.



Figura 9: Cartaz: participação em competições pelo Nordeste

Diante disso, vem realizando suas atividades apenas às quartas e sextas-feiras com os jogadores na faixa-etária de 15 a 26 anos, quase todos convocados para treinar e participar dos torneios. Trata-se de alunos/atletas em processo de profissionalização e/ou já profissionalizados. Esses últimos participam dos treinos com o objetivo de manter a forma física, porque pensam em retomar a vida profissional como atletas. Além disso, os atletas mais experientes ajudam, durante as atividades, no processo de amadurecimento dos mais novos.

⁷² Federação Nacional de Atletas Profissionais de Futebol. Disponível em: <<http://www.safem.com/ler.php?id=2482&SAFECE+RECEBE+TORNEIO+NACIONAL>>. Acesso em: 02 out. 2012.



Figura 10: Atletas conversando antes do treino com bola

Essas competições, de acordo com as informações do coordenador do projeto, serviriam como laboratórios de observação para encaminhar os mais habilitados ao processo de profissionalização no futebol, visto que, nesses torneios, empresários e agenciadores sempre acompanham e avaliam os pretensos candidatos ao futebol profissional. Em síntese, sobre este item do estudo, podemos afirmar que, embora o espaço do PACF não seja o melhor para a realização das atividades e a manutenção das rotinas de treinos, a formação dos atletas mantém-se firme e de pé, na esperança de poder mudar de vida através do futebol.

Constatamos que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, os sujeitos lutam e resistem a uma série de problemas objetivos e materiais que em nada contribuem para a vida e a perpetuação do PACF. Entretanto, não deixa de funcionar, porque, a nosso ver, sua motivação está na força e na confiança que todos os envolvidos demonstram, no sonho e na esperança alimentada pelo coordenador, por seus colaboradores e atletas que, certamente, concebem aquele tempo e espaço como um *feixe de luz* para muitos que não encontram, noutro ambiente da sociedade, uma oportunidade de *ser mais e melhor*.

Entendimento que, se o PACF traz uma série de elementos característicos de luta e de resistência, sonho e esperança, e se tudo isso é resultado de um poder relacional exercido entre os sujeitos pobres e excluídos da sociedade, acreditamos que esse espaço e tempo de formação e revelação de atletas materializam-se, realmente, como um importante processo de empoderamento, em que os sujeitos se conduzem ou direcionam suas ações para o alcance da inclusão social que lhes permita, de fato, consolidar uma vida digna e cidadã.

A seguir, apresentamos os resultados e as análises do estudo, tomando como referência as entrevistas feitas com os sujeitos da pesquisa, ou seja, tanto os atletas do PACF, que

consideramos como *sujeitos em processo de empoderamento*, quanto os que já fizeram parte desse programa de formação e revelação de jogadores para o futebol e, hoje, reconhecidos nacional e internacionalmente, são por nós compreendidos como os *sujeitos empoderados*. Nesse sentido, objetivamos descrever e analisar como, na fala desses dois grupos de atletas, os processos do empoderamento e da inclusão social materializam-se através desse esporte.

5 O EMPODERAMENTO COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL DE AFRO-BRASILEIROS

Neste capítulo, apresentamos os resultados e as análises com base nas entrevistas realizadas com os atletas do PACF (*sujeitos em processo de empoderamento*) e com os jogadores (*sujeitos empoderados*) que passaram por esse mesmo programa de formação e revelação de talentos para o futebol. Essa apresentação visa descrever e analisar como esses grupos de indivíduos compreendem suas formas de empoderamento e inclusão social através desse esporte.

Depois de feitas várias leituras das informações e das narrativas dos sujeitos pesquisados, estabelecemos as categorias de análise constituintes de cada um desses grupos pesquisados, ou seja, *empoderados* e *em processo de empoderamento*, as quais nos levam a entender como o futebol, para esses entrevistados, é um espaço de empoderamento e, por conseguinte, de inclusão social.

Inicialmente, analisamos as falas dos *sujeitos em processo de empoderamento*; depois, o que disseram os *sujeitos empoderados* e, por fim, cruzamos as informações dos dois grupos investigados, verificando aproximações, distanciamentos, semelhanças e diferenças entre eles.

5.1 SUJEITOS EM PROCESSO DE EMPODERAMENTO

5.1.1 Influência do agente formador

Temos verificado uma influência bastante significativa do idealizador e coordenador do PACF na vida de seus participantes. Isso se evidenciou na frequência com que os jovens atletas afro-brasileiros em fase de formação se referiam a esse sujeito formador, como podemos observar na fala de um dos entrevistados a seguir:

É bom, os menino diz também que vem treinar... eu digo: bora lá, o treinador é bacana, ele sabe acolher as pessoas bem, di... diz que o trabalho de Luizinho é bom, que revela jogadores... só! (Entrevistado 3 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

O fato de esses sujeitos escolherem o PACF como espaço para treinar tem a ver com a compreensão que fazem de seu treinador, vendo-o como uma pessoa dotada de qualidades -

boa, bacana, que sabe acolher as pessoas e que o projeto revela jogadores. O mesmo entrevistado acrescenta que o referido professor *dá a mão aos jogadores*, e o fato de isso acontecer contribui para que os atletas se interessem pelo projeto, de maneira que haja um processo de ajudas recíprocas. Ou seja, se são ajudados pelo coordenador, por outro lado, de uma forma ou de outra, eles os ajudam também a manter o programa funcionando.

O coordenador é assim percebido também pelo fato de demonstrar uma preocupação em trazer os jovens da periferia para o PACF através de convites, sobretudo quando toma conhecimento de que algo precisa ser feito para ajudá-los a retomar uma vida voltada para o esporte e os estudos, visando distanciá-los de um contexto social desfavorável, como podemos constatar na fala a seguir:

[...] Luizinho Bola Cheia ele fez esse convite a mim eu vim pra qui pro time dele. Saí, tinha uma advertência aí assim... era... tava... é porque fui lá po... pa rua... aí ele foi lá pra minha casa e me chamou também porque eu tava envolvido com drogas, esses negócios, ele me... fez um convite a mim pra mim voltar a jogar futebol, abri... é... um curso, uma proposta de curso pra mim também, eu fiz o curso... daí foi interessante eu des... desde esse tempo eu não saí mais do... da escolinha do Luizinho Bola Cheia, não. (Entrevistado 2 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Nesse caso, o PACF se constitui uma possibilidade não só de aprender a jogar futebol e tentar a vida como atleta profissional, mas também de funcionar como um espaço de oportunidades tanto para aprender coisas quanto para não se envolver com o mundo das drogas e da delinquência. Assim, esse programa, nas palavras de seu coordenador, apresenta saídas para além da formação do jogador, como podemos verificar na passagem adiante:

[...] o professor Luizinho ensina a gente aqui: se não der no futebol dá nos estudo, porque só no futebol você não vai confiar no futebol não, porque acaba o futebol, acaba sua carreira de futebol você vai ter que partir pra outra coisa que é... ou se você não tiver terminado o estudo vai estudar ou trabalhar e o professor Luizinho explica isso: que se não der no futebol você trabalhe ou estude que no... lá na frente vai precisar... pra você arrumar um bom trabalho você vai ter que ter estudo pa arrumar um emprego bem melhor pra você. (Entrevistado 1 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Nesse sentido, propõe-se aos atletas que não vejam o futebol somente como um meio de ascensão social. É necessário que, paralelamente aos treinos desse esporte, os atletas deem

continuidade aos estudos, uma vez que nem todos, por uma razão ou outra, serão atletas profissionais, com fama e grandes salários, como alguns do próprio PACF já conseguiram.

Entendemos o quanto é importante a figura do coordenador sobre os atletas. Suas recomendações são assimiladas de tal forma que essas noções passam a ser reproduzidas pelos participantes do PACF em suas falas. Não são palavras ditas simplesmente, mas representam e revelam ações concretas do cotidiano desses sujeitos afro-brasileiros.

Esse coordenador representa alguém que estimula os sujeitos a se empoderarem, pois “[...] o empoderamento não é algo que se possa fazer pelas pessoas, mas algo que as pessoas tenham de fazer por elas mesmas, ou seja, são as pessoas que se empoderam a si mesmas.” (ANTUNES, 2002, p. 113). Nesse caso, o professor formador aparece como alguém que contribui para que os jovens percebam e descubram suas habilidades para se superar de suas dificuldades e empoderar-se cada vez mais através do futebol.

Nesse ambiente de formação de atletas, o empoderamento pode até ser iniciado por meio de uma perspectiva individual, mas, com o tempo, ele vai crescendo, no sentido de se tornar coletivo, visando transformar as relações de poder e permitir um nivelamento de poder entre os sujeitos e eles com a sociedade (ANTUNES, 2002). À medida que essa transformação vai se ampliando, maior também será o nível de *conscientização* e emancipação das pessoas envolvidas no processo de empoderamento.

De fato, a participação nesse projeto parece trazer certo nível de conscientização para os pleiteantes a ascender por meio do futebol profissional. Assim, passam a perceber justamente o projeto como algo que forma e informa tanto para a profissionalização futebolística quanto para a vida como um todo, sobretudo ao promover cursos e insistir com seus participantes na necessidade de não abandonarem os estudos, mas conciliá-los com as atividades esportivas e, até mesmo, se possível, com o trabalho, pois a realidade de pobreza e de exclusão de muitos afro-brasileiros que ali se encontram se impõe pela realização das três coisas ao mesmo tempo.

Percebemos, nessa categoria de análise, que a figura do coordenador, materializada por seus conselhos e comprometimento com o seu trabalho de formação e revelação de atletas, é uma forma de motivar e conscientizar seus aprendizes a descobrirem e desenvolverem suas habilidades futebolísticas e sociais. Essa referência é, portanto, de suma importância para que os sujeitos, por si sós, individual e/ou coletivamente, desencadeiem seu processo de empoderamento através do futebol.

5.1.2 Futebol, estudo e trabalho

Outra categoria que descobrimos nas entrelinhas das narrativas dos entrevistados foi *futebol, estudo e trabalho*. Como já havíamos falado neste texto, alguns dos atletas do PACF procuram conciliar as três tarefas. Estudo e futebol têm muito a ver com as proposições do próprio programa, que recomenda que os jovens que ali se encontram não só treinem futebol, mas também estudem e se matriculem na rede pública de ensino, mostrando aqui que há uma concordância entre a proposição e a ação do PACF. Nesse contexto, o trabalho está mais relacionado à questão de sobrevivência ou a algo que virá futuramente como resultado dos estudos que ora estão realizando em paralelo com o sonho de um dia ser um jogador profissional.

A preocupação e a valorização com a escolarização são perceptíveis entre os atletas investigados, como podemos examinar neste conjunto de falas dos entrevistados:

Eu já fiz até minha matrícula já, eu quero fazer um curso, o... fazer mais curso, aprender mais... e num é só de futebol, tem que ter uns curso, tem que ter leitura, tem que ter tudo isso, né? (Entrevistado 1 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Vou procurar entrar num vestibular, caso num dê certo no mundo do futebol e vou viver minha vida, planejar meu futuro pra ver o que acontece. (Entrevistado 2 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Meu, meu estudo eu num paro nunca. Só paro quando eu ver... terminei, e se eu não ingressar no futebol, eu ingresso numa boa faculdade. E eu tô fazendo agora... vou pro primeiro ano agora, científico... (Entrevistado 3 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Tô estudando e faço o segundo ano... vou agora fazer o EJA aí, segunda, [...] pretendo... vou e vou terminar, vum! Pretendo continuar estudando e até terminar meus estudo aí. [...] depois que eu terminar os estudo, não arrumar um trabalho também... aí sim, eu vou procurar a faculdade... (Entrevistado 8 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Percebemos que, na maioria das passagens anteriores, os jovens declaram estar cursando o ensino médio e veem os estudos como uma possibilidade de cursar uma faculdade e, por via dessa formação acadêmica, melhorar de vida no futuro, caso não consigam profissionalizar-se no futebol. Porém, ainda que isso aconteça, acreditam que podem continuar a estudar – durante ou depois do futebol – tencionando chegar realmente a fazer um curso superior, como forma de alcançar um futuro melhor após a conclusão da carreira de

jogador. O próprio PACF, por sua filosofia de formação de atletas, instiga seus formandos a pensarem, simultaneamente, no futebol e na elevação dos níveis de escolarização, embora saibamos, que, frequentemente, os sujeitos pobres e excluídos apostem mais no futebol como uma via mais rápida para a conquista por uma vida mais digna. Já o fato de alguns acrescentarem o trabalho ao seu cotidiano é porque precisam sobreviver, porquanto as condições sociais da maioria dos atletas são bastante precárias, razão por que, procuram, geralmente, de maneira informal e autônoma, conseguir algum dinheiro para ajudar nas despesas da família.

No contexto aqui apresentado, fica-nos a impressão de que o PACF contribui não apenas para formar e revelar o futuro atleta profissional, mas também para conscientizá-lo de que só o futebol não seria suficiente para se vislumbrarem dias melhores. Assim, as possibilidades de melhorar de vida viriam, também, através da valorização e da manutenção dos estudos, que podem ajudar os sujeitos a se empoderarem cada vez mais na vida social. Para os atletas do PACF, o empoderamento pode ocorrer, no presente, na relação entre futebol e estudo, para que, no futuro, a ascensão social se corporifique de maneira mais efetiva na vida social, em geral, e na vida esportiva, em particular. Na vida social porque, poderão conseguir melhor trabalho; e na vida futebolística, porque os estudos os ajudariam tanto em seu desempenho atlético quanto nas relações sociais durante a vida como jogador e no final dela, uma vez que alguns poderão se tornar diretores de clubes, empresários do mundo da bola, entre outros cargos e funções disponíveis nesse campo.

Em síntese, compreendemos que o futebol é um futuro incerto, que poderá se tornar realidade ou não. Assim, os estudos se revelariam com a certeza de que dias melhores podem vir, assim como o trabalho e a ação para o atendimento das necessidades imediatas de sobrevivência de afro-brasileiros pobres e excluídos integrantes do PACF.

5.1.3 O PACF como espaço de transformação

Ora, se as metas do PACF são de conciliar os treinos e os estudos dos jogadores, ofertar-lhes cursos de informática e realizar viagens para que participem de competições, suas intenções não seriam apenas a de formar e revelar atletas. Além disso, seu propósito parece ser, de fato, formar um cidadão que possa ser capaz de transformar sua difícil realidade de exclusão e pobreza, através de experiências variadas por meio do futebol. Nesse caso, o

projeto se mostra como um espaço/tempo de incertezas, mas, ao mesmo tempo, de esperança, como evidenciado na passagem adiante:

Além dos cursos, essas coisas, trouxe a esperança de, de reativar o meu sonho, que eu tava querendo desistir e a, e assim, cada dia vindo treinar você quer mais ainda conseguir chegar no clube, num clube, [...] pode ser aqui da, da Paraíba: Treze ou, ou um clube grande aí... dá esperança, dá motivação de você chegar cada dia mais e conseguir. (Entrevistado 9 – entrevista concedida em 17 de janeiro de 2013).

O sentido de *esperança*, nesse caso, está atrelado ao de transformação, e como dito na fala de Betto e Cortella (2012, p. 105), “a esperança não é um instinto, mas uma força de sobrevivência superior, quer dizer, é como uma capacidade de elevar a vida para um patamar que seja melhor.” Assim, a retomada da *motivação* para reativar o *sonho* de um dia se transformar num jogador de futebol coloca o sujeito comum na condição de acreditar que sua vida pode realmente mudar. Por isso não é sem razão que os entrevistados, durante sua participação no PACF, manifestam suas mudanças nos campos pessoal, familiar, social etc.:

Me tornei uma pessoa melhor, pessoalmente, tanto pra mim como pra minha família, deixei de tá em esquina, como eu vivia antes com pessoas que usavam drogas, que sempre tentavam me levar pra o caminho... mas como o projeto ajudou muito e em casa tinha uma boa índole com meus pais, aí eu saí desse mundo e, hoje em dia, vivo tranquilo. Aqui eu aprendi a ser cidadão. (Entrevistado 7 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

O que faz o sujeito acreditar que poderá se tornar um jogador e cidadão através do futebol é mesmo sua participação engajada no PACF. Se antes, no mundo lá fora, vivia uma situação de vulnerabilidade, abandono e esquecimento, nesse espaço de formação, vive, agora, o sonho e a esperança de poder superar as adversidades sociais, econômicas e culturais que o assolam. Além disso, está buscando outras questões de ordem mais afetiva, de elevação da autoestima, de convivência com o outro. O que nas ruas, nas esquinas e nas companhias *duvidosas* do dia a dia não conseguem conquistar, parecem experimentar mais facilmente no PACF, como explícito no bloco de passagens abaixo:

Muita amizade, união, força, dedicação... tu.. tudo isso trouxe a esse projeto, eu devo a esse projeto que eu soube ser respeitado e me... respeitar o próximo... até hoje esse projeto eu tenho que agradecer a ele, por tudo que eu tenho hoje na minha vida. Nem por tudo, né, que por tudo não, mai muitas

coisa, que ele me tirou de muitas coisa também. (Entrevistado 11 – entrevista concedida em 17 de janeiro de 2013).

Grandes amigos! Aqui eu encontrei grandes amigos... que eu vou levar pra, pa toda minha vida, mermo, os amigos que aqui eu encontrei. (Entrevistado 10 – entrevista concedida em 17 de janeiro de 2013).

Muita experiência, maturidade... e é dessa maturidade que eu estou aqui hoje contando minha história de vida. (Entrevistado 4 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Jogar bola, né... é uma coisa que eu gosto muito. As amizades, também... isso aí. O professor Luizinho, também, que eu gosto muito. (Entrevistado 5 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Ah! Jogano eu aprendi a respeitar os outros colegas aí, e até hoje... com respeito... sinceridade... e, aí, firme assim. (Entrevistado 2 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Trouxe muitas coisa: de eu num ficar em casa sem fazer nada... pa vim se divertir mermo, jogando. (Entrevistado 9 – entrevista concedida em 17 de janeiro de 2013).

Essas falas denotam que há um processo de transformação no campo mais pessoal, pois os sujeitos, individualmente, passam a acreditar mais no potencial que detêm para superar os obstáculos psicológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Nesse caso, o empoderamento que se destaca aqui não é somente o de nível individual, mas também, segundo Baquero (2012, p. 176), buscando respaldo em Zimmerman (1990), “[...] intrapessoal, na medida em que, embora, fortemente influenciado por fatores psicológicos – autoestima, temperamento, e experiências, o empoderamento individual é relacional [...]”. Ele é resultado da percepção que os jovens atletas do PACF têm de/em suas interações com ambientes e pessoas (BAQUERO, 2012). Nesse caso, os atletas sentem-se, particularmente, que estão se transformando com suas experiências nesse programa, influenciam e são influenciados positivamente com as mudanças.

Nesta análise, perguntamos: onde se situa a inclusão social e como acontece na vida desses jovens? Podemos afirmar que se situa nos próprios sujeitos desempoderados e materializa-se na esperança, nos desejos e nos sonhos que alimentam dia a dia, através do exercício de suas habilidades para driblar e superar o contexto adverso que enfrentam.

5.1.4 Compreensão da realidade

À medida que os atletas do PACF se transformam e se empoderam, individual ou coletivamente, em suas vivências e experiências no futebol, vão tomando conta da realidade em que estão inseridos. A construção da categoria *compreensão da realidade* trouxe-nos importantes questões a serem analisadas sobre como os atletas desse projeto são capazes de discernir diante de seu contexto político, social, econômico e cultural, como mostram estas suas falas:

Eu vim do bairro Vila Cabral, próximo aqui ao Shopping *Boulevard*, e lá as condições são precárias porque é um bairro pobre e muitas crianças querem ter uma oportunidade dessa e nunca tem. Muitas delas vão pra o mundo das drogas e acabam se... se prejudicando futuramente. (Entrevistado 9 – entrevista concedida em 17 de janeiro de 2013).

Nessa passagem, notamos que o entrevistado tem uma noção muito lúcida de sua realidade e destaca, sobretudo, questões relacionadas à falta de perspectiva das crianças, fazendo com que se envolvam facilmente com *o mundo das drogas* e deixem de usufruir de oportunidades, através do esporte, que lhes permita apostar num futuro mais descecente. Esse contexto deve-se, certamente, à ausência de políticas públicas de inclusão social que possam atender aos jovens daquela localidade, majoritariamente constituída de afro-brasileiros que, como vivem em plena situação de vulnerabilidade, encontram-se totalmente desamparados pelo Estado.

Outros exemplos trazidos pelos sujeitos do PACF mostram o quanto eles estão antenados com os problemas e os temas do cotidiano. Aliás, fenômenos como o preconceito racial ocorrido no campo do futebol também foram percebidos e refletidos por um dos entrevistados, notadamente ao afirmar ter sido discriminado por sua cor:

A gente foi po um, pum jogo em Bananeiras... aí eu tava agarrando muito lá e o povo falando assim... e tinha uns aluno da própria universidade, começaram a me xingar me chamando de *fita isolante*... e falando e me criticando, falando as coisa lá, aí, onde tem uma... é uma universidade, onde estuda todas as raças, todas as línguas, aí o cara... a pessoa chegar, chegar um negro numa universidade jogando futebol, logo no futebol onde participa branco, negro... todas as cores e uns alunos que é... sabendo que todos somos do mesmo sangue e che... criticar, chamar... ter racismo dentro de uma própria universidade... (Entrevistado 3 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Sua lucidez sobre o tema do racismo vai para além da crítica sobre o insulto e a discriminação que sofreu ao ir jogar futebol numa universidade do interior. Esse entrevistado reflete sobre a questão de maneira mais séria, uma vez que traz à tona o fato de o episódio ter ocorrido nos domínios de uma IES pública. Para ele, trata-se de um lugar onde o ambiente parece ser mais democrático e, por isso, as pessoas deveriam dispor de mais senso crítico e mais consciência sobre a realidade social enfrentada pelos afro-brasileiros em nossa sociedade, contribuindo para que isso não ocorresse em espaços dessa importância social, política e cultural. Porém, sabemos que essas reações racistas se manifestam cotidianamente nos mais diferentes espaços da vida social, inclusive em lugares como esse do mundo acadêmico. Basta lembrar, por exemplo, como tem sido difícil aprovar as políticas de cotas raciais nas universidades federais do Brasil.

O mesmo entrevistado, discorrendo sobre a questão do racismo, acrescenta: “A pessoa num gosta, quer até sair da partida... se for jogando e é chato tá chamando os outro de macaco, dessas coisas, isso é chato, falta de respeito muito grande” (Entrevistado 3 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013). Fica evidente a insatisfação do entrevistado ao ser xingado de *macaco* ou *fita isolante* por estudantes da própria universidade onde foi jogar, mostrando o seu nível de consciência e resistência em relação a uma questão que se faz fortemente presente no futebol de hoje entre torcedores e jogadores e entre esses, principalmente, durante uma partida de futebol. Não é por acaso que órgãos internacionais como a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) vêm promovendo campanhas de combate ao racismo no futebol em partidas internacionais⁷³.

Concordando com a fala do investigado anterior, mais um informante se refere também à questão do racismo de uma forma bem consistente e atual, sobretudo por achar que, mesmo com o passar dos tempos, ainda continuamos assistindo a cenas de racismo no mundo, inclusive no futebol, espaço/tempo em que a presença de afro-brasileiros é bem expressiva.

Hoje em dia tem muita discriminação em relação a cor, religião, classe social... tudo isso, infelizmente, hoje em dia, ainda acontece. Isso é ridículo! Que, hoje em dia, em pleno Século XXI o povo ainda tem preconceito com esse tipo de coisa... isso num existe mais, isso tá no passado... e agora é futuro e isso tem que acabar (Entrevistado 5 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

⁷³ Em congresso, FIFA promete endurecer sanções contra atitudes racistas no futebol. A resolução apresentada obteve 99% de aprovação dos presentes. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/em-congresso-fifa-romete-endurecer-sancoes-contra-o-racismo,db47df70a20fe310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 31 maio 2013.

Na fala desse sujeito *comum e desconhecido*, fica clara a presença de temas de extrema relevância da contemporaneidade, dos quais destacaríamos o da discriminação em torno das questões étnico-raciais, religiosas e sociais. Ele não entende que, ainda hoje, não fomos capazes de superar determinadas questões que já deveriam ter sido resolvidas.

Se, de um lado, o futebol reproduz todo um processo histórico de discriminação em função da raça/cor da pele, de outro, possibilita sonhos e realizações de uma vida melhor para esses sujeitos totalmente excluídos dos outros espaços da vida social. De fato, essa prática esportiva propicia, ao mesmo tempo, formas de inclusão e exclusão social, porque os sujeitos que a fazem existir são atores sociais impregnados de valores preconceituosos, racistas e discriminatórios manifestados em nossa sociedade.

Setores estruturalmente excluídos, pela dinâmica própria de nossa formação, fundada no escravismo e no colonialismo, foram “vitimizados” pela exclusão social e racial do passado e vivem ainda no presente processos semelhantes, que se manifestam no conjunto das instituições sociais, inclusive no futebol, o qual até que demonstrou maior capacidade de resistência, abertura e democratização, apesar das pretensões ideológicas, políticas e econômicas do sistema social maior (MURAD, 2007, p. 27).

Ressaltamos que, apesar de o futebol se constituir de práticas reveladoras da majoritária presença de afro-brasileiros como jogadores desse esporte (VIEIRA, 2003), os preconceitos e os estigmas contra eles se farão presentes, manifestando-se de forma sutil, dissimulada e, em certas ocasiões, declarada, sobretudo nos momentos das disputas esportivas em que as explicações para as atitudes racistas são sempre as mesmas, como aquelas que insistem em afirmar: *no esporte isso é comum e faz parte das provocações para desequilibrar psicologicamente o adversário*. Com isso, ao encobrirmos o racismo no esporte, dando-lhe um caráter eminentemente específico do mundo esportivo e não pertencente ao campo social, indubitavelmente, perpetuamo-lo e o reproduzimos disfarçadamente como as provocações do jogo. Portanto, mesmo sendo um espaço capaz de contribuir para o empoderamento e a inclusão social desse segmento populacional e ser materializado por sujeitos sociais oriundos dessa contraditória sociedade, reproduzirá, nesse tipo de manifestação humano-desportiva, valores, códigos, sentidos e significados de nossa sociedade contraditória, discriminatória, preconceituosa e racista⁷⁴.

⁷⁴ “No imaginário brasileiro, existe a ideia de que no meio futebolístico as relações raciais são leves e brandas, como se não houvesse discriminação por cor, e como se nos campos o negro tivesse um espaço ‘garantido’, ‘respeitado’” (INCLUSIVE: INCLUSÃO E CIDADANIA. **Racismo no Futebol**: pesquisador da USP diz que

Outros entrevistados trazem seus entendimentos sobre a questão do racismo diretamente relacionado às situações que vivenciaram em seu dia a dia. Muitos deles referiram que a discriminação e o preconceito não se manifestam somente em relação à cor da pele, porquanto também já foram vítimas de insultos e xingamentos dessa natureza, como podemos constatar nas passagens seguintes:

Aqui no, no, no projeto não, mai em outros lugares ai, quando, quando eu ia pra escola o pessoal me, me criticava muito tanto pelo, pelo fato de eu ser, ser pobre e pela cor da minha pele. Aí sempre tinha brincadeira de, de, de menino assim mermo, mas no, no momento eu me sentia mal, mas quando eu chegava em casa aí minha mãe me dava conselho, ela conversava, como ainda hoje conversa comigo, aí... eu deixo pra lá, num, num, num me importo tanto (Entrevistado 7 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Isso acontece muito no meio do futebol, mas nós temos que enfrentar isso de cabeça erguida porque... o que importa é o amanhã e não o agora. (Entrevistado 8 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Essas falas expressam o quanto os sujeitos têm plena noção do racismo, manifestado, quase sempre, em tom de *piadinhas*, *brincadeiras* e *xingamentos* (CARVALHO, 2004). Sabem dos prejuízos que ele pode causar ao seu desenvolvimento psicológico, intelectual e social (CARVALHO, 2005). Nesse caso, o futebol não está isento dessas manifestações. “Casos antigos de racismo no esporte ultrapassaram a barreira do tempo e permanecem nos dias atuais. Em gramados, quadras e pistas, o preconceito racial se manifesta nos quatro cantos do mundo” (HUBER et. al., 2006, p. 2).

A forma de superar esse problema é enfrentada por alguns por meio de orientações advindas da família e, por outros, através da elevação da autoestima, quando são capazes de enfrentar essa questão de *cabeça erguida* dando importância muito mais ao seu *futuro* do que às provocações do *agora*. Esse futuro é muito mais importante do que os insultos momentâneos para desestabilizá-lo de seus objetivos de ser um jogador de futebol. Entendemos que se trata de um nível de consciência relevante, pois, cientes dos males que essas atitudes racistas podem trazer aos diretamente atingidos, buscam mecanismos de defesa que lhes permitam não se deixarem levar por esses ataques depreciativos, passando a tomar o futebol como espaço/tempo para o alcance da inclusão social.

Além desse bloco de falas denotativas de compreensão da realidade que vivenciam os sujeitos afro-brasileiros, eles também se posicionam criticamente a respeito das condições objetivas e materiais do PACF e quais seriam os mais habilitados para contribuir para a melhoria de sua dinâmica e funcionamento.

A maioria dos entrevistados, quando perguntados sobre quem poderia melhorar a situação do PACF e como isso seria feito, apresentaram respostas bastante significativas sobre o tema. Disseram que os principais responsáveis para fazer alguma coisa pelo projeto seriam os políticos (prefeito, governador e vereadores), os atletas famosos que por ali já passaram ou foram formados, os clubes profissionais do estado e os empresários. O maior número de respostas incidiu sobre a classe política, considerada pelos pesquisados como a principal representação social e política que deveria se preocupar em apoiar os trabalhos realizados naquele projeto, por se tratar de sujeitos jovens em processo de formação. Aí, teríamos uma perspectiva de inclusão social como uma *atitude política*, da qual nos fala Borges (2006). A principal reivindicação seria a construção de um Centro de Treinamento (CT), com o objetivo de dar mais e melhores condições para os trabalhos de formação e revelação de talentos para o futebol.

Em relação às possíveis contribuições dos atletas famosos que já fizeram parte do PACF, os entrevistados responderam às questões fazendo os seguintes comentários:

Esse projeto pa ficar melhor deveria vim aqui os jogadores que já... que foram pa Seleção como Hulk, Marcelinho Paraíba, Fábio Bilica... se eles viessem aqui pa dá uma melhorada, né! Comprar um CT pa ajudar a equipe, bolas, uns colete... pa ajudar mais. Melhorar, poderia melhorar tudo aqui pra gente. Até o transporte eu acho que poderia melhorar (Entrevistado 1 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Os próprios jogadores que passaram por aqui: o Marcelinho, Hulk... o Bruno também que jogou aqui, jogou comigo, pode ajudar esse projeto, porque eles têm capacidade de ajudar esse projeto e chegar longe com a ajuda deles (Entrevistado 8 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Tem muito jogador... Hulk, Marcelinho Paraíba... era pa fazer isso. Construir um campo melhor pa gente, mai... nem aqui vêm (Entrevistado 11 – entrevista concedida em 17 de janeiro de 2013).

[...] os jogadores que pu... que por aqui passaram que hoje tão com dinheiro também. Nem, nem lembra de onde vêi, só lembra que tão agora. Depois da fama num sabe de onde vêi, num, num quer nem saber de onde vêi... só sabe, só quer saber do que tá ganhando, do que tá fazendo, mai num lembra quem foi que bo... que mostrou a eles o futebol, quem primeiro ensinou a eles (Entrevistado 4 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Nessas três passagens, verificamos o quanto os atletas têm discernimento sobre a possibilidade de esses jogadores famosos poderem oferecer algum tipo de contribuição para que o trabalho do PACF possa fluir a contento. Essa reivindicação por parte dos atletas *em processo de empoderamento* se constitui, ao mesmo tempo, um entendimento efetivo de que realmente o projeto não dispõe de apoio algum desses *sujeitos empoderados*.

Vale salientar que, apesar de todas as dificuldades, esse programa foi capaz de formar e revelar jogadores com toda essa notoriedade e, certamente, com o apoio desses *sujeitos empoderados*, é provável que o referido projeto possa melhorar e ampliar mais ainda seus trabalhos, promovendo uma inclusão social muito mais efetiva do que essa atual, sobretudo pela visibilidade que conquistaria com esses importantes apoios.

Houve quem apontasse os empresários da cidade como potenciais indivíduos que também pudessem amparar os trabalhos do PACF, sobretudo *porque* estariam habilitados para assim proceder, como podemos constatar na fala a seguir:

Tem, existe muito empresário aqui na, na, nessa cidade, mermo... de tudo... tem empresário de, de, de supermercado, tem... é.... loja de, de carro, todo mundo... um pessoal que são de classe alta, mas que não dão muita importância a quem é da classe baixa, num, num dão tanta importância (Entrevistado 7 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

De acordo com o entrevistado, o fato de os empresários pertencerem à *classe alta* seria a justificativa mais plausível para se disporem a ajudar o PACF se desenvolver. Entretanto, a pouca importância dada aos que pertencem à *classe baixa* seria o empecilho principal dessa não disponibilidade para contribuir com o programa. Podemos perceber, nesse entendimento, que o atleta se reconhece como alguém que vem de *baixo* e que precisa da colaboração daqueles que estão em *cima*, pois só estão ali porque existem muitos outros das classes inferiores que lhes dão condições de se manterem em tal posição social e econômica.

Nesse processo de compreensão da realidade, a maioria dos atletas reconhece que os que realmente deveriam olhar para esse trabalho desenvolvido pelo PACF seriam os políticos, notadamente representados pelas figuras do governador, do prefeito e dos vereadores da cidade de Campina Grande:

Quem deve fazer por ele é o, o governo ou a prefeitura olhar assim que têm muitos atletas novos e que precisa de uma força... o que eles gastam aí com besteira pra fazer festa... é só olhar puma, pum campo desse aqui, olhar que tem muita gente que quer ser um jogador, que quer algum trabalho... Quem

deve ajudar é o Governo e o... e a prefeitura (Entrevistado 2 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Nesse caso, por se tratar de um trabalho gratuito e que abrange jovens totalmente desassistidos, todos eles oriundos da periferia, eles poderiam e deveriam ser contemplados com políticas públicas de inclusão social, tanto em âmbito municipal quanto estadual. Trata-se de sujeitos que, numa situação de desvantagem social e racial, estão buscando a chance não apenas de serem jogadores de futebol, mas, sobretudo, de se tornarem cidadãos e desfrutarem de vida digna, em que as diferenças étnico-raciais e sua identidade como afro-brasileira sejam plenas e devidamente respeitadas.

O entrevistado chama a atenção para o fato de muito se *gastar aí com besteira* e não se olhar para os jovens que precisam do apoio dos políticos. Em outras palavras, podemos deduzir que os governantes se preocupam em gastar muito mais com eventos, às vezes, supérfluos, como forma de se promover às custas do dinheiro público, esquecendo-se de atender a projetos dessa natureza, que visam combater a pobreza e a exclusão.

Eu acho que os governante, podia mudar, fazer um, um CT legal, um campo bacana, a, as pessoa que num têm condição de participar. Só isso, só. O governo também num ajuda aí fica difíce. É, de outos setores também, como essas empresas grande aí, podia dar uma força, que eles têm muito conhecimento pela essa parte aí, aí podia ajudar também. (Entrevistado 3 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Apesar de se referir ao setor empresarial como um provável agente externo que poderia ajudar o PACF, o informante destaca o governo como o principal setor capaz de melhorar as condições de trabalho desse programa de formação de atletas, sobretudo por se tratar de uma ação voltada para os interesses dos mais carentes e desassistidos socialmente, profundamente mergulhados nas políticas de exclusão social. Percebemos que a reivindicação se refere à construção de um centro de treinamento com condições mínimas à realização das atividades futebolísticas. Isso significa dizer que os sujeitos solicitam a intervenção do estado para cumprir seu papel de responsável pela gestão da coisa pública, oferecendo aos sujeitos as condições necessárias para que sejam respeitados como cidadãos.

A afirmação de que o empoderamento não pode ser feito em nome das pessoas que necessitam ser empoderadas é um pressuposto de qualquer processo de empoderamento. Isto, no entanto, não significa dizer que as pessoas vivendo na pobreza devem sozinhas enfrentar esse desafio. Atores

ou agentes, em geral, são necessários em processos de empoderamento, intervindo como catalisadores desses processos (ROMANO, 2002, p. 26).

No processo de empoderamento, o papel do agente externo seria apenas de viabilizar as condições para que os sujeitos, por eles mesmos, sejam capazes de dar conta de seu desenvolvimento, mas com a efetiva colaboração dos setores públicos e privados para que o empoderamento seja plenamente exercido pelos desempoderados (e não destituídos de poder). Porém, mesmo com a total ausência e falta de suporte desses agentes, o PACF mantém-se firme em seus propósitos de formar e revelar jogadores para o futebol profissional.

Outro entrevistado refere-se tanto ao poder municipal quanto aos clubes de futebol profissional da cidade como os legítimos agentes externos a fazerem algo pelo PACF.

A prefeitura, os vereadores, por que aqui... e os clube, os clube Treze, Campinense... esses clube só visa eles ali. A prefeitura devia intervir, é com projetos pra os jovens é conquistar o seu, os seus objetivos também no futebol com esco... fazendo escolinha, essas, esse, esse... tudo isso aí transformava a cidade pra melhor (Entrevistado 4 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

Além de citá-los, o sujeito pesquisado não deixa de fazer suas críticas aos agentes externos que ainda não se conscientizaram do seu papel no processo de empoderamento. Em relação aos clubes, por considerá-los voltados apenas para si e se esquecerem de que daquele projeto podem sair atletas que lhes interessem, e ao governo municipal, por não se envolver com esse tipo de iniciativa, deixando de concretizar planos e ações que possam atender não só ao PACF, mas, também, e principalmente, aos jovens, em suas necessidades de se desenvolver. Esse descompromisso impossibilita que os jovens menos favorecidos da periferia de Campina Grande possam ser beneficiados em suas principais reivindicações sociais, econômicas e culturais.

Outras falas convergiram na direção de que os políticos precisam fazer alguma coisa em benefício da juventude campinense, sobretudo aqueles que estão buscando uma oportunidade na vida. Entretanto, quando os políticos não vêm até os campos de várzea conferir e constatar a realidade vivenciada pelos sujeitos que estão buscando o futebol como uma porta de entrada para o alcance de uma vida mais digna e cidadã, esses mesmos jovens, através de seu *porta-voz* (o coordenador do PACF), vão até os políticos, na tentativa de conseguir, pelo menos, algum tipo de recurso financeiro ou material, como geralmente faz esse representante dos atletas em processo de formação:

Os governadores, os políticos... que o professor Luizinho muitas vezes já foi atrás aí de terrenos pra eles comprarem, pra construir um CT, pras crianças aqui do, da cidade, do bairro e eles nunca... sempre ficam só prometendo, prometendo e nunca cumprem... e as condições que você tá mesmo vendo aí hoje em dia é muito precária: pra se treinar, pra se torcer o pé, o campo é ruim... e tudo isso aí é um fator a mais pra gente continuar lutando por esse sonho, que é cada um aqui ser um jogador profissional (Entrevistado 5 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

A verdade é que, nem sempre, as reivindicações ou contribuições são atendidas, ficam apenas nas promessas. As desculpas são sempre as mesmas, ou seja, de que existem outras prioridades agendadas e a disponibilidade de recursos ou a definição das políticas para esse tipo de programa quase sempre não é atendida. Assim, mesmo com toda a precariedade enfrentada pelo PACF, a luta pelo sonho de ser jogador de futebol mantém-se viva nas mentes e nos corações dos jovens que ali se encontram. Não há negligência política que destrua a persistência e a esperança demonstrada por aqueles jovens atletas, como dito por um deles:

Eu acho que... o... ass.. o próprio governo a da, da, da, daqui mermo da, da, da cidade, tanto da prefeitura como as autoridades políticas podia dar uma força aqui, a uma coisa que é um projeto social, né; é pra, pra todo mundo, todo mundo, todo mundo que, que quer ter um, um sonho, tem vontade de buscar, que vem aqui, tá aqui sempre treinando... e, na... no meu ponto de vista era esse pessoal que pode ajudar, mas que, que num ajuda (Entrevistado 7 – entrevista concedida em 11 de janeiro de 2013).

O sujeito pesquisado tem plena noção do que está participando. Para ele, o programa não é somente um espaço específico de formação e revelação de atletas, mas também, e principalmente, de um *projeto social*, porquanto se propõe a contribuir para a inserção e a ascensão social de uma juventude pobre e excluída e, por esse motivo, totalmente desassistida pelas autoridades públicas de Campina Grande. Diante desse contexto, as perguntas a serem respondidas são: de quem é a responsabilidade por esses jovens? Qual é o papel do Estado no processo de inclusão social dos jovens pobres desse país?

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e, sobretudo, em conformidade com a Emenda Constitucional nº 66 de 13 de julho de 2010, Título VIII, Da Ordem Social, Capítulo VII, Da família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso, em seu Art. 227, estabelece:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à

alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2013, p.1).

Isso significa que o Estado precisa cumprir com o seu dever no processo de proteção e inclusão social de suas crianças, adolescentes e jovens, para que não fiquem expostos a todo tipo de violência. Porém, o que está dito em lei precisa sair do papel e ser cumprido na prática, haja vista muitos sujeitos jovens afro-brasileiros pobres demonstrarem, através de programas de formação de atletas/cidadãos como o PACF, total resistência ao processo de exclusão social que enfrentam. Portanto, se a comunidade, de uma forma ou de outra, vem lutando para viver com dignidade, cabe aos governantes agirem no sentido de oferecer condições para que eles possam se desenvolver e se emancipar socialmente.

Mais um entrevistado, ligado à questão do papel do poder político, pronuncia-se da seguinte maneira:

Quem é que pode fazer por ele eu acho que... a, o... o, a, a galera aí que trabalha com política, pode ajudar com, nas viagens, ajudar aí com bola, materiais... a gente num treina num campo muito bom, mas, também, num é ruim. Num vamos dizer ruim, ruim que num da, que num dê pa jogar... mas é isso aí. Acho que mais apoio, né, da... aí, por exemplo, a gente vai jogar fora num tem ônibus, num tem carro. Acho que o governo aí podia até ajudar a gente aí com ônibus... muitas vezes a gente num vai porque o professor Luizinho tem que tirar do pró... do próprio bolso dele mesmo, aí fica difícil pra gente, né! Acho que se a, se a, a prefeitura, o governo aí ajudasse, a gente ficaria mais fácil (Entrevistado 10 – entrevista concedida em 17 de janeiro de 2013).

Verificamos que o sujeito pesquisado – talvez tendo clareza da dificuldade de os políticos se sensibilizarem sobre o seu dever de atender às reivindicações do PACF e de outros programas dessa natureza – sugere que as autoridades usem de suas políticas (assistencialistas) para disponibilizar, pelo menos, material de treino e transporte para que o programa possa cumprir suas agendas de trabalho dentro e fora da cidade de Campina Grande.

Outro sujeito pesquisado aponta sugestões para a melhoria do espaço de treino que complementam e reforçam as que vêm sendo aqui colocadas:

Eu acho que um campo melhor pra gente treinar... com... um espaço só pra gente mermo, né, porque aqui a gente treina com o povo olhando, o campo num é muito bom... Eu acho que um CT, não de grande, grande porte, mas

pelo menos só pra gente, fechado, com banheiro... com tudo isso, eu acho que poderia melhorar muito pra gente que é, que é daqui. (Entrevistado 10 – entrevista concedida em 17 de janeiro de 2013).

A proposta pela criação de um CT ficou muito bem colocada nessa fala. Talvez, sua preocupação não seja apenas com a situação de sua exposição, mas também com a disponibilização de um ambiente condizente com aquilo que o PACF propõe em seu planejamento: formar o futuro atleta cidadão. Formá-lo nas melhores condições possíveis de forma que o atleta possa se sentir respeitado por suas crenças e convicções no que estão fazendo e tentando ser através do futebol.

Diante do que temos verificado até o momento, através dessa análise, podemos afirmar que os atletas do PACF, sujeitos comuns e desconhecidos da sociedade, conscientes de suas condições sociais e econômicas, também constroem a história do futebol como um espaço de empoderamento. Passamos a perceber essa construção nas formas como os jovens atletas se manifestam criticamente sobre sua realidade e a enfrentada pelo programa de formação e revelação de atletas do qual fazem parte.

O agente formador aparece como uma referência muito significativa na vida desses atletas. A forma como o respeitam e lhe dão credibilidade constitui um *porto seguro* para a realização de suas ações como seres humanos e jogadores dentro e fora do programa. A busca por esse apoio parece certificar que os objetivos pretendidos podem ser alcançados.

O empoderamento dos atletas do PACF se manifesta também quando conseguem combinar futebol, estudo e, em alguns casos, trabalho. A maioria apenas treina e estuda. Eles demonstram ter um entendimento claro sobre a necessidade de dar conta dessas três atividades, ou seja, treinam futebol porque sonham em, um dia, tornarem-se jogadores, mas, por outro lado, não abandonam os estudos porque, além de se constituir uma das exigências mais ou menos cobrada pelo programa, os atletas têm consciência de que podem dar certo ou não no mundo futebolístico. Portanto, sabem da importância de se acreditar nos estudos como uma das saídas para alcançarem vida digna e cidadã. Alguns desses sujeitos, além de treinar e frequentar a escola trabalham, pois reconhecem que, sem dinheiro, não há como se manterem numa sociedade como a nossa.

Outra forma de empoderamento apresentada pelos sujeitos desta pesquisa diz respeito ao fato de compreenderem o PACF como um espaço de transformação individual e coletiva. Acreditam que esse programa vem contribuindo para ajudá-los a perceber o mundo de outra forma, diferente daquela quando estavam nas ruas, nas esquinas ou em casa sem perspectiva,

sem fazer nada. Ao se integrarem no projeto, passam a tomar consciência das mudanças que lhes vão ocorrendo e tomam gosto pelos trabalhos ali realizados, passando a retomar os sonhos e as esperanças de uma vida melhor para si e para seus familiares.

Essa participação no PACF dá aos atletas a oportunidade de aprenderem a jogar futebol e, se possível, tornarem-se jogadores profissionais. Esse seu engajamento no programa permite-lhes desenvolver o senso crítico sobre a realidade da qual fazem parte para ser capazes de refletir, ao seu modo, sobre temas atuais como, por exemplo, racismo, exclusão social, pobreza, descompromisso político dos governantes para com a população afro-brasileira carente etc.

As preocupações mencionadas por esses sujeitos enquadram-se, também, numa noção de empoderamento de *classe social* (FREIRE; SHOR, 1986), pois, ao tentar compreender sua realidade, eles estão se colocando diante de um processo de natureza não individual, mas coletiva, procurando se libertar entre si mediatizados pelo mundo. Suas narrações dizem muito do lugar social de onde vêm e das condições em que vivem cotidianamente.

Analisadas as falas dos *sujeitos em processo de empoderamento*, passamos, agora, a analisar e a descrever as falas dos *sujeitos empoderados* através das categorias construídas durante o processo de transcrição e de leitura das entrevistas realizadas, assim como fizemos com esse primeiro grupo de entrevistados.

5.2 OS SUJEITOS EMPODERADOS

Os *sujeitos empoderados* trouxeram-nos uma série de narrativas importantes para pensarmos como, em meio a todo um processo social e economicamente adverso, eles conseguiram alcançar considerável nível de empoderamento (não apenas econômico, como veremos) através do futebol. São atletas que, assim como os pertencentes ao primeiro grupo, também são pessoas advindas da periferia de Campina Grande, mas que, apoiados ou não por outros, mostraram-se capazes de ascender por meio do futebol, quando tiveram a oportunidade de demonstrar suas habilidades relativas a esse esporte.

Em relação ao grupo analisado, as leituras cuidadosas e minuciosas revelaram as seguintes categorias de análise: *formação e agente formador; o contrato; aprendizagens e relacionamentos; e o futuro*.

5.2.1 Formação e professor formador

Geralmente, as primeiras aprendizagens do futebol são iniciadas desde a mais tenra idade, sobretudo quando as crianças começam a dar as primeiras passadas. Aos meninos, dá-se, de imediato, uma bola de presente. Instigados pelos pais, reproduzem o ato de chutar o objeto presenteado. Com os atletas *empoderados* não foi diferente. Todos eles, nos primeiros anos de vida, acompanham os jogos transmitidos pela TV, vão aos campos de pelada com os familiares – na rua ou nos terrenos baldios – e aos estádios de futebol para assistirem ao seu time jogar. Todo esse contexto desemboca numa construção cultural em torno do futebol, que passa a ser reforçado e transmitido entre gerações como uma paixão nacional, tomado pelos jovens das camadas empobrecidas de nossa sociedade como um espaço de possibilidades diante de uma realidade extremamente adversa em que vivem.

As passagens que veremos a seguir permitem-nos vislumbrar o que estamos querendo dizer nessas palavras iniciais:

Ah! Sempre eu gostei de futebol, né! Desde de criança, por meu pai também ter sido jogador já me influenciou muito eu cresci ali do lado do Primo Lemos, né, do campo do Campinense, e... eu sempre tive vontade de ser jogador, né! Eu já... pequenininho, criança vivia nos campos de pelada nas ruas jogando... Então eu comecei muito cedo já que esse sonho ser um jogador profissional (Entrevistado C, 38 anos – entrevista concedida em 6 de janeiro de 2013).

Nesse primeiro caso, verificamos que a opção pelo futebol se constrói tanto por questões culturais quanto sociais e econômicas. Os sujeitos são estimulados por seus familiares e favorecidos pelas condições espaciais que se apresentam, devido ao fato de o conceberem como um *lócus* que possibilita a conquista de uma vida bem melhor, diferente daquela de pobreza e exclusão em que se encontram. Devido à vida difícil, tendo que trocar os estudos pelo trabalho, e às poucas chances de conseguir algo melhor noutros campos da vida social, acabam apostando no futebol como profissão. Esse esporte passa a ser, talvez, a possibilidade mais palpável de superarem a pobreza e a exclusão. Não é sem razão a significativa quantidade de jovens afro-brasileiros pobres que tentam a vida por meio do campo futebolístico.

Não muito diferente da fala anterior, outra traz pontos importantes que se enquadram naquilo que estamos colocando até o momento sobre os aspectos culturais, sociais e econômicos relacionados ao futebol.

Ah! Começou através do meu pai, né! Desde os três anos de idade ele me levava po... pos campo de pelada, né, onde ia jogar, eu ia sempre ia com ele. Ele fala que tinha que ter duas bola, né, porque uma bola era pro jogo e a outra era pra mim pa ficar brinacando lá fora porque se não... não tinha jogo. Então, esse interesse maior surgiu através do meu pai (Entrevistado D, 27 anos – entrevista concedida no dia 7 de janeiro de 2013).

Eu comecei jogando na rua! Jogava em qualquer lugar, onde tivesse uma bola eu tava jogando. E aprendendo assim jogando bola e... onde tinha uma bola eu chorava pa ir jogar e meu pai deixava... Eu fui crescendo assim, onde tivesse uma bola (Entrevistado D, 27 anos – entrevista concedida no dia 7 de janeiro de 2013).

Vemos, nessa passagem, que a formação desse atleta inicia-se a partir dos três anos de idade. O interesse maior pela prática do futebol surge, mais uma vez, através da figura do pai, que o leva para jogar na rua ou nos campos de pelada e, enquanto joga, a criança brinca e, nessa forma lúdica de encarar o *jogo de bola*, vai se formando o futuro atleta. Com o passar do tempo, interesse e afetividade pelo esporte se aliam às necessidades de sobrevivência. A partir desse entrelaçamento, vai se construindo e se consolidando no sujeito o *ser jogador* de futebol. No começo desse processo de ensino e aprendizagem, o pai, certamente, não imagina que ali está se consolidando um futuro *craque* futebolista.

Enquanto alguns sujeitos iniciam suas vivências e experiências no futebol nas ruas e campos de pelada, outros, por sua vez, dão *o ponta pé* inicial nas escolas jogando futsal, tanto em forma de brincadeiras quanto participando de jogos escolares internos, municipais, estaduais e brasileiros escolares. Ressaltemos que as políticas de governo em relação ao esporte parecem estar muito mais preocupadas em revelar talentos esportivos do que em formar o sujeito cidadão crítico e consciente de sua realidade difícil e desigual.

Após essas primeiras incursões no esporte experimentado em âmbito escolar, as crianças e os adolescentes passam a tomar gosto pelo futebol de campo, como podemos constatar nesta fala:

Comecei a jogar no futsal, comecei no futsal nas escolas que estudei eu comecei no futsal fazendo trabalho no futsal e depois que eu peguei gosto pelo campo já passei a jogar no campo numa escolinha em João Pessoa, fiquei um bom tempo nessa escolinha aí depois já comecei a me interessar a isso mesmo, já parti pos clubes, já... aí... fiquei um tempo no Botafogo aí depois me identifiquei com Luizinho, fiquei um tempo com Luiz, bastant... três anos com Luizinho, tive muitas oportunidades graças a Deus e... foi daí que começou minha trajetória no campo (Entrevistado A, 18 anos – entrevista concedida no dia 28 de dezembro de 2013).

Percebemos que esse entrevistado teve uma trajetória diferente, em relação aos outros atletas aqui explicitados, pois desfrutou de melhores condições para desenvolver seu futebol, sem falar que também teria a possibilidade de optar pelos estudos, já que seu irmão poderia bancá-lo tendo em vista tratar-se de um sujeito já bem-sucedido no futebol internacional. Ou seja, o empoderamento de um ajudaria para o empoderamento de outro menos empoderado ou em processo de.

Esse entrevistado começa sua formação na escola com o futsal; passa, em seguida, a se interessar pelo esporte, buscando aprimorar seu aprendizado em uma escola especializada; depois, vai treinar e jogar por clubes da cidade de João Pessoa e, por último, identificando-se com o PACF, dá continuidade a sua fase de formação. Sua entrada nesse projeto, juntamente com a colaboração de seu irmão, já mencionamos, permite-lhe assinar um contrato profissional em um clube da Turquia.

Esse exemplo nos leva a inferir que um sujeito, ao se empoderar pelo futebol, contribuiu para que seu irmão possa ser favorecido por esse empoderamento. Ou seja, talvez, só a força de vontade, o interesse e o talento não fossem suficientes para que esse segundo iniciasse, hoje, sua carreira profissional já em nível internacional, sobretudo se não fosse o empoderamento conquistado por aquele primeiro – o irmão mais velho e, portanto, bem-sucedido e que se encontra há mais tempo no futebol estrangeiro.

Interessante notar também que, enquanto uns atletas iniciam suas formações futebolísticas desde a mais tenra idade, outros o fazem bem depois, jamais imaginando se transformar realmente em grandes jogadores de futebol. O exemplo a seguir ilustra muito bem o que estamos querendo dizer:

[...] vim gostar mermo de futebol com uns treze anos de idade, né, lá no... tinha um amigo lá no... nar Malvina, que nesse... nessa época eu já morava nar Malvina e sempre me chamava pra ir pra treinar na escolinha de Luizinho e... ele pegava a bicicleta do pai dele escondida (risos). Ele era mais magro de que eu conseguia levar ele até longe no ginásio da Prata, chegava lá saía de casa mei dia, chegava lá uma hora que a gente rodava uma hora de bicicleta (risos)... e aí a gente... já chegava, treinava e tinha que voltar ainda e ele não conseguia. E eu sempre tive esse porte físico, né, Deus me deu... e todo mundo me admirava porque... pô... eu levava ele no bagageiro da bicicleta e na volta todo mundo falava... porra tu conseguiu treinar ainda, jogar ainda... e eu falei: é né, isso é uma oportunidade que eu tô tendo na vida (Entrevistado B, 33 anos – entrevista concedida em 31 de dezembro de 2013).

Esse sujeito pesquisado – irmão daquele que iniciou sua formação futebolística na escola com o futsal – encontra-se, hoje, numa situação privilegiada, porque conquistou notoriedade através do futebol. Porém, sua carreira de jogador foi se desenrolando a partir da adolescência, e não, na infância, como constatamos em relação aos atletas aqui estudados. Sua trajetória passa-nos a ideia de superação, sobretudo se considerarmos a idade em que começou a jogar futebol e, notadamente, pelas dificuldades que enfrentou para treinar e se tornar um jogador reconhecido internacionalmente e com passagens pela Seleção Brasileira nas categorias de base, na olímpica e principal. Trata-se de um exemplo clássico de empoderamento individual.

Diferentemente desse atleta, e semelhante aos demais, o sujeito seguinte, já citado neste estudo, depois de suas experiências com o futebol na infância, na adolescência, dá continuidade à sua formação, participando de times de pelada, como atesta o próprio informante:

Ah! Eu joguei em vários clubes de pelada, mas, assim, aos quatorze quinze anos tive um professor chamado Luizinho Bola Cheia que tinha uma escolinha na época e eu comecei aí com ele, né! Foi o primeiro clube, assim, organizado que eu comecei a jogar. Depois eu fui pra o Campinense, jogar nas categorias de base até chegar no profissional. (Entrevistado C, 38 anos – entrevista concedida em 6 de janeiro de 2013).

Verificamos, ainda, que esse jogador, depois de suas experiências em times amadores de Campina Grande, procurou o coordenador do PACF para prosseguir com seus trabalhos no futebol. Desse programa em diante, é encaminhado para treinar nas categorias de base do Campinense Futebol Clube, profissionalizando-se. Com o passar do tempo, vai conquistando outros espaços nacionais e internacionais do mundo futebolístico. Os demais atletas que conseguiram alçar voos mais altos, no mundo do futebol, passaram, também, pelo coordenador do PACF. Eles reconhecem a importância e a influência desse agente formador em suas vidas para se tornarem jogadores em nível de Seleção Brasileira. Esse reconhecimento fica evidente nestas falas dos sujeitos entrevistados:

Não! Um cara em Campina Grande, né, que é um pai pra mim, né! Sempre foi um pai, sempre me ajudou, é Luizinho Bola Cheia, né! Manoel foi um cara que projetou assim no futebol, a escolinha dele, da AGAPB, né e... me deu a oportunidade... e você sabe né, aquela oportunidade que a gente consegue tem que aproveitar. Então, graças a Deus, eu aproveitei essa oportunidade que ele me deu, né! Ele me levou pro vitória da Bahia, foi daí

que eu comecei a expandir pro mundo, né! (Entrevistado B, 33 anos – entrevista cedida em 31 de dezembro de 2013).

Tive a felicidade de trabalhar com Luizinho, aprendi muito com ele também, como eu falei ali, ele me ajudou muito também... [...] um, dois ano... não sei... trabalhava com ele assim quando... quando era ainda no Estadual da Prata, eu treinava com ele lá (Entrevistado D, 27 anos – entrevista concedida no dia 7 de janeiro de 2013).

Notamos, nas falas dos sujeitos entrevistados, o quanto o PACF e seu coordenador tiveram papel destacável em suas formações. Foi a partir desse ambiente que eles aprenderam e tiveram as oportunidades mais concretas para se projetar no futebol mundial, pois se sentiram acolhidos como pessoas capazes de mostrar e desenvolver suas habilidades e talentos para o esporte. O fato de serem bem recebidos os ajudou a consolidar o processo de inclusão social, sobretudo em se tratando de sujeitos advindos de ambientes em que as expectativas de se realizarem profissionalmente parecem não existir.

Acreditamos que um dos aspectos que contribuíram para o empoderamento desses atletas foi justamente o fato de tomarem o futebol como um espaço possível de mudar de vida e alcançar níveis mais elevados de inclusão social. Por isso, viram no PACF e na figura de seu coordenador a grande chance de chegar ao estrelato do futebol nacional e do internacional.

5.2.2 O contrato

A chegada até o estrelato do futebol mundial rendeu aos *sujeitos empoderados* uma trajetória de muita luta e busca de autoafirmação. Todos eles, após terem passado pela experiência do PACF, ingressaram, ainda no início ou na metade da adolescência, em clubes profissionais brasileiros, e depois da assinatura do primeiro contrato profissional, começaram a se desenvolver cada vez mais como atletas de futebol. Não pode haver grandes chances de empoderamento quando não existem condições mínimas para que isso ocorra.

O primeiro desses atletas entrevistados faz o seguinte relato após sua saída do PACF e passa a fazer parte de um clube profissional:

Quando eu saí de Campina Grande, né, que Luizinho me levou pro Vitória e quando eu assinei o contrato, né, o meu primeiro contrato, consegui tirar minha vó, né, minha vó da... do aluguel, né, dei uma casa a ela e daí eu falei assim: mãe... eu sempre chamo ela de mãe porque eu sempre convivi com ela, eu falei: mãe, agora eu vou seguir. Ela falou: tudo bem meu filho, siga

mesmo porque você é um... filho que Deus me deu que tá me dando um sonho desse aqui, que tem uns tios mais velho, mas até hoje não teve a oportunidade de me dar uma casa. E daí, aí foi que eu encarei mermo meu futebol e fui pra frente (Entrevistado B, 33 anos – entrevista concedida em 31 de dezembro de 2013).

Nossa opinião é de que o PACF, por si só, como já referimos neste estudo, empodera ou contribui para que os sujeitos, individual ou coletivamente, assim o façam. Ressaltamos que isso não ocorre através de mágica, mas de um esforço do próprio sujeito e de todos, para que acreditem em si mesmos, no poder que detêm e no programa encarregado de cuidar da formação inicial e sua revelação para o futebol profissional. Nesse caso, a assinatura do primeiro contrato pode se constituir como uma nova etapa do processo de empoderamento ou uma certificação de que o PACF realmente contribui para que os atletas se desenvolvam no mundo futebolístico.

Vale ressaltar que a assinatura do primeiro contrato como profissional habilita os sujeitos a realizarem algumas coisas de imediato e a sonharem com outras para concretizá-las no futuro. Ou seja, o fato de se formalizar o primeiro contrato permite que eles comecem a ajudar seus familiares, dando-lhes casa própria, passam a acreditar na possibilidade de se projetar mais ainda para o futebol nacional e internacional e a compreender que determinadas coisas não podem ser conquistadas sem seguir esse caminho de crescimento profissional. O fato de conquistar o primeiro contrato dá aos atletas a noção de que poderão contar com certo recurso financeiro para se sustentar e pensar em ajudar a família à medida que sua ascensão social e econômica for aumentando. As histórias dos atletas se assemelham às suas trajetórias de luta para sair da pobreza e da exclusão social e conseguir uma vida bem melhor e muito diferente da que viveu durante sua infância e adolescência.

A passagem seguinte reforça o que estamos abordando sobre o momento em que os atletas têm a sensação de que o futebol, realmente, é a profissão a ser seguida, principalmente quando assinam o primeiro contrato e, por conseguinte, recebem o primeiro salário:

Ah! Com dezesseis anos quando eu comecei a treinar no profissional, e já recebi meu primeiro salário, aí sim, eu comecei a pensar e... colocar na minha cabeça que era isso mesmo que eu queria, e eu sabia que chegar no profissional, chegar em alguns clube grande eu ia ganhar dinheiro eu ia poder ajudar minha família. Então a partir desse momento foi que eu comecei a pensar dessa forma. (Entrevistado C, 38 anos – entrevista concedida em 6 de janeiro de 2013).

Acrescido à ideia de primeiro contrato e do recebimento dos primeiros salários, vem o fato de os atletas passarem a treinar no time profissional, o que os leva a crer que ali é o momento de seguir em frente e apostar suas fichas no futebol como espaço de empoderamento, já que dar continuidade aos estudos ou tentar uma profissão em outros espaços sociais é tarefa bem mais difícil. Essa questão pode ser confirmada na passagem a seguir:

Acho que... a partir do momento que eu assinei um contrato profissional, né! Com dezesseis anos de idade assinei meu primeiro contrato pra ganhar quinhentos reais. Lembro até hoje que eu liguei pa... pa minha mãe, eu falei: mãe támo rico, eu vou ganhar quinhentos reais por mês. Então, a partir dali eu comecei a ver que tava dando certo e começou a ver que era... era profissional, porque até então levava na brincadeira... eu gostava de jogar e então passou a ser profissional (Entrevistado D, 27 anos – entrevista concedida no dia 7 de janeiro de 2013).

Aquilo que antes era encarado como uma brincadeira foi, a partir da profissionalização, um assunto sério e decisivo para a vida desse atleta. É como se, até antes do contrato, não se tinha muita certeza sobre o futuro a partir do futebol. Porém, quando da transição da vida como atleta amador para a profissional, o jogador começa, de fato, a compreender que, agora, seus sonhos e esperanças em se desenvolver através do futebol estão se transformando na tão sonhada realidade.

Nesse sentido, o simples ato de, no período da infância, brincar de jogar bola na rua, nos campos de várzea, nos terrenos baldios e na escola com os colegas, incentivados por seus pais e professores, e toda essa vivência associada às dificuldades geradas pela pobreza e exclusão social, permite que muitos desses jovens se transformem em grandes atletas no futuro. Portanto, o fato de buscarem o futebol como alternativa para se empoderar parece ter a ver muito mais com questões de ordem cultural, social e econômica do que com outras que possamos imaginar.

5.2.3 Aprendizagens e relacionamentos

Outra categoria que trabalhamos, denotativa de empoderamento dos *sujeitos empoderados*, é aquela que diz respeito às aprendizagens e aos relacionamentos desses atletas com o mundo e com as pessoas com quem passaram a conviver na profissão.

Um dos atletas entrevistados, discorrendo sobre suas vivências e experiências através do futebol, afirma ter aprendido valores associados à convivência humana, consideração pela família e por seu país, entre outras coisas que podemos constatar na própria fala do sujeito pesquisado:

Bem, a gente aprende muito companheirismo, né, que é uma coisa muito importante no futebol; aprende com amizades novas e aí você aprende a dar mais valor a sua família, ao seu país que você sente muita falta, as coisas que as pessoas fazem por você... isso tudo influencia muito lá tipo um país diferente com cultura que muitos dizem que é islã, é muito complicado pra você chegar assim e se enturmar com o pessoal, mas, graças a Deus, eu fui bem recebido e meus companheiros de clube, eles gostam muito de mim aí a gente vê o que é companheirismo, que é uma amizade que vai nascendo aos poucos e a gente vai aprendendo a dar valor a um... a um esporte que se torna trabalho que você vai conhecendo pessoas, amigos... vai conhecendo histórias das pessoas que também são muito bonitas lá e, graças a Deus, hoje eu sei dar mais valor a tudo que eu tenho, tudo que eu consegui, a minha mãe, meu país... (Entrevistado A, 18 anos – entrevista concedida no dia 28 de dezembro de 2013).

Chama-nos a atenção, nessa passagem, a forma como o entrevistado se refere à questão de *dar mais valor* às coisas que tem e às pessoas que deixou para trás, aqui no Brasil, ao abraçar o futebol como profissão no exterior. Trata-se de uma decisão importante que, de um lado, parece perder, mas, de outro, ganhar. O jogador perde quando vai para fora, deixando todo um convívio ao lado de familiares e amigos, e ganha pelo conhecimento e pela aprendizagem que vai adquirir e nos relacionamentos que irá estabelecer com pessoas de culturas, hábitos e costumes totalmente diferentes dos seus. Beneficia-se, ainda, pela possibilidade de melhorar sua vida social e financeira, que poderá proporcionar para si e para os seus familiares.

Geralmente, o fato de ir morar em outro país permite que os atletas aprendam novas línguas. Por onde passam ou passaram, dependendo do tempo de contrato num determinado clube, os jogadores aprendem a falar o idioma do país onde está jogando. Com esse aprendizado, podem se relacionar melhor com as pessoas locais e acessar, com mais frequência, a cultura e os costumes do lugar, ampliando suas vivências e experiências, para que sejam capazes de perceber, com mais pertinência, a diferença entre o passado de dificuldades que viveu e o presente de possibilidades que se apresenta.

Um dos entrevistados, ao ser questionado sobre o que aprendeu durante suas passagens em clubes de diferentes países, respondeu-nos:

[...] hoje já falo quatro idiomas já fluentemente. Então, a cultura italiana, francesa, alemã e a turca, né... Romênia eu passei muito pouco tempo, mas supriu e espero, quando eu parar de jogar aqui, voltar aqui pa terrinha, né, pa Paraíba aqui e continuar meus estudo (Entrevistado B, 33 anos – entrevista concedida em 31 de dezembro de 2013).

A partir dessa fala, podemos fazer algumas afirmações dedutivas. Primeiro, quando um sujeito passa a ser um jogador de futebol, seus estudos escolares ficam comprometidos, pois sua dedicação ao esporte se revela de suma importância, pelo fato de o tempo ser dedicado totalmente aos treinos da modalidade. Ele refere que, se, de um lado, os sujeitos deixam de obter conhecimentos por meio da educação formal por não disporem mais de tempo para frequentar a escola, de outro, eles suprem, certamente, essa ausência com o que passam a vivenciar, em termos de cultura, clima, vegetação, língua, etc. do país onde está em atividade e, talvez, quando viajam para jogar em outras nações. Esse novo momento como atletas empoderados permite que vivenciem aprendizados concretos, algo que, na escola, não seria possível.

Verificamos que, embora o nível de escolaridade dos entrevistados seja baixo, eles não deixaram, em momento algum, de aprender as línguas dos países onde atuaram ou atuam e com tudo aquilo que o universo do futebol foi capaz de lhes proporcionar. Isso é notado por um dos sujeitos pesquisado:

Mermo não tendo estudado é... o... o bastante, não necessário é... eu aprendi muito, tudo através do futebol, né: as minhas viagem, as pessoa que eu conheci nesse mundo afora, é... joguei em vários clubes, não só aqui no Brasil, mas fora do Brasil também. Como eu falei: mesmo sem ter estudado muito, através do futebol, eu consegui conhecer várias coisas e... aprendi a falar alemão, aprendi a falar um pouquinho também de francês, mas, assim, alemão eu falo muito bem, não só eu mai toda minha família, meus filhos estudaram lá... foram sete anos que eu vivei lá, vivi lá, né! Então, deu pra aprender, né! Então eu acho que isso aí pra mim foi uma coisa é... que vai ficar pra sempre na minha vida porque não é fácil você sair duma origem pobre ir po outro país e aprender uma língua. Joguei seis meses na França, joguei seis meses na Turquia e sete ano na Alemanha (Entrevistado C, 38 anos – entrevista concedida em 06 de janeiro de 2012).

O atleta entrevistado chama a atenção para o fato de que, mesmo tendo interrompido muito cedo seus estudos e os desafios de terem saído de uma origem pobre para jogar num grande clube internacional, é capaz de desafiar suas próprias limitações sociais e culturais e conseguir aprender, conhecer lugares diferentes e se relacionar com pessoas de várias culturas distintas. Aprendizados e convivências que só se tornaram possíveis graças à ascensão

alcançada por meio do futebol. Portanto, levam, nesse seu empoderamento, as marcas indelévels da pobreza e da exclusão social, por falta de escola e de uma série de outras oportunidades na vida social, e reconstróem caminhos rumo à inclusão social, mesmo reproduzindo, em certos momentos de suas vidas, comportamentos antissociais, fruto das experiências de exclusão e pobreza vividas no passado.

Estamos querendo dizer que não existe inclusão sem exclusão e vice-versa. De uma forma ou de outra, os sujeitos vivenciam simultaneamente, em nossa sociedade, processos de inclusão e de exclusão social, porque esses fenômenos andam juntos. Há pontos de tensão entre um fenômeno e outro que podem variar de acordo com o contexto que se apresenta para os sujeitos em processo de ascensão social.

O mesmo entrevistado afirma que as diferentes aprendizagens vão acontecendo durante todo o processo como atleta, notadamente na relação que estabelece com outras pessoas. E afirma:

Acho que viajanos nesses países e até mesmo aqui dentro do Brasil mermo e... para os clubes a gente vai aprendendo, né! Conheci várias pessoas que me ensinaram... Então, mesmo não tendo estudado muito é... essas viagem, esse tempo todo nesses países fora aí também, serviu muito pra mim é... conhecer algumas coisa e como pessoa é... ser mais educado, ser mais tolerante com certas coisa (Entrevistado C, 38 anos – entrevista concedida em 06 de janeiro de 2012).

Não há espaços sociais onde ocorrem processos relacionais em que os sujeitos não se eduquem. À medida que esse entrevistado foi aprendendo com as pessoas com quem se relacionou no mundo afora, elas também foram aprendendo, simultaneamente, com ele. Em todo momento e lugar da vida social aprendemos (BRANDÃO, 2006).

Para mais um dos entrevistados, a aprendizagem fora do contexto escolar se constitui uma *faculdade da vida* cotidiana. Assim como os demais entrevistados, ele, por onde passou, pelas pessoas que conheceu e com quem se relacionou pôde apreender sugestões e conselhos importantes para a sua caminhada como atleta, como o próprio entrevistado coloca:

[...] a maior e a melhor faculdade é... é... é a faculdade da vida, né, onde você aprende muito. Eu tive a felicidade de aprender, conhecer pessoas que me ajudaram muito, conhecer pessoas que me deram muito conselho e fui aprendendo com a vida assim, e hoje sou grato as pessoas e sou feliz por tudo que já passei e aprendi muito. Aprendi línguas já, aprendi. Uma das mais difíceis, né, japonês (risos) mai eu aprendi um pouco (Entrevistado D, 27 anos – entrevista concedida no dia 7 de janeiro de 2013).

Os *sujeitos empoderados* por meio do futebol chegaram a um nível de ascensão social e econômica que lhes permite fazer projeções futuras de suas carreiras como atletas e, depois, decidir encerrá-las. Todo processo de empoderamento permanece sempre vivo e crescente, independentemente de se estão no começo, na metade ou no fim da vida como jogadores desse esporte. Suas conquistas vão refletir em sua vida adiante. Tudo o que aprenderam e vivenciaram servirá, sem dúvida, para a vida na condição de ex-jogadores. A nosso ver, é aí que reside um dos quesitos que contribuem para o empoderamento desses sujeitos, um dia, antes, pobres e extremamente excluídos das possibilidades de acesso a esse tipo de condição que hoje vivenciam.

5.2.4 O futuro

Para alguns atletas, o futuro já chegou. Para outros, ele está por vir, e fazer algum tipo de especulação sobre o que virá parece quase impossível ou prematuro vislumbrar. Porém, de maneira geral, suas maiores preocupações são continuar atuando no mundo do futebol e retomar os estudos, que imprescindíveis aos seus objetivos pretendidos, como podemos constatar nestas falas:

A gente tá nessa profissão já há mais de vinte anos, né, e eu pretendo continuar empresariando jogador. Comecei o ano passado, com o Cruzeiro de Itaporanga, que a gente botou um projeto que botou o Cruzeiro na primeira divisão pra disputar... no ano de 2013 na primeira divisão do paraibano e a gente já começou a empresariar uns jogadores que já foi... que já estão no Bahia, né... já estão lá (Entrevistado B, 33 anos – entrevista concedida em 31 de dezembro de 2012).

[...] no vitória, estudei até a sétima série e, penso, quando eu parar continuar meus estudos (Entrevistado B, 33 anos – entrevista concedida em 31 de dezembro de 2012).

Nessas passagens, ficam evidentes duas preocupações centrais assinaladas pelo entrevistado. A primeira se refere ao fato de continuar trabalhando no futebol, mas, dessa vez, como empresário de jogadores. Antes mesmo de interromper ou anunciar a sua carreira como jogador profissional, já iniciou os trabalhos no ramo empresarial desse esporte. A segunda tem a ver com o objetivo de voltar a estudar. Certamente, por ter passado por inúmeras

experiências positivas e negativas, parece ter tomado consciência da importância de retomar os estudos, até mesmo para melhorar os trabalhos nessa nova função.

Outro exemplo do gênero é sinalizado por outro atleta pesquisado ao afirmar:

Eu mermo tando atuando ainda, né, eu já trabalho como empresário. Têm alguns jogadores que eu cuido, né, que eu sou dono do passe e eu pretendo continuar com esse projeto... E comecei também agora pensar na política... futuramente eu vou entrar nesse meio aí também, mas jamais eu vou sair do meio do futebol porque é tudo que eu sei fazer, o que eu aprendi vou colocar tudo em prática, quando eu parar de jogar, trabalhando com alguns jogadores jovens, mas, assim, eu não descarto, e já tô começando a pensar também na política aí no futuro (Entrevistado C, 38 anos – entrevista concedida em 6 de janeiro de 2013).

Esse atleta, apoiando-se, provavelmente, nas experiências que adquiriu ao longo de sua carreira como jogador e atuando, sobretudo, no futebol internacional e em função das relações que estabeleceu nesse percurso, pretende investir na profissão de empresário da bola, mas, também, do mundo político. Esse sujeito adveio de uma situação social e economicamente difícil e se tornou jogador de futebol com projeção internacional. Após a visibilidade e a fama conquistadas nesse ou a partir desse esporte, busca, no meio futebolístico e na política, ampliar suas possibilidades de ascensão social, política, econômica e cultural e procura pôr em prática esses planos. Quanto às suas pretensões, expressa:

Eu tenho vontade, eu vou voltar, mas eu parei muito cedo, estudei até a sexto... a sexta série, né, e de lá pra cá eu não estudei mais, mas eu sinto muita falta disso, mas agora eu já tô perto do meu fim... de encerrar minha carreira, eu pretendo voltar pra... até mesmo fazer um curso e seguir a mim... a minha vida porque futebol acaba e a gente tem mais alguns anos pela frente pra viver, né, mas, eu sinto falta, mas com certeza eu vou voltar a estudar ainda (Entrevistado C, 38 anos – entrevista concedida em 6 de janeiro de 2013).

Percebemos que sua preocupação também é a de voltar a estudar. Provavelmente, devido às suas andanças pelo mundo afora, em que experimentou e conheceu costumes e culturas diferentes e se relacionou com pessoas letradas do mundo do futebol, reconhece, de uma forma ou de outra, o valor e a importância dos estudos para se projetar na vida e empoderar-se cada vez mais. A leitura que faz do futebol o ensina a entender o significado da leitura e da escrita. Se antes, por causa das difíceis condições sociais e econômicas, não tinha como manter-se na escola, hoje, ao ascender por meio do futebol, percebe que apenas a fama

e o dinheiro conquistados ao longo da carreira como jogador não são suficientes para se reconhecer e, ao mesmo tempo, ser aceito pelos outros como cidadão pleno e respeitado no mundo social e esportivo.

Entendemos que essas descobertas são formas de o futebol contribuir com o processo de empoderamento do atleta. Quando ele tem a oportunidade de vivenciar momentos e situações dessa ordem, passa a construir referências para acreditar que seu futuro e crescimento humano e profissional não dependerão apenas da fama, do prestígio e do bom dinheiro que ganhou, mas também da aquisição de uma formação escolar, que só pode ser adquirida por meio de uma educação formal, até mesmo como forma de obter o diploma, que habilitaria o ex-jogador a participar mais facilmente de espaços sociais que talvez independam do que foi capaz de acumular como *boleiro*.

Outro entrevistado, ao ser indagado sobre o que irá fazer quando parar de jogar e se pretende retomar os estudos, respondeu:

É uma... uma pergunta que eu não sei te responder, até porque não me passa pela cabeça. Sou um cara que sou apaixonado por futebol, amo tá jogando futebol, mesmo nas férias eu to jogando futebol. Então, não passa nem pela minha cabeça quando eu parar o que é que eu vou fazer, e se eu conseguir parar, né! Mas eu acho que meu futuro tá sempre nas mãos de Deus e eu vou procurar pedir a ele pra que ele toque na minha mente, toque meu coração pra que me dê algumas dicas de que eu vou fazer depois de jogar (Entrevistado D, 27 anos – entrevista concedida no dia 7 de janeiro de 2013).

Tenho muita vontade de voltar, mas parei na oitava série, já quando eu tava com dezesseis anos no Vitória, daí então não voltei a estudar, mas com certeza no final da carreira eu vou voltar pra poder... têm uns planos de vida aí com certeza vou realizar (Entrevistado D, 27 anos – entrevista concedida no dia 7 de janeiro de 2013).

Apesar de ainda não ter certeza do que vai fazer quando parar de jogar, esse entrevistado afirma que tem vontade de voltar a estudar, porque pensa em planos que pretende realizar e os estudos, fica implícito, vão contribuir para que suas idealizações se transformem em realidade. Essas afirmações colocadas pelo atleta, além de reiterar o que disse o entrevistado anterior, leva-nos a inferir que os estudos foram interrompidos por uma *justa causa*, mas, no momento certo, será retomado porque entende que eles são importantes para subsidiá-lo em suas ações depois de parar de jogar futebol.

O mesmo entendimento pode ser verificado na fala de mais um sujeito entrevistado, quando afirma:

Parei no primeiro ano do ensino médio. Parei por questão do futebol mermo e não voltei, mas pretendo voltar, sim quando tiver a oportunidade e terminar o segundo grau e, quem sabe um dia, fazer uma faculdade (Entrevistado A, 18 anos – entrevista concedida em 28 de dezembro de 2012).

Nessa fala, fica evidente o motivo de não dar prosseguimento aos estudos. Ora, se um atleta sabe que tem potencial para se desenvolver social e economicamente no futebol, sua escolarização fica relegada a segundo plano, porquanto, agora, a dedicação deverá ser voltada integralmente para o esporte, que lhe possibilitará a sonhada e desejada ascensão social. Nesse caso, o mais importante é jogar bola.

“O grande contingente de jogadores negros e pardos no futebol certamente relaciona-se com a não exigência de qualificações pessoais, tais como formação educacional ou recursos econômicos, para o ingresso nessa atividade profissional” (VIEIRA, 2003, p. 229). Porém, o jogador afro-brasileiro entrevistado sabe também da necessidade de continuar os estudos, porque precisa deles para dar conta de suas perspectivas futuras depois que não atuar mais como atleta.

Constatamos que todos os atletas aqui pesquisados reconhecem os estudos como questão relevante em suas vidas. Por esse motivo, sabem que eles precisam ser retomados em momento adequado às suas necessidades pessoais, sociais e profissionais e não descartam a possibilidade e a esperança de voltar a estudar, pois, certamente, consciente ou inconscientemente, compreendem que muitas coisas podem ser conquistadas através do futebol, mas outras, principalmente depois de parar de jogar, poderão não ser alcançadas se não tiverem uma formação escolar. Talvez essa seja uma das razões pelas quais os atletas pensem em retomar os estudos, como aconteceu com muitos que, depois de bem-sucedidos no futebol, voltaram aos bancos escolares ou universitários.

Após essa análise e a discussão sobre as formas como os *sujeitos empoderados* concebem seu empoderamento e, por via desse, a inclusão social, compete-nos fazer uma breve reflexão sobre nossa contraditória sociedade, que, simultaneamente, exclui os sujeitos das inúmeras possibilidades de exercerem sua cidadania e os inclui, através de espaços como, por exemplo, o futebol. Porém, essa inclusão só acontece porque esses mesmos sujeitos constroem, permanentemente, mecanismos de luta e de resistência que os resgatam das situações de abandono e de esquecimento arquitetado por um sistema que tem a pobreza e a exclusão social não como uma falha do sistema, mas como um produto dele mesmo (SAWAIA, 2009).

5.3 EMPODERANDOS E EMPODERADOS: SINTETIZANDO AS FALAS

Ao confrontarmos o grupo de *sujeitos em processo de empoderamento* com o grupo dos *empoderados*, podemos afirmar que ambos vivem tempos e espaços diferentes de empoderamento. Sob nosso ponto de vista, esses grupos estão vivendo, ao mesmo tempo, processos distintos de empoderamento, tendo em vista que estarmos tratando de algo processual, que acontece crescente e continuamente.

Os sujeitos do primeiro grupo vivem um presente repleto de esperanças, sonhos e desejos que poderão ser concretizados por alguns. Vivem num contexto de perspectivas no presente difícil, incerto, mas possível de acontecer. Nesse mesmo tempo, o segundo grupo vivencia, noutro espaço, situações de realizações e concretizações do que estão perspectivando os sujeitos do primeiro grupo. Dessa maneira, o presente do primeiro grupo se constitui o passado vivido pelo segundo. Já o presente do segundo é o futuro desejado pelo primeiro. Assim, ambos os grupos desejam alcançar seus objetivos.

Nesse caso, a esperança, o desejo e o sonho dos sujeitos em processo de empoderamento estão representados na figura dos que constituem os atletas empoderados, que são a referência para que os primeiros possam se inspirar e acreditar que um dia também poderão *chegar lá*. Entre esses dois grupos, algumas categorias se aproximam, principalmente, as relacionadas à figura do professor formador. Todos os sujeitos reconhecem, com maior ou menor ênfase, a importante influência do coordenador do PACF em suas vidas, tanto na formação como atleta quanto na formação humana.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi em relação aos estudos. Percebemos que todos os sujeitos entrevistados os reconhecem como algo indispensável e imprescindível à conquista de um futuro melhor, mais digno e cidadão. Entretanto, a média do grau de escolaridade dos sujeitos em processo de empoderamento é bem maior do que a apresentada pelos pertencentes ao grupo de empoderados. Essa diferenciação do nível de escolaridade pode estar atrelada a algumas questões que precisam ser aqui esclarecidas. A primeira delas parece ter a ver com o fato de esses dois grupos terem vivido trajetórias distintas. Se a maioria dos atletas empoderados teve que trabalhar logo cedo para ajudar no sustento da família, a maior parte dos que compõem o grupo só estudam e treinam no PACF, para que possam dedicar mais o seu tempo aos estudos e alcançar maior grau de escolaridade. Segundo, o PACF pede sempre que os atletas estejam matriculados, e essa exigência contribui para que os sujeitos deem conta, simultaneamente, de treinar futebol e estudar. Terceiro, os que estão há mais tempo no PACF apresentam grau de escolaridade mais elevado, e isso denota que esse

programa de formação de atletas concorre realmente para que os jovens permaneçam na escola, pelo menos até quando conseguirem se profissionalizar no futebol.

A maioria das categorias de análise dos dois grupos, quando confrontadas, são bem distintas entre si. As pertencentes ao primeiro grupo estão mais voltadas para um contexto mais atrelado às ideias de sonho, desejo, esperança, transformação e visão crítica da realidade. Já as categorias do segundo grupo estão mais relacionadas às ideias de profissionalização, aprendizagem, relacionamentos e futuro quando terminar a carreira de jogador profissional.

Essa configuração entre os grupos pesquisados parece refletir os momentos distintos que estão vivendo. Ou seja, o primeiro passa por um contexto difícil, de incertezas, mas também de possibilidades. Por sentir mais facilmente na pele os efeitos da pobreza, exclusão e discriminação, pode estar mais atento ao que vem enfrentando, instigando-o, por sua vez, a colocar-se de forma mais crítica sobre a própria realidade. E o segundo, por se encontrar numa situação bem mais confortável em relação aos sujeitos do primeiro grupo, coloca-se de maneira bem menos contestadora.

Essas reflexões nos ensinaram que os afro-brasileiros entrevistados poderiam se empoderar com mais frequência em outros espaços da vida social. Porém, no momento, isso seria mais difícil de ocorrer, uma vez que o processo de pobreza e de exclusão em que estão mergulhados impossibilita-os de se desenvolverem noutros campos, notadamente ocupados por uma elite branca historicamente privilegiada à custa da exploração impetrada desde os tempos da escravidão. A única maneira de mudarmos esse quadro excludente seria com a aplicação de políticas de ações afirmativas na educação básica e na superior, o que, de certa forma, em meio a uma série de lutas dos setores pobres e excluídos da sociedade, já vem acontecendo. Paralelamente a essas políticas, o Estado deve tomar as providências cabíveis, urgentes e necessárias para a aplicação de políticas de caráter efetivo, para que não precisemos mais das emergenciais e temporárias, desde que haja, de fato, a possibilidade de tratarmos todos os sujeitos de forma igual. Por enquanto, a solução é desigualar o tratamento entre os desiguais para, mais adiante, tratá-los de forma igual (GOMES, 2003).

Em função dos obstáculos sociais, econômicos e culturais enfrentados pela população afro-brasileira, eles são impedidos de ascender, por exemplo, por meio de uma formação universitária que lhes possa garantir uma profissão. Em tese, os espaços sociais realmente empoderam, ou deveriam permitir que os sujeitos se empoderassem. Mas, para a maioria dos afro-brasileiros, os outros espaços não fazem isso porque eles são discriminados e excluídos por serem pobres e afrodescendentes, devido a todo esse processo de invisibilidade e esquecimento produzido pelo sistema social vigente.

Consequentemente, em função disso, os sujeitos da periferia, notadamente os afro-brasileiros, buscam o futebol porque supostamente seria uma via mais fácil de ascensão social. Nesse campo, o que vai se exigir mais deles é o talento esportivo. E mesmo que detenham talento para o futebol, não estão isentos de mazelas como o racismo, a discriminação e o preconceito que os afligem e os impedem de *serem mais e melhores* (FREIRE, 2011).

O atleta afro-brasileiro poderia, também, desistir do futebol como possibilidade de inclusão social, principalmente se considerarmos o contexto de discriminação, preconceito e racismo que ainda hoje vivencia. Mas por que isso não ocorre? Essa renúncia se justificaria, talvez, por qualquer outro motivo, e não, por esse tipo de ofensa e de crime que o desqualifica e o diminui, porque compreende aquele espaço como o mais provável para alcançar uma vida mais digna e utiliza-se de seu poder de luta e de resistência como sempre têm feito seus antecessores na história deste país. Assim, não abandona o futebol como possibilidade de empoderamento e inclusão social por concebê-lo com um *sentimento de pertença*.

Esse sentimento foi possível de ser construído ao longo da história, justamente pelo contexto adverso em que ainda hoje vive o afro-brasileiro em nossa sociedade. Diante das adversidades enfrentadas, esse sujeito procurou criar mecanismos de sobrevivência e de ocupação de espaços como saída para o alcance da inclusão social, do respeito como ser humano e pela conquista da cidadania.

Dessa maneira, o futebol se constituiria uma das tantas respostas da ampla luta e da resistência historicamente desencadeada pelos afro-brasileiros em relação ao contexto de privações históricas, sociais, econômicas e culturais que perversamente tiveram e têm que enfrentar, principalmente, após a abolição da escravidão, quando nenhum tipo de política lhes foi oferecido para sua inclusão na sociedade.

Negadas as inúmeras possibilidades que os tornariam cidadãos brasileiros efetivos, os afro-brasileiros, através de suas mobilizações e movimentos sociais por igualdade, foram, resistentemente, descobrindo e ocupando espaços que pudessem trazer-lhes respeito, visibilidade e cidadania. O futebol tem sido, portanto, um desses campos de busca da conquista desses valores. Nesse sentido, o *sentimento de pertença* se confirma a partir de dois elementos centrais. O primeiro, pela marcante quantidade de afro-brasileiros praticando futebol, tanto no Brasil quanto no exterior; e o segundo, da ideia de construção do ídolo, uma vez que a maioria é afro-brasileira e, consciente ou inconscientemente, é tomado como referência para esses sujeitos acreditarem nesse esporte como terreno propício ao processo de empoderamento.

Portanto, o afro-brasileiro se empodera no futebol porque ali é um espaço possível de lhe oferecer visibilidade, de lhe garantir mais chances de alcançar uma vida digna. Diferente desse quadro favorável, caso ouse tentar uma ascensão em outros espaços da vida social, terão, certamente, muitas dificuldades pelos motivos já aqui explicitados. No futebol, embora haja também formas de exclusão relativas à cor da pele, os sujeitos afro-brasileiros apostam todas as suas fichas nesse esporte porque eles acreditam que ali é realmente um espaço de empoderamento, com a ideia de que não vão precisar, por exemplo, dos estudos para crescer na vida, como já havia nos alertado Vieira (2003) sobre essa questão. Eles entendem a importância dos estudos para conseguir uma boa profissão, mas isso depende de que tenham uma boa escolarização o que, muitas das vezes, não está disponível para ascenderem socialmente, sobretudo pela falta de políticas efetivas de Estado que, de fato, promova um ensino público de qualidade e que seja efetivamente capaz de implantar e fazer cumprir as políticas de ações afirmativas voltadas para os interesses da maioria dos afro-brasileiros pobres e desassistidos de seus direitos como cidadãos brasileiros.

O afro-brasileiro não busca o futebol pretendendo desistir dele e sabe que não é difícil se tornar um jogador, mas, mesmo assim, acredita na possibilidade de isso acontecer, porque ali vê as possibilidades de empoderamento e de inclusão social, corporificados nas conquistas da fama e da visibilidade. Ele tem (vai construir uma representação social) a noção de que será um jogador reconhecido nacional e internacionalmente (ou poderá sê-lo). E, embora as estatísticas nos mostrem que a maior parte dos jogadores de futebol ganha muito pouco, os atletas sabem que aparecerão na televisão e serão vistos e respeitados como jogadores de futebol por seus torcedores, mesmo que sejam constituídos por um grupo pequeno, um grande ou por um grande contingente no mundo todo. Não importa a quantidade dos que vão lhes respeitar, as pessoas o lembrarão de seus feitos futebolísticos, coisa que não conseguirão em outros espaços da vida social opressora e excludente. Esse respeito dar-se até mesmo por uma questão cultural, pois, se o futebol é uma paixão nacional e se a maioria dos seus ídolos é de afro-brasileiros, é provável que as chances de alcançarem essas conquistas se lhes apresentem de maneira mais aguda.

O futebol é buscado e tomado como espaço de empoderamento pelos afro-brasileiros não apenas por essas questões e preocupações até aqui colocadas, mas, também, e, sobretudo, pela necessidade de sobrevivência em função das difíceis condições sociais e econômicas que esses sujeitos enfrentam, porque é ali que ele acha que há realmente a grande chance de conseguir a inclusão social e ganhar visibilidade para se proteger do preconceito, da discriminação e do racismo, repetimos, que ainda sofrem em nossa sociedade excludente.

No contexto da sociedade capitalista, não podemos analisar a inserção de um jogador no mundo do futebol como aquele que antes era totalmente excluído, e agora, com a conquista da notoriedade e do ganho de uma boa quantidade em dinheiro, está incluído socialmente. Na verdade, devemos perceber os fenômenos exclusão e inclusão ocorrendo simultaneamente, o tempo todo e todo o tempo na sociedade. Afinal, não somos totalmente excluídos ou incluídos socialmente. Mas sabemos que os afro-brasileiros pobres, sobretudo por questões históricas e culturais, são muito mais discriminados e, portanto, bem mais excluídos do que incluídos em nossa sociedade.

Assim, o fato de um jogador afro-brasileiro *se dar bem* na vida por meio desse esporte não significa que esteja sempre sendo colocado em processo de inclusão social e econômica, mas vivendo situações em que sua cidadania passa a ser exercida com mais dignidade. Isso porque, no contexto de nossa sociedade capitalista, não podemos compreender exclusão e inclusão como fenômenos estanques e independentes entre si, mas processos que ocorrem simultaneamente dentro do sistema social, como nos ensinam Richardson (2009), Sawaia (2009), Sposati (2006), Pochmann (2003) e Lesbaupin (2000).

Por exemplo, quando empresas multinacionais como a Nike, a Adidas, a Mizuno, entre outras do gênero, vendem produtos do mundo esportivo e, para isso, utilizam-se de um atleta afro-brasileiro bem-sucedido, pouco importa sua cor, mas sua imagem de jogador, famoso e vencedor construída sobre ele. O mais interessante para essas grandes marcas é a relação de seus produtos com a imagem positiva construída sobre o atleta escolhido como *garoto propaganda* que irá ser patrocinado ou não pela marca que passa a usar e publicizar em propagandas.

Na sociedade da imagem e do consumo, a publicidade elimina qualquer expectativa de aprofundamento na informação para dar mais velocidade ao consumo, como um capital de giro, que vende ideias, conceitos. Nada mais! Para que codificar uma imagem publicitária? Torná-la mais complexa? Perda de tempo. Basta trazer um diferencial que possa ser visto/lido como benefício para agradecer as vendas (GARCIA, 2005, p. 44).

Assim, no espaço do futebol, o afro-brasileiro seria interessante para o *mercado da bola* porque, nesse espaço, vende produtos relacionados ou não ao esporte que pratica e passa a ser desejado e consumido por uma parcela significativa da população. Entretanto, em outros espaços, esse mesmo sujeito talvez não seja útil e, por isso, não seria bem visto, porque não ajudaria tanto aos interesses de consumo do sistema capitalista, não seria tão rentável aos

interesses do mercado, nem ajudaria a vender o produto, a não ser que ele, de fato, pudesse ser associado ao jogador, ídolo do futebol.

Assim, o capitalismo quer saber da possibilidade de lucrar com aquela imagem, e não, do jogador afro-brasileiro em si e, nesse contexto, ele é incluído, de um lado, e excluído, de outro. Incluído pelo que *tem* e conquistou, e excluído, pelo que *é*⁷⁵ (POCHMANN, 2003), como ser humano pertencente a determinado grupo étnico-racial. Mas o afro-brasileiro, no momento em que serve aos interesses mercadológicos, vivendo um processo simultâneo de inclusão e exclusão (ou uma inclusão excludente), vai, ao mesmo tempo, empoderando-se porque conquista visibilidade a partir dessas grandes empresas que o projetam na mídia.

Se, de um lado, a cor de sua pele não é percebida, excluindo o jogador na sua condição de afro-brasileiro, de outro, ele passa a ser socialmente incluído como jogador de destaque, sobretudo por suas capacidades futebolísticas. Portanto, sua inclusão em nossa sociedade excludente ocorre com a possibilidade de mostrar seu talento como atleta de futebol, espaço onde foi possível isso acontecer.

Precisa ser modificada a imagem decorrente do fato de que a ascensão do negro na mídia está diretamente ligada ao futebol e à música. Pode-se questionar se essa forma de divulgação nacional e internacional não atrapalha a percepção da importância política e cultural do negro (AJZEMBERG, 2002, p. 40).

Essa notoriedade e visibilidade passam a servir como referências para outros muitos jovens afro-brasileiros que se veem representados naquele seu semelhante bem-sucedido, embora não percebam que ali estão ocorrendo processos de inclusão e exclusão simultaneamente.

São grandes as chances de um atleta afro-brasileiro – ou, até mesmo, um ator afro-brasileiro representar ou fazer um papel de um jogador de futebol – aparecer em comerciais com frequência, notadamente, na mídia televisiva em período de Copa do Mundo. Muitos são requisitados para participar de comerciais de variados produtos (automóveis, agências bancárias, cremes e aparelhos de barbear, marcas de cerveja e de refrigerantes etc.). Trata-se de propagandas que, em muitos casos, não dizem respeito ao mundo do futebol. Porém, esse esporte, de uma forma ou de outra, passa, corriqueiramente, a ser correlacionado ao que se pretende propagandar. Essa associação evidencia o quanto nossa sociedade desenvolveu todo

⁷⁵ Essa discussão sobre o *Ter* e o *Ser* diz respeito a algo muito mais profundo que possamos imaginar. Por trás dessas duas palavras, situam-se questões bem mais graves e complexas de degradação da vida humana em seu contexto social, político, econômico, cultural, histórico e psicológico.

um imaginário individual e coletivo em torno desse esporte como um espaço marcadamente *feito* para esses sujeitos afro-brasileiros, como se tivessem nascidos para ele. Assim, determinados comerciais que possam ser associados com o futebol terão sempre como garoto propaganda o jogador ou ator afro-brasileiro.

Na verdade, parte do racismo está calcada naquilo que as pessoas acham que são os papéis naturais que indivíduos e grupos devem desempenhar na sociedade, na idéia de que a natureza dá a diferentes pessoas algum tipo facilidade ou habilidade para atividades diferentes (AJZEMBERG, 2002, p. 40).

Isso tem a ver com noções idealizadas, haja vista a sociedade não levar em conta o contexto político, histórico, social, econômico e cultural que *empurrou* os descendentes dos escravos para espaços sociais onde lhes seriam possíveis suas habilidades e genialidades.

O fato de os negros terem sido trazidos para o Brasil e para as Américas como escravos, certamente, tinha muito a ver com essa percepção do significado do aspecto físico no desempenho, na vida do negro. E muito dos estereótipos que continuamos reproduzindo sobre os negros resultam dessas percepções da natureza interior das pessoas. (AJZEMBERG, 2002, p. 40).

Não precisamos ir muito longe nem fazer pesquisas tão sofisticadas para perceber o que estamos querendo dizer aqui sobre a determinação dos lugares sociais dos afro-brasileiros e dos brancos em nossa sociedade. Aos primeiros, são delegados os lugares de subalternidade e trabalhos de força física; aos segundos, delegam-se posições e ocupações de maior *status* social.

Ao fazer o esforço de observar comerciais de televisão, a colocação de placas e de *outdoors* em vias de grande movimentação nas cidades, bem como uma série de outros tipos e formas de propagandas espalhadas por esse país afora, vamos constatar essas demarcações associadas à cor da pele. Ou seja, o branco está sempre ocupando uma posição de comando. Ele é o médico, o engenheiro, o advogado, o empresário, entre tantas outras posições de destaque do meio social. Já o afro-brasileiro aparece como pedreiro, motorista, jogador de futebol, pagodeiro etc., e nunca, em posições como as notadamente representadas por brancos.

Se, de um lado, nossa sociedade realmente excluiu os afro-brasileiros das possibilidades de ascenderem em espaços, majoritariamente, ocupados por brancos, de outro, essa exclusão histórica, imoral e perversa é perpetuada nas representações sociais reforçadas

pelos diferentes tipos de mídias de nossa sociedade. Em síntese, trata-se de uma análise dialética de um processo contraditório em que o afro-brasileiro, nesse caso, inclui-se no meio social e, concomitantemente, exclui-se dele. Assim, o sistema se aproveita da sua imagem porque vai ganhar com ela, porém, ao mesmo tempo, ao ser aproveitado e incluído (por uma inclusão excludente) por esse sistema, de alguma forma, consegue se incluir. Quer queiramos ou não, essa parece ser uma maneira de inclusão social. Nesse caso, não há inclusão nem exclusão. Há processos de inclusão e exclusão acontecendo. Esse é um dos exemplos. Consequentemente, quando está sendo incluído nos interesses do mercado, empodera-se e se inclui, ganhando poder diante da venda e da comercialização dos produtos relacionados à sua imagem de sucesso, de vencedor, em meio às adversidades que enfrentou para chegar até ali.

Essa imagem é utilizada tanto para satisfazer aos interesses econômicos do capitalismo quanto para consolidar a marca de um atleta respeitado, de sucesso que só usa produtos de qualidade. Assim, essa associação da imagem com o produto faz com que os dois, nesse processo, saiam *lucrando* e, portanto, o afro-brasileiro também se empodera porque ganha espaço na mídia e na sociedade. Talvez, nessa relação contraditória, possamos encontrar uma das formas mais atuais de resistência impetrada pelos afro-brasileiros no contexto de uma sociedade que sempre os excluiu.

Vários depoimentos mostram que o coordenador do PACF vai até a periferia resgatar os jovens envolvidos com drogas, que estão nas *esquinas* ou em casa *sem fazer nada*. Esses jovens são todos afro-brasileiros e residem em lugares de alta vulnerabilidade social. O ato de se deslocar até a periferia para tirar os meninos da *rua* passa-nos a noção de que, para esses excluídos, existem possibilidades de reverter esse quadro de desesperança. Mas as transformações não virão sem haver um esforço individual e coletivo capaz de suprir a ausência dos governos e as políticas de Estado. Assim, “o processo de exclusão social vivenciado por milhares de famílias brasileiras acaba por determinar a situação de risco social e pessoal presente no cotidiano de muitas crianças e muitos adolescentes” (GONTIJO; MEDEIROS 2007, p. 130).

Isso não quer dizer que o professor só busque os afro-brasileiros nessas áreas de risco social, mas porque, nos lugares onde procura esses sujeitos, todos são pobres, pertencem a esse segmento étnico-racial de nossa sociedade e vivem realmente em situação de total vulnerabilidade. Esse quadro comprova a existência de crianças e adolescentes que vivem em um contexto de total abandono, miséria e violência. Isso reflete “[...] uma das faces mais cruéis do processo de exclusão social vivenciado pela população brasileira” (GONTIJO; MEDEIROS, 2007, p. 119), notadamente a afro-brasileira.

O professor do PAF vai buscar os jovens daquele espaço social, porque é lá onde há o mais evidente processo de pobreza e de exclusão e onde vão ser encontrados, majoritariamente, os afro-brasileiros desprovidos das possibilidades de sonhar minimamente em conseguir uma vida digna. Lá estão os mais excluídos da sociedade; é o espaço dos excluídos, dos afro-brasileiros abandonados e esquecidos pelo Estado, prova viva de que as políticas de exclusão estão cada vez mais presentes na vida da juventude brasileira. Então, em função disso, o coordenador, ao mesmo tempo em que procura resgatar esses sujeitos, permitindo-lhes uma oportunidade para, através do futebol, mudarem de vida, ensina aos políticos o que pode ser feito para diminuir a pobreza e a exclusão que vêm levando muitas crianças e adolescentes da periferia a descreverem e a deixarem de apostar que, um dia, serão percebidos pelas políticas públicas de Estado.

Diante desse quadro de indiferença das políticas de governo e de Estado ao atendimento desses sujeitos desassistidos, as perguntas que nos cabem aqui são: de quem é a responsabilidade pela preservação da vida e pelo futuro desses sujeitos pobres e excluídos de nossa sociedade? O que deve ser feito para se resolver o problema da vulnerabilidade e dos riscos sociais enfrentados por eles e quem deve fazê-lo? De quem é a culpa por esse abandono?

A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá outras providências, em seu Título I, Das Disposições Preliminares, afirma:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata essa Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (SANTA CATARINA, 2012, p. 7).

Ao longo de nossa pesquisa de campo, constatamos a falta do cumprimento efetivo da Lei n. 8.069/1990 relativa ao ECA. Ou seja, o terceiro artigo dessa lei traz como um dos direitos fundamentais inerentes ao ser humano o *desenvolvimento físico*. Já o quarto artigo cita o *esporte* e o *lazer* como prioridades que precisam ser asseguradas e estabelece que isso

não é dever apenas da família, da comunidade e da sociedade em geral, mas também do poder público. Ora, se os artigos terceiro e quarto desse estatuto trazem em si claramente questões fundamentais que tem muito a ver com os trabalhos desenvolvidos pelo PACF, por que não são levados em conta como deveriam pelas autoridades políticas?

Quando eles estão lá na periferia, à margem das possibilidades, mas do lado de dentro desse mesmo processo que os exclui, não são atendidos e ouvidos em relação à satisfação de suas necessidades básicas e ao cumprimento do ECA. Sua visibilidade é praticamente zero. Mas, quando eles vêm para um espaço como o PACF, alimentam a *esperança* (BETTO, CORTELLA, 2012), o *sonho* (MARQUES; SAMULSKY, 2009) e o desejo de se tornarem, um dia, talvez, jogadores de futebol. Quando um projeto dessa natureza alimenta e reativa esses sentimentos, ali já parece estar se consolidando um processo de empoderamento, haja vista a *participação* se constituir um de seus principais elementos, principalmente quando são *escolhidos* por seu talento no futebol.

Não é de se estranhar que mais de 90% dos jogadores profissionais, que estão no futebol, pertençam às classes pobres (DANA, 2013). Consequentemente, nesses números, vamos encontrar muitos afro-brasileiros, como já nos disseram Vieira (2003) e Rodrigues (2007). Então, se a maioria dos afro-brasileiros é pobre e busca o futebol como saída, certamente, vamos encontrar uma quantidade significativa deles apostando no futebol, independentemente de alcançarem ou não uma posição de destaque nesse espaço.

Aliás, como já dissemos neste estudo, o empoderamento não se restringe ao fato de os sujeitos desempoderados ganharem muito dinheiro, mas na possibilidade de desenvolver suas habilidades físicas, intelectuais, comunicativas, cooperativas, sociais etc.

E por que será que vamos encontrar mais sujeitos pobres do que os de classe média e rica como jogadores no futebol profissional? Será por que os jovens das classes média e rica não têm competência para se tornarem jogadores profissionais? Não! Não se trata disso! Em verdade, qualquer um dos sujeitos de diferentes classes sociais e étnico-raciais é capaz de ser um jogador de futebol.

A quase inexistência de sujeitos das classes economicamente superiores praticando futebol advém do fato de, em determinada fase da vida, optarem por ser ou não um atleta de futebol e continuar ou não apostando nessa carreira de jogador. Eles sabem que ser um jogador de futebol não é fácil. Pouquíssimos desses sujeitos, social e economicamente mais privilegiados, preferem e têm a oportunidade de buscar outros espaços da vida social. Além de disporem de condições objetivas e de material para ascenderem, têm chances de ser bem mais aceitos pelas boas condições sociais e econômicas de que dispõem, pela cor da pele e

pelo maior nível de escolaridade alcançado, que lhes permite optar pelo que pretendem ser profissionalmente, inclusive, decidir se devem ir para uma faculdade ou apostar mesmo no futebol como profissão.

O jovem de família rica incorpora segurança, confia em si mesmo, porque sabe que sua família e as suas relações sociais estão a seu serviço e lhe abrirão as portas da sociedade organizada. O menino pobre sabe que vai ter de lutar tremendamente para poder adquirir um lugar na sociedade. Ele não se sente seguro (COMBLIN, 2007, p. 90).

Diferentemente dos mais privilegiados social e economicamente, os afro-brasileiros pobres, que tentam o futebol como profissão, só dispõem desse esporte como a mais viável oportunidade de ascender na sociedade e até de praticar esportes mais caros e dominados, predominantemente, por uma elite *branca* privilegiada de nossa sociedade. Sabem que, se deixar o futebol, conseguirão, no máximo, um subemprego ou um emprego de rendimento muito pequeno, porque, mergulhados no cruel processo de exclusão social, econômica e racial, não pensarão duas vezes para continuar apostando no futebol como profissão (DANA, 2013). Então, muito mais do que uma suposta aptidão para o futebol, os afro-brasileiros vão buscá-lo por uma questão de sobrevivência e de oportunidade que se lhes apresenta.

Se a opção que o afro-brasileiro pobre tem é a de um subemprego ou um trabalho mal remunerado, no qual vai atuar, principalmente, como verdadeiros escravos do (no) setor privado, o futebol é a opção mais viável e próxima de sua realidade para melhorar de vida. Essa é mais uma das questões que explicam as razões pelas quais há um número significativo de sujeitos afro-brasileiros pobres praticando futebol em espaços como o PACF.

Muitos deles não terminam a escola, tampouco dispõem de acesso de forma digna e respeitosa a esse espaço. Somado a tudo isso, nesse ambiente, reproduzem-se, também, manifestações racistas que comprometem o seu desempenho no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para que muitos dos afro-brasileiros desistam dos estudos antes mesmo do tempo da fase de escolarização (CARVALHO, 2004).

Por questões políticas e ideológicas, a escola pública não dispõe de possibilidades para que esses excluídos construam uma base mínima para ingressar no ensino superior, porquanto o processo do vestibular se baseia na ideia do mérito. Mas, como pensar em mérito numa sociedade em que grande parte da população brasileira, principalmente os jovens pobres, não dispõe de condições mínimas para concorrer igualmente com os mais privilegiados que puderam usufruir de um ensino de qualidade? Diante desse quadro desigual, as questões que

precisam ser respondidas são: o que é mais interessante e palpável para os sujeitos afro-brasileiros pobres e excluídos, ou o que é mais provável: apostar naquilo que é mais difícil de realizar ou sonhar com o que é menos difícil de alcançar? Então, questionamos: para eles, é mais fácil tentar se transformar em jogadores de futebol ou conseguir uma faculdade, formar-se e, depois, conquistar um bom emprego, levando-se em conta sua caótica realidade social, econômica e cultural que não os ajuda a trilhar outros caminhos que não seja o futebol?

Para que esse empoderamento se concretize, os atletas contam com o coordenador do PACF, que os representa no sentido de lhes oferecer a possibilidade de se empoderarem por meio do futebol como profissão. São sujeitos se mobilizando, resistindo, lutando. Então, esse é mais um elemento que comprova que eles estão buscando realmente esse empoderamento, cujo processo requer que pessoas com essa disposição – a do coordenador do PACF – existam para ajudar os jovens a se envolverem em projetos por meio dos quais tenham perspectivas de vida mais digna e cidadã e reativar seus sonhos, desejos e esperanças por dias melhores. Toda essa movimentação também é parte integrante do processo de empoderamento, em que crianças e adolescentes, desassistidos pelas políticas, são o principal alvo do projeto de superação da pobreza e da exclusão social.

Os afro-brasileiros pobres e excluídos que escolheram o futebol como profissão não vão procurar aquilo que é mais difícil de alcançar ou buscar uma profissão que consideram que esteja muito distante de sua realidade e, por isso, nem a cogitam. Eles sabem que, para ser médico, engenheiro ou advogado, precisam percorrer um longo caminho e ter plenas condições sociais e econômicas, sendo menos provável o empoderamento por uma dessas profissões.

Convém enfatizar que, se essas profissões são valorizadas pela sociedade, mas esses jovens não têm acesso aos estudos, provavelmente, serão respeitados e valorizados na sociedade como jogadores de futebol, razão por que buscam esse esporte não somente como uma saída para ganhar dinheiro, mas também para adquirir respeito, prestígio, visibilidade e cidadania, que lhes são negados o tempo todo. Nesse caso, configura-se uma cidadania negada e, por isso, sonhada, desejada e resistentemente buscada através desse esporte, principal via de acesso a uma vida digna, sob o ponto de vista dos jovens da periferia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa foi o de analisar como o futebol, através do PACF, contribui para o empoderamento de jovens atletas afro-brasileiros da periferia de Campina Grande-PB e os conduz à inclusão social. A partir desse mote, propusemos apresentar nossas considerações em torno do futebol como um espaço predominantemente importante para as conquistas históricas, sociais, econômicas e culturais de crianças, adolescentes e jovens afro-brasileiros, pobres e excluídos de nossa sociedade. Trata-se, em grande parte, de pessoas comuns e desconhecidas que, concebidas como agentes históricos de seu tempo e lugar, devem ser convidadas a contar e a registrar a história da qual fazem parte.

O universo pesquisado – empoderamento de afro-brasileiros no futebol – contribuiu decisivamente para a escolha do referencial teórico e metodológico do trabalho. O espaço/tempo do PACF mostrou-se de extrema importância para compreendermos o processo por meio do qual os sujeitos afro-brasileiros se empoderaram no futebol e, a partir desse empoderamento, conseguem se incluir socialmente.

Ao nos embrenharmos no campo de investigação, percebemos que, em meio às principais abordagens teóricas, no campo da educação, das ciências sociais e das políticas, a concepção do empoderamento e da inclusão social, combinada com a noção da *história vista de baixo*, representava aquela cuja estrutura permitia que procedêssemos a partir de uma análise extensa e aprofundada a respeito do futebol como espaço de empoderamento de afro-brasileiros, conduzindo-os à inclusão social, tendo como *lócus* de investigação o PACF da cidade de Campina Grande-PB. A análise foi auxiliada por autores que reconhecem as múltiplas referências das abordagens adotadas nas práticas de pesquisa em educação, ciências sociais, políticas e humanas.

Através desse encontro e do entrelaçamento entre os conceitos adotados para a pesquisa, sopesamos o PACF como um espaço propiciador de sentidos e ações que alimentam uma série de vivências e experiências individuais e coletivas de seus agentes históricos, fortalecendo tipos de relações sociais que permitem o desenvolvimento de ações capazes de ampliar as possibilidades de empoderamento de seus participantes.

Os sujeitos do PACF desenvolvem seu processo de empoderamento embalados pelo *sonho* e pela *esperança* de um dia se transformarem em jogadores do futebol profissional. Sua principal preocupação é de conseguir profissionalizar-se. Depois disso, de tentar crescer gradativamente nesse meio, como atleta, procurando seguir caminhos semelhantes aos alcançados por seus ídolos e/ou atletas bem-sucedidos que por ali passaram e ganharam o

mundo da fama e do estrelato jogando no futebol internacional e na Seleção Brasileira, *status* certamente desejado pela maioria dos futebolistas que buscam esse esporte como possibilidade de conquistar uma vida melhor para si e para seus familiares.

Entendemos que o processo de empoderamento no PACF é desencadeado por meio das ações individuais e coletivas dos sujeitos em suas relações cotidianas ali estabelecidas. O comprometimento e a entrega nos treinos e nas demais atividades de formação e revelação de talentos para o futebol demonstram o quanto os meninos estão interessados em se desenvolver através desse esporte. Em meio a todos os problemas enfrentados de infraestrutura e da falta de apoio de toda ordem do poder público e privado da cidade de Campina Grande-PB, esse programa parece se constituir um dos espaços mais palpáveis para a realização do sonho de poderem ser reconhecidos e respeitados na sociedade por meio do futebol.

O espaço não é destinado somente para formar o atleta, mas também para oferecer aos participantes a chance de *tomarem consciência* da importância de fazerem parte de um projeto dessa natureza, que lhes permite aprender coisas, desenvolver habilidades esportivas, exercitar valores como convivência, cooperação, solidariedade, comunicação, socialização, etc. Sua participação nesse lugar dar-lhes a perspectiva de terem uma vida digna; de realimentarem a *esperança* de que as coisas podem mudar para melhor; de aprenderem a lidar com as inúmeras adversidades sociais, econômicas e culturais de seu cotidiano, transformando-as em algo favorável para que possam superar o quadro caótico em que se encontram.

Assim, as pressões e as dificuldades vivenciadas em função do brutal processo de exclusão social e pobreza passam, contraditoriamente, a servir como fenômenos desencadeadores para as conquistas. Ou seja, aquilo que se constitui como negativo e destrutivo aos seus interesses é revertido em motivos para que *ressuscitem das cinzas* castradoras e inibidoras das possibilidades de conquistas e de avanços nos campos pessoal, profissional, social e humano.

Portanto, os protagonistas desse processo são os próprios sujeitos afro-brasileiros pobres e excluídos da periferia da Campina Grande-PB que, efetivamente engajados em suas lutas e conquistas diárias, são os únicos atores capazes de desenvolver seu empoderamento através do futebol, o que os conduz ao processo de inclusão social. As entrevistas do estudo buscaram verificar como o grupo de atletas do PACF desenvolveu seu processo de empoderamento, tanto os que estão *em processo de empoderamento* quanto os *empoderados* ou os que, um dia, também já foram sujeitos desse mesmo programa de formação e revelação

de jogadores de futebol. Para tanto, fomos capazes de enxergar quatro categorias empíricas para cada um desses grupos, as quais nos levaram, realmente, a compreender o que é empoderamento, para os atletas, e como se empoderaram por meio do futebol.

Vimos que os *sujeitos em processo de empoderamento* se empoderaram a partir da *influência do agente formador*; da noção de *futebol, de estudo e de trabalho*; do *PACF, como espaço de transformação*, e da *compreensão da realidade* em que estão inseridos. Vejamos cada uma dessas categorias a seguir.

A primeira se dá por meio da *influência do agente formador* na vida dos atletas/cidadãos. Esse agente é visto como alguém capaz de ajudá-los na realização de seus objetivos como futuros cidadãos e atletas de futebol. Apresenta-se como a pessoa decisivamente comprometida em *cuidar* dos jovens e das atividades que possam instigá-los a se descobrir em suas habilidades para se empoderar.

A segunda diz respeito ao fato de conseguirem combinar *futebol, estudo e trabalho*. Alguns conciliam essas três atividades, porém a maioria só dá conta da escola e dos treinos. Assim, procuram melhorar sua condição de vida futura, tanto por meio da profissionalização no futebol quanto da elevação do nível de escolarização. De certa forma, o PACF cobra que os atletas estejam matriculados na escola, fazendo valer a ideia de que, *se não der certo no futebol, pode dar certo nos estudos*, embora acreditemos que a primeira opção seja realmente o futebol como possibilidade de ascensão social e, talvez, econômica, porém sem deixar que escapem os objetivos que promovam o *atleta cidadão do futuro*.

O terceiro elemento ou categoria levantada foi o relativo ao *PACF como um espaço de transformação*. Em suas falas, os jovens não só demonstraram acreditar que suas vidas poderiam mudar para melhor, como também revelaram o que foi possível conquistar depois de terem passado a fazer parte desse programa de formação e revelação de jogadores para o futebol. No conjunto do que relataram, ficou-nos o entendimento de que, naquele tempo/espaço de inclusão social, os sujeitos reativam seus *sonhos, desejos e esperanças* de superar a pobreza e a exclusão e, conseqüentemente, alcançar uma vida possivelmente digna e cidadã.

A quarta e última categoria reveladora de empoderamento desses sujeitos do primeiro grupo é a de *compreensão da realidade*. O PACF é um reduto não somente de formação e de revelação de atletas, mas também um recinto propiciador de *compreensão da realidade*. À medida que vão participando do projeto e interagindo com os seus sujeitos, os jovens vão, em seus diálogos, percebendo e tomando consciência das dificuldades que eles enfrentam para conseguir *ser alguém na vida* e começam a desenvolver um senso crítico sobre a realidade

enfrentada para se tornarem cidadãos. Essa nova percepção crítica leva-os a entender que o fato de não poderem se desenvolver em *mais e melhores* condições é fruto da omissão de agentes externos (governo, empresas, clubes, jogadores famosos que passaram pelo PACF) que poderiam estar contribuindo para o desenvolvimento dessa iniciativa. Com essa percepção, *descobrem* que o apoio desses agentes não existe de fato. Em função dessa descoberta, entendem que o seu sucesso ou fracasso não depende apenas de suas próprias forças e capacidades, mas também das efetivas oportunidades que não são oferecidas por aqueles que realmente deveriam ofertar, contudo não o fazem.

Ainda sobre a quarta e última categoria relativa aos *sujeitos em processo de empoderamento*, percebemos que os entrevistados demonstram uma lucidez muito significativa sobre o futebol como espaço de possibilidades e de reprodução de valores, códigos, sentidos e significados de uma sociedade preconceituosa, discriminatória e racista. Além de reconhecer a existência de atitudes dessa natureza, sobretudo com os afro-brasileiros, alguns foram vítimas de *xingamentos* e de *brincadeiras* do gênero. Portanto, os sujeitos do PACF alcançam níveis de empoderamento ao se conscientizar, através do futebol, que são capazes de discernir criticamente sobre a realidade desumana e contraditória em que vivem.

O segundo grupo - o dos *sujeitos empoderados* - apresentou, também, quatro categorias indicadoras de como se empoderaram de acordo com sua realidade atual: a *formação e o agente formador*; o *contrato*; as *aprendizagens e os relacionamentos*; e o *futuro*.

A categoria *formação e agente formador* mostra que todos eles foram formados como jogadores de futebol em dois momentos mais ou menos bem definidos. No primeiro, sua formação ocorre, como na maioria dos garotos, com a presença e o incentivo de familiares - pais, tios, amigos etc. Ali se iniciam os primeiros passos para o empoderamento no futebol.

Direta ou indiretamente, os familiares acompanhavam seus filhos, levando-os aos campos de várzea, aos clubes, às escolas ou a qualquer outro espaço social da cidade de Campina Grande onde fossem possíveis os contatos introdutórios com o *mundo da bola*. Depois disso, sobretudo na fase da adolescência, os jovens passam a buscar ambientes como o PACF, que trabalha sem fins lucrativos e tem como principal clientela os jovens afro-brasileiros pobres da periferia dessa cidade.

Vale reforçar que essa *clientela* não foi escolhida a dedo, mas de onde elas vêm, ou seja, da periferia, denunciam quem são, na sua maioria, os pobres e excluídos desse país: os descendentes dos escravos. Portanto, nesse país, a pobreza tem cor.⁷⁶

Nesse espaço, mais uma vez, os sujeitos, hoje empoderados, reconhecem a importância do agente formador em sua vida antes da profissionalização. Todos são unânimes em afirmar o quanto aprenderam e se desenvolveram depois de buscar aquele espaço para ampliar e aperfeiçoar ainda mais suas capacidades futebolísticas, levando-os a níveis expressivamente consideráveis de empoderamento e inclusão social, não somente pela fama e pelo dinheiro conquistados, mas também pelas inúmeras possibilidades que têm de conhecer, viajar, acessar e aprender culturas de outros povos e países, por exemplo, depois de ascender na carreira como jogadores.

A segunda categoria que levou esse grupo de *sujeitos empoderados* a um maior empoderamento através do futebol foi no momento de concretização do *primeiro contrato* como atletas profissionais. Trata-se de um momento de suma importância que serviu de incentivo para acreditarem nesse esporte como a efetiva possibilidade de mudar de vida a partir dali, constituindo-se um momento de transição da condição de jogador amador para profissional, de uma vida de *sonhos e esperanças* para realizar esses predicados.

Na terceira categoria, esse grupo destaca, em suas narrativas, as *aprendizagens e os relacionamentos* que estabeleceram/estabelecem durante sua carreira como futebolistas pelo mundo afora. Eles referiram que o futebol, em função das viagens que realizaram/realizam, pelos clubes por onde passaram e os diferentes povos e culturas que conheceram, proporcionou-lhes uma série de descobertas e aprendizagens capazes de suprir, de certa maneira, a ausência dos estudos que não puderam concluir, devido à necessidade de terem que se dedicar à profissão. Ou seja, a educação não formal esteve, o tempo todo, presente em suas vidas, permitindo a aquisição de conhecimentos e aprendizagens talvez inimagináveis no contexto escolar.

Nesse sentido, ficou evidente, a nosso ver, a presença de um empoderamento de ordem cultural nesses sujeitos. Aprenderam línguas de outros países e conviveram com pessoas que puderam ajudá-los a adquirir posturas e condutas necessárias à vida como atletas reconhecidos mundialmente. Apesar do processo de pobreza e de exclusão social que

⁷⁶ “A recente pesquisa feita pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) sobre a extrema pobreza no Brasil, com base nas informações coletadas no Censo 2010 realizado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na qual é considerada extremamente pobre a pessoa que possua rendimento mensal de até R\$ 70,00, confirma de modo inequívoco a assertiva de que a pobreza no Brasil tem cor e é negra.” (ALVERGA, 2013).

viveram no passado, não deixaram de desenvolver suas potencialidades também fora do campo de jogo, mostrando que, quando existem efetivas oportunidades, é possível que os sujeitos consigam aprender e ir muito mais além do que possam imaginar.

A última categoria, *o futuro*, mostrou-nos que os sujeitos, mesmo se encontrando em boas condições sociais e econômicas, não deixam de se preocupar com o depois do encerramento da carreira. Pretendem continuar seu processo de empoderamento e de inclusão social apostando na carreira de empresários da bola e, ao mesmo tempo, investir nos estudos, por considerá-los de extrema importância para suas pretensões como ex-jogadores de futebol. Agora, dispondo de melhores condições de vida e tendo convivido com pessoas de diferentes culturas e elevado nível de intelectualidade, certificam-se, ainda mais, da importância de uma formação escolarizada para o exercício de sua cidadania.

Depois de termos analisado esses dois grupos de sujeitos que vivem processos distintos de empoderamento, realizamos uma síntese, procurando verificar pontos de aproximação e afastamento entre eles. Vimos que as histórias de vida dos meninos de hoje do PACF são muito parecidas com as dos *sujeitos empoderados*, que passaram por situações de extrema privação, que os levaram a apostar no futebol como a saída mais provável para melhorarem de vida, da mesma forma como vêm fazendo os garotos *em processo de empoderamento*, ou seja, os pertencentes a esse programa. Para eles, o futebol é a profissão mais desejada em seus planos profissionais porque eles a veem como possibilidade de superar o contexto social e economicamente desigual que vivenciam cotidianamente.

Vimos que o empoderamento entre eles se diferencia. Para aqueles que estão no PACF, respalda-se, realmente, no *sonho*, na *esperança* e no *desejo* de poder *chegar lá*, conseguir *um lugar ao sol*, notadamente como alguns que foram capazes de conseguir tamanho desafio. Para o grupo de *empoderados*, reside na possibilidade de continuarem no mundo do futebol como atletas e, depois, ao encerrar a carreira, trabalharem na condição de empresários, revelando jogadores, como alguns que já vêm realizando esse tipo de atividade antes mesmo de finalizar a vida como jogadores de futebol.

O presente dos *sujeitos em processo de empoderamento* é o passado dos *sujeitos empoderados*. O presente desses segundos é o futuro desejado pelos primeiros, uma vez que nem todos conseguirão se transformar em jogadores profissionais, nem todos conseguirão realizar o tão esperado *sonho* (e o *desejo*) de se tornarem atletas da bola. E mesmo que muitos desses *em processo de empoderamento* consigam a profissionalização pode ser que não cheguem a fama e ao topo como esses *empoderados* foram capazes de alcançar. Mas só o fato de alimentarem, repetimos, a *esperança*, o *sonho* e o *desejo* de um dia alcançarem o

estrelato, permite-nos deduzir que nesse contexto há empoderamento, sobretudo se considerarmos o contexto de desesperança, abandono e descrença em que se encontravam esses jovens antes de fazerem parte do PACF.

Entretanto, muitos desses e de outros sonhos poderão ser possíveis de ser realizados se os PACF da vida passarem a ser olhados com atenção e muita consideração por parte da sociedade civil e do Estado, pois todos temos o dever de cuidar dos jovens desse país, que, em meio a todo um contexto de pobreza, exclusão e abandono, lutam dia a dia para conseguir *ser alguém na vida*, mas são perversamente impedidos por falta de políticas públicas sociais que possam efetivamente contribuir para reverter esse quadro de abandono a que foram e são submetidas as crianças, os adolescentes e os jovens do nosso país.

Diante desse quadro de indiferença sobre esses sujeitos, as perguntas que nos cabem aqui são: de quem é a responsabilidade pela preservação da vida e pelo futuro desses sujeitos pobres e excluídos de nossa sociedade? O que deve ser feito para resolvermos o problema da vulnerabilidade e dos riscos sociais enfrentados por eles e quem deve fazê-lo? De quem é a culpa por esse abandono?

Ao longo deste estudo, constatamos a falta do cumprimento efetivo da Lei nº 8.069/1990 relativa ao ECA. Vimos, nesse estatuto, que um dos direitos fundamentais inerentes ao ser humano é o *desenvolvimento físico*. O *esporte* e o *lazer* são também lembrados como prioridades que precisam ser asseguradas e não é dever somente da família, da comunidade e da sociedade em geral fomentá-los, mas também do poder público assegurar o desenvolvimento efetivo dessas práticas às crianças e aos adolescentes. Ora, se os artigos terceiro e quarto do ECA trazem em si claramente questões fundamentais que têm muito a ver com os trabalhos desenvolvidos pelo PACF, por que não são levados em conta como deveriam pelas autoridades políticas?

Percebemos que membros das famílias dos atletas e da comunidade da qual eles fazem parte, engajam-se de alguma maneira no programa. Porém, percebemos uma ausência total de representantes da política e do poder público no atendimento ao PACF. Em meio a todo esse descaso dessas autoridades constituídas, os sujeitos comuns, direta ou indiretamente envolvidos com esse programa, arregimentam forças substancialmente suficientes para manter vivo o espaço onde se vem, ao longo de trinta e quatro anos, formando pessoas capazes de se tornarem *atletas/cidadãos do futuro*.

Sob nosso ponto de vista, o ECA precisa urgentemente ser respeitado e colocado em prática em programas como o PACF, porquanto se trata de um projeto social cuja meta principal é a inclusão social, através do futebol, de crianças, adolescentes e jovens carentes

da periferia dessa cidade, constituída, majoritariamente, de afro-brasileiros. O PACF se constitui realmente um espaço sem fins lucrativos que tem demonstrado, ao longo de seus trinta e quatro anos de existência, uma capacidade representativa quanto à formação e à revelação de atletas e de uma parcela significativa da sociedade jovem excluída. Nesse sentido, acreditamos que as autoridades políticas de Campina Grande já poderiam e deveriam propor políticas de expansão e manutenção dos trabalhos ali desenvolvidos. Esse apoio viria através da doação de um terreno para a construção de um CT e por meio da disponibilização de material de treino e acompanhamento de profissionais da saúde e da educação devidamente qualificado para atender a esses jovens.

Nesse caso, o governo municipal e a câmara dos vereadores dessa cidade estariam agindo no sentido de cumprir rigorosamente o que estabelece a Lei nº 8.069/1990 e de essas instâncias exercerem seu papel ofertando políticas públicas sociais efetivamente capazes de atender, promover e assegurar outros tantos trabalhos semelhantes aos de inclusão social de crianças e jovens, através do esporte, materializados pelo PACF. Sugerimos que o governo municipal visite periodicamente esses espaços de formação de atletas para diagnosticar e conhecer de perto a realidade enfrentada por esses jovens pobres e excluídos que tentam *ser alguém na vida* através do esporte e, de posse das constatações, propor estratégias suficientemente plausíveis ao atendimento dos anseios desse segmento da população campinense, fazendo valer o que dispõe sua legislação específica. Certamente, a falta de um atendimento mais efetivo do ECA concorre para que não consigamos avançar em trabalhos dessa natureza, que contribui sobremaneira para o processo de empoderamento de jovens afro-brasileiros advindos da periferia que veem o futebol como espaço/tempo de ascensão social.

Ora, se estamos tratando de uma presença marcante de afro-brasileiros no futebol, sugerimos que, em programas como o PACF, sejam propiciadas, na medida do possível, atividades que contemplem a Lei nº 10.639/2003, que trata da *inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira* (BRASIL, 2003); e a Lei 11.645/2008 – *Diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena*, que atualiza a lei anterior (BRASIL, 2008). Esse acréscimo contribuiria significativamente para se repensar, com mais pertinência, sobre o espaço do futebol como mais um campo de luta e de resistência dos afro-brasileiros, na perspectiva recuperar sua cidadania historicamente negada nos espaços da vida social, sobretudo depois do processo de abolição da escravidão.

Nesse caso, entendemos o futebol como um esporte extremamente significativo para realizar trabalhos de conscientização sobre preconceito, discriminação e racismo em relação aos jogadores afro-brasileiros. Trata-se, a nosso ver, de questões a serem colocadas em evidência e problematizadas, notadamente pelo fato de ainda existirem, de forma ainda tão marcante nesse esporte, esses tipos de manifestações depreciativas em relação à cor da pele tanto em nível nacional quanto mundial, pois, apesar de o futebol se revelar um espaço predominantemente constituído de afro-brasileiros, atitudes preconceituosas, discriminatórias e racistas contra os sujeitos desse segmento da sociedade persistem. Portanto, a nosso ver, é extremamente necessário que tratemos sobre esse tema em espaços onde trabalhos de inclusão social através do futebol são a tônica.

Os programas de formação e revelação de atletas para o futebol, como esses desenvolvidos pelo PACF, não podem se limitar a disponibilizar as condições única e exclusivamente técnicas do esporte, mas aproveitar o ensejo para consolidar a construção de sujeitos efetivamente mais conscientes do seu papel como atleta/cidadão. Portanto, devemos pensar nesses sujeitos como plenamente capazes de exercer a profissão de jogador, substancialmente abastecidos de valores éticos, morais e sociais e aptos a respeitar a diversidade e as diferenças étnico-raciais de cada um.

Diante de tudo o que foi aqui exposto, acreditamos que os objetivos desta tese foram alcançados, porque cumprimos cada momento estabelecido para o desenvolvimento efetivo, visando atender às descrições e às análises propostas sobre o futebol como um espaço de empoderamento, tomando o PACF como *lócus* central da pesquisa.

Mostramos, ainda, que o futebol, através do PACF, contribui para o empoderamento dos afro-brasileiros, conduzindo-os ao processo de inclusão social. Essa nossa crença reside no fato de que muitos meninos que vivem numa situação de vulnerabilidade e total abandono – e, portanto, desesperançados diante do contexto social desfavorável em que vivem – quando passam a fazer parte do PACF e, nesse espaço, conseguem ampliar suas relações de amizade e aprendem com elas uma série de questões importantes para o seu desenvolvimento social e humano, por meio das atividades propostas (treinos, cursos, viagens, etc.). Tudo isso nos leva a entender que, nessas ações, o processo de empoderamento desses sujeitos desempoderados já está acontecendo.

Assim, esses jovens não precisam esperar para se profissionalizar para que possamos afirmar que estão se empoderando. Esse fenômeno já se materializa a partir do momento em que tomam, de fato, o PACF como um espaço efetivo de *sonhos, desejos e esperança* por

uma vida digna e bem melhor do que a que vivem atualmente. São esses valores que os movem e os fazem exercitar o poder de que dispõem para ir mais além do que podem.

De maneira mais geral, essa nossa confirmação sustenta-se no fato de que muitos outros espaços poderiam e deveriam ajudar esses sujeitos *sonhadores* a se empoderarem, contudo, devido a todo um processo de pobreza e de exclusão social a que têm sido historicamente submetidos, viram (e ainda veem) nesse esporte uma das mais importantes saídas não apenas para demonstrar suas habilidades e genialidades, mas também para se alcançar o respeito e a dignidade indubitavelmente negados por esse sistema opressor. Nesse sentido, os sujeitos fazem história, são agentes vivos da história e resistem *heroicamente* a esse aparelho excludente do qual são muito mais vítimas do que responsáveis pelas condições em que se encontram.

Assim, considerando tudo o que expusemos nessas considerações finais, acrescentamos, ainda, que não intencionamos exaurir o assunto em pauta, mas trazer mais uma contribuição sobre o tema aqui aventado, levantando novas maneiras de se compreenderem os afro-brasileiros tanto em seu processo de pobreza e de exclusão quanto de luta e de resistência histórica a esses fenômenos. Ao finalizar esta investigação, preocupamo-nos em apresentar considerações bem mais provocativas do que oferecer uma proposta conclusiva e definitivamente irrefutável sobre o tema.

Em síntese, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o surgimento de novos trabalhos que apontem outras proposições e possibilidades investigativas sobre o futebol como um espaço de empoderamento, por meio do qual os afro-brasileiros são incluídos socialmente, tendo o PACF como um espaço propiciador desses processos. Esse nosso entendimento reside no fato de que precisamos rever e, quiçá, trabalhar, num futuro bem breve, abordando outros enfoques, que nos permitam redimensionar as questões aqui aventadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Yolanda Vieira de; BARBOSA, Anete das Dores. **Estudos dos índices de exclusão social no Brasil**. Madri, 2009. Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/libreria/index.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2012.
- AJZENBERG, Bernardo. O racismo subliminar. In: RAMOS, Silvia (Org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. **Movimento negro e “democracia racial” no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1504.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2012, às 15h22min.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber, 2005.
- ANTUNES, Marta. O caminho do empoderamento: articulando as noções de desenvolvimento, pobreza e empoderamento. In: ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta, (Orgs.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.
- ARAGÃO, Wilson Honorato. Exclusão e Etnia: a defesa das cotas para a reparação e inclusão social. In: RICHARDSON, Roberto Jarry (Org.). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: UFPB, 2009.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- AZEVEDO, Paulo Henrique; BARROS, Jônatas de França. O nível de participação do Estado na Gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, Brasília, v. 1, p. 77-84, jan./mar. 2004.
- BANTON, Michael. **A idéia de raça**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.
- BAQUERO, Marcelo; BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. **Cultura política, capital social e empoderamento na construção democrática da América Latina**. In: Congresso da LASA (Associação de Estudos Ltnos-americanos), 2009, Rio de Janeiro, 11 a 14 de junho.
- BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. In: **Revista Debates**. Núcleo de pesquisas sobre a América Latina/UFRGS. Porto Alegre: v. 1, n. 1, dez. 2005.
- BARRY, Brian. **Social exclusion, social isolation and the distribution of income**. *Centre for Analysis of Social Exclusion — Case*, Londres, p. 1-24, 1998.

BETTO, Frei; CORTELLA, Mario Sergio. **Sobre a esperança**: diálogo. 5. ed. Campinas: 7 Mares, 2012.

BETTO, Frei. Marcas de Batom: como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo. In: SHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton. (Orgs.) **Mulheres no Brasil**: resistências, lutas e conquistas, João Pessoa: UFPB, 2006.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BORBA, Andreilcy Alvino; LIMA, Herlander Mata. Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 106, p. 219-240, abr./jun. 2011.

BORGES, Claudia Andréa Mayorga. **Rede e inclusão social**. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.boletimef.org>>. Acesso em: 06 ago. 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto consolidado até a Emenda Constitucional n. 66 de 13 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_13.07.2010/art_227_shtm>. Acesso em: 31 maio 2013.

_____. **Lei 11.645/2008** - Diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena. Brasília: MEC, 2008.

_____. **Lei 10.639/2003** – Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, 2003.

_____. **Lei 10.639/2003** - Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, 2004.

_____. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, Sérgio Resende. Os múltiplos sentidos da categoria “*empowerment*”. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 20(4): 1088-1095, jul-ago. 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. Quem é negro, Quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, Jan/Fev/Mar/Abr 2005.

_____. Quem são os meninos que fracassam na escola? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 11-40, jan./abr. 2004.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS. Relatório conjunto sobre a inclu-

são social, que sintetiza os resultados da análise dos planos de ação nacionais para a inclusão social (2003-05), Bruxelas, 12/12/2003, COM (2003) 773 Final, 2003.

COMBLIN, José. **A vida: em busca da liberdade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Vocação para a liberdade**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

CORNWALL, A. **Benefiary, consumer, citizen: perspectives on participation for poverty reduction**. Stadudies n. 2, Sweden, 2000.

CUNHA JR., Henrique. Conceitos e conteúdos nas culturas africanas e afrodescendentes. In: COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha; PEREIRA, Sônia, (Orgs.). **Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola: a favor da diversidade II**. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

DANA, Samy. Por que jogadores de futebol vêm das classes baixas? In: FOLHA DE SÃO PAULO (28/02/2013). Disponível em: <<http://carodinho.blogfolha.uol.com.br/2013/02/28/porque-jogadores-de-futebol-vem-das-classes-baixas/>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

DOMINGUES, Petrônio. O recinto sagrado: educação e antirracismo no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 963-994, set./dez. 2009.

_____. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal**. Universidade Autónoma del Estado de México, 2005.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 29 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **A Cultura para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 1933.

GALLICHIO, Enrique. Empoderamento, teorias de desenvolvimento e desenvolvimento local na América Latina. In: ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta (Orgs.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: Action Aid Brasil, 2002.

GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação**: estudos contemporâneos. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes** (Tradução: Maria Betânia Amoroso). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Joaquim Barbosa. O debate constitucional sobre as ações afirmativas. In: SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima, (Orgs.). **Ações afirmativas**: políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O desafio da diversidade. In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. (Orgs.). **Experiências étnico-raciais para a formação de professores**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONTIJO, Daniela Tavares; MEDEIROS, Marcelo. Crianças e adolescentes em processo de exclusão social. **Estudos, Goiânia**, v. 34, n. 1/2, p. 119-133, jan./fev. 2007.

GORDON JR., Cesar. “Eu já fui preto e sei o que é isso”. História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de campo**: revista do núcleo de sociologia do futebol/UERJ – n.3/4 - 1996.

_____. História social dos negros no futebol brasileiro: primeiro tempo. **Pesquisa de Campo**: revista do núcleo de sociologia do futebol/UERJ - n.2 - 1995.

GOULD, Stephan. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GUEDES, Simoni Lahud. O Salvador da Pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. **Pesquisa de campo**: revista do núcleo de sociologia do futebol/UERJ – n.1 - 1995.

GUEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. (Organização de Liv Sovik) (Tradução de Alelaine La Guardia et. all.) Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HERMANY, Ricardo; FRANTZ, Diogo. A necessidade de empoderamento social local através do Legislativo Municipal na promoção dos direitos de cidadania. In: XVIII Congresso Nacional do CONPEDI, 2009, **Anais...** São Paulo-SP: FMU, 2009. p. 2461-2484.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; MEIRELLES, Giselle. Problematisando o conceito de empoderamento. In: II Seminário Nacional sobre movimentos sociais, participação e democracia. 2007, UFSC, Florianópolis. **Anais...** Disponível em: <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2012.

HUBER, Frederico et. al. Racismo no futebol: considerado um momento de união e de igualdade entre as pessoas, o futebol também traz casos de preconceito racial em sua história. **Revista Eclética**, Julho/Dezembro, 2006.

INCLUSIVE: INCLUSÃO E CIDADANIA. **Racismo no futebol**: pesquisador da USP diz que negros não ocupam cargos de diretoria. Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/?p=19069>>. Acesso em: 30 maio 2012.

IORIO, Cecília. Algumas considerações sobre estratégias de empoderamento em direitos. In: ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta. (Orgs.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático de linguagem sociológica. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Pertencimento, fronteiras e estranhamento**: sobre a noção de sujeira. RBSE 10 (29): 218-254, ISSN 1676-8965, Agosto de 2011.

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde Soc. São Paulo**, v.18, n.4, p.733-743, 2009.

KOWARICK, Lúcio. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil — Estados Unidos, França e Brasil, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 61-85, 2003.

LARA, Silvia Hunold. Thompson, E. P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. In: **resenhas: peculiaridades no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2001.

LEAL, Giuliana Franco Leal. **A noção de exclusão social em debate**: aplicabilidade e implicações para a intervenção prática. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu-MG, Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2004.

LEROY, Noêmia Maria Inês Pereira. **O gatopardismo na educação** – reformar para não mudar: “o caso de Minas Gerais”. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987, 168p.

LESBAUPIN, Ivo. **Poder local X exclusão social**: a experiência das prefeituras democráticas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1978.

LIMA, Jose AdilBlanco de; LEITE, Renato Lopes. **Das mentalidades à micro-história cultural**: a trajetória de Ginzburg. Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2008/2_sem_2008/resumos/jose_adil_blanco_lima.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2011.

LOPES, Adriano; VIEIRA, Bruna (PUC-Rio, 2006). Racismo no futebol. Disponível em: <www.dad.puc-rio.br/dad07/arquivos_downloads/49.pdf>. Acesso em: 21 maio 2012.

LOPES, Nei. **O racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

LOPES, José Rogério. “Exclusão social” e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. **Psicologia & Sociedade**, 18 (2): 13-24; mai./ago. 2006.

LOPES, José Sérgio. Futebol Mestiço: histórias de sucesso e contradições. **Revista Ciência Hoje**: vol. 24, n. 139, junho/98.

_____. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. In: **Revista USP – Dossiê Futebol**, n. 22, junho-julho de 1994.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 29. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

MALHEIROS, Maria Cristina de Meneses. Investigando uma proposta municipal do setor esportivo de atendimento às crianças e aos adolescentes da camada social empobrecida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu. Sociedade, ciência e ética: desafios para a educação física/ciências do esporte. **Anais...** Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MELO, Manoel Luis. **O futebol me fez um doutor no Brasil**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, 2013

_____. **Futebol: a arte de um nômade II** (autobiografia). Campina Grande: Gráfica Marccone, 2010.

_____. **A importância das escolinhas de futebol na formação do jovem atleta**. João Pessoa: UFPB, 2009.

MELO, Marcelo Paula de. **Esporte e juventude pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré**. Campinas: Autores Associados, 2005.

MEIRELLES, Mauro; INGRASSIA, Thiago. Perspectivas teóricas acerca do empoderamento de classe social. **Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire”**, ano 2, n. 2, agosto de 2006.

MINKLER, M. 1992. “**Community Organizing among the elderly poor in the United state**: A case Study. In: International Journal of Health Services, v. 22, 2: 303-316, Baywood Publishing Co., Inc.

MOREIRA, Janine et. al. Educação Popular em Saúde: a educação libertadora mediando a promoção da saúde e o empoderamento. **Contrapontos** – v. 7 – n. 3 – p. 507-521- Itajaí, set/dez 2007.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. Prefácio. In: CARONE, Iracy; BENTO, Aparecida Silva, (Orgs). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

_____. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs). **Educação e ações afirmativas**: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 2003.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, 2006 17(1), 89-98.

OAKLEY, Peter; CLAYTON, Andrew. **Monitoramento e avaliação do empoderamento**. Tradução de Zuleika Arashio e Ricardo Dias Sameshima. São Paulo: Instituto Polis, 2003.

OLIVEIRA, Altemir. A participação do atleta negro no esporte: das pistas de atletismo às pistas de Fórmula 1. **Revista Digital - Buenos Aires - Año 13**, n. 126 - *Noviembre* de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 18 fev. 2012.

PASE, Hemerson Luiz. Capital social e empoderamento. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil.

PAUGAM, Serge (Org.). **L'exclusion, etat des savoir**, Paris: Decouverte, 1996.

PERKINS, D. D.; ZIMMERMAN, M. A. Empowerment meets narrative: listening to stories and creatings. **American Journal of Community Psychology**. Oct. v. 23. n. 5. p. 765-94. 1995.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito. A visibilidade da violência e a violência da invisibilidade sobre o negro no Brasil. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya, (Org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010.

POCHMANN, Márcio. **Éramos uma jabuticabeira. Hoje somos um bonsai**. Disponível em: <<http://www.sasp.org.br/index.php/notas/82-entrevista-com-marcio-pochmann.html>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

POCHMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo (Orgs.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Atlas da exclusão social no Brasil**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2003.

PROENÇA, Carlos Sangreman. **A exclusão social em Cabo Verde**: uma abordagem preliminar. Lisboa: Associação para a Cooperação entre Povos (ACEP), Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, 2005. p. 1-73.

RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

RAPPAPORT, J. In praise of paradox: a social policy of empowerment over prevention. **American Journal of Community Psychology**, Fairhaven, v. 9, n. 1, p. 1- 21, Feb. 1981.

REZENDE, Fernando; TAFNER, Paulo. **Brasil: o estado de uma nação**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005.

RICHARDSON, Roberto Jerry Richardson. Marginalidade, pobreza e exclusão social: uma questão histórica. In: RICHARDSON, Roberto Jerry, (Org.). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: UFPB, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jerry Richardson et all. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RICHARDSON, Zilma Mria Ramos Jarry. Exclusão social: a pessoa com deficiência na luta por políticas públicas. In: RICHARDSON, Roberto Jerry Richardson. Marginalidade, pobreza e exclusão social: uma questão histórica. in: richardson, roberto jerry, (org.). **Exclusão, Inclusão e Diversidade**. João Pessoa: UFPB, 2009.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A situação do negro no futebol brasileiro: trabalho, desigualdade e vulnerabilidade social. **Akrópolis**, Umuarama, v. 15, n. 4, p. 179-189, out/dez. 2007.

RODRIGUES, Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editorial Nacional, 1938.

ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta. Introdução ao debate sobre empoderamento e combate à pobreza. In: ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta (Orgs.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

ROMANO, Jorge O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. In: ROMANO, Jorge O.; ANTUNES, Marta (Orgs.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

ROQUETE-PINTO. **Ensaio de Antropologia Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; Brasília, INL, 1978.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SANTA CATARINA – TRIBUNAL DE JUSTIÇA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei nº 8.069/90 atualizado com a Lei nº 12.010 de 2009. 3 ed. Florianópolis: Coordenadoria Estadual da Infância e da Juventude – CEIJ, 2012.

SANTIAGO, Sandra Alves da Silva. Exclusão e deficiência: primeiras aproximações teóricas. In: RICHARDSON, Roberto Jerry Richardson. Marginalidade, pobreza e exclusão social: uma questão histórica. In: RICHARDSON, Roberto Jerry, (Org.). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: UFPB, 2009.

SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima, (Orgs.). **Ações afirmativas:** políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SAWAIA, Bader. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, Bader, (Org.) **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHILLING, Voltaire. **MUNDO**. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/jacobinos5.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1780-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEM, G. Empowerment as na Approach to Poverty. In: **informe de desenvolvimento humano**. pnud, 1997. (documento base).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter, (Org.). **A escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SHEPPARD, Michael. Social work and social exclusion: the idea of practice. Aldershot: Ashgate, 2006.

SILVA, Eleonora Félix da. **E. P. Thompson e as Contribuições para a História Social e os Estudos sobre Escravidão**. Disponível em: <http://www.janduarte.com.br/textos/e_p_thompson.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2012.

SILVA, Lucas Vieira de Lima. **Torcedores e torcidas:** um estudo sociológico do futebol. João Pessoa: Sal da Terra, 2007.

_____. **Relações de sociabilidade entre torcedores do Ceará Sporting Club**. 2002. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2002.

SILVA, Alessandro Soares da; BARBOZA, Renato. **Diversidade sexual, gênero e exclusão social na produção da consciência política de travestis**. Athenea Digital – n. 8: 27-49 (outono 2005).

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto, (Orgs.). **Educação e ações afirmativas:** entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 2003.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; VOTRE, Sebastião Josué. Futebol, linguagem e mídia: as metáforas da discriminação no futebol brasileiro. 8º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, 2000, **Anais...** Lisboa: Gráfica 2000, 2000.

SILVER, Hilary. Políticas dos países europeus para promover a inclusão social. In:

BUVINIC, M.; MAZZA, J.; DEUTSCH, R. (Orgs.). **Inclusão social e desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SIMONATO, Ivete. Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 12 n. 1 p. 41-49 jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v12n1/06.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

SIMSOM et al. **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas: UNICAMP, 2001.

SOUSA, Ana Lúcia de. Homossexualismo: a exclusão através do preconceito. In: RICHARDSON, Roberto Jerry Richardson. Marginalidade, Pobreza e Exclusão Social: uma questão histórica. In: RICHARDSON, Roberto Jerry, (Org.). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: UFPB, 2009.

SPOSATI, Aldaíza. A fluidez da inclusão/exclusão social. **Cienc. Cult.** v. 58 n. 4. São Paulo Oct./Dec. 2006.

_____. **Mapa de exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo**. São Paulo: PUC-SP, 1996, 128p.

STROMQUIST, N. La búsqueda Del empoderamiento: em qué puede contribuir el campo de la educación. In: LEON, M., (Org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá, MT Editores, 1997.

TEIXEIRA, Mirna Barros. **Empoderamento de idosos em grupos de promoção da saúde**. 2002. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Fiocruz, ENSP, Rio de Janeiro, 2002.

THEODORO, Mário et al. **As políticas públicas e a desigualdade racial no brasil 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

THEODORO, Mário. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. In: THEODORO, Mário et al. **As políticas públicas e a desigualdade racial no brasil 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

THOMPSON, E. P. **A Formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade** (Tradução: Denise Bottmann). 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento em seu sentido transformador**. Instituto Paulo Freire, 2005.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. Teoria e Pesquisa 42 e 43, janeiro - julho de 2003.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado; AQUINO, Mirian de Albuquerque. **A construção de identidade afrobrasileira em histórias de vida, lutas e resistências**. SAEculum - REVISTA DE HISTÓRIA [21]; João Pessoa, jul./ dez. 2009.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. **A construção da identidade afrobrasileira nos espaços das Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano**. 2009. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2009.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader, (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

WALLERSTEIN, N.; BERNSTEIN, E. **Introducion to community empowerment, participacion, educacion, end health**. Health Educacion Quartely: Speical Issue, 1994.

WIXEY, Sarah et al., Measuring Accessibility as Experienced by Different Socially Disadvantaged Groups, funded by the EPSRC FIT Programme — Transport Studies Group — Universidade de Westminster, 2005.

ZIMMERMAN, M. A. Taking aim on empowerment research: on the distincion between individual and psychological conceptions. **American Journal of Community Psychology**. 18. 169-177, 1990.

ANEXOS

ANEXO A – FOTOS DE ATLETAS QUE PASSARAM PELO PACF

**Marcelinho**

Hertha BSC Berlin
Seleção Brasileira

**Fábio Bilica**

Venezia (Itália)
Seleção Brasileira

**Léo Oliveira**

Paços Ferreira (Portugal)

**Gláuber Gomes**

Boa Vista F. C. (Portugal)

**Hulk**

Portugal

**Fumaça**

Associação Esportiva
Catuense (Bahia)



André Luiz

Mogi-Mirim
São Paulo



Cafú

Tiradentes F.C.
Santa Catarina



Luciano Chimbel

Cingapura



Thony

S.E. Palmeiras e
Suiça



Marccone

E.C. Bahia



Wallace

E.C. Bahia



Selmir
Figueirense F.C.
Santa Catarina



Fredson
S. E. Palmeiras - SP



Marco Antonio
Treze F.C.
Paraíba



Rony
S. E. Palmeiras - SP



Sandro
Santa Cruz F. C. - PE



Zé Carlos
Ceará Sporting - CE



Pablo
S. E. Palmeiras



Casagrande
Internacional - RS



Helinho
Botafogo F. C.
Paraíba



Ígor
Serrano - PB



Batista
Treze F. C.
Paraíba



Paulinho Paraíba
Treze F. C.
Paraíba



Joab
São Paulo-SP



Gílson
Serrano - PB



Márcio Reis
Unibol - PE



Rômulo
Campinense - PB



Camile
Alecrim F. C. - Rn



Orlando Peçanha
S. E. Palmeiras - SP



Julio César

S.E. Palmeiras
São Paulo



Clodoaldo

Treze F.C.
Paraíba



Márcio Reis

Treze F.C.
Paraíba



Belezinha

Campinense Clube
Paraíba



Deléon

Nacional F.C.
Patos



Thony

América F.C.
Minas Gerais

**Jeová**

C. Náutico Capibaribe
Pernambuco

**Gilmazinho**

Sport Club do Recife
Seleção Brasileira - 17

**Binho**

S. E. Palmeiras - SP

**Alex**

S. E. Palmeiras - SP

**Isaias**

Mogi-Mirim
São Paulo

**Ziquinho**

CRB
Alagoas



Dó
Mogi-Mirim



Ivanildo
"Pelé"
Socremo-PB



Airton
Treze F.C.
Paraíba



Claélson
Treze F.C.
Paraíba



Rosildo
Treze F.C.
Paraíba



Lima
Treze F.C.
Paraíba

ANEXO B – SUJEITO EMPODERADO DO PACF ANTES DO EMPODERAMENTO



ANEXO C – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF



ANEXO D – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF



ANEXO E – SUJEITO EMPODERADO VISITANDO O PACF



ANEXO F – SUJEITO EMPODERADO DO PACF ANTES DO EMPODERAMENTO



ANEXO G – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF



ANEXO H – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF



ANEXO I – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF ATUANDO NA SELEÇÃO
BRASILEIRA



ANEXO J – SUJEITO EMPODERADO FORMADO NO PACF ATUANDO NA
SELEÇÃO BRASILEIRA, NA FINAL DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES 2013



ANEXO L – PROJETO DO PACF

PROJETO ATLETA CIDADÃO DO FUTURO



2008

“TIRAR O MENOR DA RUA E
ATRAVÉS DO ESPORTE
TORNÁ-LO CIDADÃO”

APRESENTAÇÃO

ESPORTE TRAZ ESPERANÇA

AS CRIANÇAS POBRES

Milhares de crianças carentes estão começando a virar o placar de um jogo em que nasceram perdendo de goleada para adversários como a pobreza, analfabeta e falta de perspectiva. Elas fazem parte de diversos programas sociais, espalhados pelo país a fora, e que têm no esporte um meio de atraí-las para as salas de aulas, reduzindo os alarmantes índices de evasão escolar e repetência escolar. Ou, simplesmente, oferecem oportunidades para que a meninada, através de suas habilidades esportivas, tenha uma ascensão social até então inimaginável.

São os casos dos projetos tipo escolinhas. Capitaneadas muitas vezes por craques dos campos e das quadras, elas dão assistência médica e complementação alimentar, e têm como objetivo principal revelar talentos e oferecer o esporte como uma forma de lazer, tirando crianças e adolescentes das ruas.

ÍNDICE

1. TÍTULO
2. APRESENTAÇÃO
3. METAS
4. OBJETIVOS
5. RECURSOS MATERIAIS
6. RECURSOS
7. RECURSOS FINANCEIROS
8. MATRÍCULA
9. CONCLUSÃO
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

METAS

- A META principal não é só esportiva, mas também social; pois procuramos tirar as crianças das ruas, ajudando, portanto, na formação cultural e social das mesmas.
- Conhecendo as inúmeras dificuldades que passa o atleta profissional futebol ao encerrar sua espinhosa e curta carreira futebolística, principalmente no processo de readaptação ao novo mercado de trabalho, por não ter definido anteriormente uma nova atividade profissional.
- A implantação deste projeto vai beneficiar centenas de crianças e adolescentes carentes, na faixa etária de 08 a 17 anos, além de contribuir para o emprego de ex-atletas, como instrutores de futebol, responsáveis pela formação cultural e social das crianças, podendo num futuro bem próximo, o mencionado projeto se estender por toda PARAÍBA.

RECURSOS MATERIAIS

a) Material esportivo

- 10 bolas de futebol oficial
- 20 bolas de borracha (para aulas de fundamento)
- 10 cordas elásticas
- 20 cones plásticos
- 02 bombas para encher bolas
- 01 quadro verde
- 02 pares de redes
- sacos para guardar material esportivo
- 100 coletes para aulas semanais
- 02 jogos de camisas para jogos
- 02 jogos de calções para jogos
- 02 meções para jogos.

b) Medicamentos para primeiros socorros

- Gases
- Algodão
- Iodo
- Bolsa térmica
- Éter
- Pomadas
- Esparadrapos
- Riforcina spray
- 01 bolsa de massagem (guardar medicamentos)

c) Campos de futebol

MATRÍCULA

1. As matrículas das crianças serão realizadas nos núcleos do Projeto Atleta Cidadão do Futuro.
2. A criança terá que vir acompanhada dos pais ou responsáveis pela mesma.
3. Deverão trazer 02 fotos e a fotocópia do Registro de Nascimento.
4. Documento do Colégio em que se encontra estudando.
5. Caso não esteja estudando, nós iremos juntamente com os nossos patrocinadores, providenciar a matrculo do aluno.

FICHA INDIVIDUAL

Nome completo: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Sexo M () F () Naturalidade _____

Filiação: _____ e _____

Endereço: _____ nº ____ bairro: _____

Cidade: _____ Estado: _____ Fone: _____

Profissão do Pai _____ Fone/Trabalho: _____

Profissão da Mãe _____ Fone/Trabalho: _____

Local de trabalho (Mãe) _____

Escola onde estuda: _____

Série: ____

_____ Turno: _____ Ano estudantil: _____

Assinatura do Responsável

CONCLUSÃO

Todos nós sabemos da importância do futebol no desenvolvimento físico mental e social da criança e do adolescente, e sua influência no seu processo de formação de identidade.

O processo de formação da identidade pode ser caracterizado como um processo de reconhecimento e visão pessoal que se modifica em função das novas experiências vivenciadas pela pessoa. É, portanto, um processo dinâmico par o qual contribuem especialmente as atividades de relacionamento humano.

A criança após os 06 (seis) anos vivencia um conflito entre a realização e a inferioridade. Nesta fase a criança começa a deixara fantasia e procura engajar-se em tarefas reais.

Baseado nisso, os professores e educadores devem ter o cuidado de não exigir das crianças tarefas e desempenhos acima de suas possibilidades. Fatos que promoveria sentimentos de fracasso e inferioridade. Este problema deve, contudo, ser equacionado pelo professor de Educação Física (instrutor) que deve conhecer através da observação e experiência, as reais condições físicas do aluno, para a partir daí, estabelecer os limites individuais em qualquer atividade a que o aluno seja submetido. Desta forma, estará o educador favorecendo o sentimento de sucesso da criança, com resultados positivos para sua auto-estima.

Manoel Luis MeIo
Professor Adjunto III - UFPB

INTRODUÇÃO

O SAFEPB, atendendo à crescente demanda por atividades de desportivas e de lazer, destinadas ao público infanto-juvenil, residentes em comunidades carentes de baixa renda, criou neste ano as atividades do Projeto Atleta Cidadão do Futuro, onde crianças e jovens praticam atividades esportivas.

Além das aulas de futebol de campo, os alunos inscritos participam de atividades culturais e de integração social. Dispõem também, de atendimento médico e odontológico.

Este projeto materializa a importância dada pelo SAFEPB ao atendimento integral das crianças e jovens para melhor desempenharem suas responsabilidades de cidadão.

Outro aspecto importante do Projeto Atleta Cidadão do Futuro é sua abertura em realizar parcerias com órgãos estaduais e federais, como também, com organizações não-governamentais, como forma de ampliar o número de atendimentos, sua qualidade e, assim, atenuar esta demanda desportiva.

OBJETIVO GERAL

Oferecer a oportunidade para que crianças e adolescentes participem de atividades esportivas, culturais e de saúde, que melhorem sua qualidade de vida e das comunidades onde residam.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Implantar núcleos de atividades esportivas em áreas públicas, privadas etc.;
- Proporcionar, aos alunos participantes do projeto, atividades esportivas, culturais e atendimento médico-odontológico;
- Promover parcerias com órgãos públicos e privados, visando atender maior número de beneficiários e favorecer a proposta de sustentabilidade do projeto.

Beneficiários

Serão beneficiados pelo Projeto Atleta Cidadão do Futuro, crianças e jovens na faixa etária entre 10 a 18 anos do sexo masculino.

Desenvolvimento

Os núcleos funcionarão em dois turnos:

Manhã: 08:00 às 10:30h Tarde: 14:30 às 16:30h

Durante 03 dias na semana: segunda, quarta e sexta-feira. OBS: Aos sábados pela manhã torneios de futebol.

Matrícula

O processo de matrícula será realizado no próprio núcleo sob a responsabilidade do instrutor ou auxiliar. Em ficha própria, serão apurados os dados básicos de cada aluno: nome, idade, endereço, nome dos pais, escola onde estuda,

horário e série, entre outros. Além disso, esta ficha incluirá a autorização expressa dos pais ou responsáveis para a participação deste aluno nas atividades e um campo com anotações sobre o atestado médico.

Locais

o projeto está implantado nos seguintes bairros: São José (C. Ewerton), Malvinas (C. do Guarany), Monte Castelo (Creche), Monte Santo(CSU) e Liberdade (C. do Paulistano).

Projetamos para o 2º semestre a implantação de 5 novos núcleos.

As turmas terão o número máximo de alunos definido de acordo com o melhor andamento na modalidade de futebol de campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Sebastião. O futebol e seus fundamentos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1976.

CARLESSO, Raul Alberto. Manual de Treinamento do Goleiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Palestras Edições. 1981.

FEDERATION INTERNATIONALE DE FOOT-BALL ASSOCIATION. Regras de Futebol- Guia Universal para Árbitros. Rio de Janeiro: Denemil Artes Gráficas, 1983.

TEIXEIRA, Hudson Ventura. Educação Física e Desportos. 1ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1995.

MELO, Manoel Luis. Aprenda a Jogar Futebol. 1ª ed. Porto Velho, Palmares: Gráfica Editora, 1998.

MELO, Manoel Luis. Futebol Também se Aprende na Escola. 1ª ed. Editora UFPB, 2004.

APÊNDICES

APÊDICE A – SUJEITOS DO PACF EM PROCESSO DE EMPODERAMENTO



APÊDICE B – UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR
EM DIA DE ENTREVISTA



APÊDICE C – UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR
EM DIA DE ENTREVISTA



APÊDICE D – UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR
EM DIA DE ENTREVISTA



APÊDICE E – PAI DE UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O
PESQUISADOR EM DIA DE entrevista



APÊDICE F – UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O PESQUISADOR
EM DIA DE ENTREVISTA



APÊDICE G – MÃE DE UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O
PESQUISADOR EM DIA DE ENTREVISTA



APÊDICE H – PAI DE UM DOS SUJEITOS EMPODERADOS DO PACF E O
PESQUISADOR EM DIA DE ENTREVISTA



APÊDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre Empoderamento de Afro-brasileiros no Futebol como espaço de Inclusão social na Cidade de Campina Grande-PB, e está sendo desenvolvida por Lucas Vieira de Lima Silva, aluno do Curso de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Wilson Honorato Aragão.

O objetivo principal do estudo é o de analisar o empoderamento de afro-brasileiros no futebol: o Projeto Atleta Cidadão do Futuro como espaço de inclusão social.

A finalidade deste trabalho é contribuir para uma reflexão sobre a desfavorável realidade vivenciada por crianças e adolescentes afro-brasileiros pobres da periferia de nossa sociedade, os quais buscam o futebol como saída para a superação da pobreza e da exclusão social.

Acreditamos que esta pesquisa contribuirá para que os afro-brasileiros diretamente envolvidos no mundo do futebol, sobretudo os atletas, possam refletir sobre sua realidade social, econômica e étnico-racial neste espaço esportivo.

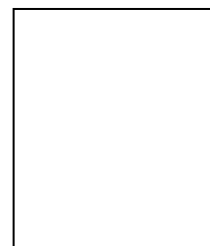
Solicitamos a sua colaboração para responder o questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e posterior publicação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não preservará sua identidade.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) através do número (83) 87805780

Endereço (Setor de Trabalho): Cidade Universitária s/n – Campus I, João Pessoa.
Telefone: (83) 31167150

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE J – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**QUESTIONÁRIO Nº _____ Data: ____/ ____/ 2012**

- 1 Bairro onde mora: _____
- 2 Idade: _____ anos
- 3 Sexo: Masculino (☐) Feminino (☐)
- 4 Cor da pele: branca (☐) parda (☐) negra (☐)
- 5 Cidade/Estado onde nasceu: _____
- 6 Ocupação atual: _____
- 7 Ocupação anterior: _____
- 8 Tipo de domicílio: casa própria (☐) casa alugada (☐)
- 9 Grau de escolaridade: sem escolaridade (☐) ensino fundamental incompleto (☐)
 ensino fundamental completo (☐) ensino médio incompleto (☐) ensino médio completo (☐)
 ensino superior incompleto (☐) ensino superior completo (☐) pós-graduação (☐)
- 10 Renda pessoal: _____ reais; e renda familiar: _____ reais
- 11 Situação conjugal: solteiro (☐) casado (☐) separado (☐) viúvo (☐)
- 12 Número de filhos: _____
- 13 Mora com quantas pessoas: _____
- 14 Há quanto tempo participa do projeto como atleta? _____
- 15 Gosta do ambiente de treino e das atividades realizadas?
 Não (☐) Razoável (☐) Sim (☐)
- 16 Para você o futebol é espaço de:
 aprendizagem (☐) educação (☐) formação (☐) desenvolvimento (☐) cidadania (☐) comunicação
 (☐) fazer amizade (☐) troca de experiência (☐) sonhos (☐) superação (☐) reconhecimento
 social (☐) status social (☐) cooperação (☐) coletividade (☐) possibilidades (☐) melhorar de
 vida (☐) superação (☐) conflito (☐) discriminação (☐) preconceito (☐) exclusão (☐)
- 17 Na sua opinião, o futebol é um espaço de inclusão social? Não (☐) Sim (☐)

APÊDICE L – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS SUJEITOS EM PROCESSO DE EMPODERAMENTO

Roteiro de entrevistas para os sujeitos do PACF

- 1 Seus pais trabalham em que?
- 2 Fale sobre sua origem familiar.
- 3 Como começou seu interesse pelo futebol? Qual foi o ponto de partida?
- 4 Quando e onde começou a jogar quando criança?
- 5 Há quanto tempo você está fazendo parte deste projeto?
- 6 Como você chegou até este projeto?
- 7 O que você ouviu ou já ouviu falar sobre este projeto por aí fora?
- 8 Você durante a infância era levado por alguém para ir jogar futebol ou ia só?
- 9 Como foi o início do futebol em sua vida? Você tem algum ídolo que lhe inspira a querer ser jogador profissional? Quem? Por que?
- 10 Você acredita que o futebol pode ser um projeto de vida? Em algum momento de sua vida você pensou em desistir do sonho de ser jogador de futebol?
- 11 Qual o seu grau de escolaridade? Se parou, voltou a estudar? Se você parou de estudar, em que momento você parou e por qual motivo?
- 12 Você já fez cursos promovidos pelo projeto? Qual ou quais?
- 13 Na sua opinião, o que o PACF lhe trouxe de bom ou interessante até agora para a sua vida?
- 14 Em algum momento de sua vida já se sentiu discriminado ou excluído por algum motivo, por exemplo, por causa da cor, nível de escolaridade, classe social?
- 15 Um dia, quem sabe, se o futebol lhe trouxer dinheiro e/ou fama, o que você pretende fazer que julgue importante no campo pessoal, familiar e social?
- 16 Neste momento, quais seus planos?
- 17 Na sua opinião, o que pode ser feito pelo PACF e quem pode fazer por ele?

APÊDICE M – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS ATLETAS EMPODERADOS

Roteiro de entrevistas para os sujeitos empoderados

- 1 Seus pais trabalhavam em que?
- 2 Fale sobre sua origem familiar.
- 3 Como começou seu interesse pelo futebol? qual foi o ponto de partida?
- 4 Se começou a jogar quando criança, qual o local onde jogava?
- 5 Você era levado por alguém para jogar futebol ou ia só?
- 6 Como foi o início do futebol em sua vida?
- 7 A partir de qual momento ou data o futebol passou a fazer parte de um projeto de vida?
- 8 Em algum momento de sua vida você pensou em desistir do futebol? por que?
- 9 Qual seu grau de escolaridade? se parou, voltou a estudar? se você parou de estudar, em que momento você parou e por qual motivo? hoje seria possível conciliar estudos e futebol profissional? por que?
- 10 O futebol, além da fama, oportunizou para você aprendizagem? essa aprendizagem foi capaz de preencher a ausência da escola como espaço de formação educacional?
- 11 A partir do futebol você ganhou notoriedade, ficou conhecido... você acredita que estas conquistas lhes trouxe respeito? em que sentido?
- 12 Mesmo com a conquista da fama e do dinheiro, você se sentiu em algum momento discriminado ou excluído por algum motivo? qual? (cor da pele, nível de escolaridade, nacionalidade, etc.)
- 13 Como dinheiro e ou a fama conquistada, o que você pode fazer que julgue importante? (pessoal, familiar e social)
- 14 Você mantém os mesmos vínculos de amizades do passado? eles se estreitaram ou houve um afastamento em função da fama ou a distância própria da profissão?
- 15 Quando você encerrar sua carreira de jogador, quais são seus planos?

APÊNDICE N – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DOS SUJEITOS EM PROCESSO DE EMPODERAMENTO

1 OS ATLETAS, AO SEREM PERGUNTADOS SOBRE EM QUE SEUS PAIS TRABALHAM, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

A minha mãe trabalha de doméstica, em casa, né, e mô pai não, mô pai não, mô pai eu num sei onde vive não. Desde um ano que eu num conheço meu pai. Num tem... num tem nem... nem sei onde ele tá nesse momento. Moro cá minha vó. Eu, minha vó e só minha tia... cuida dela um pouquinho.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Minha mãe trabalha na Termelética, meu pai trabalha na Coca-Cola.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Meu pai trabalha de predero e minha mãe trabalha em casa mermo.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Revenda de roupa. Tipo... compra em Santa Cruz e revende aqui na, nessa cidade, Campina. É assim, minha mãe, minha mãe, é, é a loja dela, uma lojinha pequenininha, quadradinho lá. E o meu pai, eu num tenho mais pai não que ele faleceu... aí tem meu padrasto que é mermo que ser meu pai, né, aí eu considero.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Meu pai trabalha na área de engenharia e minha mãe é dona de casa.

- Entrevistador: ele trabalha em que nessa área de engenharia?

- Atleta LP: é... engenharia civil.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

O meu pai é mestre de obras e minha mãe trabalhava pele pref... trabalhava pela prefeitura, mas a gora ela saiu, causa minha v... minha vó morreu, aí ela pegou um trauma disso aí, aí ela tá só em casa, tá só em casa até hoje.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Minha mãe é empregada doméstica, trabalha numa, numa lanchonete aqui perto, ali no, no Monte Santo e o meu pai, atualmente ele tá desempregado. O meu pai desempregado e o meu padrasto, ele tá desempregado, também.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Meu pai é eletricitista e minha mãe é cabeleleira.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Meu pai é caminhoneiro e minha mãe é comerciante.

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Minha mãe é comerci... comerciante e meu pai trabalha com obras, ele é mestre de obras.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Minha mãe trabalha num condomínio... em João Pessoa.

- Entrevistador: e seu pai?

- Atleta AS: meu pai num trabalha, não.

2 AO SEREM INDAGADOS SOBRE A ORIGEM FAMILIAR, RESPONDERAM**1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)**

Eu venho do... do bairro Tamandaré, né, do bairro, bairro José Pinheiro, quero dizer, Tamandaré eu moro. E lá na minha casa o custo de vida é que eu tenho uma carroça, né... tomo de conta vez em quando lá da minha vó que ela é adoentada como eu rá falei já uma vêi. O sábado eu rôu pa fera... final de semana assim... vê se eu consigo um dinheiro, pego um frete aí com um amigo meu aí... e daí vai, né, pa botar ajuda dento de casa.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Eu moro na Vila Serra Cavalcante. É... moro com meus pais. Eles têm... a rente somos cinco, somos cinco pessoas numa casa... eu trabalho e jogo, jogo bola. É... todos... meu trabalho é

ajudar minha família. Tá... ah! Ajudar minha mãe, ajudar ela... as coisa dento de casa e... um projeto de família. Sou da periferia, do bairro do Tambor, conhecido como Catolé, tem cat... é... tem Catolé também, é... tem o nome Catolé.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Eu nasci no Doutor Edigleis, no Zé Pinheiro, bairro Zé Pinheiro... nunca saí de lá não, sempre morei lá... até hoje tô lá, dezenove anos já... moro no Zé Pinheiro.

- Entrevistador: e a condição social da família, como é?

- Atleta CA: num é muito ruim não e também não é muito boa não. Razoave.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Minha origem vem... a renda é, num é tão essas coisa, é um salário normal, dá, dá pra se manter. E (silêncio)... moro no bairro de Santa Rosa, ali perto do, do Meninão, mais especificamente... só, assim, as condições é... normal como de todo... um salário, um salário, por, por mês, normal.

- Entrevistador: Como é o local onde você mora, as condições de moradia, sua e da vizinhança?

- Atleta: não, é, é tranquilo, assim, num tem, num tem muita... assim, comé que eu digo, num tem muita é lazer. A única coisa de lazer que tem lá é, é os campo de futebol, que tem campo com força lá. É a única... num tem assim, tipo um shopping perto, alguma coisa assim que a população de perto chegue lá, não. É, é, é humilde lá onde eu moro.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu vim do bairro Vila Cabral, próximo aqui ao Shopping Boulevard, e lá as condições são precárias porque é um bairro pobre e muitas crianças querem ter uma oportunidade dessa e nunca tem. Muitas delas vão pra o mundo das drogas e acabam se... se prejudicando futuramente. (C4).

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Bom! Meu bairro é tranquilo, né, foi a antiga Cachoeira, é um canto muito violento, era, aí agora eu saiu, foi pa ôto bairro, bairro da Glória, agora ficou muito... bom pra gente lá. Sim, assim, minha vida... vale mais alguma dificuldade, tem casa, né! Meu pai e minha mãe. Não, não, nenhuma família... assim... a gente é assim, né, fazer o que? Meu pai as vezes tem uma

necessidade, mas também tem pra dar o que a gente precisa e, pra mim, o que a gente precisa é comer e educação mermo... pra mim.

Entrevistador: você está com quantos anos hoje?

Atleta TS: hoje eu tô com dezesseis anos, foi agora em novembro.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu sou natural aqui de Campina mermo, mas, logo pequeno, minha mãe se separou do meu pai, eu era novinho ainda, aí eu fui morar in... numa cidade Puxinanã, que fica pra lá, pra aquele lado ali... aí, grande parte da minha infância eu passei por lá. Eu nasci, eu nasci aqui, mas me criei com, com minha mãe e meus avós lá... nessa cidade, Puxinanã, e, atualmente, eu tô morando em Queimadas.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Nasci no Zé Pinheiro, tenho dezessete anos, moro com quatro pessoas na minha casa e esse é meu ponto de vista.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

É, eu moro ali no Zé... Zé Pinheiro, próximo ao Plínio Lemos, moro com quatro pessoas em casa... e é boa a renda de...

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Sei. Bom! Eu moro na Vila Cabral. Moro com minha família, meus irmão... a casa são cinco pessoas... comigo e nasci lá, até hoje tô lá... vim de lá, mesmo.

- Entrevistador: como é a condição financeira da família?

- Atleta AN: a condição financeira é boa... num tenho o que reclamar... normal...

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu moro cá minha vó, meu irmão, meu primo e minha tia... e eu nas... sou da, daqui de Campina Grande, mermo.

Entrevistador: mora em que bairro?

Atleta AS: José Pinheiro.

3 AO SEREM PERGUNTADOS SOBRE COMO PASSARAM A SE INTERESSAR PELO FUTEBOL, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM

O ponto de partida foi através de um amigo. Carlinho, né, tá aqui também, chamou eu pa vim treinar na escolinha de Luizim.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Foi o professor Luizinho Bola Cheia... a gente jogou um campeonato, eu joguei contra o time dele, ele me chamou e chegou pra mim... me fez o convite pra jogar aqui na escolinha dele há seis anos atrás e hoje eu to aqui na escolinha dele... atrás de um objetivo que é ser um jogador de futebol.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Pelo meu pai. Ele também foi jogador aí ele me levava direto pos campo de pelada e gosto de bola por causa disso.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Foi... de início, eu, eu já era criança, isso já vem de berço, porque os meus pais jogavam, antes dele ser, antes dele... acontecer o que aconteceu com ele já, ele jogava também. Então, eu acho que isso é de, do sangue já, jogar bola (risos).

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu vejo meus amigo indo... todo dia ir pro campo jogar bola... aí eu me interessei. Se... toda vida eu gostei de jogar bola. Desde criancinha eu vivia com uma bola em casa, chutando... quebrando os vidros.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Bom! Passou na televisão a entrevista com o professor Luizinho Bola Cheia, aí me dediquei, pedi a meu pai pa me matricular na escolinha, precisava dos documento, duas foto, aí eu fui tirar minha foto com ele, né, muito compreensivo, aí ele me levou lá na escolinha, aí eu fiquei indo. Era muito longe a escolinha, eu ia de pés, me rouba... me roubava ali perto do Açude

Véi os menino quando eu passava... eu vinha sozinho, tinha três, quato de bicicleta, aí me roubava, mai... pela luta, né, fazer o que, a gente era assim mermo.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Ah! Era desde de, de, de pequeno mesmo, cinco anos de idade, eu assistia televisão aí eu achava bonito o jogo que passava na televisão, aí, dali eu comecei a me interessa, eu fui buscar o que era, as regra, como é que se, se baseia... aí, até hoje eu gostei, to na luta aí.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Começou através do meu tio, é... um espelho pra mim... ele ia jogar nos campos de futebol e me levava... e daí eu senti no meu coração decidi essa carreira e hoje eu tô aqui.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Vendo meus amigos jogando... aí eu me interessei pra jogar e, aí, jogo até hoje.

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

O ponto de partida foi... vendo meus amigos jogando na rua, nos campo aí... e aí eu me interessei pra vim e até hoje to jogando fu... tô jogando bola, jogando futebol.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Quando “Macaquinho” aqui formou um time

- Entrevistador: quem é Macaquinho?

Atleta: é o irmão de Deca, de Birilo... de Francisquim...

4 PERGUNTADOS QUANDO E ONDE COMEÇOU A JOGAR FUTEBOL, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Foi na escolinha de, de Francisquim, comecei jogar bola, oito anos.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Comecei a jogar futebol na Academia Maxi quando tinha dez anos, parei num canto assim, igual a um campo igual a esse aqui, fiquei olhando os cara jogar... fiquei interessado jogar

bola e não sabia que eu era goleiro aí o treinador Edson Marques me fez um convite também pra mim: quer trei...me chamou pra treinar, eu aceitei o convite dele. Aí comecei... a olhar assim... os caras jogando, depois me interessei no futebol também.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Acho que uns três anos já, no meio de rua já, brincava de bola... só, lá no Zé Pinheiro mermo, no meio da rua.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Eu comecei no Meninão, através dos meus tio, me levaram pra lá, fizeram minha matricula, eu tinha uns oito ano, e eu nem sabia chutar bola, chutava de bico. E fui jogando futsal, e se tornei o melhor do Meninão. Na minha casa tem um bocado de medalha, trofeuzinho que eu ganhava lá, e até fui desenvolvendo, desenvolvendo, mas até hoje num tive tanta sorte assim.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

No, no, num campinho de terra, no meu bairro.

- Entrevistador: quando, a partir de que ano de idade?

- Atleta LP: a partir de cinco anos de idade.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Quando... faz... eu comecei a jogar com, com... dois mil e dez, por aí. E... aonde, foi lá no campo do Everton, na estação velha.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu comecei com, com cinco anos em Puxinanã, numa escolinha lá, que tinha lá dum rapaz... logo, logo novo, assim, cinco anos, seis anos... aí eu entrei na, na escolinha, comecei a jogar, aí parava um ano, aí depois voltava o ano, aí parava de, de treinar um ano, aí voltava de novo, aí sempre ficava nesse plano assim.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Rapaz, comecei aqui na escolinha de Luizinho Bola Cheia, com dez anos, joguei aqui três anos e estou aqui, voltando hoje, recentemente a uma semana, para continuar nossos trabalhos.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

É... dez ano, lá no... deixa eu vê se eu me lembro aqui... Plínio Lemos, foi.

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Comecei a jogar no bairro, mermo. Depois fui pa escolinha lá no Fortaleza... já joguei... Campinense, Treze, mas, agora tô aqui em Luizinho, mermo. Vi que num tinha oportunidade lá, vim pra cá, pra Luizinho.

- Entrevistador: você jogou nas categorias de base desses times?

- Atleta: Joguei! Joguei! Joguei no Treze, Fortaleza, Campinense, São Caetano... vi que num tinha muita oportunidade e... a... hoje tô aqui em Luizinho.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

No municipal. Hoje é o Prim Lemos.

- Entrevistador: com quantos anos?

- Atleta AS: com dez... onze... anos.

5 QUANDO PERGUNTADOS HÁ QUANTO TEMPO ESTÃO FAZENDO PARTE DO PROJETO ATLETA CIDADÃO DO FUTURO, RESPONDERAM:

1ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Quanto tempo que eu tô aqui já fai um, rá fai uns dois ano, mai que eu jogo mesmo aqui, que vez em quando eu venho faltando, é um ano e uns três mês.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

O projeto de Luizinho Bola Cheia já faz seis a oito ano que eu tô no projeto de Luizinho Bola Cheia.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Quato ano... acho que é quato ano e trêr mês já, quato ano e trêr mês.

- Entrevistador: através deste projeto você tem participado de campeonato, de torneios?

- Atleta CA: participei, participei, só de um só, um campeonato.

- Entrevistador: tem sido bom, proveitoso, de aprendizado?

- Atleta CA: muito! Muito! Só um mesmo.

- Entrevistador:

- Atleta CA: A gente sabe que o Projeto Atleta Cidadão do Futuro oferece cursos. Você já fez alguns desses cursos?

- Atleta CA: Não! Ele pediu pa fazer eu num quis não porque eu disse vou fazer um curso de petróleo e gás, já, aí, por isso, que eu não quis fazer esse curso que ele me pediu.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

É, já faz mais ou menos um ano, um ano mais ou menos, por que eu já, já tive no, na, na categoria de base do Treze, já fiz teste no Campinense, já si... joguei a segunda divisão do paraibano aqui pelo Grêmio Serrano... só que nunca, assim...

- Entrevistador: então você já se profissionalizou?

- Atleta AD: não, ainda não. Só, só como amador mermo fui inscrito no campeonato.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Há uns dois anos.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Pronto! Vai fazer quato ano agora, esse ano que, que vai vim agora, que eu me lembro vai fazer quato ano.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Faz... na, na, na faixa etária de uns três a quatro mês, já... por aí.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Três anos e agora uma semana... passei algum tempo fora, dando umas viajadas, mas hoje eu estou aqui para continuar com os nossos trabalhos.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Três anos. Daqui de Luizinho é três anos.

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Há... quato ano eu tô aqui em Luizinho.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Do, de Luizim... três anos.

6 AO SEREM PERGUNTADOS SOBRE COMO CHEGARAM A TOMAR CONHECIMENTO DESTE PROJETO E COMO CHEGARAM ATÉ ELE, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Através de Carlinhos.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Foi um campeonato que eu participei... é... o Campeonato Paraíbano sub dezesseis... é que eu contra o time de Luizinho Bola Cheia ele fez esse convite a mim eu vim pra qui pro time dele. Saí, tinha uma advertência aí assim... era... tava... é porque fui lá pó... pa rua... aí ele foi lá pra minha casa e me chamou também porque eu tava envolvido com drogas, esses negócios, ele me... fez um convite a mim pra mim voltar a jogar futebol, abri... é... um curso, uma proposta de curso pra mim também, eu fiz o curso... daí foi interessante eu des... desde esse tempo eu não saí mais do... da escolinha do Luizinho Bola Cheia, não.

- Entrevistador: o curso foi de que?

- Atleta: informática.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Uns amigo meu, fai tempo já. Foi o tempo de... quato ano e um quebrado já que quando eu vim pra qui eles me chamaram, eu peguei vim, desde de... fai tempo que só já, visse!

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Eu conheci através de, de Hérmani. Fazia algum tempo que ele treinava aqui, a gente jogava no Sport Campina, aí, de lá, ele me mostrou o que aqui... oferecia curso, oferecia... tinha esse projeto aqui de Luizim, ele já treinava há bastante tempo, como eu era amigo dele, ele me trouxe e, Graças a Deus, tá dando certo.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Foi através dos meus amigos que jogavam, que já participavam aqui e me convidaram pra vim participar desse projeto.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Comé que eu cheguei até aqui? Meu pai viu na televisão, eu tava assistindo, aí eu pedi, ele não queria, mai eu pedi, aí... pronto, já que você quer, você quer que seu futuro seja esse... aí me botou. Aí eu est... tô estudando também, aí eu fui pra esse projeto, e tô até hoje, graças a Deus... com muita fé.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Foi através da minha tia, que ela também tem um projeto nessa cidade, em Puxinanã, aí ela marcou um amistoso contra o time de Luizinho, aí eu joguei pelo time dela aqui nesse campo aqui. Aí ele gostou do, do, do meu futebol, eu joguei bem nesse dia, aí ele me convocou pra mim vim pra cá, pra mim ficar treinando com ele.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Tomei conhecimento através de meu tio. Jogou aqui na escolinha... e, também, porque o professor Luizinho sempre dá a mão aqui aos jogadores... e conheci ele, e ele me deu a mão e hoje eu estou aqui pra ajudar ele e ele me ajudar.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

De meus amigo, me chamaram pa vim treinar, disse que aqui era muito, aí eu resolvi vim.

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

É... a partir dos meus amigos. Os menino lá da rua já tritava com ele desde pequeno, também... me chamaram e eu vim também. Hoje eu já chamo outos menino pra vim treinar aqui... e a gente tá aí com ele.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Um... eu já joguei contra ele, já... aí os menino vieram jogar, meus amigo vieram jogar aí me chamaram aqui, aí eu vim pa nesse time.

7 QUANDO INDAGADOS SOBRE O QUE JÁ OUVIRAM FALAR SOBRE ESTE PROJETO POR AÍ AFORA, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Ah! Eu ouvi falar boa coisa, né! Aqui a gente aprende a jogar bola, a conseguir novos amigos, a não se envolver com drogas... com coisas errada. O bom que a gente vive aqui, né, num, num, num pensa em roubar, fazer coi., fumar maconha, esses negócios, só pensa em jogar bola, crescer na vida, crescer em alguma coisa. Não! Quando a gente escuta aqui falar fora aqui a rente... a rente nem pensa direito, né, no que pode acontecer. A rente vem pra cá, deixa mãe e pai lá de lado, muito bom o espaço de treinar, a rente vem treinar aqui. Ah! Até agora, só, só de bem do projeto. Até agora fala só de bem. Luizinho é uma pessoa ótima, não tenho que reclamar de nada dele não.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

É uma escola, né! Todo... a gente vem pra qui num é só pra treinar não, é pa ter respeito fora e dentro; e ter mais visão das pessoas, as pessoas olhar a gente como uma pessoa... um ser humano, não aquela pessoa que tá... é... nas drogas. O professor Luizinho Bola Cheia convida todos atleta pa jogar e num... comé que se diz... num... num tem aquele termo de falar...grosso com a galera. Ele fai, fai brincadeira. Todo mundo é uma família.

- Entrevistado: Isso é o que o pessoal pensa lá fora?

- Atleta: Fala! Todo mundo fala lá fora que a escolinha de Luizinho Bola Cheia revela muitos jogadores e ajuda também a... a gente ser pessoas, pessoas tanto no futebol, tanto na vida

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

É bom, os menino diz também que vem treinar... eu digo: bora lá, o treinador é bacana, ele sabe acolher as pessoas bem, di... diz que o trabalho de Luizinho é bom, que revela jogadores... só!

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Assim, antes aqui num era muito divulgado não, assim, pra mim, mas eu conhe... eu conheci através de uma, do jornal já, que mostrou Luizim fazendo uma seleção dos jogadores que iam viajar, que ia viajar e que ia ter uma competição aqui. Infelizmente não teve a competição, mas teve bastantes amistosos e, e agente tá treinando aqui, firme e forte.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Que... é uma boa oportunidade para jovens carentes e adolescentes que existem aqui nessa cidade, que é uma boa oportunidade para elas sair desse caminho das drogas que é onde muitos estão hoje.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu escuto falar que é muito bom o projeto da escolinha, já que têm poucas escolinhas aqui na Campina Grande, a de Luizinho tá se destacando no mei delas toda.

- Entrevistador: e ela é boa porque, assim, na tua opinião?

- Atleta TS: ela é boa porque revela muitos jogadores, né, e eu tô tentando... já revelou muitos, já, e revelou também meu primo... eu também num sabia que ele já tinha nessa escolinha, quando passou na televisão eu fiz: oxe, eu vou! Aí, depois que eu soube que ele tinha revelado meu primo, aí meu primo passou pelo Treze, Alecrim... é... vários time aqui da Paraíba... Souza, pasou pelo Paraíba, agora, de Cajazeira... e tá aí lutando ainda... agora tá no Santa Cruz, mai... meu objetivo eu quero esse, eu tô lutando pra isso, quero chegar lá, um dia. Um dia eu ser pelo meno como ele.

- Entrevistador: e quem é teu primo?

- Atleta TS: Geovani. Hoje ele tá com vinte e cinco anos.

- Entrevistador: jogando no Santa Cruz de Recife?

- Atleta TS: no do Rio Grande do Norte.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Que é bom... porque aqui você... se você quer ser um, um jogador profissional, daqui você já tem toda uma base de como vai ser o treinamento de, de tudo... em tudo, por tudo, no geral. Pra você ser um jogador é como se aqui fosse formar um jogador pro mercado.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Rapaz... esse projeto aqui é muito importante para a Paraíba e para o Brasil, porque aqui é onde revela jogadores, é aqui aonde tira pessoas... crianças do tráfico, é aqui que dá a oportunidade de ser uma pessoa e essa pessoa ter orgulho de si mesmo.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

...Pessoa comentam que são bom, né, aqui! E eu acho também, né!

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Ah! O projeto de Luizinho é que... ele já revelou vários atleta aí. Hoje tão jogando no profissional... os menino me chamaram e... hoje eu tô aí com eles... tentando uma oportunidade aí pra ver se fico ou passo em algum, em algum teste e fico em algum time por aí.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não, o pessoal num fla, não. Só manda a pessoa vim mermo, se dedicar ao futebol...

- Entrevistador: não! Mas se as pessoas comentam, se fazem algum comentário sobre o projeto, se ele é conhecido...
- Atleta AS: não! Não me pergunta, não! Num chegou a perguntar, não!
- Entrevistador: não! Eu quero saber se você ouviu falar por aí sobre o projeto.
- Atleta AS: já ouvi muito, sim!
- Entrevistador: o que as pessoas dizem sobre o projeto?
- Atleta AS: que... siga em frente, né, com isso.

8 OS ATLETAS QUANDO PERGUNTADOS SE DURANTE A INFÂNCIA IAM SÓ OU ERAM LAVADOS POR ALGUÉM PRA JOGAR FUTEBOL, DISSERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Não, eu ia só. Minha vó é doentada, não tinha quem me levasse não.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Não! Eu ia sozinho. Eu sou acompanhada... minha mãe trabalhava, eu sou criado pelo meu padrasto, meu pai faleceu e eu, saía assim pa olhar os cara jogando... sozinho mermo eu consegui ai chegar aqui onde eu tô.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Eu era levado pelo meu pai.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Meu tio que me incentivou mais.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu ia sozinho. Toda vida eu fui só. Às vezes eu ia com meus amigos, mas... toda vida fui só.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não! Eu ia sozinho. Eu num..., jogava só no meio da rua, na fisca, na escola, eu ia... professor, né! Aí passou na televisão, aí me dediquei, fui, fui sozinho, né, num tinha ninguém pra ir mais eu, minha mãe tava trabalhando nesse tempo, meu pai, também, lutando... aí eu ia sozinho, pegava minha chuteirinha, botava nas costa que meu tio comprou pra mim, minha chuteira, me deu de presente... é... até hoje eu fui me dedicando, agora meu pai tá com, um tempo bom agora, né, e... comprou meus negocinho, eu tô até hoje aqui. Mai eu passei por muita dificuldade nesse tempo.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu ia... a grande maioria das vezes eu ia sozinho. Aí minha mãe também, ela gostava de jogar bola quando ela era mais, mais jovem, aí ela me levava de vez em quando também... era assim.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Meu tio e meu pai. Sempre foi um espelho pra mim. Todos os cantos que ele, que eles iam me levavam... e hoje eu estou aqui, seguindo com isso.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu ia sozinho, mermo!

10 ATLETA NA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não! Eu ia sozinho, mermo, com os menino do bairro jogando lá... ia sozinho. Mermo.

- Entrevistador: o incentivo foi mais através dos amigos?

- Atleta: foi, foi... começou com eles jogando bola, né, me chamando pra jogar nos campo no bairro, eu fui, ia com eles e... até hoje eu t jogando bola.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não! Eu ia só!

9 OS ATLETAS QUANDO QUESTIONADOS SOBRE O FATO DE TERM TIDO ALGUM ÍDOLO QUE OS INSPIRASSEM A JOGAR FUTEBOL, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Sim ,tem! Só... em quem eu mim inspiro mesmo é só em Lúcio, o zagueiro, né, do Inter, zagueiro do inter

Observação do pesquisador: Inspira-se também em Hulk, Marcelinho Paraíba e Fábio Bilica por terem passado pelo Projeto Atleta Cidadão do Futuro.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Marcos. Marcos e Dida.

- Entrevistador: você tem conhecimento de que muitos jogadores saíram daqui e foram para o futebol profissional, dos quais poderíamos destacar aqui três deles, de repercussão internacional como Fábio Bilica, Marcelinho Paraíba e Hulk? Você tem conhecimento de que eles saíram daqui também?

- Atleta RB: tenho conhecimento, sim. É, eu joguei com Hulk, eu joguei na... na... na escolinha de Baturité, no Parque da Criança e aí tem... se... se inspira mesmo, né, que um dia crescer e ajudar a todos como ele, Hulk ajuda, principalmente ele, como ajuda também o Professor Luizinho. A gente se inspira no jogador daqui também, não é só num jogadores de fora não. Na Paraíba também tem jogador e... como Hulk, Marcelinho Paraíba, Bilica, Filipe Alberto também, amigo meu também que jogou em Portugal, jogou Portugal... a gente se inspira em todos eles. Quando a gente conseguir nossos objetivos um dia aqui, um dia... é... quem treina aqui, vão ver um dia, caso eu jogando fora, eles vão me inspirar em mim também, por isso que eu me inspiro no Hulk, no Marcelinho Paraíba e no Bilica.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Zico. Eu assisti o DVD dele ele... era um jogador exemplar, sem falhas, sem nada.

- Entrevistador: você tem conhecimento de atletas como Hulk, Marcelinho Paraíba, Fábio Bilica e tantos outros passaram por aqui?

- Atleta CA: Tenho.

- Entrevistador: você acredita que esses jogadores podem tá ou tem influenciando você a se tornar um jogador de futebol?

- Atleta CA: Tem, tem! Ser um ídolo ingual a ele, né! Hulk foi um ídolo em Portugal, tá tentando ser um ídolo agora na Rússia; Marcelinho também foi na Alemanha, Fábio Bilica na

Turquia... quem sabe um dia também eu num possa sair daqui e chegar lá e ser um ídolo também.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Não só um, eu tive dois. No meu tempo, o primeiro, era um jogador que jogava no Vasco chamado Felipe da perna esquerda. Ele era habilidoso demais. E, o outro, era Romário que ali... era pra ser o rei do futebol.

- Entrevistador: você tem conhecimento de que muitos jogadores foram revelados a partir daqui para o futebol local, nacional e internacional como por exemplo, Fábio Bilica, Marcelinho Paraíba e Hulk, os quais passaram e foram formados aqui por este projeto?

- Atleta AD: esses três de, de preferência, mai tem o Ferreira que joga no Campinense... muitos outros atletas, por isso que eu vim praqui pó, pra ver se... é, eu tenho mais uma, algumas oportunidades. Eu seu que eu, eu vou render mais e aqui, se Deus quiser, como Hulk, como Marcelinho, como esse... Fábio Bilica tudinho conseguiu, se Deus quiser, eu queri conseguir também.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Foram dois, que foram Ronaldo fenômeno e Ronaldinho Gaucho. Qeu, toda vida quando eu via eles jogar, achava bonito a forma como eles jogavam e como eles sabiam lhe dar com o futebol tanto dentro de campo como fora.

- Entrevistador: agora você tem conhecimento de que passaram por aqui, foram também formados por aqui Hulk, Marcelinho Paraíba, Fábio Bilica e tantos outros... Você sabe disso? Esses jogadores acabam, ajudando, inspirando, fazendo com que vocês passem a acreditar mais neste trabalho, neste projeto pra... pra vocês tomarem esse... esse direcionamento e acreditar neste projeto?

Atleta LP: com certeza! Porque eles são e origem daqui, campinense e... toda vida foi uma inspiração pra gente crescer no futebol, principalmente o Hulk que é conhecido mundialmente hoje.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Bom! Muitos jogadores eu tenho como ídolo, né! Até hoje, assim... pode ser de fora? De fora, eu tenho um...um ídolo muito grande que eu tenho até hoje por ele, é... Tiago Silva. Toda vêi que eu vejo os vídeos dele, eu fico logo... dedicado, chegar aonde ele chegou, mas, como aqui

na Paraíba é difícil, eu tô tentando, né! eu vou tentar fora agora, mostrar meu máximo pa vê... sai alguma coisa pra mim, né... e da minha família.

- Entrevistador: e aqui, quais são seus ídolos?

- Atleta TS:

Aqui? Aqui foi meu primo, conversou comigo, sempre... sentava do meu lado quando chegava, dizia pa num desistir, num desistir que você ia chegar lá... e eu tô tentando até hoje, chegar lá com meu objetivo.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Rapaz, olhe... sinceramente... Ronaldinho Gaúcho. Quando eu vi a primeira vez, eu fui pesquisar sobre ele, desde da, da, da infância dele até aonde ele tá hoje. Aí eu... prestei atenção nele, como, como era a vida dele antes e como é hoje, e meu grande ídolo é ele.

- Entrevistador: Você tem conhecimento de que Hulk, Marcelinho Paraíba, Fábio Bilica também passaram por aqui, pelo Projeto Atleta Cidadão do Futuro?

- Atleta RP: tenho, tenho, tenho. Minha, minha tia mermo sempre... comentava, porque o, os filhos dela treinava junto com Hulk na... quando Luizinho treinava no Gigantão da Prata ainda. Aí meu, meus primo treinava com ele, aí eu sempre ouvia falar deles, da, de Luizinho que era ele quem, quem revelava esse jogador... e deu... eu comecei a ouvir daí.

- Entrevistador: então você acha que isso pode ter contribuído pra fazer com que você é... viesse pra cá participar desse projeto, não?

Atleta RP: contribuiu e muito, porque, pra mim, eu pensava que aqui na, na, na Paraíba eu num ia ter como... nem de, de, de buscar... esse sonho, né! Eu num tinha nem, nem, nem, nem imaginava por onde começar. Aí quando eu conheci o projeto dele foi que eu passei a me interessar, e, agora, eu to buscando ainda.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Meu ídolo sempre será o Romário... por causa da vida dele, passou por muita coisa na vida dele... racismo e tudo... por causa do tamanho dele, pessoas dizendo que ele não ia chegar, mas Deus, mas Deus ajudou ele e ele chegou longe... E ele chegou longe e eu pretendo me espelhar nele, mais e mais e chegara aonde ele chegou.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Dedé, zagueiro do Vasco. Só ele mesmo.

- Entrevistador: por que?

- Atleta JL: porque eu acho que ele joga muito.
- Entrevistador: e você tem conhecimento de que, jogadores como Hulk, Marcelinho Paraíba, Fábio Bilica, entre tantos outros, passaram por aqui, também, foram formados por este projeto?
- Atleta JL: Sim!
- Entrevistador: a passagem deles por aqui ajuda a vocês se inspirarem no sonho de serem jogadores de futebol profissional?
- Atleta JL: isso é o principal, também, né!

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Daqui de fora nem muito, ma... daqui... quer dizer, daqui nem muito, mas de fora, assim... Ronaldinho Gaucho, já que eu jogo no meio, me espelho nele... lateral, as vezes eu vou pra lateral, Leo Moura... e outros aí.

- Entrevistador: você tem conhecimento de que jogadores como Hulk, Marcelinho Paraíba, Fábio Bilica passaram e foram formados por aqui também e hoje estão ou estiveram no futebol internacional, inclusive com passagem na Seleção Brasileira? Na sua opinião, eles também acabam lhe ajudando a se inspirar e entender este projeto como um espaço importante na formação e revelação de talentos para o futebol?

Atleta AN: sim! Apesar deles ter saído daqui, né, também a gente cona isso... treinou com Luizinho ele pode dar qualquer, qualquer hora uma oportunidade pra gente aí pra algum time... quem sabe se firmar, né, num desses time...

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Neymar e Lucas.

- Entrevistador: por que Neymar e Lucas?
- Atleta AS: porque tem gente, também, que me acha parecido com ele, com Neymar... e Lucas pela... pela garra que ele tem, a força que ele tem de jogar pelo São Paulo e o time que ele foi agora.
- Entrevistador: você tem conhecimento que jogadores, por exemplo, como Fábio Bilica, Marcelinho Paraíba, Hulk... passaram por aqui, não é e se formaram por aqui... e ganharam o mundo. Esses jogadores acabam inspirando você também a acreditar que as, aqui você pode tomar esse rumo?

Atleta AS: acredito que... sim, que Hulk já morou já na minha rua, já.

10 OS ATLETAS QUANDO PERGUNTADOS A RESPEITO SE ACREDITAM OU NÃO NO FUTEBOL COMO UM PROJETO DE VIDA, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Com certeza! É um projeto que a pessoa pode crescer. Amanhã você tá jogando bola, amanhã você pode ir pa fora... pode enriquecer a qualquer momento.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Acredito. O futebol é um projeto de... revelar talentos

- Entrevistador: qual sua idade hoje?
- Atleta RB: vou fazer vinte e três agora, vinte e oito de janeiro.
- Entrevistador: em algum momento de sua vida, você pensou em desistir do sonho de ser jogador de futebol?
- Atleta RB: pensei. Pensei em desistir. Eu olhava assim, com dezoito ou dezenove anos: não, não tenho mais oportunidade pra mim, vou parar, vou trabalhar, ajudar minha família, que trabalhando eu ajudo eles também. Aí o Luizinho Bola Cheia abriu outra oportunidade, me chamou, me convidou novamente pra mim jogar no time dele e eu vim jogar no time dele aqui, mas eu tenho um objetivo que é ser um jogador de futebol, ajudar minha família e ajudar o professor Luizim e fazer uma, fazer um... uma escolinha pra toda minha galera e os alunos de, do professor Luizinho Bola Cheia.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Pode! É só manter a cabeça erguida, não falhar muito e ir pelo certo, aí tudo dá certo.

- Entrevistador: em algum momento de sua vida você pensou em desistir do sonho de ser jogador de futebol?
- Atleta: até agora, não. Não... um dia vai acontecer isso, se num der certo acontece, passa pela cabeça isso.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Sim, com certeza!

- Entrevistador: em algum momento pensou em desistir do futebol?
- Atleta: muitas vezes, pelas oportunidades que... é, tipo assim, treinando todos os dias, treinando e, e sempre sendo excluído e, e, aí dá vontade de desistir mesmo, mas o meu sonho é conseguir e eu não, eu sou brasileiro.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Com certeza! Porque muitos jogadores famosos têm... instituições carentes que eles ajudam, e assim vai, vão ajudando uns aos outros.

- Entrevistador: em algum momento de sua vida você pensou em desistir do sonho de ser jogador?

- Atleta LP: uma vez, quando meu avô morreu... aí, entrei em depressão, aí num queria fazer mais nada... só queria tá em casa chorando, triste, num comia, num fazia nada, aí... o futebol foi o que me deu a força, porque, toda vez que ia jogar, aí esquecia um pouco dessa depressão aí... ficava, ficava melhor.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Acredito muito porque até hoje tá sendo aqui para, para a gente aqui da escolinha, né... um trabalho muito bom que o professor Lu... Luizinho Bola Cheia faz com a gente... tamo aí, né! Tô tentando, e o projeto é muito bom pa gente que... tira a gente da rua... a gente num faz nada... tá em casa sem fazer nada, né... e o cara parar pa pensar, raciocinar que no futebol pode até sair alguma coisa e ajudar até nossa família como saiu aí pa Hulk, Marcelinho e Fábio Bilica até hoje.

- Entrevistador: em algum momento de sua vida, você pensou em desistir do sonho de ser um jogador de futebol?

Atleta TS: pensei, pensei! Muitas vezes pensei em desistir pelo... por aqui, pelos meus amigo aqui que sempre quando eu chegava era... ficava afastado de mim aqui, né, a equipe, né! Sempre ficava afastado de mim aí eu fui pegando titular, até hoje agora... eu peguei amizade e as vezes até fora de casa, pela discussão que tem de família... meu pai queria que eu trabalhasse também, que... queria que eu fosse lá, mai... até hoje eu to aqui, eu tô tentando... Bom! E agora ele entende qual é meu objetivo que eu quero ser jogador de futebol.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Pode! Porque... pra mim, além de,deu, deu, deu tá fazendo um, uma coisa que eu gosto... pra mim é um dos melhores empregos que existe hoje, né, que você ganha bem, é... tem hospedagem, tu... tudo, você num se preocupa com, com nada e... a data de, de, de... o tempo de você se aposentar é muito cedo também... tudo, tudo é favorável.

- Entrevistador: em algum momento de sua vida, você pensou em desistir do sonho de ser jogador de futebol?

Atleta RP: já, já! Muitas vezes! Quando eu passei um, um tempo no Treze, trinando na, na base, aí eu passei uns dois meses, aí eu fui dispensado, aí perdi a vontade de, de jogar, fiquei só pensando, pensando, pensando... aí, graças a Deus, a minha família mermo quem sempre me dar apoio pa mim continuar... aí eles conversaram comigo e eu... num... decidi não parar, que é meu sonho, e eu vou correr atrás até onde eu puder.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Sim! Com certeza! Esse projeto aqui é um espelho pra mim, é tudo na minha vida... tudo que eu sempre quis está aqui nesse projeto.

- Entrevistado: em algum momento de sua vida você pensou em desistir do sonho de ser um jogador de futebol?

- Atleta LS: com certeza! Porque acontece muitos obstáculos em nossa vida... muitas provas, mas temos que enfrentar isso de cabeça erguida e chegar longe.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Pode, sim! Por que ganha também muito dinheiro, né, é bom... gosto de futebol.

- Entrevistador: você, em algum momento de sua vida, já pensou em desistir do sonho de ser jogador de futebol profissional?

- Atleta JL: Não!

10 ATLETA NA, 19 ANOS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Sim! Acredito! Tanto é que eu tô até hoje tentando, né... desde pequeno aí nas escolinha... até hoje é um sonho de jogar futebol e num vou desistir ainda.

- Entrevistador: em algum momento de sua vida você pensou em desistir do sonho de querer ser um jogador de futebol profissional?

- Atleta AN: não! Não! Nunca pensei em desistir não! Ta... até hoje tô jogando e, se Deus quiser um dia, pode... pode ser que eu realize meu sonho, né!

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

E muito!

- Entrevistador: por que?

- Atleta AS: porque... eu gosto... sempe... amei futebol.

- Entrevistador: você já pensou em desistir do futebol alguma vez na vida?

- Atleta AS: Nunca!

11 OS ENTREVISTADOS QUANDO INDAGADOS SOBRE O SEU GRAU DE ESCOLARIDADE E COMO HOJE SE ENCONTRAM EM RELAÇÃO A ISSO, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Tô estudando. Tô no nono ano.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Terminei meus estudos, faz dois anos que eu terminei meus estudos, o ensino médio completo. Não tô, não tô fazendo vestibular, só treinando e trabalhando. Trabalho de seis as duas e jogo a parte da tarde, treino na parte da tarde.

- Entrevistador: mas você tem vontade de voltar a estudar?

- Atleta RB: tenho sim. Tenho que fazer uma faculdade, ser um professor de Educação Física ou professor de línguas... tenho vontade de ser... alguém na vida, né, trabalhar, estudar, pronto... aprender e ensinar.

- Entrevistador: você acha que o projeto dá esse estímulo, essa oportunidade de pensar nisso também, caso você não siga a carreira de jogador profissional?

- Atleta RB: Dá! O professor Luizinho trata... o professor Luizinho ensina a gente aqui: se não der no futebol dá nos estudo, porque só no futebol você não vai confiar no futebol não, porque acaba o futebol, acaba sua carreira de futebol você vai ter que partir pra outra coisa que é... ou se você não tiver terminado o estudo vai estudar ou trabalhar e o professor Luizinho explica isso: que se não der no futebol você trabalhe ou estude que no... lá na frente vai precisar... pra você arrumar um bom trabalho você vai ter que ter estudo pa arrumar um emprego bem melhor pra você.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Terminei já os estudo, terminei o terceiro ano, já, ma eu vou fazer curso agora.

- Entrevistador: pretende fazer o vestibular?

- Atleta: também, também. Pretendo. E se o futebol der certo, vai po futebol, aí deixa os estudo e vai po futebol.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Minha escolaridade, eu estudei até o terceiro ano, terceiro grau, mas não conclui o terceiro porque, por condições de ajudar minha família, chegava cansado e num tinha... aí fiz só até o

terceiro ano. Eu num conc... terminei de concluir por conta que eu tive que trabalhar pa ajudar minha família nos negócios.

- Entrevistador: mas você tem vontade de voltar a estudar e conciliar tudo isso?

- Atleta AD: com certeza! Eu já fiz até minha matrícula já, eu quero fazer um curso, o... fazer mais curso, aprender mais... e num é só de futebol, tem que ter uns curso, tem que ter leitura, tem que ter tudo isso, né?

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu, hoje em dia, estudo ainda, vou fazer o terceiro ano científico neste ano e nunca fui reprovado, graças a Deus!

- Entrevistado: mas pretende conciliar estudo e futebol?

- Atleta LP: com certeza! Vou procurar entrar num vestibular, caso num dê certo, no mundo do futebol e vou viver minha vida, planejar meu futuro pra ver o que acontece.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Tô estudando! Meu, meu estudo eu num paro nunca. Só paro quando eu ver... terminei, e se eu não ingressar no futebol, eu ingresso numa boa faculdade. E eu tô fazendo agora... vou PR primeiro ano agora, científico...

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu vou, começar agora em fevereiro, o segundo ano do ensino médio.

- Entrevistador: e pretende continuar estudando, conciliar estudo e futebol?

- Atleta RP: pretendo! Pretendo! Uma coisa que minha mãe ensinou que é pra nunca de, de, de, deixar os estudo, porque primeiramente os estudo é a base de, de qualquer pessoa, né, pra arrumar qualquer tipo de, de emprego... até pra, pra ser gari tem que ter um certo grau de escolaridade, e eu num, num penso em parar de, de estudar, não.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Tenho até a oitava série. Estou estudando agora, com a ajuda de Luizinho Bola Cheia... porque, no meio dessas viajadas, treinava em um time e... a gente tem que escolher: se treinava de manhã ou de tarde, ou se parava de jogar e estudar. E eu optei por essa oportunidade: treinar de manhã e de tarde.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

É... eu estou no oitavo ano... não, no nono! Nono ano.

- Entrevistador: continua estudando?
- Atleta JL: continuo.
- Entrevistador: e consegue conciliar o treinamento com a escola?
- Atleta JL: normal.
- Entrevistador: Mas você pretende fazer isso sempre?
- Atleta JL: Sim!

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Tô estudando e faço o segundo ano... vou agora fazer o EJA aí, segunda, quer dizer... faço, vou fazer o segundo e o terceiro agora.

- Entrevistador: não parou de estudar e pretende continuar estudando?
- Atleta AN: pretendo... vou e vou terminar, vum! Pretendo continuar estudando e até terminar meus estudo aí.
- Entrevistador: tem vontade de fazer uma faculdade?
- Atleta AN: assim, no momento não, mas, quem sabe, agora, depois que eu terminar os estudo, não arrumar um trabalho também... aí sim, eu vou procurar a faculdade...

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não! Tô estudando, mai só que... eu bagunçava de mai no colégio.

- Entrevistador: aí, tá estudando ou parou?
- Atleta AS: não, tô, vou estudar esse ano.
- Entrevistador: tá fazendo que série?
- Atleta AS: a quinta.

12 OS ATLETAS QUANDO PERGUNTADOS SOBRE SE JÁ FIZERAM CURSOS OFGERECIDOS PELO PROJETO, OU SE TÊM CONHECIMENTO DA OFERTA DESTES CURSOS, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Ô, eu ia fazer o curso, né, mai como eu tinha que ajudar minha vó e não consegui fazer, aí Luizinho foi e colocou ôto no meu lugar.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Não respondeu!

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Não, não.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Já! Fiz um de computação.

- Entrevistador: e foi bom o aprendizado?

- Atleta AD: foi, foi ótimo. Muita coisa que eu num sabia, só sabia o básico, e lá eu aprendi internet, aprendi... bastante coisa que tem no, no, no... que foi oferecido no curso.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não, não, não.

- Entrevistador: Mas você tem conhecimento da oferta desses cursos?

- Atleta LP: tenho, com certeza! Todos daqui têm, só que eu nunca me interessei em ir atrás por conta da, da escolinha.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Fiz, fiz! Fiz o curso informática... básica lá no, na Jodabe Curso, promovido por Luizinho Bola Cheia... aí terminei agora, só que num entregou o diploma porque ele quer reunir nós todos para... já assinei meu nome no diploma... quer reuni, reunir a gente pa tirar uma foto com o diploma, pa provar que o curso foi feito.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Tenho, tenho! Ele me indicou pra que se, se eu quisesse fazer um desses cursos, eu, que eu podia ir que... ele quem, quem já tinha me indicado lá, pra lá. Só que, antes deu, deu chegar aqui no, no, no projeto, eu já tinha feito o mermo curso que, que ele ofereceu aqui... aí eu num, num aceitei, não.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não respondeu!

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não! Tenho não esse conhecimento.

- Entrevistador: Não tem amigos seus que foram convidados para fazer cursos de informática?
- Atleta JL: Tem, sim! Mas nunca eu me interessei, não.

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Tenho! Tenho!

- Entrevistador: você já chegou a fazer o curso?
- Atleta AN: não! Por que quem tava fazendo o curso agora...os menino que terminaro era um... os mais velho assim... e eu ainda não tinha a idade também... Luizinho só escolheu algum, alguns jogadores aí pra fazer... eu ainda num fiz nenhum curso do projeto, não.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Ainda não!

- Entrevistador: se tem conhecimento da oferta desses cursos, por que ainda não fez?
- Atleta AS: ele num... num es... num botou meu nome, não.

13 OS ENTREVISTADOS, QUANDO PERGUNTADOS SOBRE O QUE O PROJETO LHE TROUXE DE BOM ATÉ AGORA, DISSERAM:**1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)**

Trouxe de tudo! Ah! Trouxe novos amigos, eu não gostava de ir pa escola através daqui eu to conseguindo ir... muitas coisa.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Trouxe calma, no mundo de fora, lá, lá fora eu bagunçava, usava droga, bebia, bagunçava na rua assim... o projeto me ajudou a ter cabeça, porque antes eu não tinha cabeça pra sair puma festa assim, conviver com a... não convivia com muita pessoa e hoje eu, através do professor Luizinho Bola Cheia, eu convivo com mais de cinquenta atletas.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Me tornou um homem. Tornou um homem. Eu era um moleque muito bagunceiro, agora eu sou uma pessoa mais calma... esse projeto me trouxe isso pa minha vida. Saber respeitar os outros também.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Além dos cursos, essas coisas, trouxe a esperança de, de reativar o meu sonho, que eu tava querendo desistir e a, e assim, cada dia vindo treinar você quer mais ainda conseguir chegar no clube, num clube, no Trez..., pode ser aqui da, da Paraíba: Treze ou, ou um clube grande aí, dá esperança, dá motivação de você chegar cada dia mais e conseguir.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Que, através desse projeto, eu pude ver que... (Eita! Travou!). tem, sim! Me tornei uma pessoa melhor, pessoalmente, tanto pra mim como pra minha família, deixei de tá em esquina, como eu vivia antes com pessoas que usavam drogas, que sempre tentavam me levar pra o caminho... mas como o projeto ajudou muito e em casa tinha uma boa índole com meus pais, aí eu saí desse mundo e, hoje em dia, vivo tranquilo.

- Entrevistador: o que você aprendeu de mais significativo aqui, na tua opinião?

- Atleta LP: a ser cidadão!

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Muita amizade, união, força, dedicação... tu.. tudo isso trouxe a esse projeto, eu devo a esse projeto que eu soube ser respeitado e me... respeitar o próximo... até hoje esse projeto eu tenho que agradecer a ele, por tudo que eu tenho hoje na minha vida. Nem por tudo, né, que por tudo não, mai muitas coisa, que ele me tirou de muitas coisa também.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Grandes amigos! Aqui eu encontrei grandes amigos... que eu vou levar pra, pa toda minha vida, mermo, os amigos que aqui eu encontrei.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Muita experiência, maturidade... e é dessa maturidade que eu estou aqui hoje contando minha história de vida.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Jogar bola, né... é uma coisa que eu gosto muito.

- Entrevistador: o que este projeto te trouxe ainda de bom, além de jogar futebol?
- Atleta JL: as amizades, também... isso aí. O professor Luizinho, também, que eu gosto muito.

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Ah! Jogano eu aprendi a respeitara os outros colegas aí, e até hoje... com respeito... sinceridade... e, aí, firme assim.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Trouxe muitas coisa: de eu num ficar em casa sem fazer nada... pa vim se divertir mermo, jogando.

14 OS ATLETAS QUANDO INDAGADOS SOBRE SE EM ALGUM MOMENTO DA VIDA SE SENTIRAM DISCRIMINADO OU EXCLUÍDO POR ALGUM MOTIVO, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Não, não! Graças a Deus fui não.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Aconteceu pela cor. A gente foi pô um, pum jogo em Bananeiras... aí eu tava agarrando muito lá e o povo falando assim... e tinha uns aluno da própria universidade, começaram a me xingar me chamando de fita isolante... e falando e me criticando, falando as coisa lá, aí, onde tem uma... é uma universidade, onde estuda todas as raças, todas as línguas, aí o cara... a pessoa chegar, chegar um negro numa universidade jogando futebol, logo no futebol onde participa branco, negro... todas as cores e uns alunos que é... sabendo que todos somos do mesmo sangue e che... criticar, chamar... ter racismo dentro de uma própria universidade...

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Até hoje não, mai um dia vai acontecer que... tá acontecendo por aí afora, pode acontecer também aqui, mai ainda comigo, não.

- Entrevistador: qual é sua opinião sobre isso?
- Atleta CA: isso devia parar, isso é muito chato. A pessoa num gosta, quer até sair da partida... se for jogando e é chato tá chamando os outro de macaco, dessas coisas, isso é chato, falta de respeito muito grande.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Às vezes, já aconteceu. É, em determinada situação aconteceu pelo fator dinheiro, pela condição social assim, porque, é muito preju... tanto no futebol como no, no, no, na, assim, fora do futebol, os pessoal só q... quer amizade, só quer mais essas coisa assim pra quem tem mais dinheiro. Eu a... é is... isso que eles olham.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não! Graças a Deus não! Nunca fui discriminado por conta dessas coisas.

- Entrevistador: você acredita que no futebol existe discriminação e preconceito?
- Atleta LP: com certeza! Hoje em dia tem muita discriminação em relação a cor, religião, classe social... tudo isso, infelizmente, hoje em dia, ainda acontece.
- Entrevistador: qual sua opinião sobre isso?
- Isso é ridículo! Que, hoje em dia, em pleno século XXI o povo ainda tem preconceito com esse tipo de coisa... isso num existe mais, isso tá no passado... e agora é futuro e isso tem que acabar.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Já, já! Já, já sofri aqui mermo nessa escolinha, até hoje mermo, até nessa escolinha mermo ainda... dá pa pensar que alguém, né, as veze tem inveja da pessoa... e num quer ver a pessoa na felicidade, normal, aí quer sempre derrubar a pessoa pa subir... como aqui que eu, eu tava lutando pa ganhar uma posição profissional... profissional, não! Ganhar a posição aqui no futebol... sempre tinha oto querendo me derrubar, mai com fé em Deus eu consegui e to aí até hoje.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Já! Aqui no, no, no projeto não, mai em outros lugares ai, quando, quando eu ia pra escola o pessoal me, me criticava muito tanto pelo, pelo fato de eu ser, ser pobre e pela cor da minha pele. Aí sempre tinha brincadeirinha de, de, de menino assim mermo, mas no, no momento eu me sentia mal, mas quando eu chegava em casa aí minha mãe me dava conselho, ele

conversava, como ainda hoje conversa comigo, aí... eu deixo pra lá, num, num, num me importo tanto.

- Entrevistador: essa base, essa orientação da sua mãe sempre foi importante para você superar essas coisas?

- Atleta RP: tudo que eu sou e o que eu vou fazer têm que ser passado pela minha mãe. Se nada que, que eu... qualquer opinião, atitude que eu for tomar eu tenho que comunicar a ela, primeiro.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Sim! Com certeza! Isso acontece muito no meio do futebol, mas nós temos que enfrentar isso de cabeça erguida porque... o que importa é o amanhã e não o agora.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não! Não!

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não, não! Nunca aconteceu isso, não! Nunca fui desrespeitado por nenhum... garoto aí, não.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Não, não!

15 OS ATLETAS QUANDO QUESTIONADOS SOBRE O FATO DE UM DIA O FUTEBOL LHE TROUXER DINEIRO E/OU FAMA O PODEM FAZER QUE JULGUEM IMPORTANTE (PESSOAL, FAMILIAR E SOCIAL), RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Não respondeu!

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

É, caso eu seja famoso, eu vou inspirar as outras pessoas, né! E quem tem sonho também, pro... que não desista dos seus sonhos. Não! Vão procurar treinar, se esforçar, um dia ser igual a eu assim... ter... caso eu sei famoso, ter aquele (pausa) aquela cena na TV, a pessoa

dizer assim: eita, meu amigo lá jogando e eu aqui e tal... Essa que é a força que eu dou que eu... dinheiro num é, dinheiro num vale nada. Dinheiro vale, valer, vale pra muitas coisas, mas dinheiro num é essas coisa toda, o que vale é a amizade (pausa). Num basta ter dinheiro pra você ser feliz, não. Sem dinheiro ou com dinheiro eu sou feliz. É, a parte que mais... se um dia eu vencer na vida assim, conseguir esse obje... esse objetivo aqui, ser jogador de futebol, ser famoso, eu posso mudar a minha vida, e a vida da minha família e mudar muito a história aqui no, na escolinha do Luizinho Bola Cheia.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Primeiro ajudar a família, depois a meus amigos e fazer um projeto igual a esse que eu... desde criança aqui... fazer um projeto assim também. Compá um CT... construir... só pas pessoa do, que num tem condições de pagar pa participar também ingual aqui. Muita gente não tem condição de pagar um projeto aí vem, vem pra cá, ó aí, é bem recebido aqui.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Se Deus quiser, um dia eu conseguir isso, eu quero ajudar só minha família mermo e os que mais, e os que mais precisa, que dinheiro, essas coisa num é tudo não. O importante é ajudar a família. Se um dia eu conseguir ajudar minha família... essas coisa assim.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

É, pra mim, minha família dá uma boa condição a ela de vida... e em relação a, é... a... no geral, fazer, construir instituições de caridade por perto aqui, no bairro e um CT de treinamento pras crianças carentes que... têm muitos por aqui... pra a começar a se interessar pelo futebol que é uma paixão de todo brasileiro.

- Entrevistador: por que você pensa em fazer isso?

- Atleta LP: porque eu já vi muitas crianças que tem uma oportunidade de, de tá num CT assim, de treinamento e nunca apro.. nunca agarram. Mas num é por conta que elas querem, é por conta que o vício da droga é muito maior do que elas.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Bom! Eu... ajudar muito minha família, né, como precisou até hoje, ajudar minha família e... ajudar ao, aos próximo também, como eu vejo aí, a mulé sofrendo aí... e eu ajudava muito. Se eu tivesse dinheiro. Tem otos que falam, mas quando tem num faz, mas eu ia fazer mermo... pelo jeito eu tenho um coração bom... e eu num ia me deixar levar pelo orgulho não. Eu ia me

deixar levar pelo... pela força que eu ia ter de... de ajudar ota pessoa como eu sempre tive... eu teno, pudeno, eu, eu vou lá, eu vou em frente... eu ajudo o próximo.

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Assim... a gente que num, num, num tem tanta condição, a gente pensa logo em, em ajudar o seu próximo, né; ajudar seu amigo, colega assim... mas, primeiramente, eu queria ajudar, primeiramente a minha família... em tudo, porque, mermo que, que, que eu teja ajudando ela, eu tô me ajudando, porque é minha família. E se a minha família tá bem, eu também tê bem. E em questão social, fazer algo tipo de projeto como esse aqui que sempre tá... buscando aí algum novos talentos, porque assim como, como eu existe mais um milhão aí de, de, de, de atletas aí no Brasil buscando, também, ser um jogador profissional.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Pretendo ajudar minha família e crescer mais e mais esse projeto aqui. Dar uma estrutura boa a esse projeto, ajudar o professor Luizinho Bola Cheia que foi ele que me deu a mão aqui nessa cidade para me chegar a, até onde cheguei hoje.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Ajudar assim minha família, ajudar sempre quem me ajudou assim: amigos, colegas... essas pessoa, assim.

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

O que eu pretendo fazer se um dia eu me tornar um jogador de futebol, abrir uma... um... uma creche aí pas criança... ou um abrigo aí... para essas criança aí que não têm onde ficar... e, quem sabe aí, com eles aí, em um dia eu conseguir, é... realizar meu sonho, eu faço isso por eles aí.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Ajudar as pessoa carente.

- Entrevistador: por que você tem esse interesse em ajudar as pessoas carentes?

- Atleta AS: porque eu vi Hulk fazendo isso, eu... botei isso na minha cabeça de fazer isso também se eu conseguir...

16 OS ATLETAS QUANDO QUESTIONADOS SOBRE SEUS PLANOS HOJE, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Tentar crescer na vida pa ajudar uns amigo meu, minha vó e minha família. Tentar crescer através do futebol, querer ser alguma coisa, né!

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Treinar, treinar e ser um jogador de fut... de futebol profissional.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Ser um jogador de futebol.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Meus plano... é chegar e um clube, sair daqui, chegar e um clube e atingir minhas meta que é se profissionalizar e conquistar o meus objetivo futuro.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

O único plano que eu tenho em mente agora é me tornar um jogador profissional.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Tô pensano nessa viagem que vai ter agora. Eu to... tava correno no parque, me dedicando pa quando chegar lá mostrar um bom futebol e, quem sabe, se Deus quiser, eu chegar ao meu objetivo, né!

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Agora! Eu pretendo terminar o ensino médio e continuar treinano e buscano pra que eu, um dia, possa ser um profissional.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Me tornar um jogador profissional e ajudar essa escolinha porque isso aqui foi um projeto... o professor me deu a mão para chegar lá... até onde eu cheguei, e eu pretendo ajudar ele mais e mais pra esse projeto crescer aqui e fora do Brasil.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Ser jogador de futebol.

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Ah! Meu plano é estudar, continuar treinando aí, vê se... a, aparece uma oportunidade... se não aparecer, continuar estudando, terminar e procurar ota coisa... tipo, trabalho e seguir a vida em frente... né!

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Meus plano são de... só jogar mermo, só tem plano de jogar, mermo.

- Entrevistador: e se profissionalizar?

- Atleta AS: sim! Só isso mermo.

17 OS ATLETAS QUANDO QUESTIONADOS SOBRE O QUE PODE SER FEITO POR ESSE PROJETO E POR QUEM, RESPONDERAM:

1 ATLETA RM (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Esse projeto pa ficar melhor deveria vim aqui os jogadores que já... que foram pa Seleção como Hulk, Marcelinho Paraíba, Fábio Bilica... se eles viessem aqui pa dá uma melhorada, né! Comprar um CT pa ajudar a equipe, bolas, uns colete... pa ajudar mais. Melhorar, poderia melhorar tudo aqui pra gente. Até o transporte eu acho que poderia melhorar.

- Entrevistador: Como você vem para cá, em que meio de transporte?

- Atleta: Venho de bicicleta mais uns amigos meus... moro longe daqui.

- Entrevistador: Qual o tempo que você leva para chegar até aqui?

- Atleta: umas meia hora, uns quarenta minutos, quarenta minutos.

2 ATLETA RB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Quem deve fazer por ele é o, o Governo ou a prefeitura olhar assim que têm muitos atletas novos e que precisa de uma força... o que eles gastam aí com besteira pra fazer festa... é só olhar puma, pum campo desse aqui, olhar que tem muita gente que quer ser um jogador, que quer algum trabalho... Ele, a, o prefei... o prefeito chega aqui no cantinho olhar assim, olha... para... parar num canto e ficar olhando, ele vai ver que Campina Grande pode revelar talentos

como no futebol, no cantor, no só... qualquer coisa no, no mundo esportivo ou artístico. Quem deve ajudar é o Governo e o... e a prefeitura.

3 ATLETA CA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Eu acho que os governante, podia mudar, fazer um, um CT legal, um campo bacana, a, as pessoa que num têm condição participar. Só isso, só. O governo também num ajuda aí fica difíce.

- Entrevistado: você acha que essa ajuda poderia vir não só do governo, mas, também, de outros setores?

- Atleta CA: é, de outros setores também, como essas empresas grnade aí, podia dar uma força, que eles têm muito conhecimento pela essa parte aí, aí podia ajudar também.

4 ATLETA AD (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 11/01/2013)

Ah! Com certeza, a prefeitura, os vereadores, por que aqui... e os clube, os clube Treze, Campinense... esses clube só visa eles ali. A prefeitura devia intervir, é com projetos pra os jovens é conquistar o seu, os seus objetivos também no futebol com esco... fazendo escolinha, essas, esse, esse... tudo isso aí transformava a cidade pra melhor. E, justamente, os jogadores que pu... que por aqui passaram que hoje tão com dinheiro também. Nem, nem lembra de onde vei, só lembra que tão agora. Depois da fama num sabe de onde vei, num, num quer nem saber de onde vei... só sabe, só quer saber do que tá ganhando, do que tá fazendo, mai num lembra quem foi que bo... que mostrou a eles o futebol, quem primeiro ensinou a eles.

5 ATLETA LP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Os governadores, os políticos... que o professor Luizinho muitas vezes já foi atrás aí de terrenos pra eles comprarem, pra construir um CT, pras crianças aqui do, da cidade, do bairro e eles nunca... sempre ficam só prometendo, prometendo e nunca cumprem... e as condições que você tá mesmo vendo aí hoje em dia é muito precária: pra se treinar, pra se torcer o pé, o campo é ruim... e tudo isso aí é um fator a mais pra gente continuar lutando por esse sonho, que é cada um aqui ser um jogador profissional.

6 ATLETA TS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Bom! Tá podendo... um... que tão muita gente aí querendo tomar o campo... noi brinca ali, noi tava... treinando sério, aí chuta uma bola naquele prédio onde já ameaçou a gente de dar tiro, aí Luizinho foi lá, o professor foi lá conversou converso com ele, falou como é que era, aí ele

entendeu. E... Como aí... quem pode, alguém eu num sei quem, quem pode ajudar, né, que agora eu só, só que eu conheço é só Luizinho Bola Cheia mermo, até hoje... e... e pode ser o governo, né, que pode ajudar o campo da gente, que a gente tá precisando muito de um campo, que aqui tá... que qualquer hora vai ser tomado... as vezes, no final do ano mermo, aqui é estacionamento pó, pos outros... e tamo aí pa ajeitar alguma coisa pa gente, um campo bom, pa gente treinar e chegar lá, né!

7 ATLETA RP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Eu acho que... o... ass.. o próprio governo a da, da, da, daqui mermo da, da, da cidade, tanto da prefeitura como as autoridades políticas podia dar uma força aqui, a uma coisa que é um projeto social, né; é pra, pra todo mundo, todo mundo, todo mundo que, que quer ter um, um sonho, tem vontade de buscar, que vem aqui, tá aqui sempre treinando... e, na... no meu ponto de vista era esse pessoal que pode ajudar, mas que, que num ajuda.

- Entrevistador: mas além desse pessoal que você fala, do governo, de tudo... quem poderia também dar uma força? Além deles, outros setores da sociedade poderiam ajudar?

- Atleta RP: acho que poderia. Tem, existe muito empresário aqui na, na, nessa cidade, mermo... de tudo... tem empresário de, de, de supermercado, tem... é.... loja de, de carro, todo mundo... um pessoal que são de classe alta, mas que não dão muita importância a quem é da classe baixa, num, num dão tanta importância.

8 ATLETA LS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Os próprios jogadores que passaram por aqui: o Marcelinho, Hulk... o Bruno também que jogou aqui, jogou comigo, pode ajudar esse projeto, porque eles têm capacidade de ajudar esse projeto e chegar longe com a ajuda deles.

9 ATLETA JL (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Acho que, assim, o governador tem também que ajudar, né, Luizinho, que também, né, num pode fazer isso tudo só... isso aí.

- Entrevistador: você acha que os jogadores que passaram por aqui e ficaram famosos e ricos, você acha que eles também poderiam ajudar o projeto?

- Atleta JL: podia, sim! Mas esquece, né!

10 ATLETA AN (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Quem é que pode fazer por ele eu acho que... a, o... o, a, a galera aí que trabalha com política, pode ajudar com, nas viagens, ajudar aí com bola, materiais... a gente num treina num campo muito bom, mas, também, num é ruim. Num vamos dizer ruim, ruim que num da, que num dê pa jogar... mas é isso aí. Acho que mais apoio, né, da... aí, por exemplo, a gente vai jogar fora num tem ônibus, num tem carro. Acho que o governo aí podia até ajudar a gente aí com ônibus... muitas vezes a gente num vai porque o professor Luizinho tem que tirar do pró... do próprio bolso dele mesmo, aí fica difícil pra gente, né! Acho que se a, se a, a prefeitura, o governo aí ajudasse, a gente ficaria mais fácil.

- Entrevistador: mas em termos de estrutura o que poderia ser melhorado pra... desenvolver um trabalho de mais qualidade ainda?

- Atleta AN: eu acho que um capo melhor pra gente treinar... com... um espaço só pra gente mermo, né, porque aqui a gente reina com o povo olhando, o campo num é muito bom... Eu acho que um CT, não de grande, grande porte, mas pelo menos só pra gente, fechado, com banheiro... com tudo isso, eu acho que poderia melhorar muito pra gente que é, que é daqui.

11 ATLETA AS (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 23/01/2013)

Tem muito jogador... Hulk, Marcelinho Paraíba... era pa fazer isso. Construir um campo melhor pa gente, mai... nem aqui vêm.

APÊNDICE O - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DOS SUJEITOS EMPODERADOS

1 OS ATLETAS AO SEREM PERGUNTADOS EM QUE SEUS PAIS TRABALHAVAM REPONDERAM:

ATLETA (A) BA (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 28/12/012)

Minha mãe era cabeleleira e meu pai vendedor. Minha mãe parou por questão no braço e meu pai até hoje trabalha.

Entrevistador: Teu pai trabalha com que? Atleta: Vendedor de peça de irrigação... essas coisas.

ATLETA (B) FB (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 31/12/2012)

Meu pai era mecânico e minha mãe cabeleleira. Minha mãe parou por um problema no pulso.

ATLETA (C) MP (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 06/01/2013)

Ah! Meu pai foi jogador, né, e... parou de jogar... bola muito cedo foi trabalhar de servente de pedreiro, né, e eu muito novo ajudava ele também. A minha mãe nunca teve uma profissão, sempre foi uma dona de casa vivei só pra cuidar dos filhos. Então ele era isso: cuidava dos filhos, né, e... da casa.

ATLETA (D) GVH (ENTREVISTA CONCEDIDA EM 07/01/2013)

Trabalhavam na feira, né, de machante. Eu... tive a felicidade de... de ajudar meu pai, né, na feira, e ver a dificuldade que ele passava pa poder me educar, pa poder me alimentar, não só eu mas não só como toda... meus irmãos também, né, no caso somos sete, e graças a Deus fico feliz por isso e aprendi muito na feira.

2 AO SEREM INDAGADOS SOBRE A ORIGEM FAMILIAR

ATLETA (A) BA

Bem, minha origem é uma origem muito boa graças a Deus que infelizmente não pude ficar muito tempo com meu pai que meu pai se separou de meu pai quando eu tinha apenas três anos... e... assim questão de ver meu pai eu vi pouco, mas a minha mãe foi minha mãe meu

pai e devo muito a ela... a meu pai também por muitas coisas que ele fez por mim, mas eu devo mais a minha mãe por questão disso que sem ela, hoje, eu não seria nada.

Entrevistador: Mas você morou mais tempo com seu pai ou com sua mãe? Atleta: morei mais tempo com minha mãe e... meu pai eu nunca morei assim eu acho que só morei dois anos e depois só morei com minha mãe.

ATLETA (B) FB

Eu nasci em Campina Grande, no bairro de Zé Pinheiro. É... mamãe foi pra São Paulo cedo pra trabalhar, como a profissão dela foi cabeleleira foi muito cedo pra lá, morou vinte anos lá... eu já tinha quinze anos eu fui criado pela minha vó, é... e ela me criou junto com o meu avô e depois convivi com minha mãe pouco tempo porque já comecei minha profissão e daí fui pro mundo.

Entrevistador: e aí, a condição social e econômica no começo muito difícil? Atleta: Tive, tive, tive porque... minha vó além de... era lavadeira de roupa e a gente teve aquele momento... morava eu com minha vó, meu avô... era... e convivi com ele pouco tempo que ele faleceu e minha vó tinha aquele dinheiro ali pra se alimentar das roupas que ela lavava.

ATLETA (C) MP

Ah! Eu sou de Campina Grande, né, todo mundo sabe, paraibano, é... com muito orgulho e eu venho de origem pobre, né, de origem humilde, né, minha família... apesar de meu pai ter sido jogador, mas não ganhou muito dinheiro com futebol; e eu venho de família humilde tenho quatro irmãs, sou filho único, né! Então minha vida é essa. Vivi sempre na zona leste de Campina Grande, Santo Antonio, né, Monte Castelo, morei também no Zé Pinheiros, e minha infância toda foi nesse bairro aí.

ATLETA (D) GVH

Eu nasci no... nasci fui criado no bairro José Pinheiro, né! Várias é... a família toda é de lá, os amigos todos de lá e... onde eu jogava muito bola ali no chão, ainda na rua, né, descalço, jogava ali no... no municipal direto, então... meu bairro é o Zé Pinheiro, né, sou de Campina Grande, amo ess... ess... sou de Campina Grande, adoro dizer que sou do Zé Pinheiro.

3 AO SEREM PERGUNTADOS SOBRE COMO PASSARAM A SE INTERESSAR PELO FUTEBOL

ATLETA (A) BA

Ah! Incentivo de família, né! Meu tio já jogava e meu irmão joga também e eu fui vendo e fui pegando o gosto por isso. Quando eu fui a primeira vez ao estádio eu olhei assim pra minha mãe e já falei que era isso que eu queria ser, que eu queria ser um jogador e graças a Deus to aí na luta.

ATLETA (B) FB

Não! Um cara em Campina Grande, né, que é um pai pra mim, né! Sempre foi um pai, sempre me ajudou, é Luizinho Bola Cheia, né! Manoel foi um cara que projetou assim no futebol, a escolinha dele, da AGAPB, né e... me deu a oportunidade... e você sabe né, aquela oportunidade que a gente consegue tem que aproveitar. Então, graças a Deus, eu aproveitei essa oportunidade que ele me deu, né! Ele me levou pro vitória da Bahia, foi daí que eu comecei a expandir pro mundo, né! Vitória da Bahia, que eu comecei a base no Vitória da Bahia, cheguei lá com quatorze anos de idade lá em noventa e quatro, fiquei lá até noventa e oito, né, chegando a Seleção sub quinze, sub dezessete, sub vinte, sub vinte e três, mas aí eu já tava já no... no futebol da Itália já nesse período. Cheguei com Luxemburgo no Pré-Olímpico, né, em seguida ele assumiu a Seleção principal, tive também com ele na Seleção principal, né, mas aí o.. eu já tava na Itália já, já fazia três anos já que eu tava lá, eu era o único jogador brasileiro que atuava na Seleção estrangeiro.

ATLETA (C) MP

Ah! Sempre eu gostei de futebol, né! Desde de criança, por meu pai também ter sido jogador já me influenciou muito eu cresci ali do lado do Primo Lemos, né, do campo do Campinense, e... eu sempre tive vontade de ser jogador, né! Eu já... pequenininho, criança vivia nos campos de pelada nas ruas jogando... Então eu comecei muito cedo já que esse sonho ser um jogador profissional.

ATLETA (D) GVH

Ah! Começou através do meu pai, né! Desde os três anos de idade ele me levava pô... pos campo de pelada, né, onde ia jogar, eu ia sempre ia com ele. Ele fala que tinha que ter duas

bola, né, porque uma bola era pro jogo e a outra era pra mim pa ficar brinacando lá fora porque se não... não tinha jogo. Então, esse interesse maior surgiu através do meu pai.

4 PERGUNTADOS QUANDO E ONDE COMEÇOU A JOGAR FUTEBOL, RESPONDERAM:

ATLETA (A) BA

Comecei a jogar no futsal, comecei no futsal nas escolas que estudei eu comecei no futsal fazendo trabalho no futsal e depois que eu peguei gosto pelo campo já passei a jogar no campo numa escolinha em João Pessoa, fiquei um bom tempo nessa escolinha aí depois já comecei a me interessar a isso mesmo, já parti pos clubes, já... aí... fiquei um tempo no Bota Fogo aí depois me identifiquei com Luizinho, fiquei um tempo com Luiz, bastant... três anos com Luizinho, tive muitas oportunidades graças a Deus e... foi daí que começou minha trajetória no campo.

ATLETA (B) FB

Então, nunca gostei de bola, sempre acompanhava meus tio, né (risos), nas pelada de Campina Grande lá que eles jogava no Santos do Zé Pinheiro, e sempre acompanhava ele, mas nunca me interessei, sempre tava ali... perto ali... né, mas nunca... aí vim gostar mermo de futebol com uns treze anos de idade.

Entrevistador: com que idade você começou a fazer parte da escolinha do... do... de Campina Grande, essa esco... que lá se chama Atleta Cidadão do Futuro, né? Atleta: que é a AGAPB, né? A gente... eu comecei com treze anos de idade, né, lá no... tinha um amigo lá no... nar Malvina, que nesse... nessa época eu já morava nar Malvina e sempre me chamava pra ir pra treinar na escolinha de Luizinho e... ele pegava a bicicleta do pai dele escondida (risos)... ele era mais magro de que eu conseguia levar ele até longe no ginásio da Prata, chegava lá saia de casa mei dia, chegava lá uma hora que a gente rodava uma hora de bicicleta (risos)... e aí a gente... já chegava, treinava e tinha que voltar ainda e ele não conseguia. E eu sempre tive esse porte físico, né, Deus me deu... e todo mundo me admirava porque... pô... eu levava ele no bagageiro da bicicleta e na volta todo mundo falava... porra tu conseguiu treinar ainda, jogar ainda... e eu falei: é né, isso é uma oportunidade que eu tô tendo na vida.

Esse foi meu amigo aí, é Marcio, né e ele joga até futebol também, ele é de Campina Grande, que o irmão dele é também árbitro de futebol que é Jakson, e hoje ele tá atuando no futebol mineiro.

ATLETA (C) MP

Ah! Eu joguei em vários clubes de pelada, mas, assim, aos quatorze quinze anos tive um professor chamado Luizinho Bola Cheia que tinha uma Escolinha na época e eu comecei aí com ele, né! Foi o primeiro clube, assim, organizado que eu comecei a jogar. Depois eu fui pra o Campinense, jogar nas categorias de base até chegar no profissional.

ATLETA (D) GVH

Ei, já fizeram essa pergunta pra mim ali. Eu comecei jogando na rua! Jogava em qualquer lugar, onde tivesse uma bola eu tava jogando. E aprendendo assim jogando bola e... onde tinha uma bola eu chorava pra ir jogar e meu pai deixava... Eu fui crescendo assim, onde tivesse uma bola.

5 QUANDO PERGUNTADOS POR QUEM ERAM LEVADOS A JOGAR FUTEBOL, DISSERAM:

ATLETA (A) BA

Não! Sempre quem me levou foi minha mãe, né! Minha mãe sempre me incentivou muito, sempre foi minha fã número um, tava sempre no campo, sempre na quadra me vendo jogar e quando eu olhava pro lado tinha o incentivo dela e isso me ajudava bastante dentro de campo a melhorar minha performance e graças a Deus ela tá até hoje comigo e vai me ver vencer cada vez mais se Deus quiser.

Entrevistador: Você sempre teve o futebol como profissão? Atleta: sempre almejei isso. Graças a Deus tive uma oportunidade com Luizinho, com meu irmão e... eles me deram e abracei com tudo que eu podia e... graças a Deus tá dando certo.

ATLETA (B) FB

Fui levado por um amigo com treze anos para a escolinha de Luizinho.

ATLETA (C) MP

Eu sempre fui sozinho, né! Meu pai quando parou de jogar bola também ele foi ser treinador do juvenil e junio do Campinense, mas sempre eu ia sozinho treinar na Escolinha de Luizinho Bola Cheia. Depois também quando eu entrei pra o Campinense eu sempre fui sozinho. Desde cedo eu trabalhei também, mermo treinando, jogando nos... nos time de pelada da vaza... eu sempre trabalhei, né, vendia picolé na rua... mas, assim, ninguém me levou, fui por conta própria porque eu queria ser jogador.

ATLETA (D) GVH

Eu era levado pelo meu pai e também ia só.

6 AO SEREM PERGUNTADOS SOBRE SE ESPELHAREM AM ALGUM ÍDOLO QUE OS INSPIROU A JOGAR FUTEBOL, RESPONDERAM:

ATLETA (A) BA

Ah! Tenho sim! Meu irmão, é meu maior ídolo e todo, todos os passos dele eu procuro seguir certinho que se eu seguir eu tenho certeza que... ele vai ser um grande jogador.

Entrevistador: Por que o irmão como ídolo? Atleta: porque... ele que deu aquelas primeiras dicas, né! Jogador... toca abola assim, faz assim... me levava pro estádio pra ver ele jogar e eu sempre fui um grande fã dele e até hoje sou um grande fã... quando eu vejo ele jogar chega dar aquela emoção, e... assim vai levando e espero que no futuro seja assim também, ele me vendo jogar.

ATLETA (B) FB

Tenho sim! Tenho o Aldair, né! O Aldair que jogou muito tempo na Seleção Brasileira. No tempo que eu fui pra Itália ele jogava na Roma e... e é um cara não pelo o que atuou no futebol, fora de campo também... ele sempre foi uma pessoa, um pai de família muito exemplar. Então, esse cara pra mim é um cara que... muito fundamental no meu futebol até hoje.

ATLETA (C) MP

Ah! Sem dúvidas, têm vários jogadores aqui no Campinense, num vou nem falar jogadores famosos e clubes grandes, né, que têm vários, mas, assim... como eu sou aqui de Campina

Grande, o Campinense na época tinha grandes jogadores e eu me espelhava muito em... em alguns, posso até falar o nome deles aqui: Douglas Neves, Neto Maradona, é... Reinaldo, alguns jogadores que jogavam na minha posição ali eu admirava bastante.

ATLETA (D) GVH

Ah! Tive dois ídolos, né! Tive e tenho, né! o Romário e, o meu maior ídolo é o Ronaldo Fenômeno. Acho que tudo que ele passou e depois voltar como ele voltou... Então ele é meu maior ídolo.

7 QUANDO INDAGADOS SOBRE A PARTIR DE QUAL MOMENTO OU DATA O FUTEBOL PASSOU A FAZER PARTE DE UM PROJETO DE VIDA, RESPONDERAM:

ATLETA (A) BA

Pra mim hoje isso é um projeto de vida sim. E... isso começou pra mim acho quando eu tinha uns quinze anos, que foi a primeira vez que eu sai de casa pra ir jogar bola fora. Acho que aí come... meu ponto de partida acho que foi esse sim.

ATLETA (B) FB

Quando eu saí de Campina Grande, né, que Luizinho me levou pro Vitória e quando eu assinei o contrato, né, o meu primeiro contrato, consegui tirar minha vó, né, minha vó da... do aluguel, né, dei uma casa a ela e daí eu falei assim: mãe... eu sempre chamo ela de mãe porque eu sempre convivi com ela, eu falei: mãe agora eu vou seguir. Ela falou: tudo bem meu filho siga mesmo porque você é um... filho que Deus me deu que tá me dando um sonho desse aqui, que tem uns tios mais velho, mas até hoje não teve a oportunidade de me dar uma casa. E daí, aí foi que eu encarei mermo meu futebol e fui pra frente.

ATLETA (C) MP

Ah! Com dezesseis anos quando eu comecei a treinar no profissional, e já recebi meu primeiro salário, aí sim, eu comecei a pensar e... colocar na minha cabeça que era isso mesmo que eu queria, e eu sabia que chegar no profissional, chegar em alguns clube grande eu ia ganhar dinheiro eu ia poder ajudar minha família. Então a partir desse momento foi que eu comecei a pensar dessa forma.

ATLETA (D) GVH

Acho que... a partir do momento que eu assinei um contrato profissional, né! Com dezesseis anos de idade assinei meu primeiro contrato pra ganhar quinhentos reais... lembro até hoje que eu liguei pa... pa minha mãe, eu falei: mãe tamo rico, eu vou ganhar quinhentos reais por mês. Então, a partir dali eu comecei a ver que tava dando certo e começou a ver que era... era profissional, porque até então levava na brincadeira... eu gostava de jogar e então passou a ser profissional.

8 OS ATLETAS QUANDO PERGUNTADOS A RESPEITO DE EM ALGUM MOMENTO DA VIDA PENSARAM EM DESISTIR DO FUTEBOL, DISSERAM:

ATLETA (A) BA

Várias vezes a gente pensa em desistir. Graças ao incentivo de muitas pessoas, que eu num parei, mas se não tivesse incentivo eu tinha parado sim porque é muito difícil você várias vezes sentir falta de casa, sentir necessidades que só a família pode nos dar, que quando as vezes você tem umas quedas no futebol, que é normal, aí eu num queria mais jogar, mas graças a pessoas que me ajudaram a dar a volta por cima e sou muito grato a elas.

ATLETA (B) FB

Não! Como eu falei, eu sou um cara positivo, eu sempre dei... vou em busca dos meus objetivos, quando eu quero vou em busca... sempre pensei em chegar a Seleção e cheguei, jogar fora do país, joguei e... e... no momento a gente... tipo assim... até hoje, graças a Deus, já faz dezoito anos que estou fora do Brasil, né, já tive aquele momento assim, mas a gente superou e penso que até hoje num... num... mais uns dois anos de futebol ainda aí, aí eu vou desistir porque meu tempo, que eu não tenho mais idade, né?

ATLETA (C) MP

Não! Em nenhum momento eu pensei desistir por que eu sempre confiei no meu potencial, sempre confiei na minha capacidade até porque grandes jogadores profissionais é... me incentivava porque eu via jogar e falava que eu tinha futuro. Então isso aí me incentivava muito mais ainda e em nenhum momento eu quis desistir... Procurei sempre acreditar em Deus e acreditar no meu trabalho e eu tinha certeza que um dia eu ia chegar e deu tudo certo.

ATLETA (D) GVH

Nunca passou pela minha cabeça. Mermo enfrentando muitas dificuldades, mas nunca passou pela cabeça em desistir.

9 OS ATLETAS QUANDO QUESTIONADOS SOBRE O GRAU DE ESCOLARIDADE E PERSPECTIVAS FUTURAS EM RELAÇÃO A ISSO, RESPONDERAM:

ATLETA (A) BA

Parei no primeiro ano do ensino médio. Parei por questão do futebol mermo e não voltei, mas pretendo voltar, sim quando tiver a oportunidade e terminar o segundo grau e, quem sabe um dia, fazer uma faculdade.

Entrevistador: o motivo que você coloca de ter parado de estudar é justamente essa coisa de seguir a carreira como jogador profissional. Atleta: Exato! Porque eu viajei muito cedo, com quinze anos eu saí de casa pra começar a jogar, então isso atrapalhou bastante porque eu ficava muito tempo fora e, geralmente quando a gente tá nesses cantos assim, você tem que escolher, né o que você vai fazer, se jogar ou estudar, e... eu escolhi por jogar e... eu espero que... depois eu termino o meu colégio.

ATLETA (B) FB

Então! No vitória a gente era obrigado a estudar, né, porque a gente tinha... morava na casa do atleta... a gente tin... era obrigado a estudar, treinava pela manhã e estudava a tarde, ou treinava a tarde e estudava a noite e... eu fui... no vitória, estudei até a sétima série e, penso, quando eu parar continuar meus estudos.

ATLETA (C) MP

Eu tenho vontade, eu vou voltar, mas eu parei muito cedo, estudei até a sexto... a sexta série, né, e de lá pra cá eu não estudei mais, mas eu sinto muita falta disso, mas agora eu já tô perto do meu fim... de encerrar minha carreira, eu pretendo voltar pra... até mesmo fazer um curso e seguir a mim... a minha vida porque futebol acaba e a gente tem mais alguns anos pela frente pra viver, né, mas, eu sinto falta, mas com certeza eu vou voltar a estudar ainda.

ATLETA (D) GVVH

Tenho muita vontade de voltar, mas parei na oitava série, já quando eu tava com dezesseis anos no Vitória, daí então não voltei a estudar, mas com certeza no final da carreira eu vou voltar pra poder... tem uns planos de vida aí com certeza vou realizar.

10 OS ATLETAS QUANDO PERGUNTADOS A RESPEITO DO FUTEBOL COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E SE ESSA APRENDIZAGEM TEM SIDO CAPAZ DE PREENCHER A AUSÊNCIA DA ESCOLA, RESPONDERAM:

ATLETA (A) BA

Bem, agente aprende muito companheirismo, né, que é uma coisa muito importante no futebol; aprende com amizades novas e aí você aprende a dar mais valor a sua família, ao seu país que você sente muita falta, as coisas que as pessoas fazem por você... isso tudo influencia muito lá tipo um país diferente com cultura que muitos dizem que é islã, é muito complicado pra você chegar assim e se enturmar com o pessoal, mas, graças a Deus, eu fui bem recebido e, meus companheiros de clube, eles gostam muito de mim aí a gente vê o que é companheirismo, que é uma amizade que vai nascendo aos poucos e a gente vai aprendendo a dar valor a um... a um esporte que se torna trabalho que você vai conhecendo pessoas, amigos... vai conhecendo histórias das pessoas que também são muito bonitas lá e, graças a Deus, hoje eu sei dar mais valor a tudo que eu tenho, tudo que eu consegui, a minha mãe, meu país... tudo isso e, também, isso aí que ele me proporciona. A namorada também foi muito importante. Graças a Deus ela não me abandonou em momento nenhum quando eu estava longe e sou muito grato a ela pelo apoio também.

Entrevistador: Você falou do islã, né? O que é que você aprendeu sobre essa cultura deles lá, do islã? Atleta: Não! Eles são muito... muito focado na religião deles, num... não desviam em momento algum, você tem que respeitar porque não é fácil você conviver com eles. Eles são muito rígidos, não são pessoas que acostumada como o brasileiro que gosta de brincar o tempo todo, que gosta de rir e contar piada. Não gosta de... entendeu? Eles não farram. Eles... eles são muito na deles, muito centa... muito centrados na religião e... mas como pessoas são as pessoas muito boas que sabem entender você, seus problemas, suas... seus gostos... eles entendem bastante.

Não! A gente que se forma na escola da vida, né! Porque é um... é uma correria... como a gente fala, a gente tá matando um leão todo dia, cada vez que você tá pisando no gramado, porque é muito complicado um... questão de cultura, questão de idioma, de frio, né, porque é um país que no inverno é muito frio... e a gente vai aprendendo assim na escola da vida que é... como a gente tem uma oportunidade então a gente vai aprender com a vida mesmo.

ATLETA (B) FB

Falo que sim porque hoje já falo quatro idiomas já fluentemente. Então, a cultura italiana, francesa, alemã e a turca, né... Romênia eu passei muito pouco tempo, mas supriu e espero, quando eu parar de jogar aqui, voltar aqui pa terrinha, né, pa Paraíba aqui e continuar meus estudo.

ATLETA (C) MP

Ah! Sem dúvida! Mermo não tendo estudado é... o... o bastante, não necessário é... eu aprendi muito, tudo através do futebol, né: as minhas viagem, as pessoa que eu conheci nesse mundo afora, é... joguei em vários clubes, não só aqui no Brasil, mas fora do Brasil também. Como eu falei: mesmo sem ter estudado muito, através do futebol, eu consegui conhecer várias coisas e... aprendi a falar alemão, aprendi a falar um pouquinho também de francês, mas, assim, alemão eu falo muito bem, não só eu mai toda minha família, meus filhos estudaram lá... foram sete anos que eu vivei lá, vivi lá, né! Então, deu pra aprender, né! Então eu acho que isso aí pra mim foi uma coisa é... que vai ficar pra sempre na minha vida porque não é fácil você sair duma origem pobre ir po outro país e aprender uma língua. Joguei seis meses na França, joguei seis meses na Turquia e sete ano na Alemanha.

Ah! Sem dúvida. Acho que viajam nesses países e até mesmo aqui dentro do Brasil mermo e... para os clubes a gente vai aprendendo, né! Conhci várias pessoas que me ensinaram... Então, mesmo não tendo estudado muito é... essas viagem, esse tempo todo nesses países fora aí também, serviu muito pra mim é... conhecer algumas coisa e como pessoa é... ser mais educado, ser mais tolerante com certas coisa.

ATLETA (D) GVH

Ah! Sem dúvida, a gente costuma a dizer que... brincando ou falando a verdade, sempre ou sério ou ético, a gente costuma dizer que... que a maior, a me... que a maior e a melhor faculdade é... é... é a faculdade da vida, né, onde você aprende muito. Eu tive a feliciade de aprender, conhecer pessoas que me ajudaram muito, conhecer pessoas que me deram muito

conselho e fui aprendendo com a vida assim, e hoje sou grato as pessoas e sou feliz por tudo que já passei e aprendi muito. Aprendi línguas já, aprendi. Uma das mais difíceis, né, japonês (risos) mai eu aprendi um pouco.

11 OS ENTREVISTADOS QUANDO INDAGADOS SOBRE SE A FAMA E A NOTORIEDADE CONQUISTADA ATRAVÉS DO FUTEBOL FOI CAPAZ DE TRAZER-LHES RESPEITO E EM QUE SENTIDO, RESPONDERAM:

ATLETA (A) BA

Tem! A gente sente né, mas a gente sabe, sabe, sabe bem que á as pessoas que sempre estiveram com você, mas traz respeito, traz coisas que você não espera que, que nos traga, né! Bem, no sentido profissional é uma coisa que vem ao tempo, mas assim, no dia a dia, você vê um respeito diferente das pessoas pra você quando você tá em casa sem fazer nada você é uma pessoa comum, normal. Agora quando você... geralmente em qualquer profissão é assim, mas com o jogador, com o ator, uma atriz famosa geralmente é um respeito de pessoas assim que nunca lhe deram respeito, entendeu? E aí a gente vai passando a perceber que é... que não é nada daquilo que a gente pensa que a gente tem que abrir bem o olho porque é uma profissão muito complicada... tem dia que você tá bem todo mundo vai tá do seu lado, quando você tá mal aí é que a gente vê quem realmente a gente tem que dar valor.

ATLETA (B) FB

Olha, no momento que cheguei na Seleção Brasileira, né... o crédito, o respeito ao jogador que chega na Seleção... o povo brasileiro, a torcida brasileira, né, sempre mais repeita o jogador que chega a Seleção Brasileira. Eu vejo que mermo a pessoa chegano a Seleção no futebol que é o objetivo daquela, né, mas se num chegar tem que respeitar todos eles porque é tudo ser humano.

Entrevistador: você acha que o respeito se deu mais em que sentido, como atleta, como pessoa, como ser humano? Acho que como atleta, né, o ser humano também e isso aí... a gente... o povo brasileiro sempre me respeitou porque eu sempre trabalhei da melhor forma e a melhor... tipo assim, eu falo assim... a melhor fama que eu tive foi me doando dentro de campo. Então, eu acho, pra mim, a torcida brasileira... representando o Brasil lá fora, representando a Paraíba lá fora... o povo sempre me respeita quando eu chego aqui no Brasil.

ATLETA (C) MP

Acho que em todos os sentidos, né! Por eu ter jogado em clubes grandes, por eu ter viajado bastante as pessoas me respeitam mais. Então, isso ajudou muito, né! E como pessoa também, as pessoa vê assim: ah! Marcelinho Paraíba, começa a me tratar de uma forma diferente, com um respeito muito grande... isso aí facilita pra que eu possa me relacionar com o povo aí fora de campo também.

Entrevistador: Você teve também uma passagem pela Seleção Brasileira. Como foi esse momento, essa experiência? Atleta MP: a experiência única, né! Acho que... eu acho não, eu tenho certeza, todo mundo sabe que chegar a Seleção Brasileira não é qualquer um, não é fácil. Então eu sou um jogador, uma pessoa, com certeza, realizada, né, porque, sair da Paraíba, comecei num Clube como o Campinense e chegar a Seleção Brasileira pra mim é muito gratificante, fico muito feliz, com minha carreira, com minha trajetória até hoje.

ATLETA (D) GVH

Eu acredito que mais no modo de vida, né! acho isso então é um ídolo, idolatrado principalmente pelas criança. Então procuro cuidar da minha imagem, né! Então eu acho que um.. um... hoje eu posso levantar a mão pro céu e agradecer a Deus nun... nunca teve uma decepção de vida assim, nem... que eu nunca dei uma decepção pro meu pai, né, pra minha mãe e principalmente pros meus filhos agora que... então eu me procuro... procuro muito me preocupar com minha imagem. Então o respeito vem através disso, né... de a pessoa que cê é, a pessoa que... que tá sempre procurando fazer o bem, que não entra em confusão... Então eu acho que o respeito vem através disso.

12 OS ATLETAS QUANDO PERGUNTADOS SOBRE SE MESMO COM A FAMA E OU A NOTORIEDADE CONQUISTADA SOFRERAM ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO OU EXCLUSÃO POR ALGUM MOTIVO, RESPONDERAM:

ATLETA (A) BA

Graças a Deus isso ain.. ainda não aconteceu, né! Espero que não aconteça, mas lá eu fui bem recebido, fo... todo mundo aparenta gostar de mim, graças a Deus. Aqui também voltei todo mundo me apoiando cada vez mais e eu dou graças a Deus que isso aí não tenha acontecido comigo.

ATLETA (B) FB

Isso nunca aconteceu comigo, né! Já aconteceu já com vários amigos e... chegou a fama e... começou a falar que começou a subir a cabeça porque tá jogando futebol é... a condição de vida melhorou e o pessoal tentou discriminar ele, porque tava vendo ali que aquela oportunidade ali que ele tava tendo ali, né, foi sempre algo que trouxesse dinheiro para ir a fama.

ATLETA (C) MP

Ah! Eu graças a Deus eu nunca passei por isso, nem aqui no Brasil nem fora também... a gente sabe que as vezes existe um preconceito, né, principalmente fora do país, né, na Europa, mas comigo nunca aconteceu e eu fico muito feliz e agradeço muito a Deus por isso porque tenho certeza que isso é muito chato, a pessoa ser discriminada... seja lá por qualquer coisa, né! Então eu acho que... espero que isso diminua, que acaba, que acabe... mas, assim, eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito e nem fui discriminado em nenhum momento, as pessoa me trata bem, e eu procuro também retribuir da melhor maneira possível.

Entrevistador: Você já chegou a presenciar cenas de discriminação no futebol? Atleta MP: Existe! Já vi já várias vezes. Até hoje a gente vê na televisão as co... as coisas acontecendo, né, e a gente fica triste e aí eu espero que isso acabe, né, porque todos nós somos seres humano, e todo mundo merece respeito.

ATLETA (D) GVH

Não... Eu acho que... de acontecer assim, eu me sentir discriminado essas coisas... eu acho que não aconteceu não. Até porque quem me conhece sabe que eu sou uma pessoa que independente de ter ou de não ter eu sou uma pessoa que eu nunca vou mudar, a mesma pessoa, trato todo mundo bem, meus amigos são os mesmo, né! Não é porque eu passei a ganhar dinheiro, passei a ter uma vida melhorzinha que eu vou mudar, não! Tenha tudo que eu conquistei, tudo que eu venho ou venha conquistar, tudo é... Deus que vem me abençoando, então não tem motivo pra que mudar.

E a questão do Zenit em relação aos problemas que você enfrentou ao chegar lá?

Acho... acredito que tenha sido um mal entendido, até porque depois que eles viram que... que ele viram que eu e o... chegamos pra ajudar pra... pra... pra... pra multiplicar ali, então eles começaram a ver que realmente éramos profissional e começou me receber bem. Hoje, graças a Deus tá tudo bem, né! Tive seis meses lá só, agora vou voltar, né, com certeza voltar já

conhecendo meus companheiros, mais entrosado e os resultados vão vim... tenho certeza que vou ser muito feliz no Zenit e ganhar muitos títulos.

13 OS ENTREVISTADOS, QUANDO PERGUNTADOS SOBRE MESMO COM O DINHEIRO E OU A FAMA CONQUISTADA, O QUE PODEM FAZER QUE JUGUEM IMPORTANTE (NO CAMPO PESSOAL, FAMILIAR E SOCIAL), DISSERAM:

ATLETA (A) BA

Na questão familiar eu procuro ajudar o máximo a minha família, sempre que me ajudaram quando precisei e procuro fazer o mesmo quando conseguir quando fizer isso. Na questão pessoal quero vencer, quero ter uma família, quero dar tudo de bom e do melhor pra meus filhos se Deus quiser um dia eu ter... E na questão assim fora eu também tenho um desejo de ajudar um projeto social com futebol e se Deus quiser abrir uma escolinha também que eu acho muito legal, bacana e ajudar a criançada que vai começar um dia.

ATLETA (B) FB

(silêncio, emoção, olhos brilhando) Os amigos, né, que a gente adquiriu nessa vida, né, a gente teve uma amizade, né, e aí a gente teve um projeto com a garotada, né, de Itaporanga, então eu vi meu passado naquilo ali, ajudando os garotos que a gente tem nesse projeto do Cruzeiro... E aí é um projeto que a gente tem a longo prazo que a gente... me senti ali, né! Lembrei muito de Luizinho porque foi o cara que me deu a oportunidade e aí que eu to dando uma oportunidade pa garotada nesse momento.

ATLETA (C) MP

Ah! Eu, assim... é que eu não gosto de falar muito, porque isso é uma coisa muito pessoal, mas quem me conhece sabe a pessoa que eu sou... Deus sabe também o que eu já fiz depois que eu consegui fama, que eu consegui dinheiro... eu gosto de ajudar muito as pessoas, as pessoas carente. Sempre que é possível eu tô presente em algumas instituições... Então eu acho que num gosto de falar muito disso não, mas as pessoa que é mais próxima de mim sabe e o mais importante: o Senhor Jesus Cristo sabe ainda.

ATLETA (D) GVH

Eu acho que tamos diante dele, né, que é... que é essa escolinha, que era um sonho meu, junto com meu pai, né, de ter uma escolinha, de ter uma... dar uma estrutura legal pra... pras crianças, né, pra poder tá... ter uma opção pra eles saírem da rua, né...e num tá na rua... porque infelizmente o mundo hoje as criança tá na rua aprendendo coisas que não são... num... não ser legais pra elas. Então, a gente fez essa escolinha é... os professores tão trabalhando muito bem aí, influenciando as crianças a tarem na escola... e agora, o nosso objetivo é criar esse centro de treinamento pra dar mais estrutura pras criança e mais opções pra ela... pra eles tá conosco.

14 OS ATLETAS QUANDO INDAGADOS SOBRE O FATO DE MANTEREM OU NÃO OS VÍNCULOS DE AMIZADES DO PASSADO, RESPONDERAM:

ATLETA (A) BA

Não! Procuo sim manter e a distância hoje em dia não atrapalha tanto por conta da internet, né! Sempre que eu posso to conversando com a molecada aí que sempre me acompanhou... quando eu tô aqui de férias no Brasil eu procuro sempre falar com eles, fazer visitas... procuro sempre tá por perto deles porque são pessoas que agente realmente gosta, realmente nos acompanhou, sabe nossa trajetória e a gente procura a dar valor a essas amizades.

ATLETA (B) FB

Não! Sempre tem essa aproximação, né! Acho que a amizade do passado, quando eu volto aqui a gente sempre... a gente tá sempre se reunindo, os familiares estão todos aqui reunidos com essa amizade construída do passado.

ATLETA (C) MP

Ah! Aqueles verdadeiros amigos, né, que eu tenho continua até hoje, nunca mudou, pelo contrário, melhorou cada vez mais, né, depois que comecei, que comecei a ganhar dinheiro, né, ganhar fama... e a gente continua parceiros ainda até hoje, né! E os jogadores também que jogaram comigo há dez anos atrás, alguns deles continua sendo meus amigo,a gente tem contato, mai o que eu... é... gosto de ressaltar é que os amigos da infância sempre vai ficar no meu coração e na minha vida.

ATLETA (D) GVH

Ah! Eu acho que a única... a única separação que temos é só de país, porque a amizade é a mesma, meus amigos são os mesmos, sempre que... que nos vemos fazemos festa, matamos a saudade, quando eu tô de férias venho pra Paraíba, venho pra Campina Grande, né, pra ver meus amigos, pra dar um abraço, pra matar a saudade de todos.

15 OS ATLETAS QUANDO QUESTIONADOS SOBRE SEUS PLANOS AO ENCERRAREM SUAS CARREITAS COMO JOGADORES, RESPONDERAM:

ATLETA (A) BA

Bem, eu procuro curtir um pouco, né! Porque, realmente vai ser uma... acho que uma caminhada muito grande que ainda tá por vir na minha carreira e acho que quando eu der uma parada eu procuro... espero já um.. ter ajudado, ter um projeto, já procuro ter um meio pra me manter e curtir um pouco a família, os amigos que no momento não é... não é tão fácil, mas espero que quando eu tiver uma... as minhas férias de aposentadoria a gente curta bastante isso.

ATLETA (B) FB

Então! A gente tá nessa profissão já há mais de vinte anos, né, e eu pretendo continuar empresariando jogador. Comecei o ano passado (2011), com o Cruzeiro de Itaporanga, que a gente botou um projeto que botou o Cruzeiro na primeira divisão pra disputar... no ano de 2013 na primeira divisão do paraibano e a gente já começou a empresariar uns jogadores que já foi... que já estão no Bahia, né... já estão lá

ATLETA (C) MP

Ah! Eu mermo tando atuando ainda, né, eu já trabalho como empresário. Têm alguns jogadores que eu cuido, né, que eu sou dono do passe e eu pretendo continuar com esse projeto... E comecei também agora pensar na política... futuramente eu vou entrar nesse meio aí também, mas jamais eu vou sair do meio do futebol porque é tudo que eu sei fazer, o que eu aprendi vou colocar tudo em prática, quando eu parar de jogar, trabalhando com alguns jogadores jovens, mas, assim, eu não descato, e já tô começando a pensar também na política aí no futuro.

Entrevistador: O que é o futebol na sua vida? Atleta MP: É tudo! Acho que o futebol pra mim é tudo porque eu num sei fazer outra coisa hoje, a não ser jogar bola e empresariar como eu já falei, né, isso eu sei muito bem graças a Deus: cuidar dess... dessa outra parte aí também. Então eu caho que futebol pra mim é tudo!

ATLETA (D) GVH

É uma... uma pergunta que eu não sei te responder, até porque não me passa pela cabeça. Sou um cara que sou apaixonado por futebol, amo tá jogando futebol, mesmo nas férias eu to jogando futebol. Então, não passa nem pela minha cabeça quando eu parar o que é que eu vou fazer, e se eu conseguir parar, né! Mas eu acho que meu futuro tá sempre nas mãos de Deus e eu vou procurar pedir a ele pra que ele toque na minha mente, toque meu coração pra que me dê algumas dicas de que eu vou fazer depois de jogar.

Quando perguntado sobre o Projeto Atleta Cidadão do Futuro

Ah! Conheço. Tive a felicidade de trabalhar com Luizinho, aprendi muito com ele também, como eu falei ali, ele me ajudou muito também...

Entrevistador – quer dizer que você teve uma passagem rápida lá.

Atleta GVH – tive não, teve, acho que um... um, dois ano... não sei... trabalhava com ele assim quando... quando era ainda no Estadual da Prata, eu treinava com ele lá. Mas eu acho que tem que ajude, tem muita gente, só que, infelizmente, tem... as pessoas vem já com segundas intenções. Ninguém vem pra querer ajudar, pra querer... ajudar essas crianças que precisam, né! Infelizmente nós vivemos nesse país, mas acho que Luizinho tá fazendo um ótimo trabalho e espero que eles arrumem alg... algum... alguns patrocínios pra poder ajudar, né! Se depender da gente também, da Escolinha H12, estamos a disposição pra ajudar, pra ajudar as crianças a gente tá a disposição pra ajudar e... espero que Deus toque e abençoe a... o... projeto dele aí que dê tudo certo.